

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**  
**MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO**

**CRISTINE GONÇALVES DE CASTRO**

**Relações de Poder no Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo: identificando inter-  
relações socioespaciais**

**Maceió**

**2015**

**CRISTINE GONÇALVES DE CASTRO**

**Relações de Poder no Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo: identificando inter-relações socioespaciais**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Josemary Omena Passos Ferrare.

Co-orientadora: Profa. Dra. Suzann Flavia Cordeiro de Lima.

Maceió

2015

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

C355r    Castro, Cristine Gonçalves de  
          Relações de poder no complexo fabril têxtil de Rio Largo : identificação  
          inter-relações socioespaciais / Cristine Gonçalves de Castro. – 2015.  
          211 f. : il.

          Orientadora: Josemary Omena Passos Ferrare.  
          Coorientadora: Suzann Flavia Cordeiro de Lima.  
          Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço  
          Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e  
          Urbanismo. Maceió, 2015.

          Bibliografia: f. 185-190.  
          Apêndices: f. 191-206.  
          Anexos: f. 207-211.

          1. Rio Largo (AL) – Historiografia. 2. Relações de poder. 3. História oral.  
I. Título.

CDU: 72: 981.35Rio Largo(AL)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**Cristine Gonçalves de Castro**

**Relações de Poder no Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo:** identificando inter-relações socioespaciais

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

  
Profa. Dra. Josemary Omena Passos Ferrare  
DEHA, Orientadora

BANCA EXAMINADORA

  
Profa. Dra. Adriana Capretz Borges da Silva Manhas  
DEHA, Examinadora interna

  
Prof. Dr. Odair Barbosa de Moraes  
DEHA, Examinador interno

  
Prof. Dra. Telma de Barros Correia  
USP, Examinadora externa

Em memória de meus pais, da  
riolarguense de coração,  
Petrúcia, e da amiga-irmã  
Giovanna.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer a produção desta dissertação é um passo complicado para mim, meu processo para determinação da problemática ou mesmo dos objetivos sob o antigo ambiente têxtil de Rio Largo, AL, refletiu para alguns professores, amigos e familiares uma relação quase obstinada perante tamanho anseio em trabalhar no local. Dessa relação, minha mãe foi um apoio saudoso, visto vir a falecer quando iniciava minhas investigações com o pesquisador Luiz Sávio, além de idas a campo com a saudosa Petrúcia, três pessoas alicerces de força e incentivo para o objeto de trabalho que eu ansiava estudar, além de Josy, minha preciosa orientadora desde 1996, agradeço-as imensamente.

Outras pessoas merecem meu apreço, os meus professores do DEHA: Fátima, Alexandre, Gianna, Augusto, Emília, minha coorientadora – Suzann e em especial a Adriana e Odair que gentilmente aceitaram participar da banca de qualificação e Agradecer a produção desta dissertação é um passo um tanto complicado para mim. Meu processo para determinação da problemática, ou mesmo dos objetivos sob o antigo ambiente têxtil de Rio Largo - AL, refletiu para alguns professores, amigos e familiares uma relação quase obstinada perante tamanho anseio em trabalhar no local. Dessa relação, minha mãe foi um apoio saudoso, visto vir a falecer quando iniciava minhas investigações com o pesquisador Luiz Sávio, além de idas a campo com a saudosa Petrúcia, três pessoas que se tornaram alicerces de força e incentivo para o objeto de trabalho que eu ansiava estudar, além de Josy, minha preciosa orientadora desde 1996. Agradeço a elas imensamente.

Outras pessoas que merecem meu apreço são meus professores do DEHA: Fátima, Alexandre, Gianna, Augusto, Emília, minha coorientadora Suzann e, em especial, os professores Adriana e Odair, que gentilmente aceitaram participar da banca de qualificação e defesa, além de todos os demais professores. Agradeço ainda a ex-secretária Larisse e a secretária Ane, ambas dedicadas com todos, além de Ediene e Kenedy pelo apoio às impressões e cópias de materiais para estudo. Ainda ao programa de mestrado, agradeço ao Colegiado pelas vezes que precisei trancar matrícula por motivos de saúde. Obrigada pela confiança.

Destaco como presença importante na condução dos trabalhos a professora Clara Suassuma do NEAB da UFAL, a quem agradeço pelos dias de conversas

sobre aplicação da oralidade. E com respeito e admiração, agradeço a pessoa da professora Telma Correia da USP por aceitar participar da banca de qualificação e defesa de meu mestrado como examinadora externa.

Também sou muito grata aos moradores e usuários de Rio Largo, principalmente aos que fazem uso dos bairros de Cachoeira e Centro, pela disponibilidade em ajudar e, muitas vezes, pelo incentivo e direcionamento de novos adeptos para participar da pesquisa, além de todos que direta e indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer ao IFAL por conceder afastamento para os anos iniciais do mestrado, em especial aos colegas e amigos do Campus de Palmeira dos Índios, Vanusia, Lourival, Roberto, Elvys e muitos outros.

Agradeço a minha família, meus irmãos, minha irmã e mãe Enilma e minha irmã e prima Martinha, além de seu esposo Dan e meus sobrinhos Wandressa e Waleska. Muito obrigada a minha mãe prêta, Veva e minhas primas e amigas, Aliete, Jandira e Minon, além de minhas amigas e irmãs, Willie, Elaine, Candice, Fernanda, Cleusa e meu amigo e irmão Alex.

Em especial, agradeço ao meu esposo, Alison, por sua paciência, compreensão, amizade, companheirismo e dedicação, adjetivos constantes nesses anos de pesquisa e mestrado, além de sua mãe, D. Lúcia e vizinhos.

Isto tudo não seria nada sem DEUS, razão de minha existência, e minha Nossa Senhora, meu esteio, proteção e crença para prosseguir e chegar até aqui.

A história busca produzir um conhecimento racional, [...] mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente.

Marieta Ferreira.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo interpretar as apreensões socioespaciais de indivíduos a partir das lembranças de quem convive direta ou indiretamente no espaço remanescente da “cidade-fábrica” de Rio Largo, em Alagoas, reconstituindo sua história rememorada. Atualmente em outro cotidiano, não está mais “têxtil”, porém com um desenho urbano composto quase em sua totalidade do arranjo arquitetônico outrora composto pelas fábricas, edifício administrativo, estações de trem, edifícios de cunho educativo e cultural, igrejas e demais edificações vinculadas às atividades fabris, habitações dos operários e arranjos espaciais públicos. Para isso, o trabalho revisa as referências historiográficas, utiliza preposições da História Oral, memória individual e coletiva, proximidade e mapa mental e a análise do discurso, como também os conceitos de Foucault de poder e relações de poder, os quais encadeiam meios para compreensão e reflexão do local e dos usuários em seus percursos históricos vividos. O instrumental metodológico se construiu ancorado à História Oral e da confecção de mapas mentais a partir de pesquisas de campo aplicadas através de técnicas de abordagem, além da escolha dos sujeitos do espaço, que totalizaram aproximadamente trinta depoentes e confeccionadores de mapas, provindo deles os relatos e referências psíquico-espacializadas balizadoras das reflexões deste estudo. O arranjo arquitetônico da atualidade espelha ainda a dominância das relações sociais e espaciais “têxteis” que perfizeram e perfazem o local. Apesar de tão evidentes marcas da relação de poder que gestou todo o espaço construído, verifica-se na análise dos dados um certo padrão de insatisfações de convivência com esse meio, que surpreendem pelo que suas relações representam de dinamismo no passado.

**Palavras-chave:** Relações de poder. Historiografia. História oral. Rio Largo.

## ABSTRACT

This paper aims to interpret the social-spatial perceptions of individuals from the memories of those who live directly or indirectly in the remaining space of the "factory-city" in Rio Largo, Alagoas, reconstituting its recollected history. Today, in another context, it is no longer "textile", although it still has an urban design composed almost entirely of architectural arrangements that used to exist in the form of factories, office buildings, train stations, educational buildings and cultural projects, churches and other buildings related to manufacturing activities, as well as housing workers and public space arrangements. This study reviews historiographical references, uses prepositions of Oral History, individual and collective memory, and mental proxemy maps and discourse analysis, as well as the concepts of Foucault on power and power relations, which chain together means for understanding and reflecting on the physical place and the users in their historical paths. The methodology of this study was anchored in the implementation of Oral History and the making of mind maps from applied field research with approach techniques and the choice of the subjects of the space, making in total approximately thirty interviewees and makers of mind maps, who provided psychological and spatialized reports and references that guide the reflections in this study. Today, the architectural arrangement of that place still reflects the dominance of the social and spatial relationships from the "textile" that make up the site and still do. Despite such evident marks of the power relations nurtured in that place, our data analysis spotted a certain pattern of dissatisfaction in living there, which is surprising due to how those relations represent the dynamics of the past.

**Keywords** : Power relations. Historiography. Oral history. Rio Largo.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                                                                        |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Posicionamento cartográfico da cidade de Rio Largo, AL.....                                                                                                                 | 18 |
| Figura 2 - Campo de Algodão no Nordeste, Paraíba (1919).....                                                                                                                           | 25 |
| Figura 3 - Mapa do Brasil, século XIX, com concentração da produção de algodão na região Nordeste.....                                                                                 | 26 |
| Figura 4 - Imagem de uma indústria têxtil de solo alagoano, Fábrica Progresso Alagoano em Rio Largo, AL.....                                                                           | 28 |
| Figura 5 - Concentração fabril têxtil, século XIX a XX, decorridas em quatro Microrregiões.....                                                                                        | 34 |
| Figura 6 - Disposição de 08 (oito) unidades fabris têxteis na microrregião de Maceió.....                                                                                              | 35 |
| Figura 7 - Disposição da localização física das demais 05 (cinco) unidades fabris têxteis nas microrregiões do estado alagoano – Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco..... | 35 |
| Figura 8 - Disposição da localização física das demais 05 (cinco) unidades fabris têxteis nas microrregiões do estado alagoano – Microrregião de Penedo.....                           | 35 |
| Figura 9 - Disposição da localização física das demais 05 (cinco) unidades fabris têxteis nas microrregiões do estado alagoano – Microrregião de São Miguel dos Campos.....            | 35 |
| Figura 10 - Estruturação do ‘triângulo de Foucault’.....                                                                                                                               | 41 |
| Figura 11 - Visão esquemática do sistema fabril em Rio Largo, AL.....                                                                                                                  | 45 |
| Figura 12 - Exemplo de disposição das edificações num complexo fabril.....                                                                                                             | 47 |
| Figura 13 - Dois bairros da história têxtil de Rio Largo, abaixo o bairro Cachoeira.....                                                                                               | 50 |
| Figura 14 - Dois bairros da história têxtil de Rio Largo: abaixo o bairro Rio Largo (centro).....                                                                                      | 51 |
| Figura 15 - Vista geral da Fábrica da Cachoeira por volta de 1915.....                                                                                                                 | 53 |
| Figura 16 - Vista geral da Fábrica da Cachoeira ampliada.....                                                                                                                          | 53 |
| Figura 17 - Vista geral da Fábrica Progresso por volta de 1915.....                                                                                                                    | 54 |
| Figura 18 - Vista aérea do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo.....                                                                                                                    | 54 |
| Figura 19 - Vista aérea do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo ampliada.....                                                                                                           | 55 |

|                                                                                                                                      |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 20 - Locação da Fábrica Progresso (no mapa, em roxo à esquerda),<br>da Fábrica da Cachoeira (no mapa, em roxo à direita)..... | 57 |
| Figura 21 - Imagem aérea panorâmica de Rio Largo.....                                                                                | 59 |
| Figura 22 - Mapa do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo.....                                                                         | 60 |
| Figura 23 - Mapa do bairro Cachoeira.....                                                                                            | 61 |
| Figura 24 - Fábrica da Cachoeira.....                                                                                                | 62 |
| Figura 25 - Administrativo, Oficina e praça.....                                                                                     | 62 |
| Figura 26 - Igreja.....                                                                                                              | 62 |
| Figura 27 - Casa em Cachoeira.....                                                                                                   | 62 |
| Figura 28 - Mapa do bairro Rio Largo.....                                                                                            | 63 |
| Figura 29 - Casarão.....                                                                                                             | 63 |
| Figura 30 - Departamento de saúde.....                                                                                               | 63 |
| Figura 31 - Mapa do bairro Rio Largo - Varanda.....                                                                                  | 63 |
| Figura 32 - Cassino.....                                                                                                             | 63 |
| Figura 33 - Fábrica Progresso.....                                                                                                   | 63 |
| Figura 34 - Restaurante.....                                                                                                         | 63 |
| Figura 35 - Grupo Escolar.....                                                                                                       | 63 |
| Figura 36 - Foto da via principal com a Fábrica Progresso alinhando-a.....                                                           | 65 |
| Figura 37 - Casas de operários com calçada estreita.....                                                                             | 66 |
| Figura 38 - Casas de operários com calçadas e rua estreitas.....                                                                     | 66 |
| Figura 39 - Imagem esquemática dos quatro modelos de moradia.....                                                                    | 67 |
| Figura 40 - Foto antiga do casarão do Comendador Gustavo Paiva.....                                                                  | 67 |
| Figura 41 - Foto do Grupo Escolar Gustavo Paiva.....                                                                                 | 68 |
| Figura 42 - Foto da Fábrica Progresso.....                                                                                           | 68 |
| Figura 43 - Montagem esquemática do prédio do cassino.....                                                                           | 68 |
| Figura 44 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus.....                                                                                  | 69 |
| Figura 45 - Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição.....                                                                         | 69 |
| Figura 46 - Departamento de Saúde.....                                                                                               | 70 |
| Figura 47 - Parcela de mapa do complexo, locação do Departamento de<br>Saúde.....                                                    | 70 |
| Figura 48 - Centro de Santa Luzia do Norte (nome anterior a Rio Largo).....                                                          | 71 |
| Figura 49 - Centro antigo de Rio Largo.....                                                                                          | 71 |
| Figura 50 - Imagem de casas na vila operária – Cachoeira.....                                                                        | 73 |
| Figura 51 - Casas para operários - acesso principal em Cachoeira.....                                                                | 74 |

|                                                                                                |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 52 - Casas para operários – locais íngremes em Rio Largo (Centro).....                  | 74  |
| Figura 53 - Detalhes da casa para operários.....                                               | 75  |
| Figura 54 - Casas de contramestres e mestres – Cachoeira.....                                  | 76  |
| Figura 55 - Casas de contramestres e mestres e de gerência - Cachoeira.....                    | 76  |
| Figura 56 - Casas para mestres ou contramestres.....                                           | 77  |
| Figura 57 - Casas dos fiscais e Estação Férrea Gustavo Paiva.....                              | 77  |
| Figura 58 - Mapa do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo com diagramação<br>dos bairros.....    | 77  |
| Figura 59 - Casa do operário – Cachoeira.....                                                  | 82  |
| Figura 60 - Casa do Fiscal – Cachoeira .....                                                   | 82  |
| Figura 61 - Casa do contramestre ou mestre – Cachoeira.....                                    | 82  |
| Figura 62 - Comendador Teixeira Bastos.....                                                    | 85  |
| Figura 63 - Comendador Gustavo Paiva.....                                                      | 85  |
| Figura 64 - Linha representativa das técnicas da composição metodológica<br>adotada.....       | 91  |
| Figura 65 - Disposição alusiva aos planos verticais de importantes trechos do<br>complexo..... | 101 |
| Figura 66 - Fábrica Progresso em ruínas em 2012.....                                           | 102 |
| Figura 67 - Fábrica Progresso hoje com instauração de um shopping.....                         | 102 |
| Figura 68 - Fábrica da Cachoeira e demarcação em laranja da estrada de<br>chão.....            | 103 |
| Figura 69 - Fábrica da Cachoeira e demarcação em laranja da via.....                           | 103 |
| Figura 70 - Estação Férrea de Gustavo Paiva.....                                               | 104 |
| Figura 71 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus.....                                            | 104 |
| Figura 72 - Folha inicial de questões para aplicação a campo.....                              | 106 |
| Figura 73 - Figura da primeira fase das questões – o passado, 01de03.....                      | 107 |
| Figura 74 - Figura da segunda fase das questões – o presente, 02de03.....                      | 108 |
| Figura 75 - Figura da terceira fase das questões – o presente, 03de03.....                     | 109 |
| Figura 76 - Varanda, local de passagens para uns.....                                          | 120 |
| Figura 77 - Varanda, local de encontros para outros.....                                       | 120 |
| Figura 78 - Moradoras na calçada estação férrea em Cachoeira.....                              | 121 |
| Figura 79 - Moradoras na bilheteria da estação férrea em Cachoeira.....                        | 121 |

|                                                                                                       |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 80 - Mapa com localização dos entrevistados no Complexo Fabril<br>Têxtil de Rio Largo.....     | 125 |
| Figura 81 - A casa referência em Cachoeira de nº 273.....                                             | 137 |
| Figura 82 - Imagem das plantas baixas e fachadas principais das casas dos<br>operários e fiscais..... | 138 |
| Figura 83 - Imagem da planta baixa e fachada principal das casas dos<br>mestres e contramestres.....  | 139 |
| Figura 84 - Imagem da planta baixa e fachada principal da casa do gerente.....                        | 139 |
| Figura 85 - Chaminé da Fábrica de Cachoeira, bueiro.....                                              | 145 |
| Figura 86 - Antiga rua da Lama, acesso a Cachoeira.....                                               | 146 |
| Figura 87 - A Varanda com o casarão dos Paivas.....                                                   | 148 |
| Figura 88 - Mapa esquemático E03-CACHOEIRA 1.....                                                     | 152 |
| Figura 89 - Mapa esquemático E03-CACHOEIRA 2.....                                                     | 152 |
| Figura 90 - Mapa esquemático E06-CACHOEIRA.....                                                       | 153 |
| Figura 91 - Mapa esquemático E10-RIO LARGO.....                                                       | 154 |
| Figura 92 - Mapa esquemático E10- RIO LARGO.....                                                      | 154 |
| Figura 93 - Mapa esquemático E10- RIO LARGO.....                                                      | 154 |
| Figura 94 - Mapa esquemático E14-CACHOEIRA.....                                                       | 156 |
| Figura 95 - Mapa esquemático E15-CACHOEIRA.....                                                       | 156 |
| Figura 96 - Mapa esquemático E16-CACHOEIRA.....                                                       | 157 |
| Figura 97 - Mapa esquemático E22-CACHOEIRA.....                                                       | 158 |
| Figura 98 - Mapa esquemático E26-CACHOEIRA.....                                                       | 160 |
| Figura 99 - Mapa esquemático E27-RIO LARGO.....                                                       | 161 |
| Figura 100 - Mapa esquemático E28-RIO LARGO.....                                                      | 162 |
| Figura 101 - Mapa esquemático E29-RIO LARGO.....                                                      | 163 |
| Figura 102 - Mapa esquemático D01-RIO LARGO.....                                                      | 164 |
| Figura 103 - Mapa esquemático D02- CACHOEIRA.....                                                     | 164 |
| Figura 104 - Mapa esquemático D03- CACHOEIRA.....                                                     | 165 |
| Figura 105 - Mapa esquemático D04- CACHOEIRA.....                                                     | 166 |
| Figura 106 - Mapa esquemático D05-RIO LARGO.....                                                      | 166 |
| Figura 107 - Esquema de imagens das fachadas das moradias dentro do<br>triângulo de Foucault.....     | 173 |
| Figura 108 - Imagem atual da casa para gerente.....                                                   | 174 |
| Figura 109 - Mapa do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo, cortes.....                                 | 176 |

|                                                                 |     |
|-----------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 110 - Mapa e cortes do Complexo Fabril de Rio Largo..... | 176 |
| Figura 111 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus.....            | 179 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 01 - Lista de cargos do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo.....                                        | 83  |
| Tabela 02 - Tabela com disposição dos entrevistados conforme metodologia<br>da H.O – 01 de 02.....             | 111 |
| Tabela 03 - Tabela com disposição dos entrevistados conforme metodologia<br>da H.O – 02 de 02.....             | 112 |
| Tabela 04 - Tabela com disposição dos indivíduos que desenharam<br>conforme a técnica do mapa esquemático..... | 114 |
| Tabela 05 - Participantes e os locais de relação espacial.....                                                 | 125 |
| Tabela 06 - Participantes e as referências subjetivas.....                                                     | 141 |
| Tabela 07 - Relação dos indivíduos que confeccionaram mapa esquemático...                                      | 150 |
| Tabela 08 - Participantes e as festividades fabris.....                                                        | 169 |
| Tabela 09 - Participantes e o fechamento fabril.....                                                           | 170 |
| Tabela 10 - Participantes e lembrança têxtil.....                                                              | 170 |
| Tabela 11 - Participantes e relações sociais.....                                                              | 171 |
| Tabela 12 - O apito e o som do apito.....                                                                      | 172 |
| Tabela 13 - Estrada de chão e referências metodológica.....                                                    | 178 |
| Tabela 14 - A igreja no espaço fabril.....                                                                     | 178 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|      |                             |
|------|-----------------------------|
| AL   | Alagoas                     |
| AD   | Análise de discurso         |
| DEHA | Dinâmica do Espaço Habitado |
| H.O. | História Oral               |
| USP  | Universidade de São Paulo   |

## SUMÁRIO

|          |                                                                                        |            |
|----------|----------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                 | <b>18</b>  |
| <b>2</b> | <b>DINÂMICA DA INDUSTRIALIZAÇÃO E AS RELAÇÕES DA<br/>INDÚSTRIA TÊXTIL NO PAÍS.....</b> | <b>24</b>  |
| 2.1      | Processos da industrialização e da indústria têxtil brasileira.....                    | 25         |
| 2.2      | Indústria têxtil em Alagoas, disposição e o controle socioespacial.....                | 33         |
| 2.3      | Relações de poder e interações com o meio da indústria têxtil.....                     | 40         |
| <b>3</b> | <b>RIO LARGO E O ESPAÇO COTIDIANO OUTRORA TÊXTIL.....</b>                              | <b>51</b>  |
| 3.1      | Rio Largo industrial, Rio Largo município.....                                         | 55         |
| 3.2      | O legado urbano e arquitetônico.....                                                   | 61         |
| 3.3      | Cotidiano socioespacial e a composição social.....                                     | 73         |
| 3.4      | Decadência têxtil da “cidade-fábrica” em cidade-município.....                         | 88         |
| <b>4</b> | <b>CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTAL METODOLÓGICO.....</b>                                    | <b>91</b>  |
| 4.1      | Oralidade e mapa esquemático pela historiografia.....                                  | 93         |
| 4.2      | Apropriação das apreensões socioespaciais.....                                         | 106        |
| 4.3      | Análise de discurso, ordem do discurso.....                                            | 116        |
| <b>5</b> | <b>IDENTIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER.....</b>                                        | <b>120</b> |
| 5.1      | Apreensões metodológicas socioespaciais.....                                           | 123        |
| 5.2      | Análise e identificação das relações de poder.....                                     | 168        |
| <b>6</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                       | <b>181</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                | <b>185</b> |
|          | <b>APÊNDICES.....</b>                                                                  | <b>191</b> |
|          | <b>ANEXOS.....</b>                                                                     | <b>207</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação intitula-se: **Relações de Poder no Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo: identificando inter-relações socioespaciais**. Ela teve como espaço de estudo o perímetro urbano-arquitetônico remanescente da indústria têxtil do município de Rio Largo, Alagoas, instaurado em fins do século XIX e com apogeu em meados do século XX. Em seu arranjo espacial, reservam-se importantes edificações seculares do contexto fabril como, por exemplo: 1) as ruínas remanescentes das fábricas, Progresso e Cachoeira; 2) uma vila operária com edificações residenciais; 3) o departamento de saúde; 4) o clube com o cassino e 5) as igrejas, escolas, creche, cinema, equipamentos urbanos entre outros, consistindo, assim, as características de um núcleo urbanizado.

Investigar esse complexo fabril é uma forma de obter mais dados para a historiografia de Alagoas, como também oferecer ao município riolarguense mais registros do que o meio fabril foi para a sociedade local, perpassando pela cultura rememorada do fiar, tecer e comercializar até chegar aos retornos desse funcionamento para a formação social da época. Conforme será apresentado, a literatura sobre os processos industriais têxteis desse local apenas tomaram maior proporção nos últimos cinco anos. Dos trinta e cinco anos que se sucederam do completo fechamento de suas unidades de produção, talvez não seja possível ter grandes expectativas de encontrar personagens do labor têxtil para referendar sua história.

A formação inicial desse complexo fabril se deu quando Rio Largo era ainda um povoado de Santa Luzia do Norte que, segundo Mendonça (2012), aglomerava Satuba e Rio Largo continuamente, e são esses três municípios visualizados cartograficamente na figura (01). A disposição desses três locais transcorre até fins de 1933, quando o povoado Rio Largo é elevado por decreto estadual a município. Nessa época, o complexo assistia seus períodos áureos de produção e evolução espacial, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014).

Segundo Barros<sup>1</sup> (2005, p. 493), o nome do município, Rio Largo, é alusivo à considerável largura que o rio Mundaú, que se estende por seu território, sempre

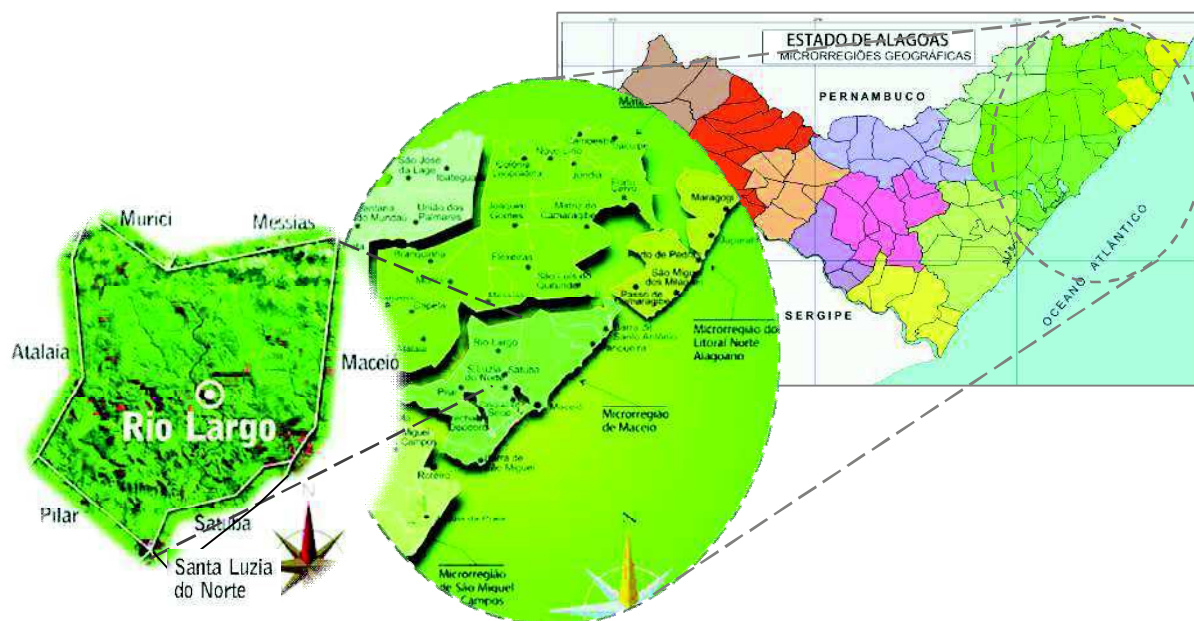
---

<sup>1</sup> Barros (2005, p. 493) complementa tão afirmação quando cita: O dito engenho ficou sendo chamado “Rio Largo”, nome alusivo à considerável largura que o Mundaú apresenta naquele local.

apresentou. O rio corta a região e abrigou, por volta do século XVIII, o Engenho Rio Largo, instaurado às suas margens mais largas, engenho que dinamizou a formação do povoado local de Santa Luzia do Norte.

Ainda segundo dados do IBGE (2010/2014), esse complexo fabril espacializado na cidade de Rio Largo define-se ainda em nitidez. Rio Largo compreende como principais bairros: Tabuleiro do Pinto, Mata do Rolo, Gustavo Paiva (Cachoeira), Centro (Rio Largo) e Lourenço de Albuquerque. No apêndice A, há uma demarcação geral dessa divisão administrativa com destaque para os bairros antigamente têxteis: Gustavo Paiva e Centro.

**Figura 1 - Posicionamento cartográfico da cidade de Rio Largo, AL.**



Fonte: Autora (2015) - Adaptado de MENDONÇA (2012).

As autoras Castro e Ferrare (2014, p. 3-4) expõem a locação física de Rio Largo (figura 1) e fazem uma breve constatação do patrimônio industrial nos dias atuais:

Historiograficamente reconhecido como o terceiro município mais antigo da Microrregião de Maceió, localiza-se próximo e acessível à Capital do Estado de Alagoas, - Maceió, perfazendo uma área física de 306km<sup>2</sup> e contando com aproximadamente 70 mil habitantes residentes. A atividade têxtil rio-larguense foi desativada no século XX e na paisagem de patrimônio industrial vêem-se nos dias atuais, edificações residências próprias ou alugadas, muitas apenas parcialmente ocupadas, e unidades com usos improvisados ou já em arruinamento pelo abandono total de décadas.

Esse complexo fabril de atividade têxtil, demarcado por uma paisagem, paisagem considerada hoje como patrimônio industrial, apresenta-se ainda sobre aspectos de um núcleo fabril, reconhecido pelo meio acadêmico e comunidade local como ‘vila operária de Rio Largo’ entre outras doze unidades dentro do estado de Alagoas, aspectos que serão elencados nesta dissertação.

A vila operária de Rio Largo demarcou um formato característico dos complexos fabris, que alguns pesquisadores denominam por sua infraestrutura, física, social e etc., como “cidade-fábrica”<sup>2</sup> (HOBSBAWM, 1977, p. 218) ou “mini-cidade”<sup>3</sup> (VIANNA, 2004). Tais codinomes foram apresentados por autores que experimentaram a aparente completude e “auto provimento” das cidades surgidas do desenvolvimento industrial, compondo um patrimônio histórico que, para a cidade de Rio Largo, ainda possui pouca denotação historiográfica no meio acadêmico.

A cidade-fábrica de Rio Largo revela-se perante esta concisa apresentação como um local com muitas proposições investigativas. Alguns fatores elencam esta constatação, haja vista sua conformação física: o patrimônio histórico em ruínas ou mesmo abandonado; uma vila operária não mais vila, embora ainda reconhecida como tal; entre outros temas possíveis. Neste sentido, essa pesquisa intenciona interpretar as apreensões socioespaciais de indivíduos a partir das lembranças de quem convive nesse espaço remanescente reconstituindo sua história rememorada.

Para desenvolver as identificações das relações socioespaciais do ambiente outrora têxtil, este trabalho estruturou quatro capítulos de volumes textuais concernentes. Conforme o sumário, estes foram divididos em uma ordem que se situa do mais geral da instauração da industrialização à indústria têxtil alagoana, as relações de poder na indústria, as construção e aplicação metodológica e, no último capítulo, as constatações ante as aferições socioespaciais denotadas no meio social do espaço têxtil.

---

<sup>2</sup> Eric Hobsbawm usa esta expressão anos antes em sua obra “A era do capital” (03ª edição 1982, 15ª edição 2012) quando estuda colocações do sociólogo Toennies e analisa a “cidade antiquada e a metrópole capitalista” como uma cidade de tamanho ‘médio’, onde de pequenas se transformavam em grandes cidades. Toennies é citado por José Silva e Vaneide Silva (2001, p. 35): “As fábricas têxteis [...] deram o sopro modernizador de urbanização em Rio Largo, transformando-a naquilo que Toennies denominou de ‘cidade-fábrica’, ou seja, uma cidade capitalista, que a rigor eram cidade de porte médio.

<sup>3</sup> Mônica Vianna (2004), assim como Hobsbawm (2012), faz uso dessa expressão para designar a forma de organização física e social que se dava no organismo fabril.

Dessa forma, fazendo uso de uma revisão bibliográfica, o capítulo textual inicial<sup>4</sup>, capítulo dois aborda a industrialização com foco no contexto histórico da indústria têxtil e maior representatividade sobre a espacialização têxtil alagoana. Esse capítulo descreve a importância da industrialização, situa sua dominância e operacionalização perante produção, mão-de-obra e espaço físico. Adotam-se autores pelo tema da industrialização em si e seu meio socioespacial desse período, como a obra clássica de Engels (1892/1975), Weber (1904/2005), Hobsbawm (1977), Decca (1982); entre os autores nacionais, Stein (1979), Sevcenko (1998), Singer (1994), entre outros, além de autores para expor constatações nos domínios do estado alagoano, como Correia (1988), Almeida (2006), entre outros.

Ainda neste capítulo, são apresentados os conceitos de poder e seu exercício, entre outros argumentos e colocações direcionados pela necessidade de sua exposição que subsidia o tema da dissertação, o de relações de poder do espaço da indústria têxtil riolarguense. Entre os autores que tratam de poder, Foucault (1987; 2001) foi adotado como o principal, por ser referência nas discussões sobre poder e as relações de poder nos domínios da indústria. Porém, ainda se recorre a outros autores que discutem conceitos foucaultianos.

O terceiro capítulo expõe o recorte temporal do espaço riolarguense, com relevância especial à instauração 'fabríco-têxtil', espaço de coerências e contradições que este trabalho procura destrinchar ao reconstituir sua história. Nesse ínterim, estão descritas a disposição espacial das unidades de produção, as estruturas de apoio e serviço, os indivíduos que compunham esse espaço, entre outros pontos investigados em obras que tratam essa temática. Este capítulo procurou pormenorizar a descrição espacial do urbano-arquitetônico têxtil e sua funcionalidade perante a produção, o indivíduo têxtil, a posição social, a posição trabalhista e cotidiana, além das vivências espaciais. Como pontua Almeida (1997):

[O espaço é] um objeto de múltiplos enunciados, indo do econômico - pois é uma unidade de produção - ao etnográfico, pois é um conjunto de hábitos e costumes, modos de comportamentos construídos em cima de uma raiz que é, justamente, a história do lugar (ALMEIDA, 1997)

Assim como descreve Almeida (1997), o espaço reflete em sua espacialidade sociocultural uma unidade de produção, de dinamicidade própria à vida social dos indivíduos ali inseridos, reflexo da imagética formada pela história que recupera

---

<sup>4</sup> Trata-se do segundo capítulo da dissertação, pois perante as normas da biblioteca da UFAL o primeiro capítulo é a introdução.

vivências através da memória de quem viveu ou absorveu naquele meio arquitetônico-urbano, visto como um desenho urbano resistente ao tempo e um espaço onde costumes e comportamentos se manifestam.

Dando prosseguimento, o quarto capítulo trata da metodologia utilizada na dissertação, e da apresentação de todo o instrumental metodológico. Disposto em etapas pertinentes à proposta metodológica adotada, este capítulo procurou utilizar técnicas favoráveis a apropriações das relações sociais, espaciais e as socioespaciais. Por esta lógica, o trabalho adotou a pesquisa das memórias fabris à Rio Largo têxtil com o emprego da História Oral (H.O.), metodologia que investiga as memórias, recordações dos depoentes, entrevistados, que visam à apropriação narrativa das inter-relações do meio.

Na aplicação de uma pesquisa piloto e em assessoramentos de orientação acadêmica, foi sugerido o uso do “mapa mental” ou “mapa esquemático”, método adotado, ao que tudo indica, originariamente por Lynch<sup>5</sup> (1997) com expressão popularizada a partir de seu trabalho e endossada por Del Rio (1991), que tem como técnica “desenhar um esboço da cidade”, detalhando percursos e descrevendo as partes mais distintas ou de maior importância para a memória do indivíduo. Esta técnica favoreceu a evocação de formas de interpretação e comunicação espacial.

Ainda neste capítulo, entre métodos e técnicas, foi exposta a adoção da análise de discurso, que contempla o meio de estudo discursivo dos diálogos da oralidade e de interpretações em face ao mapa esquemático. Também foram expostos, neste capítulo, os documentos desenvolvidos para a aplicação *in loco* e a diagramação dos depoentes, entrevistados, além de demais situações.

No quinto capítulo expõem-se, de forma sistematizada, as interpretações socioespaciais com foco às relações de poder do espaço em questão, mostrando as relevâncias comuns e contraditórias do meio e os registros históricos pela reconstituição histórica. O fechamento dissertativo procurou empenhar-se em apresentar o que as condições socioespaciais do meio não mais têxtil dispõem hoje, após a identificação das inter-relações socioespaciais.

---

<sup>5</sup> Kevin Lynch foi um importante autor no âmbito do urbanismo, responsável pela obra: A Imagem da Cidade (1959/1960), onde utilizou mapas mentais para estudar o espaço urbano.

Neste estudo foi explorado, conjunto ao meio social riolarguense, as historicidades<sup>6</sup> vividas pelos indivíduos que foram trabalhadores têxteis ou que absorveram na oralidade os conteúdos desses trabalhadores. Creditam-se a estes, significativos representantes do meio outrora fabril, os resultados atingidos. Considera-se que este estudo busca nesses indivíduos as descrições socioespaciais do período fabril, como o momento das produções têxteis, do som do fute, da moradia operária, entre outros aspectos próprios daquele organismo fabril. Tais aspectos foram desenvolvidos a partir das relações de poder, nítidas para alguns e inexistentes para outros, mas denotadoras da criação de um empreendimento fabricante de indivíduos trabalhadores têxteis, moradores desse mesmo meio e vivenciadores de um ambiente que articulava diversas funções.

Espera-se que este trabalho dissertativo contribua para o maior conhecimento socioespacial da antiga Rio Largo têxtil e para a preservação da memória coletiva fabril, e que sua contribuição vá além de uma reconstituição histórica.

---

<sup>6</sup> Entenda-se historicidade como o termo que diz respeito a uma qualidade que os homens de determinado período compartilham uns com os outros, uma função comum a todos daquele período (LE GOFF, 1990, p. 19). Assim, a historicidade indica o pertencer de cada indivíduo a seu tempo, e existe para todos os indivíduos.

## 2 DINÂMICA DA INDUSTRIALIZAÇÃO E AS RELAÇÕES DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO PAÍS

Partindo de uma revisão bibliográfica objetivando inteirar o leitor a espacializar historicamente os processos da indústria têxtil brasileira, esta dissertação contextualiza procedimentos de favorecimento têxtil para o país, o Brasil, decorrentes dos fatores históricos oportunos à instauração têxtil, além da exposição das indústrias têxteis relevantes no estado alagoano. Na sequência, relevante ao objetivo geral e ao espaço em estudo, destrincha-se os contextos relativos ao controle da formação social da indústria e o espaço de que fez uso às relações de poder.

Entende-se que a indústria têxtil foi emblemática para economia e política do país, haja vista o momento histórico propício a evolução industrial segundo constatações de Sevcenko (1998, p. 08) sobre os processos industriais a nível mundial e nacional, ele cita que:

[Esse momento representou] de fato um salto enorme [também para o Brasil], tanto em termos qualitativos quanto quantitativos [...] da economia mecanizada. Resultando da aplicação das mais recentes descobertas científicas aos processos produtivos, possibilitou o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade [...], dando assim origem a novos campos da exploração industrial (ibidem).

Além dos favorecimentos mecanizados, os fatores que propiciaram a modernização e expansão do desfecho com êxito das indústrias brasileiras foram: as exportações<sup>7</sup>, o incentivo à entrada de imigrantes com conhecimento técnico para indústria têxtil e a proteção alfandegária, além da “emissão do papel moeda e às facilidades de crédito junto ao governo” somando pontos consolidáveis a instauração das fábricas têxteis conforme constatações de Silva, J. e Silva, V. (2001, p. 19).

As indústrias têxteis seguiam uma disposição espacial comum ao sistema do período da industrialização, Carlos (1988, p. 48) depõe acerca desse período que “a localização dos estabelecimentos industriais variará de acordo com o tipo de produto que fabrica e do tipo de indústria”, existiram complexos industriais que se dispuseram na estrutura espacial de seu entorno em forma de vila operária e outros em forma de núcleo operário conforme conceitos de Correia (1988). Esses sistemas

---

<sup>7</sup> “As exportações de algodão [no Brasil] (em rama) tiveram sua fase áurea entre 1934 e 1939, com participação média de quase 18% nesse período<sup>1</sup> [no comércio de exportações]” segundo Batista (2006, p. 432) – Fonte: BATISTA, Jorge Chamt. O Setor Externo Brasileiro no Século XX. In: Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

organizacionais forneciam ao complexo um programa de necessidades apropriado, a princípio, as suas funções de produzir, empregar e fornecer meios de vida aos indivíduos locados.

Seguindo este contexto, o primeiro capítulo se divide em três tópicos correlatos a industrialização com ênfase a indústria têxtil, apresentando-se sobre as designações: processos da industrialização e da indústria têxtil brasileira, indústria têxtil em Alagoas, disposição e o controle socioespacial, vilas operárias e núcleos fabris e relações de poder e as interações com o meio da indústria têxtil.

## **2.1 Processos da industrialização e da indústria têxtil brasileira**

Os séculos XVII e XVIII foram marcados pela industrialização na Europa, nos Estados Unidos e também na América Latina, afora esse intervalo já em meados do século XIX “a indústria [brasileira] adquiriu dimensões até então nunca alcançadas, através da denominada Revolução Industrial” (MATHIAS, 1988, p. 64), dava-se, então, a implantação das fábricas de fiação e tecidos. A indústria moderna surgia no país tendo como princípio a Revolução Industrial, trazia a crença de que seria sinônimo de modernização e se identificava com diferentes capacidades técnicas e produtivas, notabilizada, segundo o historiador e professor Stanley Stein (1979, p. 34).

A rigor, a Revolução Industrial foi um “fenômeno histórico acontecido em tempo e lugar determinado” (SILVA, K.; SILVA, M., 2010, p. 370) que teve nas cidades o símbolo desse mundo industrial e nelas a concentração das pessoas que representou o mais impressionante fenômeno social do século de acordo com Hobsbawm (1977, p. 218). Fenômeno histórico e social que segundo aferições investigativas desses autores, gerou-se a partir das técnicas mecanizadas de fiar e tecer o algodão, matéria prima de uma Revolução (2010, p.372) e que, no Brasil, naquela época, era um processo de sucesso, principalmente para as exportações.

Nesse período, para construção de uma “fábrica de algodão” não havia grande dispêndio (ibidem 2010, p. 372), as fábricas apresentavam um crescimento autossustentável da produção e tinham rendimentos crescentes, justificando o retorno aos investimentos, pois, conforme Decca (1982, p. 09), o homem (operário) não tinha limites para produzir. O ‘não tinha limites’ endossado por Decca (ibidem) reafirma as citações anteriores de Weber (2005) sobre a produção, da qual era

determinada pelos padrões com um “lucro sempre renovado por meio da empresa permanente” (ibidem, p. 09).

Esse momento, econômico e político do século XIX no Brasil, foi exposto por Paiva (2010, p. 16-17), quando relatou que a produção têxtil se inseria inicialmente de modo doméstico; as vendas tinham fins ainda ao mercado local e a proibição das manufaturas brasileiras, por parte da coroa portuguesa, formava um conjunto de fatores inibidores do avanço industrial no país. No entanto, nesse século, o poder hegemônico da produção têxtil não era de Portugal, mas da potência mundial inglesa. Segundo Stein (1979, p. 58), a Inglaterra procurava o algodão brasileiro (figura 2) com especificidade tipológica configurando-se na quebra da resistência do amadurecimento fabril têxtil no Brasil.

**Figura 2 - Campo de Algodão no Nordeste, Paraíba (1919).**



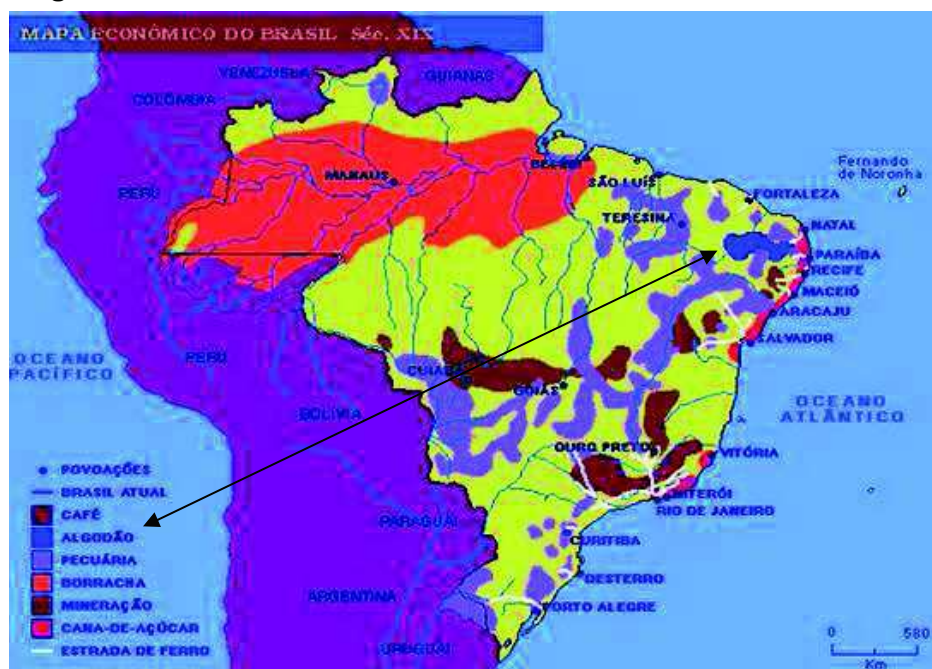
Fonte: MATHIAS (1988).

Dessa forma, a “Inglaterra viu-se privada [...] do fornecimento de grande parte da matéria prima consumida por suas fábricas de tecido. [...] O Brasil não poderia deixar de aproveitar a situação para tentar cobrir [...] aos mercados consumidores europeus” (MATHIAS, 1988, p. 64). Desse fornecimento, Mathias destaca que a exportação crescia duplicando-se ano após ano com 30.539 sacas de algodão em 1800 a 72.660 sacas em 1802. Afirmava-se um expressivo aumento produtivo relevante à procura da mercadoria brasileira nesse período.

A procura do algodão brasileiro aumentou a produção têxtil, resultando em um desenvolvimento econômico que “forneceu base à gigantesca expansão nas

exportações” (HOBSBAWM, 1977, p. 49). “[No Brasil], o Nordeste foi a região de maior produção. Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte lideram estatísticas” (CARONE, 2001, p. 92) na geração do algodão, pois consumia parte da produção e exportava a outra. A figura 3 que segue expõe a evidente concentração da produção da cultura do algodão na região Nordeste, difere da afirmação de Carone (2001) apenas por não incluir com boa definição o estado de Alagoas.

**Figura 3 - Mapa do Brasil, século XIX, com concentração da produção de algodão na região Nordeste.**



Fonte: CABANA (2013).

“O consumo do algodão”, segundo Hobsbawm (1977, p. 57), da metade a fins do século XIX teve um grande aumento na fabricação de produtos têxteis e diante dessa evolução atestou ainda Stein (1979, p. 34) que a “indústria nacional já não era [mais] ‘embrionária’, e que seu progresso deixara de ser vaga ‘aspiração’, mas realizara-se”.

Ainda sobre esse sucesso da indústria nacional, Stein (1979, p. 34) descreveu: “afirmavam os fabricantes que a abundância e o baixo preço da matéria-prima e a perfeição e o baixo preço dos produtos acabados, aliados a uma demanda adequada, asseguravam um futuro estável à indústria nacional”. Esse momento socioeconômico fez o século XIX revelar a fábrica têxtil brasileira detentora de “um elemento autenticamente nacional [...] no Brasil: o algodão” (ibidem, p. 57). Inclusive

no Nordeste, especificamente em Alagoas nas cidades de Maceió, Rio Largo, Pilar e Penedo, algumas fábricas de fiação e tecidos foram precursoras em lançar no mercado roupas para escravos, lençóis, toalhas e outros conforme elenca Paiva (2010, p. 36).

Uma ordem socioeconômica dava-se nesse período em Alagoas e no país, surgia à construção de sujeitos sociais que de acordo com Decca (1982, p. 07) tratava-se da 'sociedade do trabalho'. Essa sociedade era formada pelas "fábricas-prisões, fábricas-conventos, fábricas sem salário, [...] e que tornaram possível esse espetáculo atual da glorificação do trabalho" (ibidem). A fábrica mecanizada representou a glorificação do trabalho segundo Decca pela expressão suprema dessa 'utopia'. Utopia alimentada por novas ilusões como a de que após a fábrica o homem não teria limites para produtividade e a maquinaria representaria a dimensão ilimitada da produção para o indivíduo em sua fábrica que "confirmava a potencialidade criadora do trabalho" (DECCA, 1982, p. 09).

A sociedade do trabalho estabeleceu-se em locais de extremos sociais, a burguesia e o proletariado, sob um sistema de leis em um controle social; onde para Hobsbawm (1977, p. 46), havia homens de negócios famintos por lucro, facilitados pelo capital barato e encorajados ao investimento pelo aumento dos preços e um lucro rápido. Neste contexto, Carone (2001, p. 13) complementa quando descreve a existência de um jogo de poder sobre os dirigentes do sistema industrial, onde havia uma hegemonia sobre a sociedade.

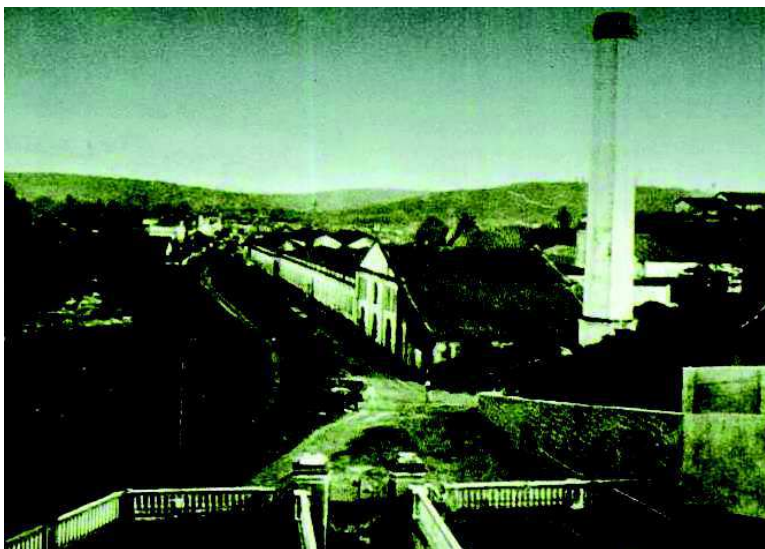
Nessa discussão sobre sociedade do trabalho do período da industrialização, Carlos (1988) depõe sobre a existência de um formato hierarquizado, haja vista a divisão social e espacial do trabalho:

O processo de industrialização, ao provocar profunda alteração na divisão social e espacial do trabalho, implica mudanças radicais na vida do homem. A aglomeração da população, dos meios de produção e capitais num determinado espaço, multiplica os pontos de concentração e produz uma rede articulada e hierarquizada (ibidem, p. 57).

Ainda em Decca (1982), relativo à sociedade do trabalho regida sob extremos sociais, tinha-se o indivíduo escravo, personagem que em fins do século XIX diante a sociedade têxtil brasileira já aparecia sobre a extinção do regime de trabalho escravo e a adoção, por parte do empregador fabril, do trabalhador livre. Esse processo nos estudos do historiador e professor alagoano Almeida (2006) é atribuído pela ocorrência de uma queda expressiva da população escrava ainda em 1872. A

sociedade têxtil é objeto de estudo de Almeida, em *Crônicas Alagoanas: Notas sobre poder* (2006), onde o autor elenca a fábrica alagoana, Fábrica Carmem, Fábrica Progresso Alagoano (figura 4) entre outras, como exemplo de um “cenário não somente de muitas riquezas, mas de lutas reivindicativas [da sociedade do trabalho] que marcaram a história [industrial têxtil] alagoana” (ALMEIDA, 2006, p. 17).

**Figura 4 - Imagem de uma indústria têxtil de solo alagoano, Fábrica Progresso Alagoano em Rio Largo, AL.**



Fonte: Contracapa da obra de ALMEIDA (2006).

De suas investigações sobre a sociedade do trabalho, Almeida (2006) cita com relação aos “braços livres” dos ‘ex-escravos’ que o “eixo central do problema da mão de obra na produção estava sendo deslocado” (ibidem, p. 42). Um novo direcionamento foi dado a essa mão de obra, no entanto eram mantidas as atividades agrícolas, atesta o autor, e denuncia sobre os baixos salários dessa classe: “para frisar, ainda mais, a discriminação sofrida, afirmavam [os ex-escravos, trabalhador têxtil] que um inglês, exercendo função igual à de um brasileiro, recebia salários cinco a dez vezes superior” (ibidem), relações típicas do capitalismo da época segundo o autor.

Sobre a conotação dos braços livres nessa sociedade do trabalho, Sevcenko (1998) aborda, na citação anterior, o termo ‘ex-cativos’ fazendo referência, nestes termos, aos ex-escravos.

Embora a Abolição tenha sido fato histórico decisivo, rompendo vigências pregressas, os ex-cativos traziam de suas experiências anteriores um aprendizado social que instruíra o sentido de liberdade, constituído muitas vezes a partir de noções de subsistência e padrões de organização social distintos da classe dominante (SEVCENKO, 1998, p 52).

A posição do historiador brasileiro Sevcenko é contrária aos demais autores citados nesta dissertação, no tocante à aceitação da mão de obra dos ex-cativos. Essa disparidade se justifica pelo fato de que, para o autor, o indivíduo, quando escravo, estava treinado para um sistema de subsistência e organização diferentemente dos indivíduos da classe dominante.

Ainda sobre a importância exposta por Almeida da dinâmica têxtil em solo alagoano e a reflexão de Sevcenko sobre os ex-cativos, conjectura-se que ocorreu uma disparidade de instâncias sociais no tempo e espaço têxtil tanto em nível nacional como internacional. A sociedade de extremos apresentava-se sobre lados adversos com a classe burguesa em um lado e a classe do trabalhador livre de outro. A classe burguesa era a camada detentora, dominadora e proprietária das indústrias têxteis, segundo Hobsbawm (1977) essa classe era possuidora do capital, era o empresário em busca do lucro. Num outro extremo tinha-se o trabalhador livre, o ex-cativo, em posição de dependência, pois sua cultura e conhecimento limitavam-o. Para Hobsbawm, esses eram os descontentes e os que estavam por baixo dos empresários.

O emprego da mão-de-obra escrava no Brasil implicou um atraso na evolução da economia industrial, uma vez que desencorajava a imigração de trabalhadores livres da Europa; impediu o desenvolvimento da classe de cidadãos livres que eram capazes de colaborar no incremento técnico das indústrias locais, [...] transformando-os em homens indefinidos com relação a sua função social dentro da sociedade (PAIVA, 2010, p. 33).

Desta disposição social, Paiva (2010) endossou as constatações de vários pesquisadores sobre a mão de obra da época e numa reflexão sobre o âmbito da produção e mercado têxtil, Stein (1979) vislumbrou em seus estudos que se deu um atraso na evolução da indústria têxtil no país, pois o emprego da mão de obra não especializada dos escravos livres inibia a imigração de trabalhadores livres da Europa e dividia, assim, o meio social. Meio social, sociedade do trabalho, que Engels (1975, p. 117) resume criticamente “o trabalhador é, de direito e de fato, o escravo da classe possuidora, da burguesia”, ou seja, há a libertação do escravo, mas não há, conforme cita o autor, o fim do escravo.

Diante o exposto até o momento é entendido que alguns processos foram bem favoráveis a instauração têxtil, conforme já apresentados nesta

contextualização. A matéria prima do algodão, a sua procura no mercado externo, o incentivo à imigração de mão de obra especializada, entre outros, são fatores que contribuíram para o sucesso têxtil brasileiro. Desses processos e desfechos de êxito econômico advindo desde o século XIX, Singer (1994, p. 57) registra que “em 1866 havia no Brasil 9 fábricas têxteis ocupando 768 operários; em 1881 o número destas fábricas já teria passado de 44, que empregavam mais de 3000 operários”. Destes registros, fábricas e operários, somaram-se dados que para o autor podia-se “entender que o primeiro ramo que se teria industrializado no Brasil seria o têxtil” (ibidem).

As indústrias têxteis brasileiras foram espacializadas em áreas ora dentro de meios urbanos – modelo de vilas operárias, ora em povoados do meio rural – modelo de núcleos fabris. Segundo Bonduki (1994, p. 716), a vila operária era o modelo de disposição estrutural, cotidiano e moradia para os funcionários das fábricas e cabiam aos proprietários as obrigações, forçando-os a uma espécie de “simultaneidade” de industrializar e urbanizar a “cidade-fábrica” conforme afirma Silva, J. e Silva, V. (2001, p. 35) e reforça Paiva (2010, p. 110).

No mesmo paper, Bonduki (1994) descreve a moradia desse modelo, das quais as casas eram sem instalações hidráulicas, no formato de geminadas em vilas ou ruas e dispostas sem recuos frontais ou laterais, a fim de economizar a ocupação espacial. Ainda conceitua que “as vilas operárias eram conjuntos de casas construídas pelas indústrias para serem alugadas a baixos aluguéis ou mesmo oferecidas gratuitamente aos seus operários” (BONDUKI, 1994, p. 715). O autor exemplifica como modelo mais bem acabado, segundo ele, a constituição de uma vila operária: a Vila Maria Zélia em São Paulo, a qual contava com “escola, creche, igreja, armazém e salão de recreação, além, obviamente, das moradias, permitindo um controle absoluto do tempo livre dos operários e suas famílias” (ibidem, p. 716).

Essa estrutura de fábrica com vila operária ou núcleo fabril, desenhava um sistema funcional para o período industrial, inclusive, Hobsbawm (1977) designa a expressão “cidade-fábrica” para conformação física e social desse meio na época. O historiador britânico usa essa conotação após sua adoção original feita pelo sociólogo Tönnies<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Sobre essa expressão emprestada de Tönnies, Hobsbawm (1977) conceitua-a como “uma cidade comercial e, na medida em que o comércio domina o trabalho produtivo, uma cidade-fábrica” (ibidem, p. 218).

Oferecer uma designação a estrutura fabril é um anseio de alguns estudiosos, Silva, J. e Silva, V. (2001, p. 35) também legitimam cidade-fábrica como uma cidade capitalista “que a rigor eram cidades de porte médio, tendo muitas delas evoluído de pequenas vilas”. Além dessa alcunha usada para identificar a infraestrutura física, social formada pelos complexos industriais, Vianna<sup>9</sup> usa a expressão “minicidade”, inclusive, a arquiteta descreve a disposição espacial desse local, ela cita:

A arquitetura destes espaços de morar operário recuperava a ideia de “minicidade”, cujo programa era definido em função das características particulares do empreendimento. [...] As empresas ofereciam serviços e equipamentos necessários à vida dos moradores – como escolas, igreja, mercado e área de lazer, de modo que não houvesse dependência em relação às cidades vizinhas (VIANNA, 2012, p. 115 – 116).

O tempo e espaço da formação das indústrias têxteis, desta forma, são identificáveis pelas expressões: cidade-fábrica ou minicidade, os séculos XVIII a XX desenharam um modelo estrutura citadina que para produção fabril ofereceu uma resposta funcional para todo o sistema de manufaturas, moradia, lazer, educação entre outros. No caso das indústrias têxteis brasileiras, a resposta a cidade-fábrica foi de um sistema de sucesso para os séculos que perdurou no país.

No item seguinte deste capítulo, será disposta uma singular construção historiográfica<sup>10</sup> da industrialização têxtil transcorrida no estado de Alagoas com aferição focada sobre a instauração espacial, forma organizacional, entre algumas das treze indústrias têxteis edificadas no intervalo dos séculos XIX a XX com ênfase ao processo no espaço têxtil que se deu em Rio Largo.

## **2.2 Indústria têxtil em Alagoas, disposição e o controle socioespacial**

A indústria têxtil foi um processo de grande contradição para a dinâmica socioespacial do Brasil, deu-se sobre efusão de ganhos econômicos e imposição social em espaços preestabelecidos e predimensionados seguindo uma ordem de formato nacionalizado no país, emprestado de outros países, e, conseqüentemente, também consolidado no estado alagoano. Os pesquisadores Gunn e Correia (2004)

<sup>9</sup> Vianna (2012), assim como Hobsbawn (1977), faz uso de uma expressão para designar a forma de organização física e social que se dava no organismo fabril: minicidade.

<sup>10</sup> Entenda-se aqui que o conceito de historiografia se direciona em uma “reflexão sobre a produção e a escrita da História” (SILVA, K; SILVA, M, 2010, p. 189), entendendo reflexão como uma posição de ponderação e legitimação as narrativas (ibidem) e constatações ‘subjettivas’ dos autores.

descrevem o “mundo industrial” brasileiro e esmiúçam pontos de sua caracterização urbana e arquitetônica:

O mundo industrial penetra na sua paisagem, agora fortemente associada aos grandes prédios fabris de tijolos aparentes e às altas chaminés, elevando-se em meio a infindáveis extensões de áreas suburbanas cobertas de modestas moradias populares. São casinhas de dimensões reduzidas, dispostas muitas vezes em vilas operárias construídas [...] – geralmente fabris – para abrigar parte de seus operários (GUNN e CORREIA, 2004, p. 82).

Os autores descrevem a Vila Maria Zélia como modelo de vila operária<sup>11</sup> do período industrial. Localizado em São Paulo, esse empreendimento, objeto de estudo de Bonduki (1994), era destinado a fins têxteis e considerado como uma das mais expressivas vilas operárias do país segundo pesquisadores. Essa vila desenha-se como exemplo, modelo, para vilas alagoanas e desta similaridade atesta-se a descrição de seu programa, das semelhanças tipológicas às adotadas em Alagoas, citam: “casas, dois grupos escolares, creche, [...] campo de futebol, igreja, armazém de consumo, restaurante, [...] farmácia” (GUNN, CORREIA, 2004, p. 82) entre outros.

Havia uma conotação distinta dessa organização espacial, existia a disposição física das vilas operárias e dos núcleos fabris. Dois fenômenos, vila e núcleo, descritos distintamente por Correia (1998, p. 10) de quando a mesma faz um estudo de caso em Delmiro Gouveia com a Fábrica da Pedra. Em sua obra, Correia expõe que “as vilas operárias alcançaram um grande sucesso, multiplicando-se e gerando toda uma mística em torno da ordem urbana e social que incorporaram” (ibidem).

Sobre a distinção desses dois organismos estruturais, vila e núcleo, Correia expõe que há um equívoco de “uso frequente na bibliografia nacional da designação genérica ‘vilas operárias’ para nomeá-las” (ibidem, p. 11), pois há uma diferença de assentamento espacial entre vila e núcleo. Vila operária é um “conjunto de casas construídas por industriais para seus operários [empregados em complexos industriais] dentro de cidades, em subúrbios de cidade” segundo Correia (ibidem). Já quando esta disposição decorria em locais isolados, no campo dava-se o nome de

---

<sup>11</sup> “Vila operária, fazenda, usina, bairro proletário, núcleo urbano, núcleo residencial, núcleo fabril, cidade operária, cidade-companhia, cidade-empresa e cidade nova são algumas das designações que essas aglomerações têm recebido entre nós, dependendo de suas características quanto a tamanho, forma, localização e condição político-administrativa, do tipo de atividade à qual estão ligadas e do momento histórico em que surgem (CORREIA, 2001, p. 83-84)”.

núcleo fabril, sendo esses núcleos capazes de criar, ou mesmo, fazer gerir cidades novas.

Ao contrário das vilas operárias situadas nas cidades, os núcleos fabris eram aglomerações isoladas, autônomas e gerenciadas com grande liberdade pela indústria. Isso significou, de um lado, que precisaram incluir atividades complementares à produção fabril – oficinas, sistemas de abastecimento de água e energia [...]. [Além de] casas, escolas, armazéns e etc. [...]. A fábrica encontrava condições excepcionais para exercer o governo local, reduzindo no núcleo interferências do Estado (CORREIA, 1998, p. 75).

A Fábrica Pedra<sup>12</sup>, investigada por Correia, foi instaurada em solo alagoano em 1914 e teve um núcleo fabril edificado no entorno de sua indústria têxtil, processo similar ao espaço objeto desta dissertação. Dessa fábrica, a autora “investiga as questões sociais e econômicas relacionadas [com a] gestão operária e o sentido da organização do cotidiano e do espaço” (CORREIA, 1998, p. 09) e define a diferença (e equívoco) entre o que é vila operária e o que é núcleo fabril.

Outras indústrias têxteis firmaram-se na extensão do estado, todas contemplaram o número de 13 (treze<sup>13</sup>) unidades concentradas nos extremos leste e oeste do mapa. O período estabelecido da instauração (evolução e decadência) histórica dessas unidades compreende o intervalo de fins do século XIX e meados do século XX, a efusão do sucesso remeteu somas econômicas e o real estabelecimento da Associação Comercial<sup>14</sup> em Maceió segundo Ramos (2013).

No período de efusão têxtil alagoana, cinco indústrias têxteis se desenvolviam com ‘aspirações’ ao sucesso econômico local. Sucedia, em fins do século XIX, mesmo antes da abolição em 1888, a instauração das primeiras indústrias com maior concentração no leste alagoano conforme demarca a distribuição no mapa da figura 05. A primeira a se estabelecer em solo alagoano foi a Sociedade Anônima

<sup>12</sup> “O Grupo Carlos Lyra assumiu o controle acionário da fábrica [da Pedra] em 1992, com a produção quase paralisada. Além da rápida recuperação do parque Industrial, foram instalados teares a jato de ar [...], os mais modernos do mundo e fiação Open End. Hoje, a fábrica da Pedra possui a certificação ISO 9001:2000, pois é dotada da mais avançada tecnologia disponível. É uma indústria prestes há completar 100 anos que tem contribuído para o desenvolvimento econômico e social do sertão, de Alagoas e do País” (2014 – fonte: <http://www.fabricadapedra.com.br/>).

<sup>13</sup> As treze indústrias têxteis são endossadas por Mendonça (2012, p. 464) quando o autor lista-as e cita a: “relação de todas as fábricas que deram uma nova feição ao estado de Alagoas”, elas estão expostas em apêndice D sob uma linha do tempo - relação de fábricas instauradas em meados do século XIX e princípio do século XX no estado Alagoano.

<sup>14</sup> Sobre a Associação Comercial, Ramos (2013) cita sobre o “tesouro” e por assim importância que possui a Associação Comercial de Maceió para o estado de Alagoas: “A Associação Comercial de Maceió possui uma imensurável riqueza materializada em documentos que não só atestam sua própria história, como dos seus integrantes e mais ainda: da construção do próprio Estado de Alagoas. Não seria demais dizer que o maior tesouro da entidade seja sua história”.

Companhia União Mercantil (Fábrica Carmen<sup>15</sup>) em 1857 no distrito de Fernão Velho<sup>16</sup> da capital.

**Figura 5 - Concentração fabril têxtil, século XIX a XX, decorridas em quatro microrregiões, sendo: microrregião de Maceió, microrregião de São Miguel dos Campos, microrregião de Penedo e a microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco.**



Fonte: Autora (2015) - Adaptado de MENDONÇA (2012) e PAIVA (2010).

O mapa de Alagoas apresentado na figura 5 dispõe a distribuição física das unidades têxteis do período, a Fábrica Carmen, primeira a se instaurar, locou-se dentro dos limites da capital (letra A da figura 5), além desta, deram-se mais a Fábrica Alexandria, Fábrica Santa Margarida e a Fábrica Norte Alagoas (figura 6), datadas já do começo do século e implantadas mais próximas a capital. Na mesma microrregião de Maceió, concentraram-se 08 (oito) das 13 (treze) unidades fabris, além das 04 (quatro) citadas, existiram a Fábrica Progresso e a Fábrica da Cachoeira, em estudo nesta dissertação, no município de Rio Largo e a Fábrica Pilarense e a Fábrica de Rendas e Bordados no município de Pilar.

<sup>15</sup> Segundo Farias (2012, p. 11): “o núcleo fabril da Fábrica Carmen de Fiação e Tecelagem S.A., [localizou-se] em Fernão Velho, periferia de Maceió [e foi] a mais próspera e antiga indústria têxtil da então província de Alagoas e uma das primeiras fábricas têxteis do Brasil, fundada em 1857”.

<sup>16</sup> Segundo Viana (2012, p. 12) o “sítio histórico do bairro de Fernão Velho faz parte da Zona Especial de Preservação Cultural”.

**Figura 6 -Disposição de 08 (oito) unidades fabris têxteis na microrregião de Maceió.**



Fonte: Autora (2015) - adaptado de MENDONÇA (2012).

Nas três demais microrregiões (figura 7, 8 e 9), Penedo, São Miguel dos Campos e Alagoana do Sertão do São Francisco comparecem mais duas unidades têxteis em cada, exceto na microrregião Alagoana do Sertão que teve o estabelecimento de uma única unidade, a Fábrica da Pedra (letra I da figura 7).

**Figuras 7, 8 e 9 - Disposição da localização física das demais 05 (cinco) unidades fabris têxteis nas microrregiões do estado alagoano.**

Figura 7- Microrregião alagoana do Sertão do São Francisco.



Figura 8 - Microrregião de Penedo.



Figura 9 - Microrregião de São Miguel dos Campos.



Fonte: Autora (2015) - Adaptado de MENDONÇA (2012).

Dessas unidades têxteis, acompanhou a largada promissora da Fábrica Carmem, a Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos construída em 1888, em Rio Largo, ainda sob o governo imperial e em 1892, já na era republicana, instauraram-se duas fábricas, respectivamente: a Companhia Pilarense de Fiação e Tecidos em Pilar e a Companhia Progresso Alagoano em Rio Largo. Tais complexos fabris deram ao período do estado alagoano conotações de promissor parque têxtil, todas locadas próximas a capital, na microrregião de Maceió, e próximas também do porto, fator de reconhecido favorecimento para o comércio – informações endossadas por Mendonça (2012), Paiva (2010), Castro e Xavier (1997) apesar de datas divergirem para outros autores.

Constata-se a única em funcionamento é a unidade têxtil em Delmiro Gouveia, após intervalo de interrupção e atualmente sobre outra administração, essa apresentou na sua instauração o regimento de uma lógica espacial da qual o patrão não era mais o senhor de escravos e o operário não era o escravo, no entanto, “embora o trabalhador tenha deixado de ser patrimônio do patrão [como no cotidiano da escravidão], seu cotidiano e sua formação não deixam de interferir nos destinos da produção” (CORREIA, 1998, p. 76). Dava-se na forma de gerir do patrão um controle sobre o tempo e o espaço de todo o organismo do complexo industrial, posição correlata as conjecturas de Farias (2012) ao pronunciar que toda a estrutura industrial baseava-se na legitimação do poder e do controle patronal.

Outra fábrica têxtil identificada como núcleo fabril em solo alagoano foi a Companhia União Mercantil em Fernão Velho, denominada Fábrica Carmem. Sobre a manufatura têxtil dessa unidade, Farias (2012, p. 31) atribui que a implantação do núcleo fabril dava-se com a finalidade “de melhor gerir e controlar esta sua verdadeira mina de ouro (a força de trabalho), muitos industriais, em vários locais do mundo, adotaram o método de construção de moradas para seus trabalhadores” e sobre a organização socioespacial e controle do operário, o autor (2012, p. 44) cita:

Toda esta estrutura, outrossim, alia-se a uma organização da legitimação do poder e do controle patronal. O fato de o industrial dispor da moradia dos trabalhadores em proximidade com as instalações da fábrica (e sob os domínios de sua administração) lhe dá condições de recorrer a uma maior autoridade sobre o tempo e sobre a jornada de trabalho dos operários, intensificando-as nos momentos de necessidade de maior produtividade para o mercado.

Observa-se nas situações dispostas por essas instituições fabris que elas seguiam uma ordem administrativa similar perante a organização espacial e política,

consequentemente sugestionavam fazer um controle do patrão ao operário, situação próxima, talvez, a atitude sobre o indivíduo escravo. Não há intenção em colocar essa constatação preliminar como uma premissa do período, porém é fato, perante os autores já elencados neste capítulo inicial, que perdurou por um período a ideologia escravista sobre a condução do trabalho e o indivíduo.

Neste contexto, a socióloga e pesquisadora Blay (1985) tem um estudo que faz referência à moradia nas vilas operárias em São Paulo, entre outros fins, sobre as vilas ela cita: “[as vilas operárias] perduram na paisagem, marcam a moradia, têm um papel na lógica da urbanização” (ibidem, p. 07). A autora enfatiza, inclusive, a importância das vilas e correlaciona que do meio social gerado por sua organização espacial, as vilas operárias “aparecem como um sucedâneo da senzala” (BLAY, 1985, p. 30), pois a senzala matinha o escravo no espaço de interesse para o meio, perante constatado por Blay, neste entendimento, as vilas operárias talvez tenham sido as senzalas de um período posterior a escravidão.

Pode-se interpretar que a industrialização e pontualmente a indústria têxtil não foi um fator isolado, decorreram fatores externos e fatos e posições históricas relevantes que alinharam ou mesmo direcionaram o formato do desenvolvimento dos processos têxteis, sejam eles: fenômeno social, controle social, procura por lucro, perpetuação do controle escravo ou outros focos que dinamizaram o meio. Esses elementos dinamizadores dos processos têxteis direcionam questões, investigações e aferições, inquietações pertinentes neste ponto da dissertação.

Vilas operárias e núcleos fabris têxteis, a industrialização de fiar e tecer em Alagoas alargou o comércio interno e externo do estado e criou um sistema de empresas ‘autosustentáveis’, das quais o organismo administrativo dinamizou um formato próprio para dinâmica do período. Esse organismo funcionou sob um sistema espacial com uma disposição urbana e arquitetônica com o objetivo de controlar toda a dinâmica de produção e vida local que, segundo Montaner e Muxi (2014, pos. 1053)<sup>17</sup>, no século XIX, causou um impacto sobre as cidades com “revoluções e mudanças sociais” refletidas na moradia operária – as vilas e núcleos.

Sobre essa dinâmica, Montaner e Muxi (2014) destacam que esses espaços foram desenvolvidos com uma arquitetura e urbanismo “como instrumentos de domínio e poder” e as contribuições críticas desse sistema de controle foram

---

<sup>17</sup> Livro em formato e-book, páginas indicadas como “posição”, assim resumidas para “pos.”.

desenvolvidas por diversos autores como Michel Foucault. Elementos intrínsecos a esta pesquisa, focos que direcionam a necessidade de uma investigação as relações e rede de relações de poder do meio em estudo, a indústria têxtil.

Atentando para o objeto em estudo nesta dissertação e para dinâmica de controle patronal imposta na produção têxtil, deu-se o direcionamento de criar um item deste capítulo inicial que exponha tais relações e agregue elementos para os objetivos dissertativos, assim, o tópico seguinte é estruturado em: conceituar poder, dispor como o poder é exercido, direcionar para que serve e apresentar as consequências de seu exercício em vários níveis.

### **2.3 Relações de poder e interações com o meio da indústria têxtil**

[Os] edifícios de produção - fábricas de tecido e açúcar [...] [entre outros, não representavam mais] [...] edifícios de representação de um poder dominante, longínquo e inacessível, mas de edifícios de um novo poder, mais próximo, que administrava, legislava, controlava e distribuía (MONTANER; MUIX, 2014, pos. 343).

A referência que os autores fazem na citação anterior reflete o tipo de poder em prática nos processos têxteis, sumariza parâmetros que elencam o poder que dominou o meio fabril em estudo, o espaço em investigação. “Poder” é um termo de complexa significação, portanto, torna-se importante definir e frisar sua abrangência, visto existirem interpretações diretas ou simplistas, que no exercício desta pesquisa se propôs discutir, vislumbrando o objeto crítico em estudo: o Complexo ‘Histórico’ Fabril Têxtil de Rio Largo. Para este objeto crítico, foram observadas suas nuances também em monografias, dissertações e pesquisas recentes em diversos níveis que discutem o meio social e físico-espacial riolarguense perante as apreensões conceituais de “poder”.

Nas leituras e apropriações do termo poder, Foucault compareceu com conceitos vinculados ao objeto da ‘indústria têxtil’ e com subsídios teóricos ao longo da apresentação do espaço sócio têxtil em relações de domínio e controle. Segundo Nesbitt (1995), similar a Montaner e Muix (2014), Foucault seguia a linha pós-estruturalista<sup>18</sup>, arraigado ainda ao estruturalismo, próximo ao período de construção e estruturação do meio fabril em estudo, e examinou o ambiente moderno em seus

<sup>18</sup> Segundo Nesbitt (1995, p. 38 e 39) “[...] o pós-estruturalismo funda a “crítica do signo” ao indagar se o signo realmente se compõe de apenas duas partes (significante e significado)” e a “a realidade é totalmente constituída (produzida e sustentada) por suas representações, antes que refletida por elas”.

estudos à industrialização. Frente ao impacto dos vários discursos da era pós-moderna, a autora explana:

As críticas à estrutura do poder político receberam um reforço por parte de intelectuais franceses como o pós-estruturalista Michel Foucault [...], as idéias de Foucault tiveram enorme influência devido à abrangência de suas análises relativas à estrutura das disciplinas e das profissões, [suas obras] [...] deixam claro que as instituições (e as formas arquitetônicas que as abrigam) exercem uma função de controle na sociedade [da época]. (ibidem, p. 42-43).

A planejadora urbanista Nesbitt (ibidem) ainda coloca-o como o profissional que “inspirou e favoreceu a crítica pós-moderna às estruturas de poder”, direcionando a proposta desta dissertação de que a linha de Foucault induz preposições e inquietações pulsantes no espaço contraditório de vivências/vidas operárias, o que justifica a escolha do eixo teórico de respaldo ao estudo desta dissertação.

O poder que será retratado aqui se aporta em Foucault, reflexões e interações em Lebrun, prerrogativas e constatações investigativas de Montaner e Muxi entre outros. Elencam-se a partir desses autores premissas que tencionam conceituar o termo poder, descrever seus instrumentos, para que serve e como são aplicados, além de iniciar percepções com o meio têxtil fabril em foco.

O conceito de poder foi discutido por Lebrun (1984) que em suas pesquisas, o historiador utilizou teóricos clássicos e contemporâneos como Foucault (1987), viu nos séculos XVIII e XIX duas épocas nas quais o significado de poder começou a ser discutido, que nessa última o conceito de poder “conhecia a sua decadência e de que começara a sua agonia”. O “espetáculo” da punição, ostentada pelo “poder”, deixou de ser uma cena. A punição sobre o físico, o corpo, toma lugar à punição da alma, onde, segundo Foucault (1987), o castigo é mais profundo.

Lebrun (ibidem, 1984, p. 20) ainda afirma que:

[...] O poder não é um ser, alguma coisa que se adquire, se toma ou se divide, algo que se deixa escapar. É o nome atribuído a um conjunto de relações que formigam por toda a parte na espessura do corpo social (poder pedagógico, pátrio poder, poder do policial, poder do contramestre, poder do psicanalista, poder do padre, etc., etc.).

O termo e conceito poder, ao qual o filósofo e historiador contemporâneo Foucault instrumentalizou em seus estudos sob diferentes formas, refere-se a ‘ter faculdade’, ‘ter a possibilidade’ ou ‘o direito de mandar’. De suas articulações ao tema, afirmou, em uma posição enfática, sobre aquele que tem o poder e o que se impõe pelo poder, afirmando que o poder não é algo que se possui.

Para isso ele utilizou a história da alma moderna e uma nova forma de poder julgar em uma época em que a punição sobre os indivíduos, como forma de poder, não era mais corporal, mas sim como alma e corpo. O corpo é designado, segundo Foucault (1987), por relações de poder e de dominação. As relações de poder e de dominação estão sobre os indivíduos por um sistema de sujeição. O corpo do indivíduo só será força útil se for ao mesmo tempo produtivo e submisso e a alma, elemento mais íntegro do indivíduo, já não era mais do indivíduo.

Quando Foucault (1987) discutiu poder e como o poder é exercido, analisou as torturas e suplícios corpóreos dominantes aos condenados até o início do século XIX, anos fabris têxteis, quando um novo sistema de penalidades retira de cena o corpo e coloca o homem a julgamento em sua alma; pois age no coração, no intelecto, na vontade e nas disposições. Resulta por elucidar ao leitor dizendo veementemente que o poder se exerce mais do que se possui, “que não é o privilégio adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e, às vezes, reconduzido pela posição dos que são dominados”. Ele faz uma discussão dialética e completa que o poder é uma estratégia (ibidem, p. 26).

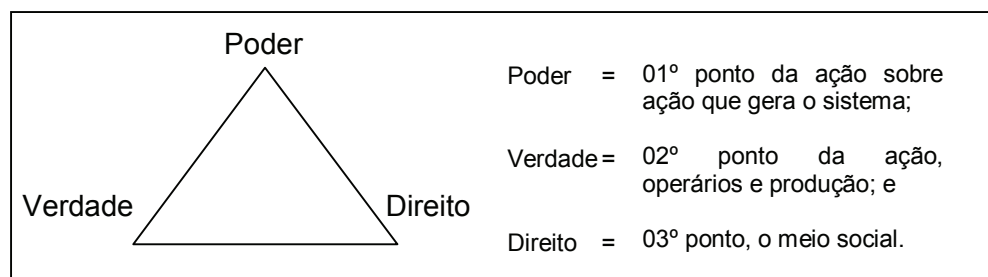
O poder, exercido, como estratégia apresenta os efeitos de uma dominação por meio de manobras, táticas, técnicas com uma rede de relações sempre numa tensão, ou seja, num poder que se exerce sobre uma rede em atividade. Foucault se pronuncia sobre esse poder também numa busca pelo que poderá expor como “que essas relações aprofundam-se dentro da sociedade” (ibidem).

No entanto, Lebrun (1984, p. 19), argumentando sobre colocações de Foucault, diz que “o poder é menos controlador de forças que seu produtor e organizador” e apreende que “o poder é instaurador de normas, mais que de leis”; e, ainda, faz referência à representação inverossímil do poder ao colocar que ele é uma imposição à liberdade. Das suas reflexões, se pode constatar que nas relações de poder não existe uma posição conjugada e plena entre dominantes e dominados. Assim, “o homem condicionado, adestrado pelos poderes, é o privilegiado” (LEBRUN, 1984, p. 21), afinal, “o poder não domestica, ele domina”.

Com efeito, ao fazer uma reflexão sobre a obra de Foucault (2001), Lebrun (1984) expõe relações de saberes com o objetivo de perceber o estabelecimento de regularidades que permitam individualizar formações discursivas. Lebrun busca dar mais subsídios ao conceito de poder quando em “soberania e disciplina”, capítulo XII

da mesma obra, expõe a forma com que Foucault destrincha o “como” do “poder” ao diagramar um triângulo (figura 10).

**Figura 10 - Estruturação do ‘triângulo de Foucault’**



Fonte: Autora (2015).

A configuração desse triângulo dispõe o “como” do “poder”, ele representa um triângulo com vértices delineados pelo poder, o direito e a verdade. O autor referencia neste as regras do direito que “delimitam o poder” e os efeitos da verdade, o qual o poder produz, transmite e o reproduz. Há, então, o como o poder é exercido, ao qual poder e saber se dispõe acima do sistema, pois ele é o ponto de ação de toda a dinâmica. A verdade é o ponto em sequencia ao poder, local de operários e da produção fabril e o direito é o ponto do meio social. Observa-se, então, que o poder é exercido por sistema de ordenação de posições, hierarquia – expressão que será explorada neste item do capítulo inicial.

Pode-se conjeturar que, segundo prerrogativas de Foucault, as fábricas do período da Revolução Industrial tinham uma infraestrutura organizada pela disciplina dos operários. Foucault (1987) apresentou o conceito de poder disciplinar que é uma forma de exercício do poder e que tem uma leitura similar à constatação de Stein (1979, p. 64) para esse período quando citou que “[...] os fabricantes necessitavam de trabalhadores estrangeiros não apenas por sua habilidade técnica, como também para que adestrassem a inexperiente mão de obra local”.

Tratava-se da “arte do adestramento”, Foucault (1987, p. 143) conceitua que “o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’ ou, sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”. O filósofo ainda consolida tal diálogo acerca do controle fabril dizendo que “a disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder

que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (ibidem), resultando num meio social regido sobre a política fabril.

À medida que o aparelho de produção se torna mais importante, complexo e que aumentam o número de operários e a divisão do trabalho, as tarefas de controle se fazem mais necessárias e mais difíceis. Nesse momento, o poder disciplinar dispõe sua ação, seu exercício e demonstra conseqüentemente para que serve, o operário é adestrado, ele é fabricado e vigiado sob os moldes da ação do poder do alto da pirâmide.

Vigiar torna-se então uma função definida, mas deve fazer parte integrante do processo de produção; deve duplicá-lo em todo o seu comprimento (FOUCAULT, 1987, p. 146), pois o poder que disciplina é o poder disciplinar com o olhar vigilante sobre o operário das “cidades-fábricas” por ser necessário à produção, pela aceitação de que:

A disciplina fabrica [...] corpos submissos [...], corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, [...] faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 2001, p. 119).

O poder disciplinar<sup>19</sup> com a apropriação e o adestramento servia para monitorar os operários e oferecia a política fabril à obediência que o sistema geria sobre o funcionário, representação da organização piramidal correspondente à pirâmide de Foucault. Um exemplo de aplicação do poder disciplinar foi o toque da campainha, apresentava um som característico dessa disciplina, reprimindo e forçando os funcionários aos rígidos tratos e postura de superioridade dos chefes de setor, como atesta o autor, artefato fabril também adotado no mundo têxtil alagoano. Afora as aferições de Foucault (2001), o som da sirene da campainha funcionava como lembrete e alerta dos turnos de acessos a produção e fim do dia de labor.

Tal disciplina, disposta sobre forma de dominação, tem a finalidade de fabricar os corpos e as operações corpóreas, submissos e exercitados como ‘corpos dóceis’, chegando a dissociar o corpo do ser que o habita. A esses corpos e alma fabril-têxtil “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (FOUCAULT, p. 121) organizando e determinando o espaço, horários e turnos, escala hierárquica, seguido de uma sistematização onde o comportamento

<sup>19</sup> “[...] os teóricos definem o poder como uma relação” (SILVA, K.; SILVA, M., 2010, p. 335), uma relação assimétrica, entre funcionários, entre chefias e funcionários e diretorias.

do indivíduo estaria sob controle em uma distribuição homogênea às classes de cada grupo. O autor acreditava que os acontecimentos deviam ser levados em conta ao seu tempo, à sua história e ao seu espaço.

O poder disciplinar se instrumentaliza, dentre outros, no olhar hierárquico e nas normalizações, tratando-se de um poder direcionado pela vigilância hierárquica como, por exemplo, as “cidades-fábricas”, nas vilas operárias construídas sob um contexto urbano que sustentam o “encaixamento espacial das vigilâncias hierarquizadas” (princípio do “encastramento”). Este estruturado numa arquitetura não mais para ser vista, mas para servir de controle no seu interior, denunciando assim a transformação dos indivíduos, ou seja, os operários.

Essa constatação traz as interpretações de Montaner e Muxi (2014, pos. 464), conforme já direcionado neste capítulo, as cidades-fábricas e a moradia das vilas operárias, espaços de domínio e poder, são os exemplos de transformações decorridos no período da industrialização.

Michel Foucault foi um dos autores que situou o espaço arquitetônico dentro das estratégias de domínio e controle por parte do poder. Segundo Foucault, no processo de evolução do período clássico ao período moderno, produziu-se uma transformação total [...] em termos de arquitetura e urbanismo, até o espaço da casa.

Vigiar, como já pronunciado, trata-se de outro ponto disciplinador, é a “regra das localizações funcionais”, assim nominadas por Foucault (1987, p. 123), da qual o meio arquitetônico e urbano sofreu transformações para cominação das estratégias de domínio e controle segundo Montaner e Muxi (2014). Conforme Foucault (ibidem), essa regra foi instituída pela necessidade de vigiar, um dos objetivos do poder disciplinar, o que para as exigências fabris consistia em “[distribuir] os indivíduos num espaço [arquitetônico e urbano] onde se possa isolá-los e localizá-los; mas também articular essa distribuição sobre um aparelho de produção que tem suas exigências próprias” (ibidem, p. 124). Na disciplina também, define o autor, cada indivíduo determina seu local de ocupação, a distância que separa do outro, a posição, e a fila que ocupa numa classificação hierárquica, ordenação de ocupação trabalhista.

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos (ibidem, p. 126).

Da aplicação desses sistemas - disciplinar, adestrar e vigiar, delineia-se um programa espacial similar à arquitetura fabril têxtil recorrente. Uma arquitetura diagramada com ambientes divididos como 'celas' para fixação, circulação 'sócio produtiva' e uma disposição racional o suficiente para o ganho, lucro e potencialização do tempo produtivo do operário. Evidencia-se a decorrência do poder instaurado no meio fabril, ele inflamava a ordem social sobre a supremacia e ascensão dos proprietários que, ao notarem o sucesso da produção passavam a ver na vigilância a forma de disciplinar à classe operária para não afetar a constância dos lucros.

Acompanhando esta ótica, ocorria o controle sobre o indivíduo, o operário, controle as suas atividades, controle do horário do operário, do tempo das atividades, do corpo disciplinado para cada atividade, o corpo disciplinado na relação corpo-objeto da atividade desenvolvida – “codificação instrumental do corpo” (FOUCAULT, p. 130). Em suma, a disciplina organizando o tempo do indivíduo, o meio profissional e de trabalho, forma exaustiva, plena, para não haver a perda de tempo.

No período fabril sob o domínio do poder disciplinar, as atividades eram sistematizadas com o uso de técnicas modernas “de classificação e de enquadramento” (FOUCAULT, 1987, p. 130), as quais controlavam o tempo, a forma do tempo na macro e microfísica do poder. Nessas técnicas, o olhar hierárquico direcionado pela vigilância hierárquica dava-se pelas estruturas dos “observatórios”, tratava-se de edifício(s) para olhar e vigiar os indivíduos e teve no urbanismo da construção das cidades operárias um dos modelos de encaixamento espacial das vigilâncias hierarquizadas sustentado pelo princípio do "encastramento". A “arquitetura [...] não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado” (FOUCAULT, 1987, p. 144), sobre esse olhar vigilante o autor cita:

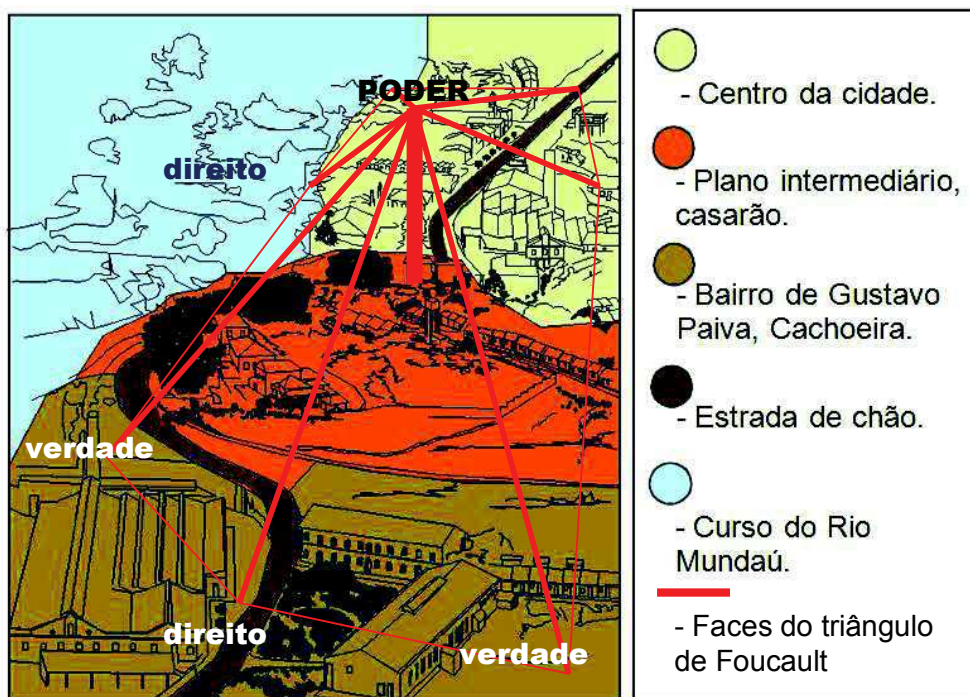
[A arquitetura era planejada para] tornar visíveis os que nela se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los (ibidem).

Tanto o urbanismo como a arquitetura eram geridos desde o seu projeto e concepção para fins de vigilância hierárquica, sustentada nas técnicas

contemporâneas de classificação e enquadramento sob um poder disciplinador, do qual as instituições fabris lançaram mão. “As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento [...] um aparelho de observação, de registro e de treinamento” (FOUCAULT, 1987, p. 145). Como exemplo havia a existência dos equipamentos públicos para o uso comum de funcionários nos seus horários livres, lazer, ou mesmo de seus filhos, além de escola, departamento de saúde, juntos formando um organismo de controle pela manutenção do poder disciplinar.

Entende-se, então, que os edifícios, a própria arquitetura e toda infraestrutura do meio urbano desenharam um espaço politicamente organizado e socialmente dominado para fins dessa manutenção do poder disciplinar. Seria uma visão reflexiva da consequência desse sistema a constatação de Foucault (1987, p. 146): “a pirâmide [que] podia atender a duas exigências: ser bastante completa para formar uma rede sem lacuna - possibilidade em consequência de multiplicar seus degraus, e de espalhá-los sobre toda a superfície a controlar”.

**Figura 11 - Visão esquemática do sistema fabril em Rio Largo, AL.**



Fonte: Autora (2015).

Completude e controle são elementos em escala hierárquica para o olhar disciplinar de forma discreta, mas funcional [a localização das casas dos superiores

(patrão, técnico) e a figura das chefias imediatas da função operária]. Exemplo de disposição urbana e arquitetônica dessa escala hierárquica deu-se em Rio Largo e o complexo fabril instalado (figura 11), conforme figura esquemática, observa-se num plano intermediário do sistema espacial a edificação que funcionava como um observatório, olhar vigilante, que para facilitar localizava-se em um alto morro. Tal recurso instituiu para a época ícones da nova mecânica do poder, em que a organização piramidal dispunha o chefe no ápice da pirâmide, o observatório, vigiando e controlando os indivíduos de forma continuada e estratificada.

A figura anterior exemplifica os já citados pontos da estrutura do triângulo de Foucault: poder, direito e verdade, pontos que para a análise feita pelas autoras Ferreirinha e Raitz (2010, p. 370) demonstram que o poder pode ser exercido como direito e também como verdade. As pesquisadoras foucaultianas<sup>20</sup> expõem, nessa relação, que no poder como direito há a posição do rei e dos súditos obedientes e no poder como verdade há as leis que determinam obediência.

Analogicamente, este modelo remete ao espaço industrial têxtil em estudo nesta dissertação. Nesse sentido, o rei seria o administrador ou diretor-presidente e os súditos seriam os operários, por exemplo. Também a este modelo analisado, tinham-se as determinações do entre meio. Nesta figura (11), sob a disposição piramidal estudada por Foucault, tem-se também a demarcação das alturas. O espaço também é orientado pelas alturas das edificações comuns aos cargos ocupados, ou seja, o poder locado no ápice da pirâmide é a localização do gestor, o rei, o olhar vigilante. Descendo nesta escala advêm as edificações de produção, as fábricas, onde se locavam as produções e onde funcionava outro sistema piramidal, os postos mais altos, chefias, até os mais baixos com o operariado.

Essa leitura também direciona a locação das unidades de moradia conjunta aos demais edifícios, segundo o autor, o meio dispunha dentro desta posição piramidal todas as edificações pelo poder disciplinar. A imagem (figura 12) que segue demonstra estilizadamente à disposição das edificações de um meio têxtil, esse exemplo será melhor estruturado no decorrer dos textos, quando o próprio espaço em estudo será cortado tecnicamente para exemplificar e discutir estes conceitos.

---

<sup>20</sup> Usar a expressão pesquisadoras 'foucaultianas' quer dizer que as autoras, Ferreirinha e Raitz, têm Michel Foucault como autor ou mesmo mentor de suas produções acadêmicas, além do termo ser comum no meio (<https://scholar.google.com.br/>).

**Figura 12 - Exemplo de disposição das edificações num complexo fabril.**



Fonte: Autora (2015).

Esse dispositivo triangular de Foucault faz acepção a outro dispositivo utilizado pelo mesmo, o panóptico de Bentham<sup>21</sup>. O panóptico de Bentham é um espaço do controle totalitário, “espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos” (FOUCAULT, 1987, p. 163), por essa descrição: os indivíduos estão em um local fixo com todos os movimentos vigiados, controlados, e registrados. O panóptico é composto de três elementos: espaço fechado, divisão em celas e torre central, elementos que se fazem reconhecer no espaço fabril têxtil.

Segundo Foucault (1987), o “panóptico [de Bentham] é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder” (ibidem, p. 166). Perante os três elementos dessa máquina, atribuíam-se ao espaço fechado a função de deixar o indivíduo em estado de submissão e com a vigilância permanente, a torre localizava-se na parte central em alto ponto, local, para ser visível e manter os indivíduos sempre visíveis. As demais edificações circundam a torre sob o prisma da vigilância.

A essa máquina de articulada disposição urbana e arquitetônica vincula-se similaridades a algumas estruturas fabris têxteis de Alagoas, entre essas, o Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo. Esse complexo teve sua estrutura, conforme proposições já elencadas e outras que serão conduzidas na sequência, disposta em condições próximas aos dois dispositivos evidenciados. Caberá ao capítulo seguinte apresentar pontos característicos da historiografia da “cidade-fábrica”, do legado urbano e arquitetônico, do meio socioespacial e do fechamento dos processos fabris têxteis.

Fechando os conhecimentos introdutórios dissertados, industrialização, conformação têxtil em Alagoas, relações do meio fabril alagoano e as relações de poder vinculadas ao objeto em estudo, entre outros, esta produção textual disporá

<sup>21</sup> O Panóptico de Bentham foi o espaço do controle totalitário – Obra: O Panóptico de Jeremy Bentham *et al.*; Organização de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

do objeto em estudo em um único capítulo. Vincula-se a premissa da apropriação socioespacial objetivando apreender o espaço e sociedade, pontos importantes e inerentes à reconstituição historiográfica e a interpretação pretendida nesta dissertação.

### 3 RIO LARGO E O ESPAÇO COTIDIANO OUTRORA TÊXTIL

Dando continuidade à pesquisa no espaço têxtil alagoano de outrora, e tendo em vista a exploração já dada no capítulo anterior sobre a industrialização, a indústria em Alagoas e as relações da indústria com o poder, este trabalho passa a focar no ambiente riolarguense, remetendo neste parágrafo introdutório às conjecturas de Diegues Junior (1939/1980) sobre a descrição da evolução urbana e social da capital Maceió e municípios. Segundo Diegues Junior, o período republicano apresentou um crescente número demográfico, haja vista o desenvolvimento econômico que esse regime proporcionou. Nesse tempo, ele destaca: “O progresso industrial tem feito substituir o trabalho humano pela máquina; mas nas rendas a beleza está mais no trabalho da mão do que na máquina” (ibidem, p. 218).

Nas inferências de Diegues Junior (1939/1980), a evolução socioespacial advinda com a indústria têxtil representou aspectos contraditórios, visão cultural e subjetiva do autor. Ele expõe que as transformações sociais alteraram hábitos e costumes, modificaram ruas e residências, fazendo da expansão espacial e mudanças sociais elementos símbolos desse período.

Nesse período, Maceió assistia a uma ascensão econômica do estado de Alagoas, onde mais investidores idealizavam projetos fabris têxteis, ansiando lucros e oportunizando empregos aos indivíduos. O acervo patrimonial das treze unidades fabris totalizou em Alagoas um conjunto rico de história e cultura de mais de um século dos seus primórdios. Em uma visão posterior, Mendonça (2012) descreve esse antigo meio alagoano nos dias atuais:

O que se tem hoje é a decadência, um patrimônio vilipendiado, em fase derradeira de destruição. É premente a recuperação do que ainda resta do valioso acervo patrimonial dessas vilas que, a nosso ver, são pontos a contribuir para a retomada da memória e para a preservação da História de Alagoas (MENDONÇA, 2012, p. 459).

Essa caracterização, atestada por Mendonça (ibidem), descreve o que se tem hoje na paisagem urbana do patrimônio fabril alagoano, descrição cabível ao ambiente têxtil do município de Rio Largo.

**Figura 13 - Dois bairros da história têxtil de Rio Largo, abaixo o bairro Cachoeira de Rio Largo.**



Fonte: Autora (2015) - Adaptado de TADEU GIULIANI (2010) e cedido por Arnaldo Paiva Filho.

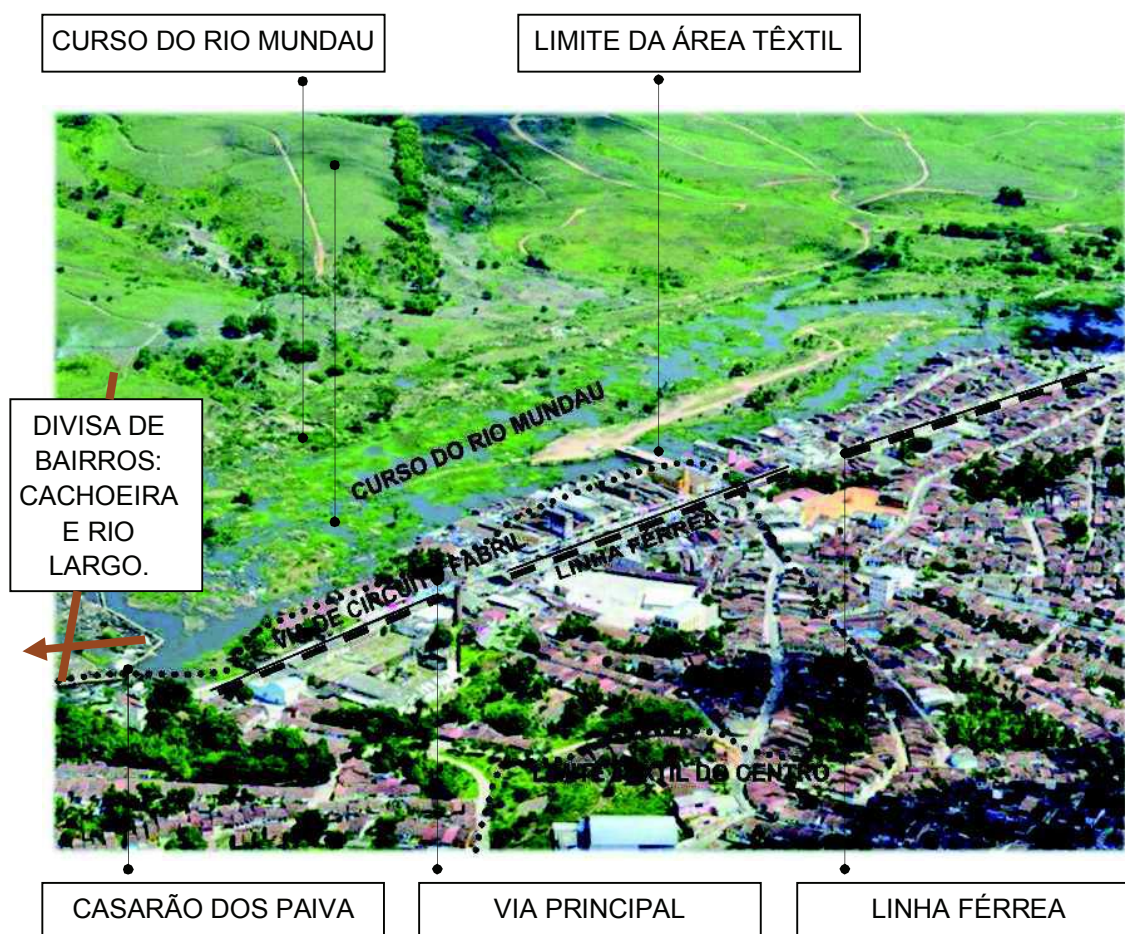
As fotos das figuras 13 e 14 reportam-se ao município de Rio Largo, cidade divisa ao norte (nor-noroeste) com a capital de Alagoas, Maceió, como referendado por Mendonça (2012). Rio Largo emancipou-se durante o período têxtil, durante os séculos XIX a XX, e os processos fabris têxteis instalados representaram um marco histórico para o povo alagoano. Ainda hoje, veem-se símbolos do ícone têxtil: a figura 13, cedida pelo pesquisador do complexo, Paiva Filho<sup>22</sup>, ilustra o bairro de Cachoeira nos dias atuais. Vale salientar que estas figuras (13 e 14) iniciais têm o intuito de pincelar alguns elementos urbanos e arquitetônicos do período que ainda espacializam o antigo bairro fabril. Outras imagens mais esclarecedoras do espaço

<sup>22</sup> Paiva Filho é neto de um dos importantes diretores do processo têxtil de Rio Largo (Comendador Gustavo Paiva) e morou no espaço durante tempos do desenvolvimento fabril. De suas pesquisas, escreveu alguns artigos e produziu um livro em 2013: Rio Largo: cidade operária, ele revela um verdadeiro fascínio pela história do local, pois, segundo ele, muitas informações e fatos ainda não foram desvendados.

físico, dos bairros outrora têxteis, serão apresentadas no decorrer deste capítulo e nos próximos.

As figuras 13 e 14 expõem o importante rio<sup>23</sup> do local e limitam o percentual de representação fabril. Também, indicam caminhos da produção têxtil, a via principal e a linha férrea, onde quase 90% do perímetro do bairro de Cachoeira são de procedência do episódio fabril. Na figura 14, dispõem-se os mesmos elementos para outro bairro do período, o bairro Rio Largo (ou Centro), localizado em nível mais alto e disposto de metade do meio urbano e arquitetônico de origem fabril.

**Figura 14 - Dois bairros da história têxtil de Rio Largo: abaixo o bairro Rio Largo (centro) de Rio Largo.**



Fonte: Autora (2015) - adaptado de TADEU GIULIANI (2010) e cedido por Arnaldo Paiva Filho.

<sup>23</sup> Sobre a importância do Rio Mundaú para cidades alagoanas como a de Rio Largo, Fragoso Júnior *et al* (2010, p. 15) citam: “As declividades médias das bacias do rio Mundaú e Paraíba são 4,275 e 3,75 m/km, respectivamente. Em vários trechos, observam-se várias quedas d’água e trechos de rio com grande declividade, o que permite um aumento da energia cinética dos eventos de cheia [como é o caso de Rio Largo]”.

Nesse espaço têxtil, outra descrição é revelada na sua paisagem: as unidades fabris de importante histórico têxtil, que interromperam seu funcionamento e hoje apresentam outra aparência física, pois guarda edifícios da época, testemunhas de acontecimentos que geraram ao compasso do relógio das fábricas uma caracterização marcada por outras vivências sociais e culturais, que para Rio Largo por causa das enchentes<sup>24</sup>, revela-se uma perda histórico-patrimonial.

Ao longo do período têxtil, as enchentes foram eventos marcados pela parcial destruição de parcelas físicas e urbano-arquitetônicas. A “derradeira destruição” (MENDONÇA, 2012) foi relatada por Almeida e Castro (2010, b4): “Rio Largo teve mais um de seus momentos de destruição pelas águas do Rio Mundaú”, ocasionada pela última cheia em junho de 2010. Eles enunciam a ocorrência que retirou grande parcela da população das remanescentes casas da vila operária do bairro Cachoeira e perfazem hoje a presente caracterização físico-espacial e populacional.

Contudo, a história têxtil ainda persiste e, de certo modo, ainda ocorre nos momentos atuais, pois são latentes no espaço a memória das vivências do fiar e tecer, narradas por remanescentes operários ou por quem a apreendeu, os sons do sino da Igreja de Cachoeira, o ritmo da circulação em idas e vindas do trem, entre outros detalhes e, sobretudo, a persistência das edificações remanescentes. Narrar à história têxtil riolarguense, apresentar o mais expressivo de seu legado urbano-arquitetônico, expor a disposição sócio-arquitetônica de raiz têxtil e os sujeitos desse período são passos para a interpretação aqui pretendida.

Na sequencia deste segundo capítulo, segue dispostas as dinâmicas norteadoras da industrialização têxtil de Alagoas em Rio Largo. Nesse intento, serão expostas as unidades de produção, administração, moradia e afins, além dos formatos de moradia e relação com o cargo exercido no complexo e os personagens que desenvolveram todos os processos historiográficos do meio têxtil riolarguense. A confecção textual desta matéria direciona as caracterizações específicas da Rio Largo fabril em investigação, entender o passado historiográfico ao construir uma historiografia perante fontes pertinentes, direcionadas ao local diretamente ou indiretamente, mas que deem respaldo para construção de sua história.

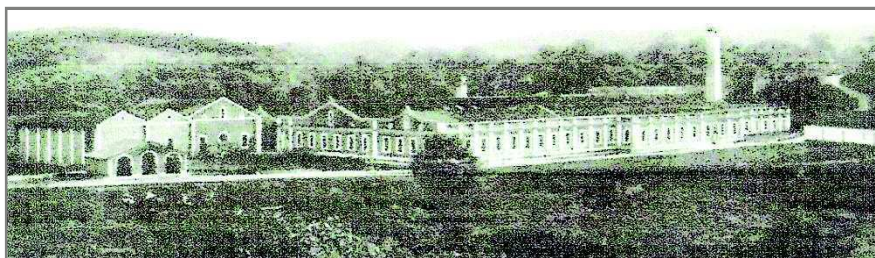
---

<sup>24</sup> As enchentes demarcam fator negativo para Rio Largo. Apesar de diversos eventos similares ocorrerem no século passado, a última cheia (junho de 2010) deixou o meio urbano e arquitetônico outrora têxtil com uma perda considerável para o patrimônio fabril. Em anexo tem-se algumas informações e dados de pesquisas recentes sobre as perdas com as enchentes na bacia do Mundaú.

### 3.1 Rio Largo industrial, Rio Largo município

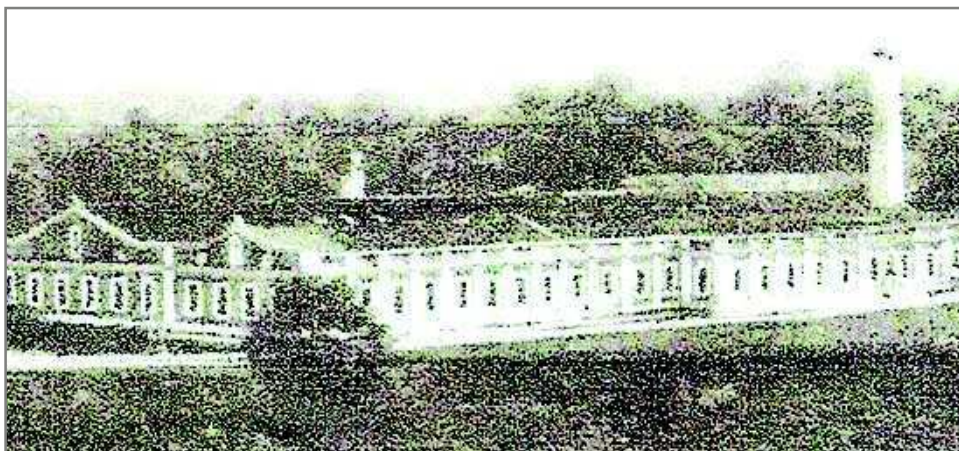
Em fins do século XIX, Rio Largo ainda era povoado quando o meio têxtil se inseriu no local. Nesse espaço alagoano, “uma sociedade tradicional centenária, sedimentada no antigo sistema colonial” (MENDONÇA, 2012, p. 459) se desenvolveu, presa a valores rurais arcaicos e costumes e tradições diferentes do então novo panorama instaurado pela sociedade do trabalho. Todavia, as rápidas transformações econômicas e sociais, além das culturais, propiciaram a instauração de treze fábricas têxteis<sup>25</sup> no estado, conforme mencionado no capítulo anterior, das quais duas se estabeleceram em Rio Largo: a Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, que seguia a sigla C.A.F.T. (figura 15 e 16), datada de 1888, conhecida como Fábrica da Cachoeira; e a Companhia Progresso Alagoano (figura 17), de 1892, conhecida como Fábrica Progresso.

**Figura 15 - Vista geral da Fábrica da Cachoeira por volta de 1915.**



Fonte: MARROQUIM (1922).

**Figura 16 - Vista geral da Fábrica da Cachoeira ampliada, por volta de 1915.**

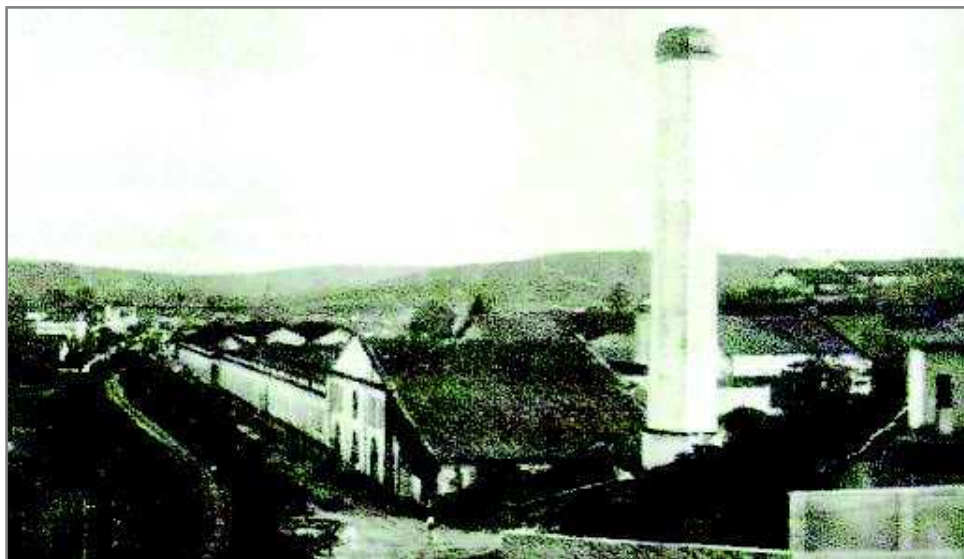


Fonte: MARROQUIM (1922)

---

<sup>25</sup> Em anexo, uma linha do tempo apresenta a relação de fábricas instauradas em meados do século XIX e princípio do século XX no estado Alagoano.

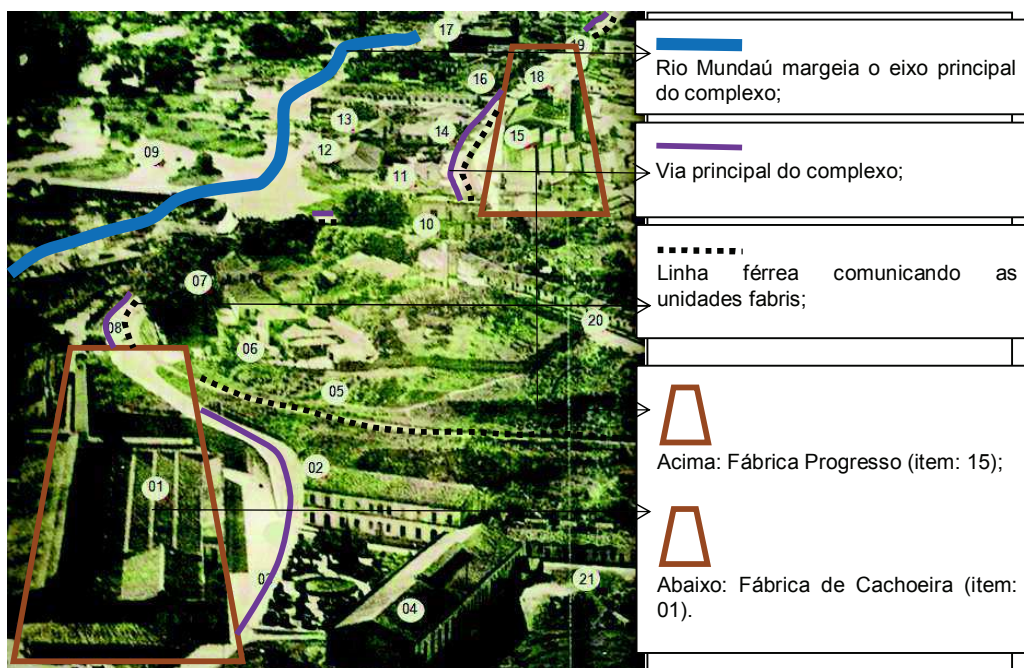
**Figura 17 - Vista geral da Fábrica Progresso por volta de 1915: a sua frente uma via e em seguida a linha férrea e mais adiante o curso do rio.**



Fonte: MARROQUIM (1922).

O polo industrial implantado por essas fábricas chegou a um grande desenvolvimento que, segundo o IBGE (1987/ 2015), elevou o local à categoria de cidade para Rio Largo em 13 de julho de 1915, através da lei 696. De início, as fábricas eram duas empresas distintas, mas logo se fundiram (1924), formando uma produção mais vantajosa em um complexo têxtil fabril da cidade riolarguense.

**Figura 18 - Vista aérea do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo.**



Fonte: Autora (2015) - adaptações de PAIVA (2010).

A Fábrica da Cachoeira e a Fábrica Progresso foram edificadas margeando o curso do rio Mundaú (figura 18 e 19) em trechos de pequenos encachoeiramentos favoráveis à captação de energia, necessária à tecnologia do maquinário. Paralelo a isto, adveio uma via principal para circulação de transportes terrestres e de pedestres, conforme registram as figuras (18 e 19) sequenciadas.

**Figura 19 - Vista aérea do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo.**



Fonte: Autora (2015) - adaptações de PAIVA (2010).

A imagem original das figuras expostas (18 e 19), usada para expor o domínio do local em recurso mais próximo do real, como também para adornar o escritório, ou seja, a administração local, é um documento do arquivo da fábrica, exemplar do período áureo da produção (até meados do século XX). Nestas figuras vê-se o curso do rio fazendo um alinhamento de percurso na extensão do meio fabril riolarguense, assim como a linha férrea que procurava seguir paralelamente a via principal e o curso do rio, talvez mantendo uma lógica de eixo e disposição física. Conforme expôs a figura 19, alinhavam-se entre o rio e a via: a Fábrica Progresso, o restaurante, o grupo escolar e outros. Já após a via e a linha férrea localizavam-se a oficina, o setor administrativo, o casarão, a Fábrica Progresso e outros.

Sobre a linha férrea<sup>26</sup>, Mendonça (2012, p. 462) enfatizou sua importância para o processo do empreendimento industrial têxtil alagoano: “[O] trem é o símbolo mais forte da revolução tecnológica que mudou a face do mundo e sacudiu no Brasil a poeira da sociedade colonial, instalando um novo ciclo, o industrial e comercial”. Em Rio Largo, duas estações férreas fizeram a comunicação fabril.

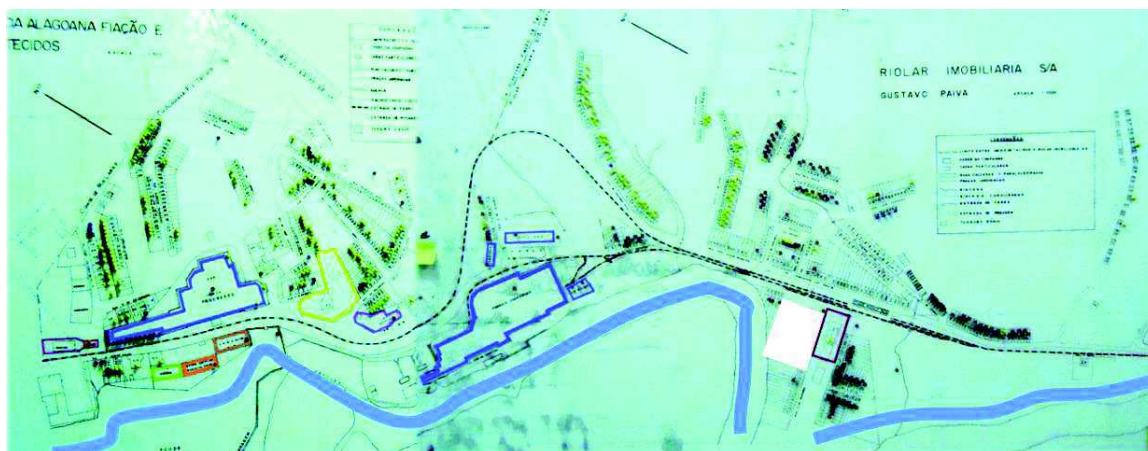
A Fábrica da Cachoeira, onde se processava toda a tecelagem e os acabamentos foi locada na parte baixa do povoado (figura 19, item 01 do mapa, lado esquerdo), dispondo de acesso pela proximidade à Estação Férrea de Gustavo Paiva. Já a Fábrica Progresso (figura 19, item 15) locada no alto do relevo e voltada à fiação, distava mais próxima à Estação Férrea de Rio Largo. Sob esta articulação, o complexo fabril funcionava enquanto um sistema de ‘cidade e fábrica’. Basicamente, era uma vila operária, denominada ‘núcleo operário’ pelos conceitos de Correia (1998, p. 09), com uma organização espacial estruturada entre moradia, mercado, cultura e outros suportes. Vale salientar que o texto desta dissertação fará uso do termo ‘vila operária’ por ser esta a expressão<sup>27</sup> com que o meio social e acadêmico lê o espaço de moradia, mercado e demais no espaço industrial têxtil de Rio Largo.

---

<sup>26</sup> Sobre a Rede Ferroviária do Nordeste, Barros (2005, p. 464) cita: “Maceió é o ponto de partida da Rede Ferroviária do Nordeste no Estado que, após percorrer o litoral norte penetra em Pernambuco, alcançando Recife. De Rio Largo parte ramal que atinge a cidade de Colégio, às margens do São Francisco”.

<sup>27</sup> Segundo o historiador Lessa, a denominação vilas operárias se estende a todas as 13 unidades alagoanas: “[...] vilas operárias não era um elemento isolado na formação social alagoana, mas uma das formas particulares do processo de urbanização e modernização mercantil-financeira que transcorreu desde a metade do século XIX e concentrou-se em Maceió e outras cidades marcadas pelo comércio” (LESSA, 2008, p. 04).

**Figura 20 - Localização da Fábrica Progresso (em roxo à esquerda), da Fábrica da Cachoeira (em roxo à direita), linha férrea (tracejada em preto) e o Rio Mundaú (linha contínua em azul).**



Fonte: Autora (2015) - adaptado de fotos do mural do escritório da Cia Alagoana (2014).

Essa organização pode ser observada também nos desenhos gráficos do período têxtil da figura (20), desenhos utilizados para o controle do complexo. Segundo Paiva Filho<sup>28</sup> (2013), estes são mapas de difícil visualização, mesmo *in loco*. Aqui eles têm, dispostos num mesmo direcionamento físico, o leiaute urbano do entorno das fábricas (em roxo), onde a marcação em tracejado preto é da linha férrea e o curso do Rio Mundaú segue logo abaixo, demarcado em azul claro. Vale ressaltar que a intenção de introduzir este desenho ao corpo do texto decorre do fato de ele ser o instrumento de visão espacial e controle das edificações de domínio da família Paiva ainda hoje. Outros desenhos serão apresentados, mais esclarecedores, diagramados e claros para compreensão geral do local.

Neste entendimento, segundo Paiva Filho (ibidem), esse desenho (figura 20) é usado para o controle administrativo<sup>29</sup> do patrimônio imobiliário da família Paiva, detentora da maior parte do patrimônio desde os avanços têxteis liderados pela administração do Comendador Gustavo Paiva (primeiras décadas do século XX). Deram-se, no Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo, dois importantes nomes dirigindo o grupo fabril: inicialmente Teixeira Basto, seguido por Gustavo Paiva.

A instauração fabril dessa organização espacial teve seu início sob a administração do português Comendador José Antônio Teixeira Basto, conhecido por Teixeira Basto, que foi um dos incorporadores do complexo, segundo Silva, A.

<sup>28</sup> O autor Paiva Filho é neto de Gustavo Paiva e pesquisador da história do complexo têxtil.

<sup>29</sup> Uma empresa denominada Cia Alagoana administra as edificações do entorno da Fábrica Progresso (primeiro mapa da figura 05) e outra, denominada Rio Lar, administra o entorno da Fábrica da Cachoeira (segundo mapa).

(1998, p. 02). Após seu falecimento, por volta da segunda década do século XX, o seu genro, Gustavo Paiva, torna-se um dos diretores. Quando assumiu a administração, o Comendador Gustavo Paiva ampliou as edificações e toda a extensão espacial, além de construir equipamentos de apoio à vida social e ao lazer do operário.

Acerca de sua administração, Paiva<sup>30</sup> (2010, p. 30) informa que o Comendador Gustavo Paiva “mandou construir, ao longo dos anos de sua gestão, diversos equipamentos urbanos, a exemplo da Igreja Sagrado Coração de Jesus [...] e o Departamento de Saúde”, além de cassino, cooperativa, grupo escolar, padaria, restaurante, entre outros. Sua gestão manteve uma relação próxima aos funcionários. Nos relatos das pesquisas de Castro e Xavier (1997) e Paiva (2010), os depoentes entrevistados, ex-funcionários nas diferentes épocas, sempre declaram as benfeitorias e as relações sociais próximas com o diretor como as constatações de autossuficiência do complexo perante o espaço e as necessidades dos indivíduos quanto a suprimentos, saúde, educação e outros.

Há também declarações nas pesquisas acadêmicas de Silva, A. (1998, p. 03) sobre essas relações e o sucesso atingido pelo complexo: “não é exagero dizer que o parque industrial da CAFT [Fábrica da Cachoeira] fez com que Rio Largo atingisse seu apogeu, chegando a superar Maceió em alguns aspectos”. A autora assim relata após observar a autonomia de serviços oferecidos pelo complexo na saúde e educação de seus funcionários, reforçando constatações de outros autores.

Além dos gestores mencionados, a indústria têxtil riolarguense apresentou investidores que acreditaram nos lucros e no sucesso das produções do algodão, constata Lessa (2008, p. 03): “A indústria de fiação e tecelagem foi se consolidando [por volta de 1940] e constituindo-se num espaço econômico, ideológico e político bastante particular em relação aos antigos e novos espaços da sociedade alagoana”.

O foco do que foi exposto até o momento na dissertação, neste terceiro capítulo, procura introduzir os registros historiográficos existentes à implantação da indústria de fiação e tecelagem em Rio Largo. A seguir, será apresentada a

---

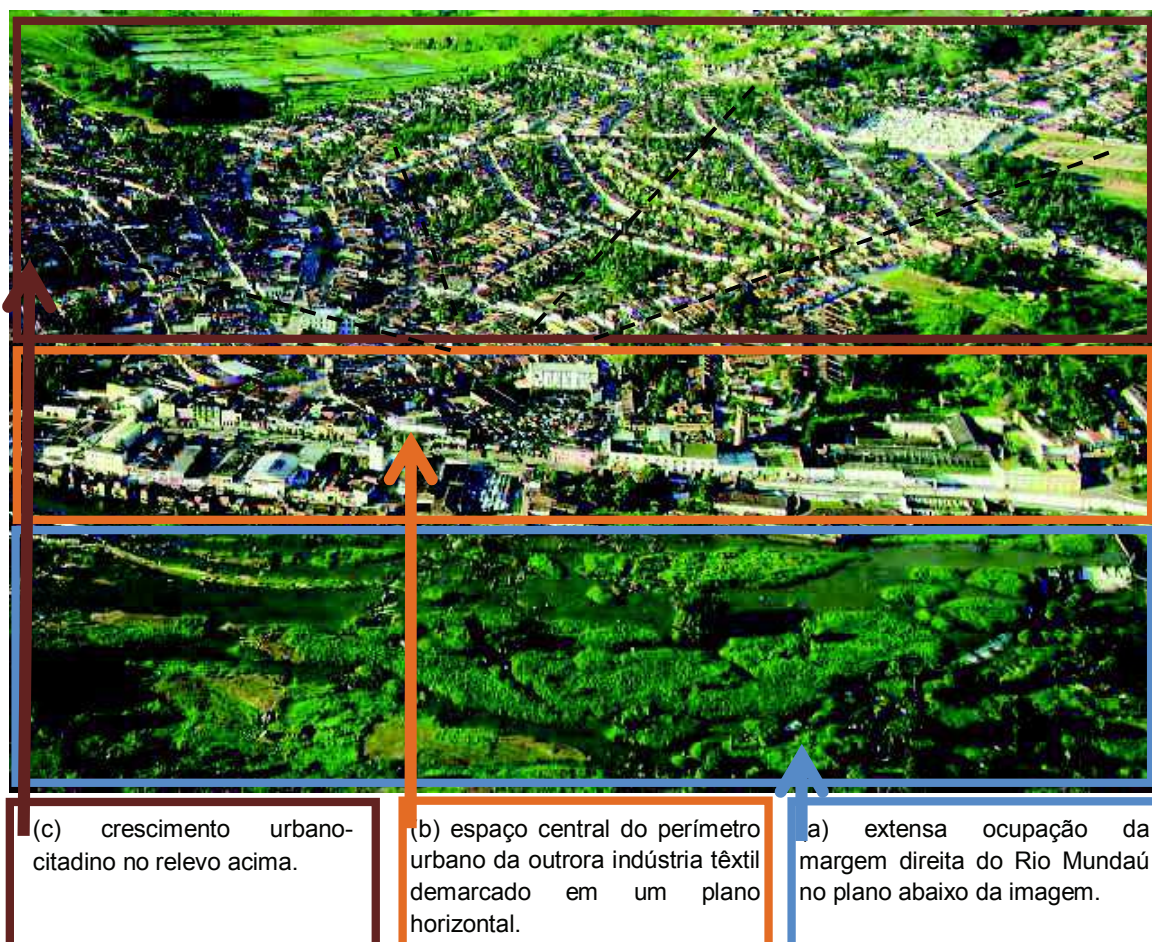
<sup>30</sup> A pesquisadora do complexo fabril riolarguense, Paiva, é formada em arquitetura e urbanismo pela UFAL, além de ser bisneta de Gustavo Paiva, e utilizou o tema da cidade-fábrica de Rio Largo para concluir sua formação.

infraestrutura do espaço, além das fábricas, estações férreas e meios de comunicação e gerências do meio.

### 3.2 O legado urbano e arquitetônico

O perímetro urbano do município de Rio Largo delinea uma extensa porção de área edificada horizontalmente, apesar da topografia acidentada que o faz apresentar verticalidade e dinâmica plásticas. Na figura (21), foto aérea de parcela da cidade, esta disposição pode ser parcialmente percebida. Existe, de baixo ao alto: (a) a extensa ocupação da margem direita do Rio Mundaú no plano abaixo da imagem, (b) o espaço central do perímetro urbano da outrora indústria têxtil demarcado em um plano horizontal sobre alinhamento longitudinal margeando o rio e o (c) crescimento urbano-citadino no relevo acima - linhas tracejadas em disposição oblíqua e em ascensão, alusão sentido do crescimento citadino.

**Figura 21 - Imagem aérea panorâmica de Rio Largo.**

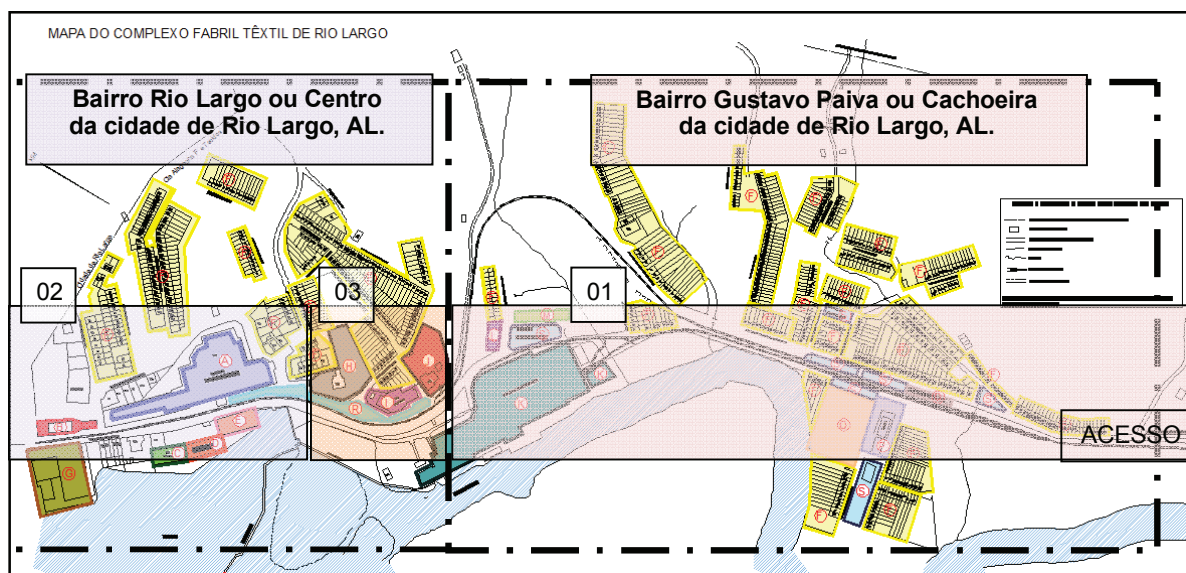


Fonte: Autora (2015) - Adaptado Tribuna da União-AL (2014).

No limite à direita da figura (21) anterior, um trecho de encachoeiramento do Rio Mundaú delimita a maior área de concentração de uma arquitetura específica característica do século XIX, compondo um arranjo físico da indústria têxtil. Como descrevem Castro e Xavier (1997), há exemplares remanescentes da industrialização têxtil com expressiva tipologia arquitetônica implantada nesta localidade, onde se destacavam os edifícios das fábricas, igrejas, escola, estações férreas e casas que diferem do meio paisagístico atual. Para Paiva (2010, p. 52) o que se deu nesta área foi a inserção de uma cidade a um complexo fabril – tendência comum ao Brasil da República Velha.

Esse arranjo arquitetônico de traçado urbanizador implantado pela indústria têxtil representava o desenvolvimento de um simulacro<sup>31</sup> de vida urbana em torno do Rio Mundaú que, segundo Lindoso, (2005, p. 82) se instaurou em pequenas parcelas planas que ladeiam as margens do rio e cresceram subindo em aclives acidentados. Na figura 22<sup>32</sup>, há indicação da maior parte da ocupação urbano-arquitetônico do complexo têxtil e os dois bairros outrora fabris estão circulados fazendo suas indicações espaciais em três quadros, 01, 02 e 03.

**Figura 22 - Mapa do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo.**



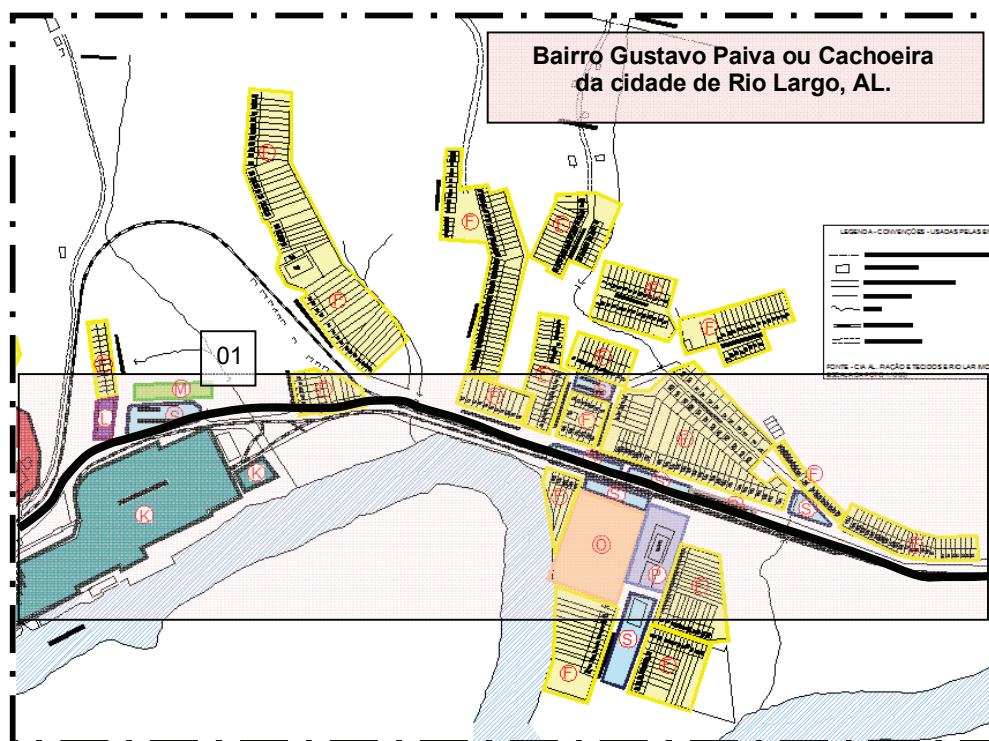
Fonte: Autora (2015) - Desenho baseado nas fotos do mural do escritório da Cia Alagoana (2014).

<sup>31</sup> Segundo o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira - Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Positivo, 2004, simulacro é uma cópia ou representação imperfeita de algo.

<sup>32</sup> A base para desenho desta figura foi a figura do mapa usado pela Cia Alagoana e a Rio Lar. Esta escolha decorreu da limitação do mapa recair sobre o perímetro fabril e da facilidade em interagir com um desenho comum aos moradores que alugam casas ainda de domínio da família Paiva.

Eis os dois bairros, Rio Largo e Cachoeira - figura 22, em sua quase total completude, o mesmo mapa é apresentado em maior escala numa folha em formato A3 no último capítulo. As delimitações dadas à figura fazem referência ao espaço de produção e toda a infraestrutura da dinâmica fabril em si do espaço. Os quadros 01, 02 e 03 destacam o eixo dessa interação. Diante esta disposição, o quadro 01, espaço do bairro Cachoeira, representa o nível mais baixo da topografia local e confere as instalações: Fábrica de Cachoeira, edifício do setor Administrativo, Oficina (almoxarifado), Igreja do Sagrado Coração de Jesus. O quadro 02 representa a acomodação do espaço em um nível intermediário e o quadro 03 seria o nível mais alto e dispõe, assim como o 01, de importantes prédios da produção: Fábrica Progresso, Cassino, Restaurante, Grupo Escolar Gustavo Paiva, Cinema e outros. Já o quadro 03 faz demarcação do ponto mais alto do eixo produtor, formado pelo Departamento de Saúde e a casa grande do Comendador Gustavo Paiva ou casarão, denominação usada por Tenório e Lessa (2013). A figura 23 expõe graficamente imagens de Cachoeira.

**Figura 23 - Mapa do bairro Cachoeira.**

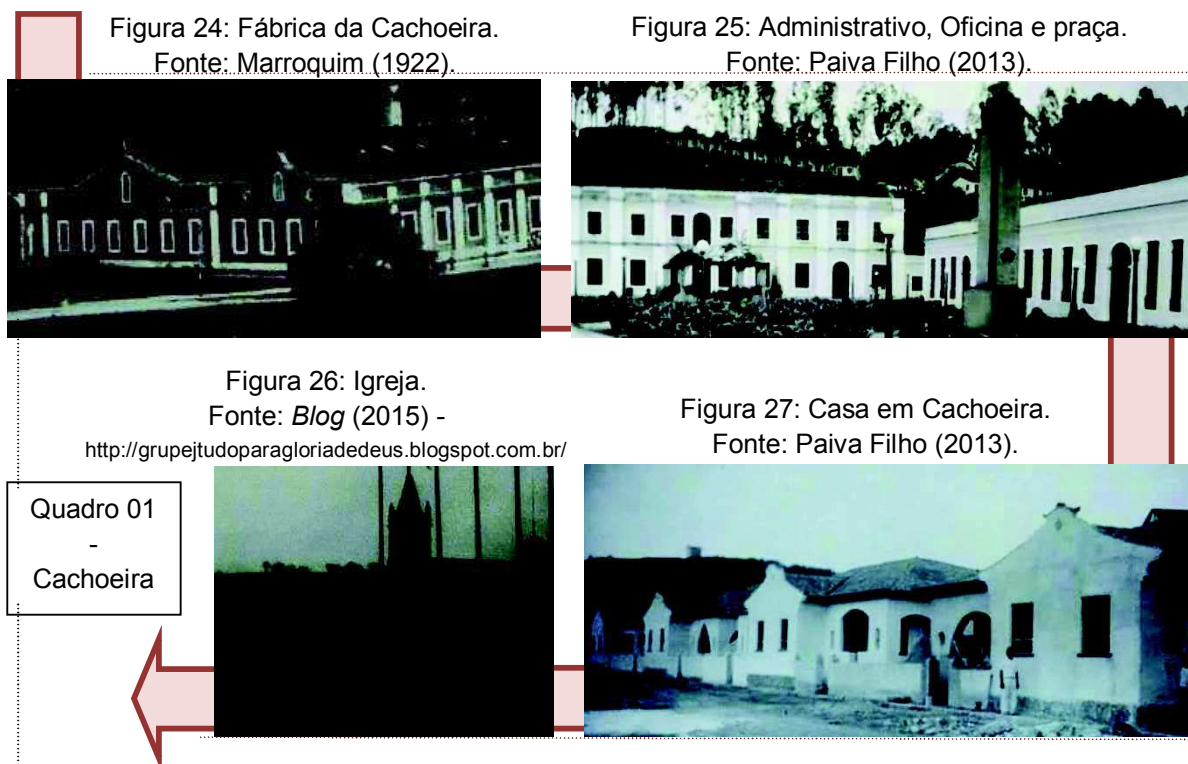


Fonte: Autora (2015) - Desenho baseado nas fotos do mural do escritório da Cia Alagoana (2014).

Seguindo a leitura da figura 22, tem-se na parte mais plana, quadro 01 (figuras 23), com: a Fábrica da Cachoeira, o Setor Administrativo, a Oficina, Praça

15 de Outubro e parcela da Vila Operária. No seguimento tem-se ainda: a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, outras praças, pátios, canteiros e da Estação Férrea Gustavo Paiva<sup>33</sup> erigidas nas proximidades (figuras 24 a 27).

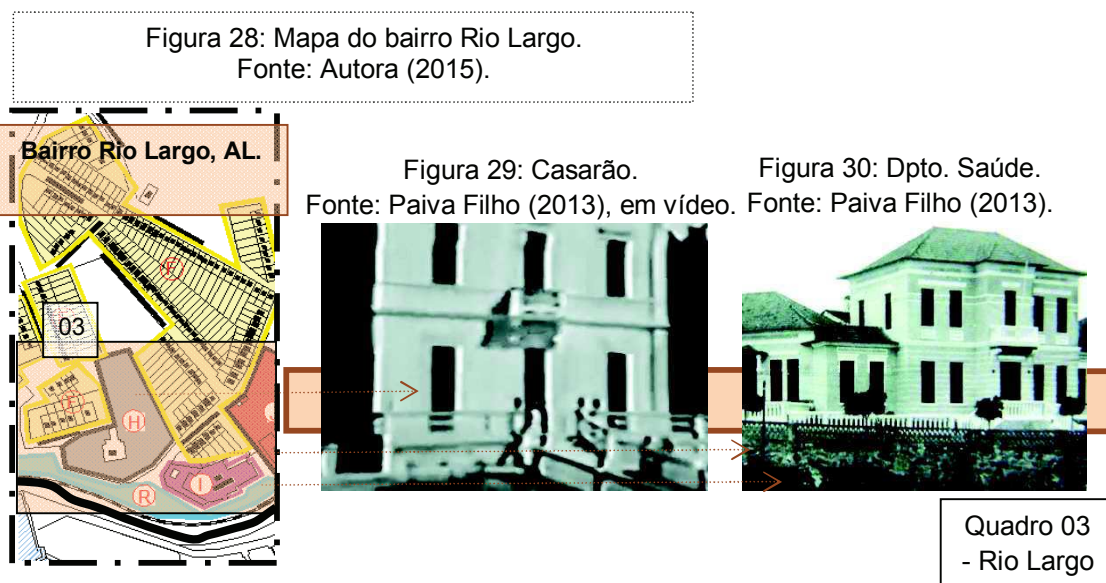
**Figura 24, 25, 26 e 27 - Edificações do período fabril - bairro Cachoeira.**



Dessa distribuição, já ao alto da Fábrica da Cachoeira, topograficamente em aclave, observa-se outra área de ocupação da produção têxtil (quadro 03). Em trecho curvo e de maior visibilidade a esses dois trechos, de opostos níveis, tem-se o que foi o Departamento de Saúde e a ‘casa grande’, casarão, residência do Comendador Gustavo Paiva (figura 28).

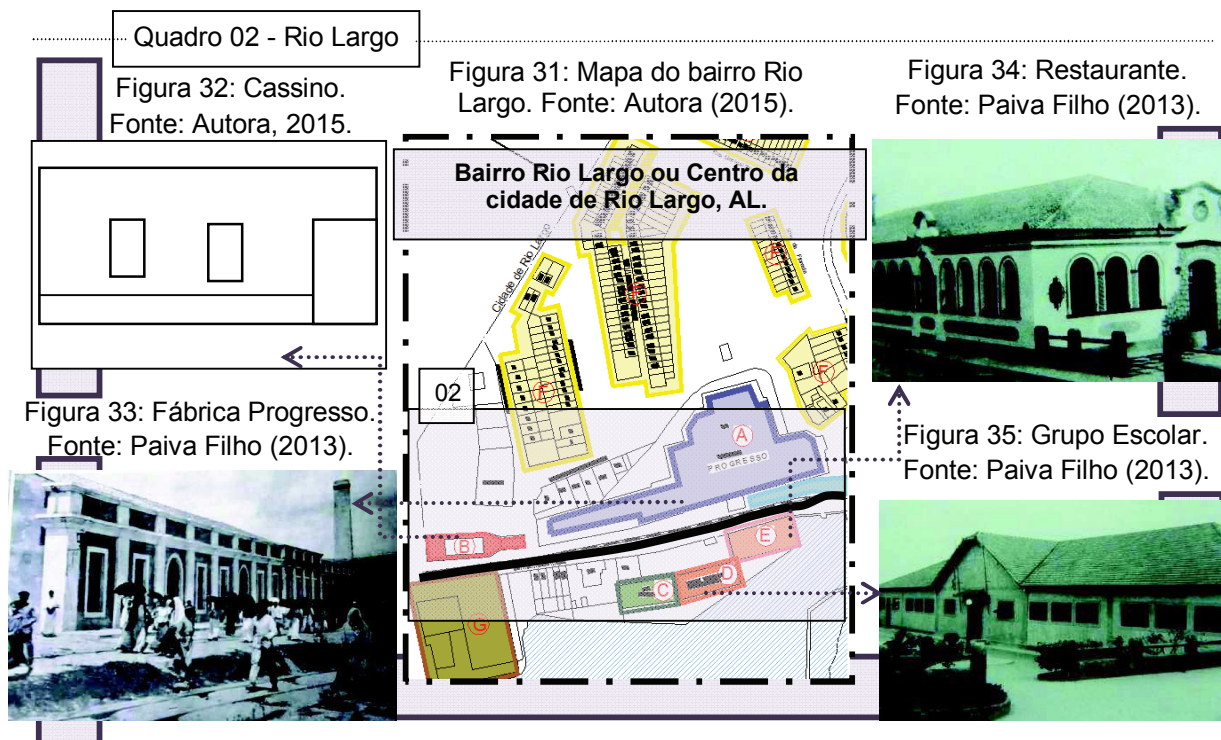
<sup>33</sup> Na imagem da igreja, retirado de *blog* de riolarguenses, tem-se a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e em seguida a Estação Férrea Gustavo Paiva, que não aparece no desenho e não há registro fotográfico para tal estação no período fabril têxtil.

**Figura 28, 29 e 30 - Edificações do período fabril - bairro Rio Largo.**



As últimas seis figuras (24 a 27 e 29 a 30), referentes às fotos de edificações e espaços têxteis, enunciam imagens fieis ao período têxtil em funcionamento. Algumas imagens apresentam dificuldade de visualização devido ao fato de serem originariamente de fraca nitidez e/ou de serem retiradas de vídeos.

**Figura 31, 32, 33, 34 e 35 - Edificações do período fabril - bairro Rio Largo (Centro).**



Considerando o acesso à cidade por Cachoeira (ver figura do início deste capítulo ou mapa figura 22), seguindo essa leitura de nível, exceto que recuado geograficamente perante o todo, surge outro trecho (quadro 02 – figura 31) à direita da via principal e da linha férrea com edificações importantes no período (figuras 32 a 35), tais como: a Fábrica Progresso, ladeando, logo após, a casa grande e o Cassino<sup>34</sup>. Defronte a essas, margeando o Rio Mundaú pelos fundos tem-se o Restaurante e o Grupo Escolar Gustavo Paiva. Outras edificações perfilavam esse alinhamento, conforme já mencionado em vistas aéreas anteriores.

Todas as figuras com mapas dos quadros 01, 02 e 03 demonstram a via principal de comunicação do meio têxtil, onde em paralelo tem-se a linha férrea. Essa via é simbolizada por uma linha contínua grossa de cor preta, e é por ela que se instalaram as principais edificações. Esse eixo parecia manter o sistema em desenvolvimento ou pelo menos facilitar a administrar os perfis locais.

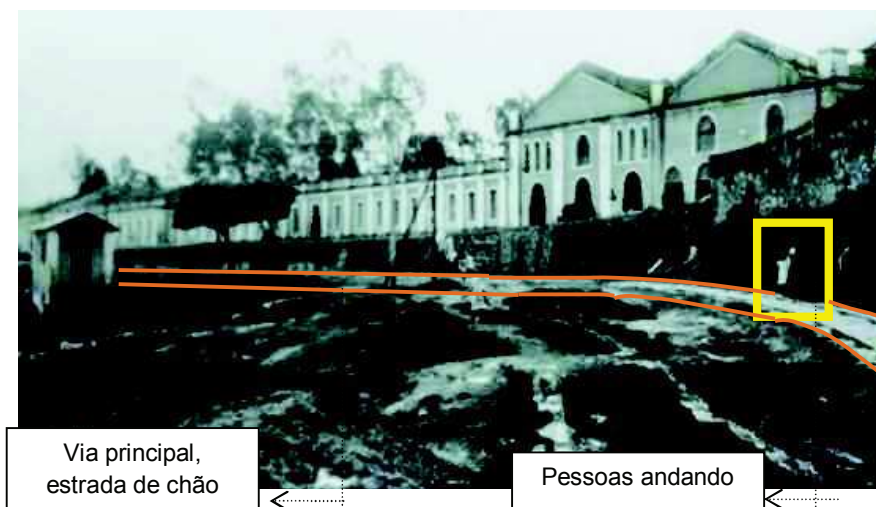
Na forma urbana que se define, essa via era conhecida no período como ‘estrada de chão’<sup>35</sup> (figura 36), limitada em grande parte pelo curso do Rio Mundaú. Ela parecia direcionar as edificações de uso comum dentro do complexo e foi o principal fluxo urbano nas interações fabris. A ‘estrada de chão’ nascia próxima à Estação Férrea Gustavo Paiva, abaixo da Fábrica da Cachoeira (figura 13/ acesso), e desenvolvia-se em retas, curvas e aclives até a Estação Férrea Rio Largo. Tais edificações, em sua minoria, margeavam a via à direita da estrada de chão e à esquerda, dispersando pelos aclives como dispõe as figuras anteriores.

---

<sup>34</sup> Procurou-se trazer fotos da época para esta parte do texto em virtude de estar relatando sua história, contudo não foi encontrado foto do Cassino para o período.

<sup>35</sup> A expressão ‘estrada de chão’ foi usada oralmente por dois indivíduos entrevistados *in loco* numa pesquisa piloto no decurso de uma disciplina do Programa do DEHA/UFAL (DEH103 – Representação e Percepção do Espaço Habitado).

**Figura 36 - Foto da via principal com a Fábrica Progresso alinhando-a.**



Fonte: Autora (2015) - adaptado de PAIVA FILHO (2013).

Dessa leitura, a linha férrea que une as estações de trem e fazia acesso externo dos produtos têxteis corta por extenso domínio a estrada de chão, talvez facilitando os processos fabris à acessibilidade dos funcionários. No acesso ao complexo, a linha férrea da Estação Férrea Gustavo Paiva fazia o transbordo para a capital do Estado dos produtos industrializados até o porto de Maceió para a exportação.

Vale salientar que, atualmente, as ruas transversais são consideradas de pouca largura e os passeios ou calçadas quase inexistem devido a sua estreiteza (figura 37 e 38). As locomoções a pé deviam decorrer com facilidade, pois a sirene da fábrica ecoava pela sua extensão, demarcando início e fim de turnos. Tinham-se meios de transporte por veículos, caminhões e trens, além das vagonetes entre as unidades fabris perfazendo os processos produtivos. Contudo, os funcionários pela proximidade movimentavam-se a pé, conforme cita trecho de Paiva (2010, p. vii):

[...] uma fila desorganizada de homens e mulheres vai se formando lentamente pelas ruas. Às vezes a pé, às vezes em bicicleta reluzente que a jornada matutina diária proporcionou. Portão a portão vão juntando-se outros neste caminho habitual, das calçadas coloridas por casinhas, de janelas e portas a frente.

### Figura 37 e 38 - Fotos de casas de operários.

Figura 37: Casas de operários com calçada estreita. Fonte: Castro e Xavier (1996).



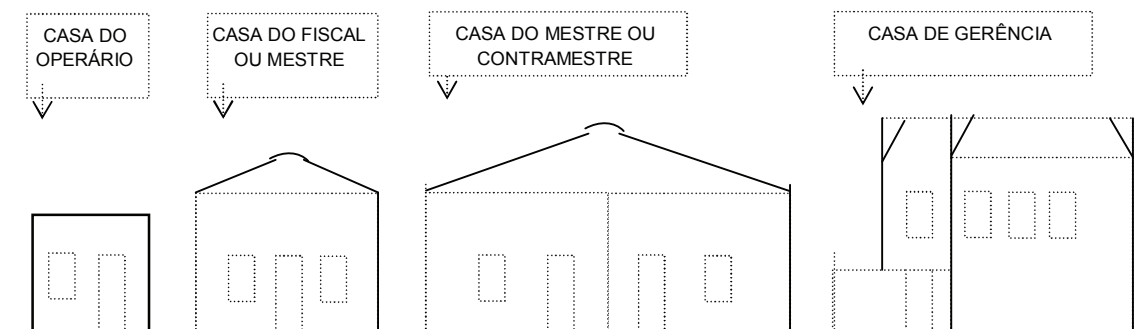
Figura 38: Casas de operários com calçadas e rua estreitas. Fonte: Autora (2012).



Das fábricas, estações férreas, casas e outras construções, as edificações de cunho residencial, casas da 'vila operária', foram construídas em volumoso número comparado às demais. Essas, distribuídas de forma aparentemente a ocupar o entorno próximo do complexo, alinhadas lado a lado (figura 37 e 38), em sua maioria eram geminadas e dispostas em terrenos retangulares planos ou planejados. Das pesquisas de Paiva (2010) e de Castro e Xavier (1997), constata-se que o número de edificações residenciais chegou a mais de oitocentas unidades, em virtude do aumento das produções industriais e, conseqüentemente, do número de operários.

As pesquisas dessas autoras registram no geral quatro modelos de edificações residenciais (figura 39), desenhadas conforme o fim a que se destinavam. No entanto, a 'casa grande' (figura 40), segundo Paiva (2010, p. 53), diferenciava-se de todo conjunto do complexo: possuía dois pavimentos, numerosos cômodos, recuos, localização imponente e acabamento primoroso. No contexto do complexo, a maioria das casas tinha outra concepção. Havia as casas dos operários, dos fiscais ou mestres, dos contramestres ou dos mestres e as casas dos gerentes, formando um arranjo arquitetônico (figura 39).

**Figura 39 - Imagem esquemática dos quatro modelos de moradias.**



Fonte: Autora (2015).

**Figura 40 - Foto antiga do casarão<sup>36</sup> do Comendador Gustavo Paiva.**



Fonte: PAIVA FILHO (2013).

Na acepção cultural e de conhecimento educacional e profissional, o complexo oferecia escola para as crianças e os adolescentes. O Grupo Escolar Gustavo Paiva (figura 41) foi implantado em frente à Fábrica Progresso, margeado os fundos pelo Rio Mundaú, apresentava grandes salas e estrutura física, e encaminhava interessados a tocar na banda feminina<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> O casarão referido foge aos quatro modelos listados como tais para discussão do arranjo arquitetônico do meio fabril têxtil, pois essa construção era significativamente diferenciada de todo o contexto

<sup>37</sup> O complexo têxtil foi destaque no estado por essa banda e pelo time de futebol, além do ensino gratuito primário aos filhos dos operários. O ensino da arte dos processos têxteis adveio de profissionais imigrantes contratados, que ensinaram o ofício aos funcionários locais

### Figura 41 e 42 - Fotos recentes de unidades fabris em Rio Largo.

Figura 41: Foto do Grupo Escolar Gustavo Paiva.  
Fonte: Google Earth (2013).



Figura 42: Foto da Fábrica Progresso.  
Fonte: Google Earth (2013).

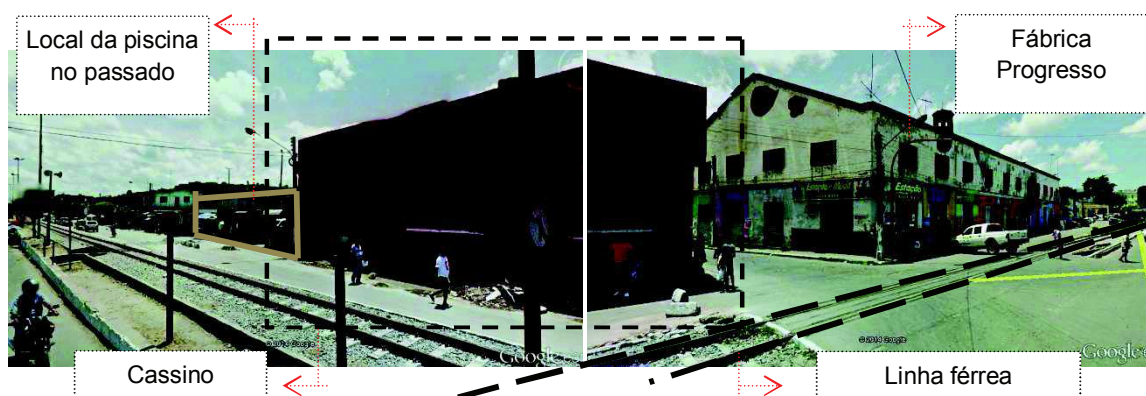


Grupo escolar à frente da fábrica

Fonte: Google Earth (2013).

O ‘cassino’, construído em 1938, era o local de lazer, entretenimento e cultura. Nele, os funcionários recreavam-se e faziam artes desportivas. Existia, ainda, piscina com trampolim, estação de rádio, cinema, restaurante, entre outros, que refletiram características funcionais do povoado à cidade. O cassino (figura 43) foi nomeado como Grêmio Instrutivo e Literário Tavares Bastos, no qual, conforme revela a fala de uma antiga operária, “o cassino era que tinha os bailes e tinha uma piscina muito bacana” (Nadir Xavier, in: PAIVA, 2010, p. 104).

### Figura 43 - Montagem esquemática do prédio do cassino.



Fonte: Google Earth (2013).

A figura (43) concernente ao cassino é recente, uma vez que os pesquisadores e os aficionados no tema Rio Largo têxtil, como a TV Rio Largo nas redes sociais e blogs de riolarguenses, não conseguiram fotos desse local do período em funcionamento. Apesar de intitulado por cassino, em Castro e Xavier

(1997, p. 06) registrou-se que o espaço era um local de ‘brincar’, jogar, mas que ninguém jogava com apostas em dinheiro: “Não, ninguém jogava dinheiro no cassino não, era só de brincadeira. E quem era doido?” (Seu Irineu, *ibidem*).

Segundo Castro (1997, p. 06) a religião da maioria dos riolarguenses no período têxtil era católica. Duas igrejas foram construídas no complexo, uma acima do nível do Rio Mundaú e outra abaixo. Inclusive, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus ainda hoje é um bem particular da família Paiva. Outrora serviu de abrigo na época das enchentes (*ibidem*), única edificação que resistiu a uma enchente. A Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição, de menor porte, localizava-se na área de comércio e feira livre da época, próxima à Estação Férrea Rio Largo.

Nas imagens que seguem (figura 44 e 45), vê-se o entorno do espaço de instalação dessas igrejas. A Igreja do Sagrado Coração preserva em seu entorno pátio, canteiro e circulações das festividades natalinas, juninas e outras, e à esquerda a Estação Gustavo Paiva. Já a Igreja de Nossa Senhora mantém em sua frente e proximidades o comércio local, e à direita o acesso a estação.

#### **Figura 44 e 45 - Fotos das igrejas católicas do período fabril.**

Figura 44: Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Fonte: Autora (2015).



Fonte: Autora (2015).

Figura 45: Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Fonte: Autora (2015).



Equidistante às duas igrejas, o edifício do Departamento de Saúde (figura 44 e figura 45) foi construído com o intuito de evitar deslocamento de funcionários para atendimento médico na capital do estado, Maceió. Evitando esse deslocamento, os gestores matinham os funcionários dentro do espaço têxtil. O departamento foi

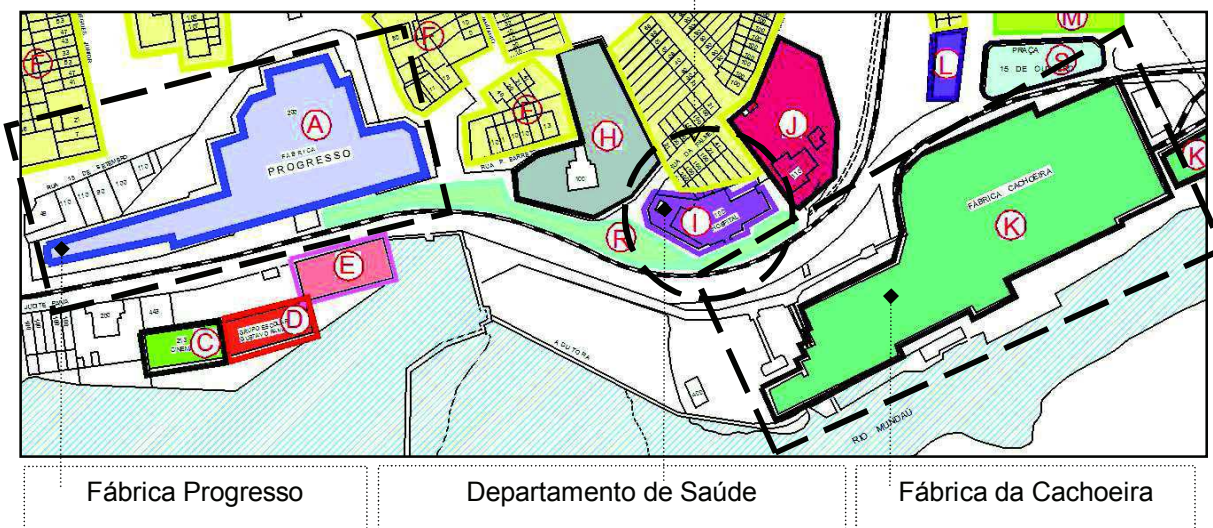
locado no alto de um morro e assistia cerca de 10.000 pessoas e, segundo Paiva (2010, p. 49), os médicos e enfermeiras eram profissionais capacitados.

**Figura 46 - Departamento de Saúde.**



Fonte: CAVALCANTE<sup>38</sup> (2014).

**Figura 47 - Parcela de mapa do complexo, localização do Departamento de Saúde (letra I em cor lilás) e fábricas (letra A em cor roxa e letra K em cor verde piscina).**



Fonte: Autora (2015).

No complexo urbanizado também foram estruturadas edificações e serviços que oferecessem meios para a manutenção dos operários, como um espaço para feira livre, um restaurante que acomodava os funcionários nos horários das

<sup>38</sup> Toni Cavalcante, site: <http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/>, acesso 19/02/2014.

principais refeições e uma padaria. O restaurante<sup>39</sup> (figura 34) é descrito como uma das construções mais ‘bonitas’ entre os demais exemplares arquitetônicos projetados no local, instaurado ao lado do grupo escolar e próximo às duas fábricas do complexo. Também outras edificações foram erigidas, como um cinema, o setor administrativo de apoio ao complexo, a tipografia, que fazia os papeis e jornais, e diversos outros equipamentos urbanos de suporte ao dia a dia riolarguense.

A feira livre, espaço urbano do complexo, se concentrava próxima dessa área, à frente da Igreja Nossa Senhora da Conceição, do Cassino e da linha férrea, e desenvolviam-se em meio ao comércio, espaços destinados a oferecer suprimentos para os funcionários fabris. Em foto (figura 48) apresentada por Marroquim (1922, p. 196), pode-se ter ideia da disposição física da feira em proximidade com o comércio. Hoje os dois estão implantados quase que no mesmo local, exceto pelo crescimento por trás da área na qual se localizava o Cassino.

**Figura 48 - Centro de Santa Luzia do Norte (nome anterior a Rio Largo).**



Fonte: MARROQUIM (1922).

**Figura 49 - Centro de Rio Largo.**



Fonte: Facebook TV Rio Largo (2013) – facebook.com/tvriolargo.

<sup>39</sup> O restaurante do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo foi construído sobre uma identificação de arquitetura neocolonial, segundo Paiva (2010, p. 78).

Uma imagem (figura 49) posterior à figura 48 de Marroquim (1922) demonstra a implantação de canteiros logo à frente das casas comerciais e da Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, espaço de quase mesma área da figura de Marroquim. Observa-se nessa imagem, retirada de rede social e sem data<sup>40</sup>, mas que remonta ao período fabril têxtil, que a feira se deslocou para o ambiente recuado à frente do Cassino, local em uso até hoje.

### **3.3 Cotidiano socioespacial e a composição social**

Havia nesse organismo têxtil uma divisão social sustentada numa hierarquia trabalhista, onde operários, fiscais, contramestres, mestres, gerentes, diretores e ‘diretor geral’/ “diretor-presidente”, expressão de Marroquim (1922), escalonavam as classes sociais, e o funcionamento fabril era gerido dessa trama onde o desenho espacial dialogava com o contexto social. A moradia na vila operária apresentava-se sob uma divisão de classes, disposição própria da produção capitalista, em virtude do conflito entre as principais classes - ‘proletariado e burguesia’, um local de mudança pela lógica do cotidiano.

Baseado nesse contexto, o espaço têxtil de produção e o espaço de uso particular dos indivíduos reunidos em família eram locais de mudança, espaço para as práticas cotidianas, muitas vezes oprimido pelo controle social devido às próprias imposições sociais. Opressão e controle social regiam sobre funcionários e familiares fazendo com que a direção determinasse suas vidas. Discutir o conceito do termo ‘cotidiano’ não levará no momento a uma melhor investigação do espaço têxtil socializado, nem tampouco à forma de utilização social do espaço, pois a expressão tornou-se complexa, devido à apreciação e percepção conceituais contrárias de alguns autores (ibidem).

No que tange a vida sócioespacial do contexto têxtil em foco, vê-se nela a sociedade do trabalho, “entidade que se faz e refaz por meio de um sistema complexo de relações sociais” (DAMATTA, 1997, p. 13), com extremos sociais regidos por leis visando um controle social amplo e severo.

Nesse âmbito, dava-se uma imposição ao estilo de vida do funcionário fabril que se perfazia sobre um “poder destrutivo”, identificado por Decca (ibidem, p. 09-10). Este “poder destrutivo” ocorreu e atingiu um nível de novo princípio normativo à

---

<sup>40</sup> Esclarece-se que tão somente se buscou esta foto digitalizada pelas poucas de fotos do período em constituição arquivista e literária.

sociedade da época que “exigiu do homem pobre a sua submissão completa ao mando do patrão” (ibidem). Lebrun (1984, p. 20) expõe as normas como uma força maior que as leis, onde essas agem sobre as relações do corpo social.

A extensão desse controle social amplo do patrão sobre a vida cotidiana do operário se rebatia em evidência na distribuição da moradia vinculada à divisão hierárquica estabelecida nesse meio social. O funcionário recebia sua casa pela função que exercia na fábrica. A hierarquia do meio fabril têxtil alagoano foi citado por Correia (1998) como a frequente “diferenciação de casas”. Havia padronização na moradia e a fábrica dominava a produção da moradia. A autora citou:

[...] As moradias de empregados de diferentes categorias, o plano de Pedra [por exemplo], não deixava de evidenciar a hierarquia existente no interior do trabalho fabril pelas dimensões maiores das casas de esquina. Essa diferenciação de casas foi frequente em núcleos empresariais. [...] Apenas a casa [...] [do administrador] era isolada e significativamente diferenciada das demais (ibidem, p. 213).

A realidade espacial descrita pela autora é similar à habitação do complexo têxtil em estudo onde, para os operários das terras riolarguenses, a moradia era simples, contando com poucos cômodos e sem banheiro no seu interior, havia diferentes tipos de habitação para os diferentes tipos de cargos. Recebiam as casas como benefício a tal ocupação, mas este só era assegurado pelo vínculo empregatício, pois, ao sair do emprego, ocorria a perda da gratuidade e a paga mensal de um aluguel para assim permanecer como morador da edificação fabril<sup>41</sup>.

Uma constatação contra essa afirmativa, segundo Paiva Filho (2013, p. 76), decorreu no período das primeiras casas da vila operária têxtil em 1891. Para recompensar o alto investimento feito pelo principal investidor, Teixeira Basto, e pelos acionistas, era estipulado alugueis aos trabalhadores. Essas primeiras casas eram destinadas aos operários, seguindo características geminadas (figura 50).

**Figura 50 - Imagem de casas na vila operária - casas dos operários, Cachoeira.**



Fonte: Autora (2013) – foto em tecnologia wide-scan.

<sup>41</sup> Tanto Paiva (2010, p. 72) como Castro e Xavier (1997, p. 08) identificaram e argumentaram essa ocorrência em suas pesquisas.

Casas geminadas eram (e ainda são) coladas lotes a lotes, dividindo uma mesma parede, geralmente dispostas em ruelas, ladeiras e, por vezes, em locais de difícil acesso. Esse padrão de moradia para a classe operária desenhava um processo hierárquico ao qual a sociedade brasileira ainda estava “presa”, segundo Reis Filho, e derivava de reflexões sobre um passado recente de trabalho escravo (1987, p. 53). Reis Filho ainda faz um exame à disposição das edificações industriais, tanto as unidades de produção fabril, quanto às casas, “quer em sentido espacial quer em sentido social, acomodavam-se em galpões, com feições de residência, edificadas em tijolos, sobre os limites das vias públicas” (ibidem, p. 83).

**Figura 51 - Casas para operários - acesso principal em Cachoeira.**



Fonte: Autora (2013) – foto em tecnologia wide-scan.

**Figura 52 - Casas para operários – locais íngremes em Rio Largo (Centro).**



Fonte: Autora (2013).

Como se sabe, os operários estavam no menor nível hierárquico das classes sociais fabris. O reflexo dessa descrição estava na relação indivíduo trabalhador e indivíduo vida social concernente às práticas cotidianas descritas por Decca (1982, p. 07) refletidas por Silva, K. e Silva, M. (2010, p. 77). As figuras 51 e 52 exibem

tipos de casas destinadas aos operários. No conjunto de casas na figura 51, tem-se na segunda casa à esquerda (em cor azul) a caracterização mais próxima da moradia do operário do período têxtil do complexo em estudo. Dessa caracterização: casa estreita, fachada frontal sobre estreitas calçadas, duas esquadrias de acesso externo/interno, esquadrias de madeira tipo de ficha, porta com abertura porta-balcão, janela com abertura de giro mais folha extra com fechamento tipo guilhotina e coberta em telha vã<sup>42</sup> de cerâmica, capa-canal, em duas águas frente e fundo, descrevendo um edifício de planta baixa retangular com quintais em comum.

**Figura 53 - Detalhes da casa para operários.**



Fonte: Autora (2015).

Essas casas, dispostas em rua estreita, ou ruela, o que não é muito perceptível nas figuras, foram construídas geminadas, coladas lote a lote. Ou seja, há o aproveitamento de paredes entre duas e duas casas, o que foi atestado também nas pesquisas de Correia, Ghoubar e Mautner (2006):

Na arquitetura desses lugares, nesse período, surge frequentemente exemplares inspirados em modelos tradicionais brasileiros. O padrão urbano de casas de porta e janela dispostas em renque e desprovidas de recuos frontais ou laterais foi, nesse momento, bastante comum em vilas operárias e núcleos fabris (2006, p. 15).

A descrição apresentada para a classe operária diferia das demais classes, pois os demais cargos eram superiores em salário e outras regalias, o que era

<sup>42</sup> Telha vã, segundo o dicionarista Hollanda, é um telhado sem forro, ou seja, com as telhas aparentes internamente.

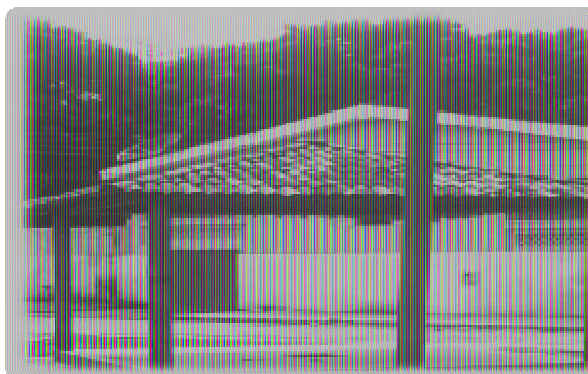
refletido na casa que recebia para morar na vila. A tipologia das casas em esquinas e vias principais era valorizada por uma varanda (figura 54), maior número e espaço de cômodos, banheiro interno e algumas ainda tinham pequenos recuos laterais. Essas residências (figura 54 e 55) serviam de moradia àqueles de cargos de maior importância – contramestres e mestres.

**Figura 54<sup>43</sup> - Casas de contramestres e mestres - Cachoeira.**



Fonte: Autora (2013).

**Figura 55 - Casas de contramestres e mestres e de gerência - Cachoeira.**



Fonte: Autora (2010).

A partir dessas observações que caracterizaram a arquitetura têxtil, atenta-se que em cada época a arquitetura é produzida de um modo diverso, cabível à realidade de seu fim. No caso da indústria têxtil, as edificações residenciais eram definidas pelo cargo que cada funcionário exercia. Por exemplo, a casa da figura anterior (55) era destinada para funcionários com o cargo de gerência, cargo considerado de maior importância na gestão, inferior apenas aos de diretores.

---

<sup>43</sup> Foto de fraca qualidade, mas de importante uso, pois ela foi tirada antes da última enchente - maio, 2010.

### Figura 56 e 57 - Casas de contramestres, contramestres e fiscais.

Figura 56: Casas para mestres ou contramestres. Fonte: Autora (2013).



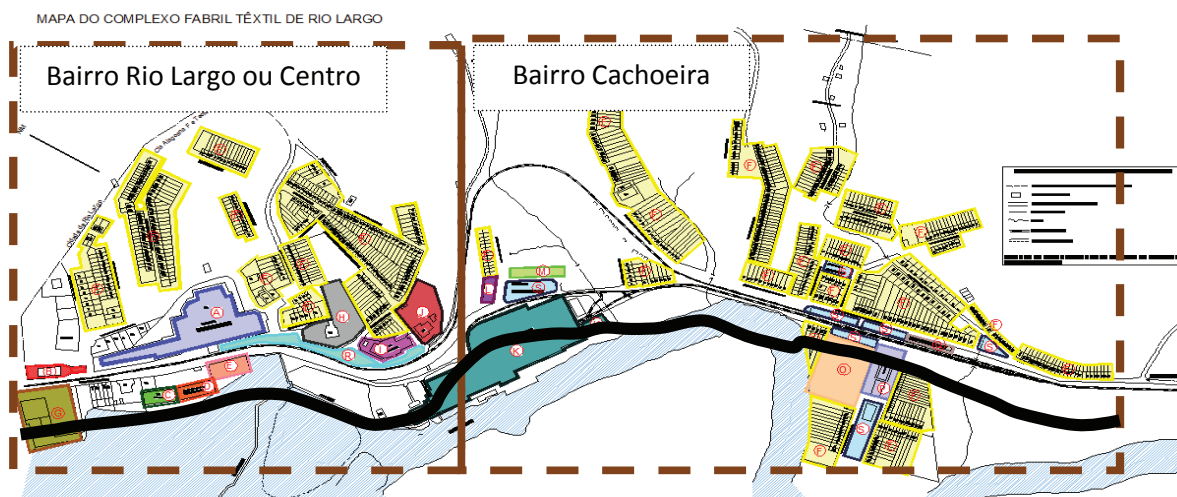
Figura 57: Casas dos fiscais e Estação Férrea Gustavo Paiva. Fonte: Autora (2010).



Fonte: Autora (2013;2010).

Nestes exemplos acima, a figura à esquerda (56) mostra uma casa com platibanda e estética neocolonial que se subdivide em duas casas geminadas, mas com um espaço de terraço (ou varanda) recuado que resguarda a porta de entrada e a diferencia. Castro e Xavier (1997, p. 12) dizem que “as casas de esquina apresentavam tipologia valorizada por uma varanda [...] servindo como um intervalo para o acesso” ao interior de suas salas. Duas varandas sobressaem-se do eixo dessas casas, definem dois acessos de duas casas, desenhos de plantas baixas de duas casas independentes racionalmente. Entretanto, uma apreciação externa condiz para uma única edificação, diferenciada apenas pela cor a partir do gosto do morador de hoje.

### Figura 58 - Mapa do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo com diagramação dos bairros onde se situavam as fábricas.



Fonte: Autora (2015).

A figura 58 dispõe os bairros, em amarelo tem-se representado que quase 70% de toda sua extensão era locação de moradia. Tal fato indicava, talvez, que a gestão do organismo tivesse a preocupação em manter todos os funcionários morando nas proximidades, facilitando processos de controle em verificação e aferição desta dissertação.

Na diagramação desta imagem, figura 58, observa-se uma atenção maior gráfica dada à demarcação de uma via, cortando por todo o mapa o perímetro desenhado. Essa demarcação faz referência a um eixo central articulador às principais unidades têxteis, e a 'estrada de chão' (disposição clara dessas interações do período). Ela intercepta o eixo e parecia orientar, direcionar e facilitar toda a dinâmica do organismo fábrica-operário, direcionando as idas e vindas do cotidiano social ante toda a extensão 'norte e sul'.

No mapa vê-se que existia uma espécie de distribuição das edificações residenciais e das principais unidades, fomentando e controlando a utilização social do espaço, e que a estrada de chão talvez fosse o principal meio dessa articulação premente. Articulação diária para todos os processos além da produção e comercialização têxtil, havia procedimentos sociais de lazer, educação com o ensino médio, aferição a saúde entre outros meios articuladores já listados.

Meio urbano que transcende a cidade: "o urbano não designa mais a cidade nem a vida na cidade, mas passa a designar a sociedade que constitui uma realidade que engloba e transcende a cidade" (CARLOS, 2007, p. 35) e contém o seu passado e o hoje. A cidade então se faz para e pelo meio social que interage e faz as articulações decorrerem.

A composição social decorria dos indivíduos que formavam e fomentavam esse espaço, eles fizeram o espaço têxtil e são hoje "as últimas testemunhas humanas e físicas dos antigos 'vapores' de algodão, que industrializavam o ouro branco no interior alagoano e que fizeram em sua época o desenvolvimento de cidades" (MENDONÇA, 2012, p. 459). Diante tais acepções, faz-se necessário reconstituir os personagens dessa história, o que seria também iniciar uma reconstituição histórica perante as pesquisas até o momento desenvolvidas.

Referendar uma reconstituição histórica é uma forma de criar um acervo de dados para o cruzamento das apreensões sócioespaciais que a dissertação apresentará. Para tanto, foram tomadas as quatro categorias, 'classes', mais relevantes do corpo laboral do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo, das quais esses

personagens que testemunharam a organização sócioespacial do urbanismo da época têxtil são o reflexo dos indivíduos daquela época em suas diferentes posições sociais vividas. A diferença de classes sociais no período fabril, como já elencada por Decca (1982, p. 07), foi estruturada por extremos sociais e foi sempre objetivada pelo controle social, onde os ‘operários’ eram o nível de classe menos favorecida, e o mais alto nível, o ‘diretor’ ou diretor-presidente, estava na direção geral do empreendimento (MARROQUIM, 1922).

As classes dominantes regiam domínio, autoridade e direcionamento às classes inferiores num sistema de relações de poder. A sociedade dos ‘vapores de algodão’, segundo Decca (1982, p. 11), era regida por grupos sociais dispostos sob um forte domínio onde o indivíduo era direcionado até sobre a “dimensão do [seu próprio] pensamento” (SILVA, K; SILVA, M, 2010, P. 372). Essas classes menos favorecidas apresentavam-se como indivíduos “famintos, expropriados, coagidos pela pressão social e econômica, [...] submeteram ao trabalho industrial recebendo os baixíssimos salários e trabalhando as longas jornadas imortalizadas pela literatura do período”. Os autores dimensionam o domínio/poder das classes dominantes sobre o operariado.

Alguns autores como Alves e Carvalho (2011) estudam as classes sociais desse período histórico. Eles enfocam e demonstram que os indivíduos de maior poder aquisitivo, os que controlam e mandam, têm posições mais favoráveis no meio. A exemplo, eles indicam a localização e disposição das casas dos ricos em posições favoráveis, como a proximidade do centro da cidade. Aportados em Campos (2006, p. 57), esses autores argumentam que a distinção social foi uma forma de controle, um formato de vigilância cotidiana e de interdependência entre sujeitos que esse período histórico instaurou com novos hábitos, costumes e práticas sociais.

Refletindo autores desse espaço têxtil em estudo, Silva, J. e Silva, V.<sup>44</sup> (2001), pode-se ponderar (ibidem, p. 15) que classe operária é um “conjunto de pessoas desprovidas de propriedade ou de qualquer outra fonte de renda, e que, para sobreviver, são obrigadas a vender sua força de trabalho em troca de um salário”. Este conceito permeia o início das indagações sobre ‘as classes têxteis’, trabalho e habitação, pois o operário tinha a vila operária desenhada com casas

---

<sup>44</sup> Nos estudos dos autores, o conceito de classe operária foi destacado da obra “A formação da classe operária” de 1994 e de autoria de Paul Singer.

destinadas a sua moradia de disposição hierarquicamente desfavorecida, seja ela na posição do trabalho ou na posição em sociedade, além de receber um pagamento salarial paralelo ao nível inferiorizado de seus serviços.

O termo 'desfavorecido' se perfaz nas análises de autores. Ele designa a classe operária, classe de maior número de indivíduos que recebiam serviços com fins mais braçais como fiar e tecer, alvejar, tinturar e outros. Essa classe era um reflexo histórico e social visto ser formada por trabalhadores livres, muitas vezes antigos escravos sem conhecimento do ofício.

Contando com um contingente operativo com esse perfil, as duas unidades fabris, Fábrica da Cachoeira e Fábrica Progresso, chegaram a compreender mais de 1800 operários em 1920, segundo Marroquim (1922, p. 192). O historiador Almeida (2006, p. 111), inclusive, constata que o surgimento dessa classe tão numerosa poderia ser oriundo dos escravos, visto a mão-de-obra barata similar à descrição hierárquica desses no meio têxtil riolarguense.

Embora o operário fosse da classe social menos favorecida, eles recebiam direitos assistencialistas que pareciam agradá-los e deixá-los satisfeitos com a posição na empresa, como a concessão do uso de energia, água encanada e ensino primário gratuito (com fardamento e material escolar), além de receberem, junto com os demais funcionários, assistência médico-hospitalar para toda a família. Esses pontos relacionam-se com o controle a que era imposto, e determinava uma relação de dependência e obediência pelo que era oferecido - e cobrado. Num depoimento oral coletado por Paiva (2010, p. 37) o funcionário descreve o serviço oferecido à saúde pelo complexo e enfatiza que o Comendador Gustavo Paiva estendia o atendimento também a quem não era da empresa.

Também Castro e Xavier (1997, p. 05-06) citam a existência de maternidade e distribuição gratuita de medicamentos para os funcionários e comentam que a cidade era tão próspera, reconhecida em pesquisas, inclusive, como autossuficiente. Reflexo e resultado do controle administrativo e vigilância imposto pelo meio. As autoras acrescentam que a população pouco ia a Maceió (ibidem) e Paiva (2010, p. 97) reafirma que tão somente se ocorresse algo fora dos domínios da medicina local, o paciente era conduzido a Maceió. No fechamento das reflexões de Paiva (ibidem, p. 106) sobre o edifício do Departamento de Saúde, os depoimentos orais

dos antigos funcionários entrevistados ressaltam este local<sup>45</sup> como um prédio de destaque pela importância que teve para o meio, além do vínculo afetivo das crianças com o ambiente, com o sistema, pois havia a creche, espaço direcionado a liberar o empregado para o trabalho enquanto seus filhos eram monitorados.

Segundo Paiva Filho (ibidem, p. 77), as primeiras edificações a comporem a vila operária foram as casas dos operários e os locais para acomodação de algodão, os primeiros investimentos construtivos. Talvez por essa razão houvesse, segundo o autor, a cobrança de aluguel aos operários. Um fato que é de ampla discussão é a idade com que o indivíduo começava a trabalhar nas unidades fabris – como operário. Os trabalhadores ingressavam no ofício fabril ainda muito novo, pois precisavam ajudar no orçamento familiar. Contudo, isso denotava uma forma de exploração: “De acordo com os relatos, a idade em que a maioria dos funcionários começou a trabalhar na fábrica tem uma variante temporal que vai dos 13 anos aos 18 anos”, enfatiza Paiva (2010, p. 99).

Também, as pesquisadoras Castro e Xavier (1997, p. 07) confirmam essa exploração: as crianças ingressavam no complexo, para compor a classe operária, aos 13 anos de idade, em turnos de 08 a 10 horas de duração laboral. Paiva Filho (2013, p. 49) descreve que a classe operária era composta por homens, mulheres e crianças de seis anos de idade. O autor explica que nessa época as crianças eram desprotegidas pelas leis trabalhistas. Somente na presidência da República em 1930 com Getúlio Vargas é que se inseriram leis organizando o proletariado.

Acompanhando de forma ascendente a disposição hierárquica, havia os fiscais, ascendentes na carreira hierarquizada do complexo, que recebiam maior salário e melhor moradia. Segundo Castro e Xavier (1997, p. 06), os fiscais eram uma espécie de “capatazes, que fiscalizavam se o serviço estava sendo bem feito”. Eram indivíduos que formavam uma classe intermediária entre contramestres e mestres. Cada um tinha sua função, empreendendo para o meio e gerindo o equilíbrio da produção e dos lucros pela garantia do trabalho e morada.

Se aos fiscais dava-se a incumbência de acompanhar os horários de chegada e partida dos funcionários, além de todo comportamento e empenho produzido pela força obreira, os contramestres e mestres controlavam tanto as produções em si

---

<sup>45</sup> Alguns dos entrevistados de Paiva (2010) fazem parte desta dissertação de mestrado; pois ainda estão vivos e alguns disponibilizaram tempo de sua oralidade para aplicação metodológica em questão, a exemplo tem-se o S. Zeca Ramalho.

como também a observância do maquinário e espaço fabril produtor. Se o salário recebido pelos fiscais era maior que a classe dos operários, aos contramestres e mestres eram destinados maior salário e melhores casas que os fiscais.

**Figura 59, 60 e 61 - Casa do operário e casa do fiscal.**

Figura 59: Casa do operário - Cachoeira.



Figura 60: Casa do fiscal - Cachoeira.



Figura 61: Casa do contramestre ou mestre - Cachoeira.

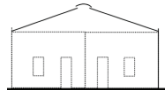
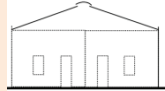
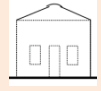
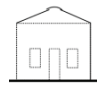


Fonte: Autora (2015).

Essas casas (figura 59, 60 e 61), moradias para os três tipos existentes, apresentavam maior dimensão, maiores número de cômodos e melhor apresentação física relativa à fachada principal pelos adornos desenhados na altura da empena. Nisso, Correia *et al* (2006, p. 22) descrevem a tipologia arquitetônica de casas similares destacando, inclusive, que delineiam similarmente a edificação erigida para os mestres e/ou contramestres. Os autores citam que “seria identificada como *art-déco* [...] [uma] tipologia que se popularizou no Brasil com o nome de “bangalô” e do

estilo “missões”. Sobre esta colocação, segundo Paiva Filho (2010), essas casas eram conhecidas na época como bangalô.

**Tabela 1 - Lista de cargos do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo e suas relações com o meio – produtivo e social.**

| CARGO                | ATIVIDADE NA PRODUÇÃO                                                                                                     | SALÁRIO                                                                                     | MORADIA                                                                                                                                                                    |
|----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>MESTRES</b>       | CONTROLAVAM AS PRODUÇÕES                                                                                                  | SALÁRIO MAIOR QUE OS DEMAIS, ALÉM DE GANHOS PELA PRODUÇÃO DAS EQUIPES.                      |                                                                                         |
| <b>CONTRAMESTRES</b> | CONTROLAVAM AS PRODUÇÕES, A OBSERVÂNCIA DO MAQUINÁRIO E ESPAÇO FABRIL PRODUTOR, FAZIAM MANUTENÇÃO DAS MÁQUINAS.           | MAIOR SALÁRIO QUE O FISCAL, ALÉM DE GANHO PELA PRODUTIVIDADE DAS ÁREAS LIDERADAS.           | <br> |
| <b>FISCAIS</b>       | ACOMPANHAR OS HORÁRIOS DE CHAGADA E PARTIDA DOS FUNCIONÁRIOS E TODO COMPORTAMENTO E EMPENHO PRODUZIDO PELA FORÇA OBREIRA. | MAIOR SALÁRIO QUE O OPERÁRIO, ALÉM DE GANHO PELA PRODUTIVIDADE DOS OPERÁRIOS DE SUA EQUIPE. |                                                                                       |
| <b>OPERÁRIOS</b>     | EXERCIAM AS ATIVIDADES MAIS BRAÇAIS, LIGADOS AOS ASPECTOS DIRETAMENTE PRODUTIVOS.                                         | MENOR SALÁRIO, ALÉM DE GANHO POR PRODUTIVIDADE.                                             |                                                                                       |

Fonte: Autora (2015).

Na descrição do sujeito têxtil, contramestre e mestre, Paiva (2010, p. 95) apresenta a descrição destes cargos na pessoa de José Ramalho Silva: “Depois me colocaram para eu ser aprendiz na tecelagem [na classe operária] que era em Cachoeira era um tecelão [...] e passei um ano lá só aprendendo. Depois eu fui para ser contramestre, mestre”. Ainda em Paiva (ibidem, p. 96), José Lima declara: “o posto de contramestre [...] ficava ajeitando as máquinas, se melando de óleo arrancando a carreta quando está quebrada”. As descrições de contramestre e

mestre são exemplos de níveis hierárquicos acima dos operários e fiscais referentes às quatro categorias<sup>46</sup> aqui estudadas (tabela 1).

No início da produção têxtil, ainda nos fins do século XIX, os empregados contratados e seus cargos eram definidos, entre outras formas, pelo conhecimento da 'arte' têxtil. Constatam-se nas pesquisas que a mão de obra preterida no começo das atividades foi composta por imigrantes<sup>47</sup>, indivíduos conhecedores do ofício têxtil no país de origem, já mencionado nesta investigação, e Paiva (2010, p. 34) enfatiza isso: "a entrada de imigrantes com conhecimento técnico para a indústria" propiciou modernização à indústria nesse século.

Entende-se, então, que empregados imigrantes (PAIVA FILHO, 2013) contribuíram para a formação do quadro de funcionários da indústria têxtil em Rio Largo, a qual demarcou as quatro categorias demonstradas mediante, principalmente, as pesquisas direcionadas ao cotidiano têxtil de Rio Largo. Havia acima dessas classes trabalhistas categorizadas o proprietário.

A imagem do proprietário é rememorada nas falas dos ex-funcionários e registrada nas pesquisas, produções acadêmicas e literárias pelo principal indivíduo do complexo em estudo, o 'diretor-presidente': Gustavo Paiva (figura 63). A autora Paiva (2010, p. 47) menciona que "foi durante a gestão do Comendador Gustavo Paiva que [o complexo] [...] apresentou o seu apogeu" e, anterior às constatações de Paiva, Castro e Xavier (1997, p. 05) descreveram que "a partir de sua posse que os trabalhos no âmbito educacional, social e cultural na cidade cresceram, destinados aos trabalhadores das fábricas":

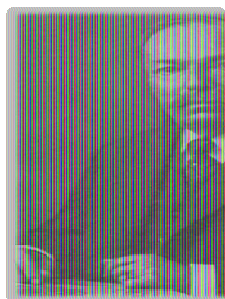
---

<sup>46</sup> Segundo o pesquisador Paiva Filho, em uma conversa sobre sua obra (2013), muitas das informações que procuramos, e ele se inclui nesse meio, poderão ser respondidas pelo acesso aos livros-caixa e de registros anuais que a empresa usava no período têxtil em acervo da família. Quanto a ter acesso a esses livros, ele diz ser possível, porém o manuseio não é fácil, por serem livros grandes. No entanto, ele tem interesse em fazer um trabalho conjunto com a UFAL pelo resgate de informação para uma mais fidedigna construção histórica do espaço.

<sup>47</sup> Na monografia de Castro e Xavier (1997, p. 04) cita-se: "A imigração estrangeira, ocorrida a partir das últimas décadas do século passado [XIX], trouxe estrangeiros que implantaram - se no nordeste", no entanto não se descreve as nacionalidades desses, segundo relatos, sabe-se que foram ingleses, italianos, espanhóis entre outros.

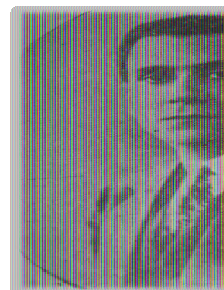
### Figura 62 e 63 - Diretores do complexo.

Figura 62 - Comendador Teixeira Bastos.



Fonte: Politicamente alagoano (2013).  
<http://www.politicamentealagoano.com/>

Figura 63 - Comendador Gustavo Paiva.



Fonte: Revista O Natal (1938).

[Gustavo Paiva foi] deputado classista, empresário. Cedo foi para Portugal, onde estudou, retornando ao Brasil em 1913. [...] Em 1916, casa-se com Judite Basto, filha de Antônio Teixeira Basto, um dos acionistas da Fábrica Progresso. Passa a residir em Rio Largo, e com a morte do sogro torna-se um dos diretores da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, da qual chegou a presidente, cargo que ocupava ao falecer (BARROS, 2005, p. 360).

A categoria “proprietário” era direcionada aos acionistas que investiram no complexo. Segundo Marroquim (1922), eles foram os indivíduos que dirigiram o sistema e tiveram no diretor-presidente o principal indivíduo da gestão. Nas pesquisas realizadas *in loco*, contata-se que existiu ainda o gerente, contudo esse não foi apresentado com exemplos como nos demais casos. Ou seja, não era mais evidente a descrição de sua posição e atividades na administração do empreendimento. Todavia, foram informadas ou indicadas duas estruturas para fins residenciais da gerência, hoje ainda erguidas, casas com grandes recuos para jardins e extensas varandas tipo alpendre.

Os indivíduos têxteis fizeram a disposição social do espaço outrora têxtil e com eles o sistema se realizou e promoveu o lucro almejado pelos investidores. A instauração das fábricas foi determinante para a vida em sociedade dos riolarguenses. A estrutura que tinha nas unidades de produção, seu ponto focal, refletiu nas casas, na escola, no departamento de saúde, nas praças e festas, entre outros, extensões representativas do controle da organização.

### 3.4 Decadência têxtil da “cidade-fábrica” em cidade-município

No entanto, um descontentamento transcorreu por parte dos funcionários, pelo pouco que ganhavam e as jornadas de trabalho que costumavam chegar a 16 horas diárias seguidas, o que gerou greves na classe operária, entre outros problemas de ordem administrativa e econômica. Tais problemas contribuíram de forma relevante para o declínio do complexo fabril, somando-se a esses o falecimento do Comendador Gustavo Paiva em 1943. Outros fatores incluem o período pós-guerra que mudou os rumos do mercado, as enchentes que alagavam a parte baixa da ‘minicidade’, as secas em contrastes às enchentes e as pragas – como a praga do bicudo que “vitimou as plantações o que levou a fábrica a ter que importar algodão de outros estados” (CASTRO; XAVIER, 1997, p. 07).

Segundo Paiva (2010, p. 18) “a praga [do bicudo] que atingiu as plantações alagoanas de algodão e o contexto econômico brasileiro, iniciou-se o processo de declínio da unidade fabril da CAFT [Fábrica da Cachoeira], que veio a ser desativada em 1968”. A rigor, ainda consoante a Paiva (ibidem), a desativação dessa fábrica (1968) gerou desemprego e paralelamente, nesse período, “a política governamental federal [...] determinou que o polo industrial têxtil do Nordeste fosse Ceará e Rio Grande do Norte, em detrimento de outros Estados” (ibidem, p. 57).

Diante dos novos eixos mercadológicos para o polo industrial têxtil formado, uma soma de fatores impulsionou o fechamento do complexo, sobre os quais afirmaram Silva, J. e Silva, V. (2001, p. 31):

[...] o fechamento das antigas fábricas de tecidos deixou marcas bastante visíveis nas áreas que acompanharam o seu nascimento e desenvolvimento. Crescendo junto com as “companhias”, as quais alimentaram com mão-de-obra barata, usufruindo em troca um paternalismo alienante, estas comunidades foram estigmatizadas profundamente (p. 48).

A Fábrica Progresso também fechou suas portas em novembro de 1980, deixando a cidade de Rio Largo com um maior número de desempregados. Contudo, sem um número específico de registro, esses não tiveram outra escolha a não ser procurar emprego em Maceió, uma vez que sua cidade não tinha muito mais a oferecer:

Após o fechamento das fábricas têxteis da Cia Alagoana de Fiação e Tecidos a economia da cidade de Rio Largo entrou em processo de estagnação e todos os funcionários, que foram paulatinamente dispensados, não conseguiram empregos em Rio Largo, havendo a

necessidade de se deslocarem para cidades próximas em busca de sustentos. Essa realidade transformou a “cidade-fábrica” em ‘cidade-dormitório’ (PAIVA, 2010, p. 57).

O fechamento fabril do espaço urbano-arquitetônico soma um patrimônio vilipendiado em processo de ‘desmonte’, realidade que, segundo Correia *et al* (2006, p. 29), “pode significar a total demolição e desaparecimento das construções [...] após algumas décadas de existência” (ibidem) das vilas e núcleos fabris. A única das treze fábricas têxteis alagoanas em funcionamento é a Fábrica da Pedra em Delmiro Gouveia, que segundo Correia (1998) representou para época “um centro de trabalho, civilização e progresso”.

Sobre a representação e significado dessa época têxtil em Alagoas, fez referência o historiador Douglas Apratto:

Quem passa hoje por paisagens de ruínas e nostalgia [das antigas fábricas têxteis alagoanas] não imagina que elas escondem mistérios, histórias, sonhos, esplêndidos tesouros da memória que gritam para que as regras de convivência entre a sociedade e o seu patrimônio sejam feitas de forma adequada (TENÓRIO, 2013, p. 90).

Uma constatação citada por Castro e Xavier (1997, p. 07) há quase vinte anos ainda apresenta certa relevância a atual funcionalidade espacial. As pesquisadoras fazem referência à Fábrica da Cachoeira e seu entorno. Caracterizam que o lugarejo, principalmente o bairro Cachoeira, encontrava-se com uma aparência física e espacial de abandono devido a não utilização do local:

As instalações da antiga fábrica [Fábrica da Cachoeira] ainda constituem propriedade da família Paiva, que não definiram o que fazer com a construção remanescente. Por enquanto, shows e festas são realizados no espaço, mas com pouca infra estrutura. Quando não há eventos, a CAFT assemelha-se a um lugarejo fantasma, tal é o abandono no qual encontra-se (CASTRO e XAVIER, 1997, p. 07).

Constata-se talvez que o progresso real da ‘cidade têxtil’ não era a realidade constatada no período têxtil, pois após o fechamento da primeira fábrica a cidade mudou sua estrutura e capacidade de autoprovisamento.

O estudo do espaço e sociedade têxtil apresentado neste capítulo procurou explicar traços da historiografia local, além de descrever as articulações e dinâmicas urbano-arquitetônica dentro do perímetro de maior convergência das ações industriais da época. Entende-se que este capítulo direciona e mapeia o objeto, local, em estudo, como também situa espacialmente o espaço e a sociedade da época. Nesse entendimento, fez-se necessário estruturar a metodologia que se aplica em campo para as interpretações socioespaciais. Assim, no próximo capítulo,

será apresentado o instrumental metodológico como também a forma de aplicação, condução dos indivíduos, entre outros pontos alicerçadores da pesquisa em si.

#### **4 CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTAL METODOLÓGICO**

Em face dos capítulos já enunciados, que discorreram sobre o aporte histórico da indústria têxtil alagoana, os mecanismos de poder usados no meio fabril e a textualização do repertório da indústria têxtil de Rio Largo, objeto em estudo, desde sua instauração, espacialização, formação social, meio cultural e o cotidiano fabril de vila operária, estrutura-se neste capítulo os instrumentos da metodologia adotada para esta dissertação.

Conforme já foi pronunciado, métodos foram sendo mensurados e experimentados no meio riolarguense. Idas a campo, apreciações técnicas, viabilizações, pesquisa piloto e experimentações se instauraram na busca de escolher técnicas e metodologias que construíssem e constituíssem formas acessíveis e aplicáveis aos indivíduos e ambiência outrora têxtil.

De início, foi feita uma revisão histórica a partir de referências coletadas pela autora. Neste âmbito apareceram fontes relevantes à industrialização e à história da indústria têxtil, incluindo as que focalizaram o meio alagoano e Rio Largo, além das relações de poder e o ambiente da indústria. Ocorreram, então, leituras com escolhas e descartes procurando referências produções e obras com relevância ao objetivo geral.

Também foram analisadas referências bibliográficas das relações de poder na indústria por termos gerais, procurando-se referenciar obras e pesquisas com relações próximas aos objetivos: geral e específicos, seguido de analogias às técnicas de campo e de exames das apreensões ao espaço têxtil.

O ponto de partida foi a História Oral (H.O.) por ser não apenas uma técnica, mas uma metodologia contemporânea de resgate das memórias individual e coletiva, a partir da oralidade dos indivíduos físico-espacializados detentores da história vivida por si ou por outros que passaram e repassaram suas lembranças. Esta metodologia já foi adotada no meio sociourbano rio-larguense, como técnica aplicada nos trabalhos de Paiva (2010), Castro e Xavier (1997) e nesta pesquisa, o que talvez tenha facilitado seu uso/aplicação no perímetro têxtil do Centro e Cachoeira.

Na sequência foi escolhido aplicar o recurso do ‘mapa mental’, ou mapa cognitivo, como um meio de balizar as informações oralizadas e espacializadas coletadas, uma espécie de contributo às aferições espaciais. Esta técnica coloca o

entrevistado, o depoente, em posição de artista articulador, dispondo-o como formador a reconstituir espaços subjetivamente, onde o depoente expõe sua visão físico-espacial a respeito de suas vivências memorizadas e vividas no 'hoje'.

Em momento anterior da pesquisa, em adição a estes dois momentos, a oralidade e o desenho espacial têxtil, foi adicionado o uso de apreensões proxêmicas, por entender que a comunicação e o comportamento do meio diziam respeito à atividade têxtil e não o são mais. Contudo, a aplicação da proxemia<sup>48</sup> foi retirado neste momento final de interpretação socioespacial, cabendo o uso deste recurso apenas aos artigos e produções até o exame de qualificação.

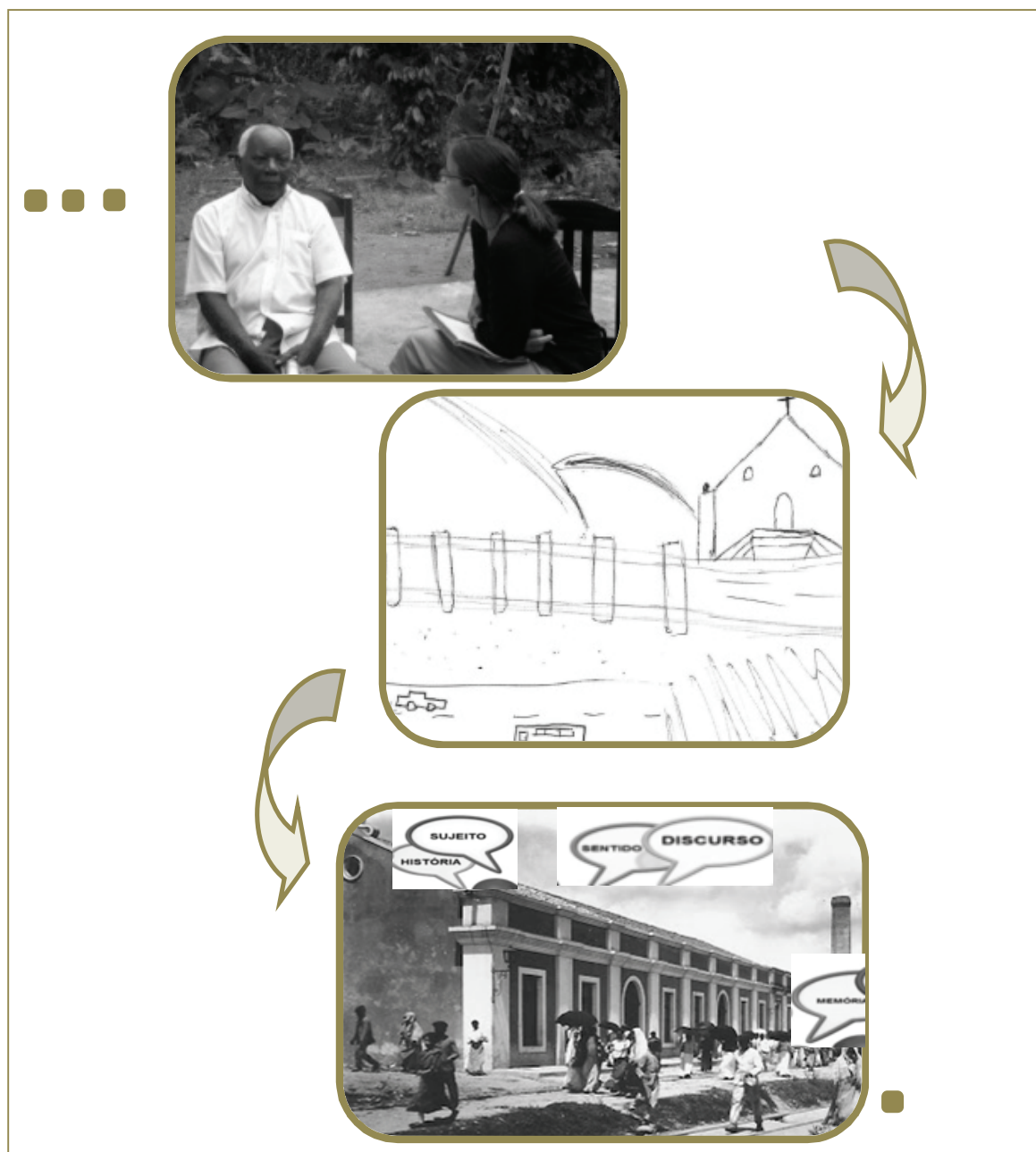
Para este conjunto (figura 64), na especulação de dirigir o espírito na investigação da verdade, foram usados conceitos para a escolha dos locais de representação têxtil. Esses locais escolhidos tiveram o intuito inicial de provocar diálogos com o espaço outrora têxtil *versus* o uso socioespacial nos dias atuais, além de iniciar uma forma perceptiva do que foi a indústria têxtil e o que ainda é a indústria têxtil desativada e em 'desmonte'.

Dando prosseguimento, para fechar os elementos desta composição metodológica, foi incluída a análise do discurso com a proposta de estruturar a metodologia de campo e avaliar os resultados, exemplificados e sequenciados na figura (64) a seguir. Tal reforço metodológico atuou como elemento organizador do banco de dados, desenhos esquemáticos, gráficos e tabelas para comparar e confrontar similaridades e contradições das informações oralizadas e da historiografia existentes entre os ex-operários, familiares e conhecidos.

---

<sup>48</sup> Em apêndice B segue texto concernente ao conceito de proxemia.

**Figura 64 - Linha representativa das técnicas da composição metodológica adotada, sendo: a entrevista com o uso da H.O., o desenho esquemático no formato do mapa mental e as relações sujeito e sentido com a análise de discurso.**



Fonte: Autora<sup>49</sup> (2015).

<sup>49</sup> Esquema de fotos – fonte (da primeira a última imagem): 01º <http://focoempolis.blogspot.com.br/>; 02º desenho com mapa esquemático de depoente desta dissertação e 03º capa livro com os operários têxteis, Paiva Filho (2013)

#### 4.1 Oralidade e mapa esquemático pela historiografia

Para a compreensão de uma história de pouco material de registro historiográfico como a narração têxtil de Rio Largo, é cabível ponderar sobre a seguinte constatação de Le Goff: “os historiadores se interessam cada vez mais pelas relações entre história e memória” (ibidem, 1990, p. 50) e extrair delas o uso da memória para apoio e confronto do presente com o passado é necessário, pois se sabe que o uso de fontes orais reconstrói períodos.

Como historiador especializado em antropologia histórica, Le Goff esclarece que o passado não é história mas é seu objeto, e que memória não é história, mas é um de seus objetos para elaboração histórica. Em decorrência dessa compreensão, o autor concentra memória como um conjunto de funções psíquicas que atualiza impressões e informações passadas (ibidem, p. 424)<sup>50</sup> dos indivíduos em sociedade.

Memória é um termo que expressa sensações como recordação e lembrança, e que, para o dicionarista Holanda<sup>51</sup>, seria a “faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos” (2004). Não obstante a atribuição de reter ideias e impressões da memória, Ecléia Bosi considera a memória como “um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (1994, p. 39). Segundo a autora, cada indivíduo guarda o ponto mais forte do seu patrimônio de lembranças. A partir desta visada, pode-se reconhecer que vários indivíduos guardarão o ponto mais forte de todo o agrupamento de vivência social. Por exemplo, da memória de um operário Bosi cita: “O operário mergulha na vertigem do tempo vazio [no cabedal infinito] em que sua vida se decompõe para que o objeto da indústria se integre e se componha” (p.417).

Halbwachs (2006, p. 29)<sup>52</sup> já endossava que a memória perpassa pelas lembranças, recordações e reconstrução do que indivíduos testemunharam ou, mesmo, testemunham com base no depoimento de outrem. Desse modo, direciona (ibidem) uma relação intrínseca da memória com os quadros sociais reais, o que vislumbra a importância do indivíduo. Um indivíduo sozinho não teria lembranças,

---

<sup>50</sup> Tal compreensão norteou o encaminhamento metodológico desta pesquisa que optou por querer captar a memória pessoal e coletiva valendo-se da H.O.

<sup>51</sup> Segundo o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira - Dicionário da Língua portuguesa. Rio de Janeiro: Positivo, 2004.

<sup>52</sup> A obra de Maurice Halbwachs de 1968 ‘A Memória Coletiva’ (2006) já é considerada um clássico das produções acadêmicas sobre os contextos sociais da memória.

mas no coletivo o fragmento se revela, então “cada memória individual [é] um ponto de vista sobre a memória coletiva” (ibidem, p. 69).

O referido autor propõe a existência de uma memória coletiva, referendada em quadros sociais, defendendo que na memória humana abrigam-se inúmeros conjuntos de recordações, cada um deles compartilhado por um grupo de pessoas que experimentou a vivência comum dos acontecimentos rememorados. A partir disso, Halbwachs expõe que a natureza social influencia os pontos de vista, o que vem a confluir para o fragmento colocado por Bosi, e isso pode ser comprovado observando-se os locais ocupados pelos indivíduos e suas vivências com esse meio e a forma como mudam conforme o que vive e o que passam.

Ainda relativo à memória, também Caldas (1999, p. 10) conjectura a importância da ficção como criação social da realidade, e não como criação literária de gênero criativo de invenções, por vezes, incabíveis. O autor defende que o real só é real porque é ficcional. Sob esta ótica, Caldas define a realidade da memória contada na oralidade quando diz que a realidade “não é [uma] coisa dada, mas algo socialmente construído, criado segundo cada sociedade, percebido e interpretado” (ibidem, p. 17).

Caldas explana a vertente ficcional da História Oral, da oralidade, defendendo o que já interpretava Thompson (1992, p. 25) dez anos depois de Halbwachs, assim dizendo: “a realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da História Oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista”.

No entanto, o termo ‘memória’ ainda é confundido com documento e oralidade. Somente nos últimos quarenta anos, com os estudos da Nova História, é que a memória se tornou objeto de estudo da historiografia, segundo Silva, K. e Silva, M. (2010, p. 275). Na historiografia, o historiador, entendido como indivíduo interpretador de realidades, não pode se furtar, uma vez que entende-se a prática da historiografia como um exame de diferentes discursos de historiadores que produziram conhecimento ao longo do tempo (ibidem, p. 189). Os autores evocam Halbwachs ao discutir a distinção entre memória coletiva e memória histórica, defendendo que uma determinada História apresenta muitas memórias. Constatase, então, que a História se atrela a fatos distantes e a memória a fatos vividos, o que a faz distanciar-se, assim, do entendimento de memória de documento histórico.

No âmago desta discussão, Silva, K. e Silva, M. introduzem Montenegro (2007) que, apesar da distinção, considera memória e História elementos inseparáveis: “a História é uma construção que resgata o passado do ponto de vista social, é também um processo que encontra paralelos em cada indivíduo por meio da memória” (SILVA, K; SILVA, M., 2010, p. 276).

Das reflexões apresentadas, poderia derivar a compreensão segundo a qual memória individual significaria tão simplesmente a memória pessoal de cada indivíduo e, desta forma, a memória coletiva seria o conjunto das memórias individuais. Entretanto, esta seria uma compreensão superficial e até errônea, que foi questionada, inclusive, por vários autores<sup>53</sup>.

Toma-se por acertado acatar a compreensão de que a memória coletiva advém de um conjunto de indivíduos que se lembram enquanto integrantes de um grupo como sendo, já citada por Halbwachs, a memória de um indivíduo um ponto de vista, um fragmento, da memória coletiva (ibidem, p. 69). Faz-se importante atestar para o fato de que o ponto de vista muda conforme o local que o indivíduo ocupe, e que esse local modifica-se diante as relações que os indivíduos mantêm entre si e o meio, numa combinação de influências de natureza social.

Contudo, Le Goff (1990, p. 427) destaca, ainda sobre o estudo da memória histórica, a importância entre a natureza de duas diferentes sociedades – as sociedades de memória oral e as sociedades de memória escrita, como também as de transição – informando que a passagem da memória oral para a escrita foi um processo longo na história e de difícil compreensão. Ressalta nisso que as duas memórias começam a andar juntas, enfocando, inclusive, que até o aparecimento da imprensa, dificilmente se distinguem nas transmissões o que é oral do que é escrito. Por isso, Le Goff via a imprensa como marco de um novo tempo.

Resulta-se por admitir-se que a distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo: ascendente e cíclico, matéria fundamental da história, e que fez surgir o calendário, instrumento para domesticar o transcurso da existência para as sociedades. Esse tempo, inclusive, é reconhecido por Le Goff como “um elemento essencial do seu poder” (1990, p. 487),

---

<sup>53</sup> O sociólogo ‘durkheimiano’ Halbwachs (2006, p. 17) contestou o pensamento totalmente individual e, como investigador das questões sociais, verificou que as lembranças antigas se adaptam ao conjunto das percepções do presente dos grupos (ibidem, p. 17). Contudo, ele talvez justifique tal argumentação exemplificando que “uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo” (ibidem, p. 31) e enfatize que um indivíduo influencia o outro nas lembranças, nas suas memórias.

considerando o calendário “um dos grandes emblemas e instrumentos do poder” (ibidem) que controla os indivíduos.

O tempo tem nos ritmos socioindividuais o principal formatador daquilo que se vive, percebe e se sente, segundo Caldas (1999, p. 54), sendo uma das projeções da *práxis* na vida social do indivíduo. Todavia, não há um tempo natural no qual se possa parar para analisar os tempos errados e distorcidos, existindo tão somente os “tempos de cada cultura”, definidos por Caldas (ibidem, p.55) como “o tempo básico dos ritmos da produção, [...] da distribuição, [...] tempos de nascer e de morrer, [...] da fala, da escrita”, o que leva Caldas a reconhecer o tempo único no universo na existência. Ou seja, temporalidades, do passado e do presente em tempos de um único tempo. Para o autor, os dois transcurso acontecem ao mesmo tempo e um não pode inutilizar o outro.

Atualmente, transcorre uma discussão acadêmica a respeito do valor e da função de um depoimento oral, incidente em questionamentos de historiadores sobre a aplicação da “técnica e da metodologia da História Oral” por um processo lento e descontínuo, conforme reconhecem Machado, Montenegro e Neto (2009, p. 115). Há controvérsias quanto à aceitação<sup>54</sup> desse processo e existem pesquisadores que não aceitam a documentação escrita resultante de depoimento oral, exceto quando comprovado.

A rigor, na metodologia da História Oral, as relações do entrevistador com o entrevistado devem ser imparciais para não haver perdas da fala captada e o depoimento deve ser tomado como um texto, cabendo ao historiador a obrigação discernente de que tem “diante de si um documento que é individual e social ao mesmo tempo” (ibidem, p. 117), entendendo assim que compete a ele construir um itinerário à temporalidade e às sociedades. Já Le Goff conceitua história oral descrevendo a história como algo próprio do homem da qual ele não apenas narra, ele atua:

Uma história dos homens, de todos os homens e não só dos reis e dos grandes. Uma história das estruturas e não só dos acontecimentos. História em movimento, história das evoluções e das transformações e não história estática, [...]. História explicativa e não apenas história narrativa, descritiva – ou dogmática. Enfim, história oral... (1990, p. 124).

A História Oral, segundo Silva, K. e Silva, M. (2010, p. 186), é “uma metodologia histórica que trabalha com depoimentos orais, realizando entrevistas a

---

<sup>54</sup> Pontos controversos que levaram esta dissertação a ampliar seu leque de técnicas e metodologias adotadas no processo.

partir das quais o historiador constrói suas análises”. Os autores alertam que essa metodologia procura recuperar a memória de grupos à margem da história escrita, bem como questiona a confiabilidade dos historiadores e pesquisadores conservadores. Como História, a História Oral teve seu início no Brasil na época da ditadura civil-militar e foi influenciada pela Nova História Cultural que, segundo Machado, Montenegro e Neto (2009, p.125), ofereceu voz aos excluídos.

Segundo Thompson (1992, p. 45), a H.O. teve o uso difundindo com o advento do gravador, ambos de implicações radicais. Essa metodologia é tão antiga quanto à própria história e, afinal, “é uma história construída em torno das pessoas” (ibidem, p. 44), podendo dar sentimento de pertencimento aos espaços e locais de uma determinada época.

‘Pertencimento’ é um termo correlato ao sentido de ser propriedade de alguém ou algum local ou, ainda, ser devida de alguém ou de algum local. O sentido de pertencimento é proposto por Thompson e endossado por Bosi como lembranças evocadas dos espaços anteriormente vividos dos sentimentos, ora, enraizados e pertencidos ao indivíduo entrevistado.

Para o historiador Caldas, a História Oral (1999, p. 58) tem um conceito de presente, não de uma história do tempo presente, mas que considera para ela o tempo único que ele lê para o passado e o presente. O autor as expõe, então, como meio para “decompor, sintetizar, compreender, criar, interpretar, destruir e recriar criticamente determinado presente” e entende-a nesse conjunto como a própria historicidade. Nela há a consciência do presente, e não há um objeto de estudo, mas sujeitos em diálogo. Nesse contexto, Caldas alerta que “as contradições não devem ser expurgadas, superadas ou pensadas separadamente” (ibidem, p. 70), pois o que se apresentar como contraditório deve ser levado como um paradoxo necessário para o processo interpretativo.

Outro termo importante é o ‘esquecimento’, que está ligado à memória e à história nos estudos de Ricœur (2004, p. 423), sendo um termo emblemático da condição histórica. Esquecer é um fato sem perdão, como discutido na obra de Ricœur. É também um dano, uma fraqueza, uma lacuna aberta na memória do indivíduo. Nisso, ele apresenta os fenômenos mnemônicos<sup>55</sup> sob o ângulo da

---

<sup>55</sup> Segundo o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira - Dicionário da Língua portuguesa. Rio de Janeiro: Positivo (2004), mnemônica é arte e técnica de desenvolver a memória.

lembrança de que a memória deve ser fiel ao passado e o seu exercício é necessário à problemática do esquecimento.

Ricœur afirma que se esquece menos do que os indivíduos acreditam ou temem esquecer (ibidem, p. 426) e que é evocado das disfunções das operações mnésicas. O esquecimento, segundo ele, é lastimado no mesmo nível que o envelhecimento e a morte. Todavia, ele é associado à memória, as suas estratégias e a sua cultura, não podendo ser classificado como apagamento e distorções da memória, mas com base neural, ou seja, o silêncio dos órgãos. Uma afirmativa intrigante na sua obra é a de que o esquecimento é o que torna possível a memória, pois daquilo que se preocupa é que se pode relembrar.

Numa citação, Ricœur expõe que “o problema do esquecimento é que muitos esquecimentos se devem ao impedimento de se ter acesso aos tesouros enterrados da memória” (2004, p. 452), em virtude de lembranças vagas na memória. Então, afirma que apenas a história da memória será capaz de trazer a luz à memória e mais que “a memória revela-se como uma organização do esquecimento” (ibidem, p. 457).

Os silêncios são também reflexos da memória coletiva, na medida em que esta é uma forma de lembrança oculta: os silêncios e os não ditos “decorrentes da angústia de não encontrar escuta, demonstrando o medo dos indivíduos e dos grupos sociais de serem punidos ou de se exporem a mal-entendidos” (FELIX, 1998, p. 48)<sup>56</sup>.

Em decorrência de todo entendimento derivado dessas reflexões, a metodologia da História Oral foi adotada e aplicada no local outrora fabril, onde se procurou tirar do indivíduo seu testemunho oral, evitar interferências na oralidade durante o processo, e respeito ao momento e tempo de respostas de cada depoente. O questionário aplicado procurou resgatar dos depoentes “sua história” dentro/fora do espaço outrora têxtil. Estas preocupações provieram de cuidados essenciais com a aplicação metodológica e respeito com a metodologia de resgate histórico em si.

O indivíduo de maior atenção em ser resgatado para aplicar a metodologia desta pesquisa foi o velho, procurando-se valorizá-lo também de certa forma, por

---

<sup>56</sup> Loiva Félix apresenta em sua obra a musa da memória, Mnemosyne, que representa a memória em grego. Ela era a deusa mãe das musas e das divindades responsáveis pela memória e inspiradoras da imaginação criativa dos artistas e dos poetas, e a palavra ‘memória’ origina-se de seu nome.

entender-se que “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência a sua obra” (BOSI, 1994, p. 77). Com este foco, almejou-se conseguir os depoimentos mais contundentes ao meio e ao resgate verossímil para o objetivo do trabalho.

Conforme Bosi demonstra, credita-se advir do idoso (velho) os valores imateriais, e sabe-se que ele detém bens imensuráveis. Ela cita que o “[velho] não sonha quando rememora [mas sim] desempenha uma função para a qual está maduro”, (1994, p. 22) fazendo a união do “começo e do fim”, analogicamente do passado e do presente. Bosi enfatiza ainda a importância desse personagem aos meios ricos em historiografia:

O fazer do adulto ativo inibia o lembrar, mesmo porque o “lembrar” da memória-hábito bergsoniana é uma operação já plenamente integrada e absorvida pelos gestos e mecanismos da profissão. Na velhice, quando já não há mais lugar para aquele “fazer”, é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. Lembrar agora é fazer, [...] o velho tende a sobrestimar aquele fazer que já não se faz. (ibidem, p. 480).

Enunciando a H.O. como importante instrumento para compreensão das histórias vividas pelas sociedades, Ferreira (1998, p. 11) expõe em seu discurso acadêmico que as fontes dos documentos escritos não podem desmerecer a tradição oral. Ferreira alega, inclusive, que a historiografia clássica teve origem pelos registros orais e que, mesmo sendo descrita como a história dos excluídos, o século XX operacionalizou-se pela adoção dos estudos às relações de história e memória, passado e presente:

Ainda que objeto de poucos estudos metodológicos mais consistentes, a história oral [...] como um método de pesquisa que produz uma fonte especial, tem-se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos em uma dada sociedade (ibidem).

Configura-se neste contexto que esta metodologia responde à construção do instrumental metodológico deste projeto, valendo-se da busca à compreensão socioespacial e historiografia têxtil local. Como cita Ferreira (1998, p. 12), esta técnica é a “melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos em uma dada sociedade”.

Diante à necessidade de compor a interpretação socioespacial objetivada nesta dissertação, adotou-se também a aplicação do mapa mental, também denominado mapa cognitivo ou mapa esquemático. Del Rio (1991, p. 153) o equipara a um processo com variação perceptiva de indivíduo para indivíduo. Esta adoção fez parte do processo acadêmico da mestranda quando, durante

apresentações de seminários sobre o tema, o corpo acadêmico do DEHA sugeriu sua aplicação a campo conjunta à oralidade. Reforçaram-se, então, uma relação de técnicas, oralidade e representação de formas<sup>57</sup> (linhas, pontos e manchas), reconhecendo-se, até então, a vinculação dos objetivos interpretativos socioespaciais: o oral no meio social fala, narra fatos, enquanto que o desenho expõe o vínculo de pertencimento.

Vale ressaltar que o mapa mental é uma técnica que permite ao indivíduo codificar, relembrar um fenômeno vivido e transcrevê-lo sob forma de desenhos. Lynch (1960/1997<sup>58</sup>) desenvolveu esta ideia quando fazia uma pesquisa de campo, que também foi aplicada por Del Rio (1991) em suas pesquisas, por entender que para usá-la cabe ao pesquisador solicitar ao depoente/entrevistado que “desenhe de cabeça o mapa da área [em estudo] destacando todos os elementos que entende por importantes”. (ibidem, p. 158).

Sem desmerecer aqui o trabalho originário de Lynch (1997), Del Rio (1991) descortina uma variação da técnica do mapa mental ou esquemático onde, ao ser inquirido, o depoente/entrevistado fornece apenas respostas verbais. Dessa forma, o mapa passa a ser conhecido por “mapa mental indireto”: “De qualquer modo, o objetivo é sempre o pesquisador poder obter um mapa composto a partir do cruzamento de todas as informações ‘cognitivas’, ou seja, obter um ‘schema’ [esquema] público da área”. (DEL RIO, 1991, p. 158). O autor diz ainda:

Esta prevalência de fatores físico-espaciais norteou o trabalho pioneiro em percepção ambiental de LYNCH [...]. Este continua constituindo um quadro conceitual básico e o ponto de partida para todos os trabalhos do gênero, apesar de diversas críticas que identificam algumas de suas limitações, inclusive pela pouca importância depositada nos fatores sociais. (DEL RIO, 1991, p. 160).

Nesta citação, Del Rio reforça o uso dos elementos urbanos/físico-espaciais de Lynch e, apesar de afirmar as limitações da obra do autor, define-o como “o ponto de partida para trabalhos sobre o desenho urbano”. Cabe entender que Del Rio complementa e até recria apropriações conceituais de Lynch (1997), endossando seu uso na pesquisa. Del Rio respeita o contexto e conotações do autor relevantes aos elementos técnicos base de aplicação a campo. Nesta configuração

<sup>57</sup> Segundo o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira - Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Positivo, 2004, desenho é uma “representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas”.

<sup>58</sup> A obra de Kevin Lynch em estudo apreciativo nesta dissertação é a Imagem da Cidade, da qual é válido frisar a data da obra é de 1960, a versão usada foi 1997.

nominativa para o desenho do espaço têxtil de Rio Largo, usar-se-á o nome ‘mapa esquemático’, entendendo que o desenho é uma apropriação das vivências feitas pelo indivíduo e por ele estruturado.

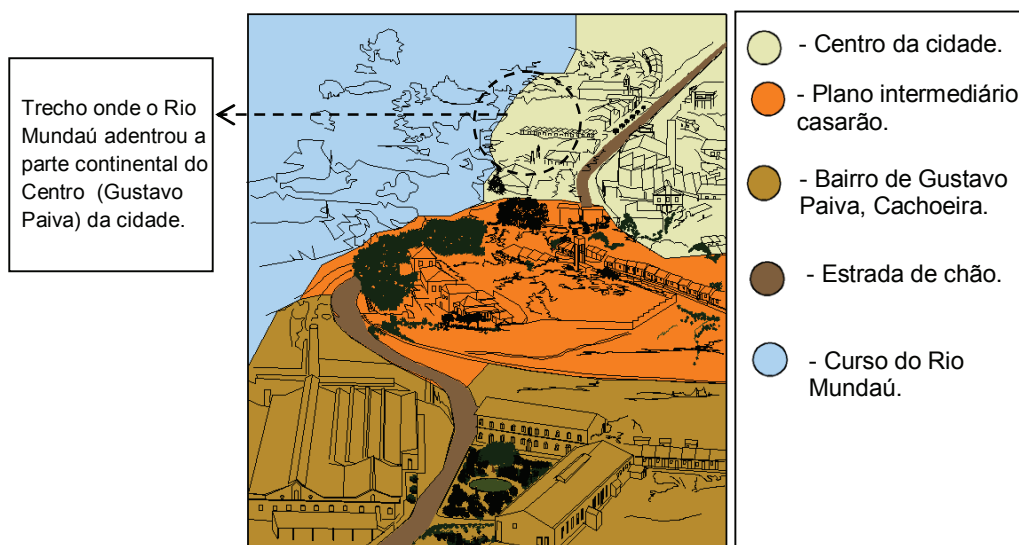
Desse contexto e conotações, Lynch desenvolveu uma forma de analisar o ambiente urbano diante das percepções de quem estrutura o espaço em vivências diárias ou esporádicas. Nele, o indivíduo desenvolve a imaginabilidade na assimilação desses conceitos. Imaginabilidade é entendida como a “característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado” (LYNCH, 1997, p. 11). Tal característica é variável de indivíduo a indivíduo, mas tem apropriação na imagem que cada indivíduo desenvolverá do meio urbano em estudo, perfazendo o resultado perceptivo entre o observador e seu ambiente.

Neste íterim, Lynch (1997) usa, para explorar tais conceitos, cinco elementos do meio urbano, também adotados por Del Rio (1991). Segundo Del Rio, esses são “elementos passíveis de uma classificação conveniente” (ibidem, p. 57), sendo eles: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Na presente dissertação, tais elementos foram aplicados para um exame perceptivo dos trechos numa grande via de interligação de valor histórico da cidade de Rio Largo conhecida por ‘estrada de chão’, via de importante fluxo no período fabril têxtil.

Referente à definição desses elementos do meio urbano para esta pesquisa, fez-se uso da citação de Lynch, segundo o qual a via, ou percurso, se define como “canal de circulação ao longo do qual o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial” (1997, p. 58) e limites como “elementos lineares não usados ou entendidos como via pelo observador”, sendo, então, “fronteiras [barreiras] entre duas fases, quebras de continuidade lineares [...] referências laterais” (ibidem).

Desses elementos, define o autor, ponto nodal ou nó como um “lugar estratégico de uma cidade através do qual o observador pode entrar” (LYNCH, 1997, p. 58) e também “foco intensivo para o qual ou a partir do qual se [locomovem]” (ibidem) os indivíduos. Já ao elemento urbano marco, define-o como “outro tipo de referência, mas nesse caso o observador não entra neles: são externos” (ibidem), ou seja, o ponto de referência seria tal e qual um edifício que seja indicador de identidade numa paisagem urbana. Destes elementos, bairros são nominados por Del Rio (1991) como setores e definidos como “canais de movimento do observador” (ibidem, p. 162).

**Figura 65 - Disposição alusiva ao planos verticais de importantes trechos do complexo.**



Fonte: Autora (2015).

Observando o desenho que segue (figura 65), um mapa esquemático de implantação da área do complexo fabril têxtil, observa-se: dois bairros, Centro (Rio Largo) e Gustavo Paiva (Cachoeira), em tons esverdeados, um plano intermediário com locação do casarão em tom alaranjado forte e, finalmente, uma via/percurso sobre um eixo central perante o entorno. Trata-se da 'estrada de chão', via delimitada à esquerda pelo Rio Mundaú e algumas edificações do período têxtil, e à direita por diversas edificações fabris representativos do contexto histórico local. Ainda, o Rio Mundaú adentra-se, como que por afluentes, bem próximo às edificações no trecho circulado em preto.

Nessa lógica espacial, em uma pesquisa piloto<sup>59</sup>, foram explorados pontos nodais e marcos perante essa via de outrora fluxo têxtil. Deram-se como escolhidos três locais em forma de pontos nodais e marcos, ou seja, três trechos da via, com dois destes locais sendo fábricas têxteis: a Fábrica Progresso, a Fábrica da Cachoeira, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e a Estação Férrea de Gustavo Paiva, estes dois últimos entendidos como um local único. Estes locais são interligados ao surgimento da fábrica e ao decorrente entorno que se estabeleceram elencados ao contexto histórico. Diante a figura 65, anterior, estes locais estão

<sup>59</sup> A pesquisa piloto se deu durante uma das disciplinas do programa do mestrado. Os ambientes escolhidos fazem referência a pontos de maiores interações fabris no período e tais escolhas se valiam de tentar aliar os anseios à reconstituição histórica às idas a campo para um reconhecimento inicial breve do meio remanescente fabril funcional.

dispostos nos bairros de Centro e Cachoeira, equidistantes ao plano intermediário (em tom alaranjado forte).

O primeiro local é a Fábrica Progresso (figura 66). A Progresso ainda apresenta nos dias atuais usos espaciais, mas não mais sobre a função fabril. Sua localização faz contexto hoje com o centro da cidade de Rio Largo e, vislumbrando o conceito de Lynch (1997), a Fábrica Progresso é um ponto nodal, pois atividades de comércio, serviços e outros fazem seu uso, isto é, os indivíduos entram e saem do edifício. Sua grande escala permite à antiga unidade fabril ser vista em várias imagens urbanas citadinas. Assim, a altura do prédio e sua chaminé contemplam também um marco de referência.

#### **Figura 66 e 67 - Fábrica Progresso – 2012 e 2014.**

Figura 66: Fábrica Progresso em ruínas em 2012. Fonte: Google Earth (2012).

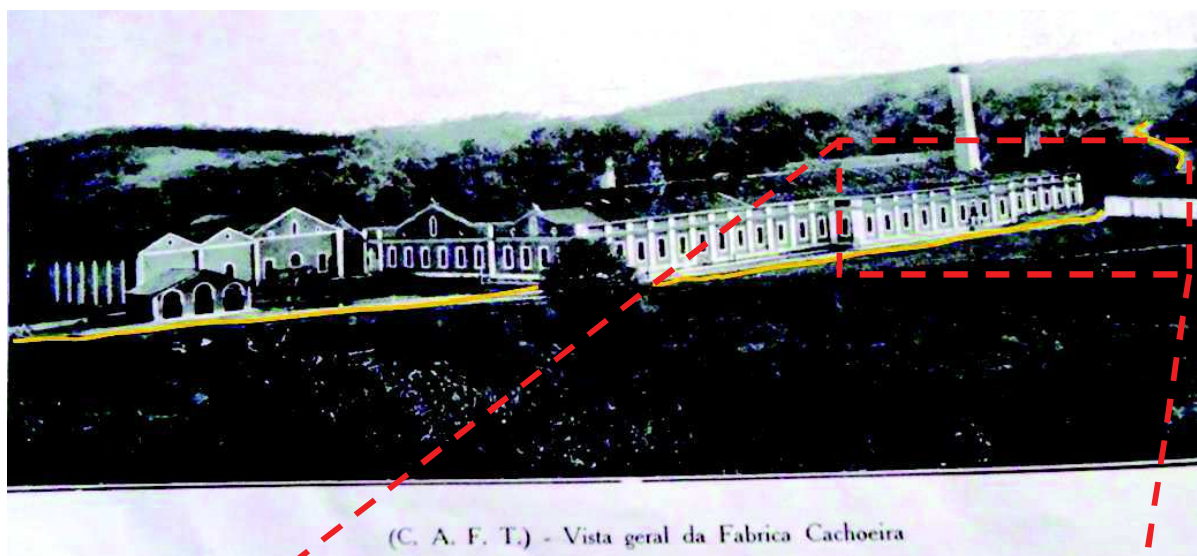


Figura 67: Fábrica Progresso hoje com instauração de um shopping. Fonte: Facebook – @Rio Largo notícias (2014).



O segundo local, a Fábrica da Cachoeira, é uma edificação totalmente sem uso na paisagem urbana, pois diferentemente da Progresso, ela está em ruínas e abandono. A vegetação cobre todas as paredes e piso e não há mais coberta. Por sua grande extensão de área, altura de suas paredes, empenas e chaminé, além de estar instalada abaixo de uma íngreme ladeira (figura 68 e 69 – estrada de chão em amarelo), é elemento de paisagem urbana contemplativa, onde do alto da ladeira que a limita tem-se um mirante. É também um marco, porque o indivíduo não entra em suas instalações (figura 68).

Figura 68 e 69 - Fábrica da Cachoeira e demarcação em laranja da estrada de chão.



Fonte: Autora (2015) - Adaptado de MARROQUIM (1922); CASTRO e XAVIER (1997).

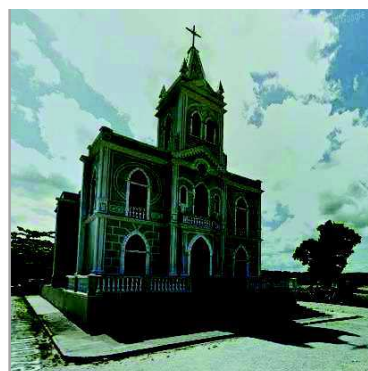
O último ponto escolhido na pesquisa piloto foram dois pontos nodais que são vizinhos entre si: a Estação Férrea Gustavo Paiva e a Igreja Sagrado Coração de Jesus (figura 70 e 71), referências históricas e espaciais no presente. Lynch expõe, sobre os pontos nodais, que os conceitos desses elementos urbanos podem fazer parte de dois tipos ou mais de elementos, em ocasião das características elencadas aos mesmos.

### Figura 70 e 71 - Estação férrea e igreja da Cachoeira.

Figura 70: Estação Férrea de Gustavo Paiva.



Figura 71: Igreja do Sagrado Coração de Jesus.



Fonte: Google Earth (2011).

Segundo Del Rio (1991), “alguns autores discutem esta tipologia [desenvolvida por Lynch] como de aplicabilidade não tão generalizável pois seus elementos se confundem entre si” (ibidem, p. 163), além de outros fatores a respeito das ‘conclusões/inconclusivas’ de Lynch referente ao meio físico e social. Entretanto, conforme Del Rio, Timóteo (1984) expõe em sua dissertação que os elementos físico-espaciais e a interpretação do autor foram importantes para sua análise.

A importância da interpretação de LYNCH consiste na possibilidade de se utilizar a análise visual resultante das percepções coletivas, como um recurso para o tratamento dos aspectos físicos espaciais, através de formulações de propostas para uma futura [...] ação [no espaço em estudo]. (ibidem, p. 87).

Ao se dispor as discussões e aprofundamentos conclusivos desenvolvidos por alguns autores como os apresentados aqui, entendeu-se que a aplicação dos elementos físico-espaciais originalmente adotados por Lynch e desenvolvidos por outros autores não desmereceram as interpretações socioespaciais elencadas no objetivo geral desta dissertação. Pode-se tomar uma pesquisa recente de Del Rio *et al* (2005) como testemunha da dinamicidade que o uso dos conceitos de Lynch alcançam e ainda continuam sendo empregados atualmente. Os autores o denominam “lynchiano” quando citam: “nesses mapas foram identificados os clássicos elementos lynchianos” (ibidem, p. 12), reforçando o uso dos elementos urbanos.

## 4.2 Apropriação das apreensões socioespaciais

Ante os dois conceitos esmiuçados, H.O. e mapa mental/mapa esquemático, desenvolveu-se uma apropriação espacial. Tratou-se da escolha dos locais para aplicação da metodologia *in loco*. Momento singular, uma vez que o espaço não tem mais atividades têxteis, porém apresenta edificações de identificação do período fabril nos bairros e limites fabris. Para a aplicação metodológica final foi mensurada, então, a necessidade da pesquisa piloto mencionada, a fim de responder às inquietações iniciais dos objetivos.

Para isto, no processo da pesquisa piloto, decorreu idas a campo para experimentações à deriva, observar, tomar qualquer caminho e procurar diálogo com os transeuntes. Tal momento necessitou de um retorno à história do local, à busca de um caminho norteador e, nisto, foram tomados conceitos de elementos urbanos introduzidos por Lynch (1997), alicerçados por Del Rio (1991) e instrumentalizados por Timóteo (1984).

Desses estudos contextualizadores, foram compostos dois jogos de prospectos para aplicação metodológica final: o documento do questionário da H.O. e o documento para disposição do desenho do mapa esquemático. Vale ressaltar que o questionário contou com um banco de dados balizador de motes, conforme a técnica solicita: segue texto (figuras 72, 73, 74 e 75 em sequencia).

**Figura 72: Folha inicial de questões para aplicação a campo.**

| <b>Documento para aplicação da entrevista</b> |                                                                                                                     |                                                                                                                         |                                                                                                                                       |
|-----------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>■ DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO</b>       |                                                                                                                     |                                                                                                                         |                                                                                                                                       |
| NOME:                                         |                                                                                                                     |                                                                                                                         |                                                                                                                                       |
| FILIAÇÃO                                      |                                                                                                                     |                                                                                                                         |                                                                                                                                       |
| ESCOLARIDADE                                  |                                                                                                                     |                                                                                                                         |                                                                                                                                       |
| PROFISSÃO:                                    |                                                                                                                     |                                                                                                                         |                                                                                                                                       |
| ESTADO CIVIL:                                 |                                                                                                                     |                                                                                                                         |                                                                                                                                       |
| IDADE:                                        |                                                                                                                     |                                                                                                                         |                                                                                                                                       |
| CIDADE NATAL:                                 |                                                                                                                     |                                                                                                                         |                                                                                                                                       |
| CIDADE QUE MORA:                              |                                                                                                                     |                                                                                                                         |                                                                                                                                       |
| LOCAL DA ENTREVISTA                           | <br>FRENTE DA FÁBRICA<br>PROGRESSO | <br>CONTORNO DA PRAÇA 15<br>DE OUTUBRO | <br>FRENTE DA IGREJA DO SAGRADO<br>CORÇÃO DE JESUS |

Fonte: Autora (2014).

Na figura 72 tem-se o banco de dados básico que foi usando durante toda a aplicação metodológica a campo, com informações pessoais de cada indivíduo abordado, captado na pesquisa. A construção deste momento para coletar dados iniciais, pessoais e direcionais, além de toda a confecção do questionário, de todos os depoentes, entrevistados, deu-se por meio de estudos técnicos e práticos aplicados por autores como Thompson (1991), Bosi (1994), Caldas (1999) entre outros, além de diálogos (aulas) com a professora Clara Suassuma<sup>60</sup>, aulas, dinâmicas e seminários das disciplinas do DEHA<sup>61</sup> e aferições com a orientadora desta dissertação.

Vale ressaltar que, para a aplicação metodológica *in loco*, o projeto de pesquisa desta dissertação teve que passar pelo crivo do Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da UFAL, e apenas após o seu 'aprove' para aplicação das técnicas da H.O. e mapa esquemático e que as idas a campo tiveram início para a completude da aplicação oral e mapa esquemático no espaço antigamente fabril, onde consolidou-se e uso das exigências de todo o processo ético do CEP.

<sup>60</sup> Clara Suassuma é docente e pesquisadora da UFAL e trabalha no NEAB fazendo uso da aplicação da História Oral.

<sup>61</sup> Aulas de disciplinas do DEHA/UFAL que mais ofereceram este aporte foram: DEH102 O Espaço Habitado e a Linha do Tempo e DEH103 Representação e Percepção do Espaço Habitado.

Neste bloco inicial de preenchimento deu-se a anotação dos três pontos nodais e/ou marcos, inicialmente escolhidos para a aplicação da metodologia, reiterando-se: frente da Fábrica Progresso, frente e lateral direita da Fábrica de Cachoeira (e contorno da Praça 15 de outubro) e frente, entorno, da Estação Férrea de Gustavo Paiva e da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Esses espaços, além de importantes espaços do período têxtil, já descritos, ainda conservam erigidas suas edificações, em uso ou não, conservadas ou em ruínas, mas que apresentam no entorno movimentação citadina.

**Figura 73 - Figura da primeira fase das questões – o passado, 01de03, das questões para aplicação a campo.**

| ■ ROTEIRO DE ENTREVISTA |                                                                                                                                                           |
|-------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ↻ O PASSADO             |                                                                                                                                                           |
| ■ PESQUISADOR           | Você tem lembrança deste local (citar o local da entrevista) no passado? Poderia descrever?                                                               |
| ENTREVISTADO            |                                                                                                                                                           |
| ■ PESQUISADOR           | Você conhece alguém que já falou algo sobre a história deste local? Poderia contar sobre as fábricas têxteis que existiram? Como soube dela? Quem contou? |
| ENTREVISTADO            |                                                                                                                                                           |
| ■ PESQUISADOR           | Você lembra quem viveu aqui? Quem trabalhou aqui?                                                                                                         |
| ENTREVISTADO            |                                                                                                                                                           |
| ■ PESQUISADOR           | Como você vê a História de Rio Largo? As fábricas têxteis fazem parte da História de Rio Largo? Explique.                                                 |
| ENTREVISTADO            |                                                                                                                                                           |
| ■ PESQUISADOR           | Como era conhecido esta área quando as fábricas funcionavam? Qual era a distância da casa do funcionário a fábrica? Havia algum transporte? Explique.     |
| ENTREVISTADO            | I                                                                                                                                                         |

Fonte: Autora (2014).

Esses locais, pontos nodais e/ou marcos, dispostos sobre a 'estrada de chão', foram palco da aplicação metodológica de campo e teve como roteiro da entrevista (pesquisa) três momentos definidos como: o passado (figura 73), o presente e o presente imediato. Essa temporalidade adveio de conceitos de Caldas (1999), que codifica três 'tempos' para descrever as apreensões oralizadas: o passado como um retorno à memória, o que passou e está presente pelo sentido do 'lembrar'; o

presente como algo que ocorre, mas que passou há um instante atrás; e o presente imediato por aquilo que se tem a luz da memória presente e se vivencia no 'agora'.

Este entendimento de tempo descrito significa, como diz Caldas (1999) sobre a memória na investigação da H. O., um “desdobramento contínuo e singular que garante vários tipos de identidade. Ao mesmo tempo, sua forma de se expressar é como texto e seu trabalho interno para chegar a esse texto é o mesmo de um tipo de criação literária” (CALDAS, 1999, p. 53). Essa disposição sugestionou-se funcionar na aplicação a campo, uma vez que os entrevistados responderam com aparente conforto a esta lógica tática de inquirir questionamentos.

**Figura 74 - Figura da segunda fase das questões – o presente, 02de03, das questões para aplicação a campo.**

 O PRESENTE

- PESQUISADOR

ENTREVISTADO

Você faz esse caminho há quanto tempo? Houve alguma mudança?
- PESQUISADOR

ENTREVISTADO

O que fazem as pessoas nesse espaço (citar o local da entrevista) hoje?
- PESQUISADOR

ENTREVISTADO

Quem mora nas casas das fábricas têxteis hoje? Pertencem a quem?
- PESQUISADOR

ENTREVISTADO

Como você distingui ou conhece os espaços (casas, edifícios e demais) das fábricas têxteis?

Fonte: Autora (2014).

**Figura 75 - Figura da terceira fase das questões – o presente imediato, 03de03, das questões para aplicação a campo**

| PRESENTES IMEDIATO |                                                                                                                                                                          |
|--------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PESQUISADOR        | Você gosta daqui? Por quê? Explique.                                                                                                                                     |
| ENTREVISTADO       |                                                                                                                                                                          |
| PESQUISADOR        | O que você sente quando olha para estas construções antigas? Você percebe mudanças? Você gostaria que houvesse preservação dessas construções? Por quê? Já houve alguma? |
| ENTREVISTADO       |                                                                                                                                                                          |
| PESQUISADOR        | Você poderia contar algo sobre sua infância ou um fato engraçado ou importante vivido nesse espaço?                                                                      |
| ENTREVISTADO       |                                                                                                                                                                          |
| PESQUISADOR        | Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?                                                                                                                               |
| ENTREVISTADO       |                                                                                                                                                                          |

Fonte: Autora (2014).

Além destes documentos, adotou-se outro para a disposição do desenho do mapa esquemático, constando de espaço em comum com os dados pessoais e um espaço vazio, em uma folha A4, em adição à parte para que o indivíduo pudesse dispor sua apreensão particular para o local em questão.

A primeira ida a campo para a aplicação metodológica final ocorreu após aprovação do CEP/UFAL, em fins de dezembro de 2013. Esse momento se deu inicialmente no bairro de Cachoeira, em dia de temperatura muito elevada, início de verão, em um local aprazível em recepcionar pesquisadores e estudantes locais. O contato com o meio social trouxe expectativas contraditórias, já que alguns indivíduos contatados mostraram-se adeptos a participar e outros negaram, demonstrando ‘medos’, seja políticos ou sociais.

Na captação social, também exporam a interferência de estudiosos investigando o assunto socioespacial têxtil. Desses, três pesquisadores foram identificados e adotados nas referências desta dissertação, Paiva Filho (2013) e Tenório e Lessa (2013), além de outros<sup>62</sup>. Apesar desse fato afastar alguns indivíduos captados, essa ocorrência não desmereceu a conquista de potenciais

<sup>62</sup> O assunto/objeto: a desativação do “Rio Largo têxtil” tem suscitado pesquisas com obras lançadas recentemente e outras ainda não lançadas no meio acadêmico, haja vista as pesquisas ainda em decorrência no espaço de tempo de fins de 2013 a fins do primeiro semestre de 2014 ainda ocultas de submissões acadêmicas.

depoentes entrevistados, visto que os indivíduos de Cachoeira e Centro convidados a participar da pesquisa também foram indicadores de outros depoentes. Esta indicação levou a pesquisa a transpor os limites do perímetro trecho: dos trinta participantes, quatro foram ex-moradores locais.

Os critérios para a escolha dos depoentes partiram inicialmente da busca por ex-funcionários fabris, hoje idosos, ou mesmo por indivíduos que estivessem na faixa etária compatível ao período de funcionamento do complexo. No entanto, deu-se que um número de quase dez ex-funcionários (antigos operários, fiscais, mestres, etc) não puderam participar, ora se mudaram e estão inacessíveis desde a última enchente de 2010, ora estão acometidos de alguma enfermidade, fatores que dificultaram ajustar condições e horários compatíveis para encontros.

Diante desse obstáculo, foram priorizados os indivíduos que, mesmo não tendo trabalhado no complexo, tiveram acessos ao local, conheceram os funcionários e a gestão dos diretores-presidentes. Na sequência, por não conseguir captação de indivíduos nesse outro perfil, optou-se por acolher como depoentes os indivíduos entusiastas em participar. Esses foram, em sua maioria, moradores que conhecem a história fabril têxtil pelo que os idosos (ex-funcionários) e parentes destes narraram da história local.

Considerando esses perfis na escolha dos participantes, os trinta entrevistados (tabela<sup>63</sup> 02 e 03) da pesquisa *in loco* somaram informações comuns e, por vezes, contraditórias à historiografia. A H.O. foi aplicada, entre, de idosos e jovens, no entanto o mapa esquemático foi mais limitado, pois pareceu dificultoso desenvolver um produto buscando a memória do espaço e o uso do próprio punho, a escrita, para desenhar. Quiçá essa etapa merecesse mais tempo a campo, entendendo-se ainda que esse tempo se equivale à paciência em esperar e retornar ao local para desenvolvimento do desenho em si.

---

<sup>63</sup> Referente às tabelas, E00 significa entrevistado mais ordem de entrevista. Optou-se ainda por expor ao lado o pronome de tratamento.

**Tabela 2 - Tabela com disposição dos entrevistados conforme metodologia da H.O. - parte 01 de 02 dos trinta indivíduos.**

| IDENTIFICAÇÃO/<br>pronomes de<br>tratamento | MEI | DATA<br>ENTREVISTA                       | DESENHO              | SEXO      | PROFISSÃO                     | IDADE                 | CIDADE            | CASADO/A                                     |
|---------------------------------------------|-----|------------------------------------------|----------------------|-----------|-------------------------------|-----------------------|-------------------|----------------------------------------------|
| E01 / Senhora                               | 01  | 04/01/2014                               | Não fez/<br>nem quis | Feminino  | Aposentada<br>da complexo     | 92 anos               | Rio Largo<br>- AL | Viúva                                        |
| E02 / Você                                  | 02  | 04/01/2014                               | Não fez/<br>nem quis | Masculino | Operador de<br>máquinas       | 41 anos               | Rio Largo<br>- AL | Não                                          |
| E03 / Senhora                               | 03  | 09/01/2014<br>(faleceu em<br>04/10/2014) | Fez                  | Feminino  | Empregada<br>doméstica        | 58 anos               | Rio Largo<br>- AL | Sim                                          |
| E04 / Senhora                               | 04  | 09/01/2014                               | Não fez/<br>nem quis | Feminino  | Ex-Tecelã                     | 82 anos<br>(incertos) | Rio Largo<br>- AL | Sim<br>(abandonada<br>pelo esposo)           |
| E05 / Senhora                               | 05  | 09/01/2014                               | Não fez/<br>mas quis | Feminino  | Vendedora/<br>Pensionista     | 53 anos               | Rio Largo<br>- AL | Viúva                                        |
| E06 / Senhora                               | 06  | 09/01/2014                               | Fez                  | Feminino  | Auxiliar de<br>enfermagem     | 73 anos               | Rio Largo<br>- AL | Viúva<br>(reclama<br>muito da<br>solidão)    |
| E07 / Senhora                               | 07  | 14/01/2014                               | Não fez              | Feminino  | Dona de casa<br>e negociadora | 71 anos               | Rio Largo<br>- AL | Sim<br>(legalmente)/<br>Não<br>(fisicamente) |
| E08 / Você                                  | 08  | 14/01/2014                               | Não fez/<br>mas quis | Masculino | Vigilante                     | 36 anos               | Rio Largo<br>- AL | Sim                                          |
| E09 / Senhora                               | 09  | 14/01/2014                               | Não fez              | Feminino  | Aposentada                    | 74 anos               | Rio Largo<br>- AL | Viúva                                        |

Fonte: Autora (2014).

**Tabela 3 - Tabela com disposição dos entrevistados conforme metodologia da H.O. - parte 02de02 dos trinta indivíduos.**

| IDENTIFICAÇÃO/<br>pronomes de tratamento | Nº | DATA<br>ENTREVISTA | DESENHO              | SEXO      | PROFISSÃO                                           | IDADE   | CIDADE         | CASADO/A |
|------------------------------------------|----|--------------------|----------------------|-----------|-----------------------------------------------------|---------|----------------|----------|
| E10 / Você                               | 10 | 14/01/2014         | Fez                  | Masculino | Pintor e pedreiro                                   | 54 anos | Rio Largo - AL | Sim      |
| E11 / Senhora                            | 11 | 14/01/2014         | Não fez/<br>nem quis | Feminino  | Costureira                                          | 77 anos | Rio Largo - AL | Sim      |
| E12 / Senhor                             | 12 | 14/01/2014         | Não fez/<br>nem quis | Masculino | Aposentado/<br>Ex-Emendador de rolo                 | 75 anos | Rio Largo - AL | Sim      |
| E13 / Senhora                            | 13 | 16/01/2014         | Não fez/<br>nem quis | Feminino  | Aposentada/<br>Ex-Tecelã                            | 67 anos | Rio Largo - AL | Sim      |
| E14 / Você                               | 14 | 16/01/2014         | Fez                  | Masculino | Comerciante e vigilante                             | 43 anos | Rio Largo - AL | Sim      |
| E15 / Você                               | 15 | 18/01/2014         | Fez                  | Masculino | Coordenador de suprimentos                          | 27 anos | Rio Largo - AL | Sim      |
| E16 / Você                               | 16 | 21/01/2014         | Fez                  | Masculino | Bilheteiro                                          | 22 anos | Maceió - AL    | Não      |
| E17 / Senhor                             | 17 | 21/01/2014         | Não fez/<br>mas quis | Masculino | Aposentado da CBTU/ Ex-Ferrovário                   | 78 anos | Rio Largo - AL | Sim      |
| E18 / Você                               | 18 | 21/01/2014         | Não fez/<br>mas quis | Feminino  | Padeira e doméstica                                 | 41 anos | Maceió - AL    | Sim      |
| E19 / Senhor                             | 19 | 02/02/2014         | Não fez/<br>mas quis | Masculino | Vigilante/ Ex-operário da Sala de Fazenda           | 78 anos | Rio Largo - AL | Sim      |
| E20 / Senhora                            | 20 | 02/02/2014         | Não fez/<br>mas quis | Feminino  | Merendeira                                          | 66 anos | Rio Largo - AL | Não      |
| E21 / Senhora                            | 21 | 02/02/2014         | Não fez/<br>nem quis | Feminino  | Merendeira (hoje) Ex-Tecelã do complexo (1974-1977) | 59 anos | Rio Largo - AL | Não      |
| E22 / Senhora                            | 22 | 02/02/2014         | Fez                  | Feminino  | Professora do município                             | 60 anos | Rio Largo - AL | Não      |
| E23 / Senhor                             | 23 | 06/02/2012         | Não fez/<br>nem quis | Masculino | Aposentado do complexo/ Ex-chefe da Sala de Fazenda | 80 anos | Rio Largo - AL | Sim      |
| E24 / Senhora                            | 24 | 07/02/2014         | Não fez/<br>nem quis | Feminino  | Professora aposentada                               | 61 anos | Rio Largo - AL | Sim      |
| E25 / Senhora                            | 25 | 13/02/2014         | Não fez/<br>nem quis | Feminino  | Aposentada/ Ex-lissadora na Sala de Fazenda         | 85 anos | Rio Largo - AL | Viúva    |
| E26 / Você                               | 26 | 17/02/2014         | Fez                  | Masculino | Petroleiro                                          | 38 anos | Maceió - AL    | Sim      |
| E27 / Você                               | 27 | 17/02/2014         | Fez                  | Feminino  | Técnica em edificações                              | 34 anos | Maceió - AL    | Sim      |
| E28 / Você                               | 28 | 20/02/2014         | Fez                  | Feminino  | Administradora                                      | 40 anos | Maceió - AL    | Sim      |
| E29 / Senhora                            | 29 | 05/03/2014         | Fez                  | Feminino  | Assistente de Recursos Humanos                      | 55 anos | Maceió - AL    | Viúva    |
| E30 / Senhora                            | 30 | 08/05/2014         | Não fez/<br>nem quis | Feminino  | Aposentada/ ex-tecelã                               | 74 anos | Rio Largo - AL | Viúva    |

Fechando este item desta dissertação, tem-se uma prévia do apanhado a campo, as tabelas 02 e 03<sup>64</sup>. Essas tabelas demonstram os depoentes entrevistados, que aceitaram, também, desenhar o mapa esquemático e desenharam, outros que aceitaram desenhá-lo e não o fizeram, e entre estes se incluem os que prometeram entregá-lo posteriormente, e os que não aceitaram ou ora estavam impossibilitados, ora não eram alfabetizados ou sabiam pegar na caneta ou lápis. Dos que ficaram certos de entregar depois, mas não o fizeram, foram: a senhora E05, o senhor E08, o senhor E17, a padieira E18, o senhor E19 e a senhora E20. Pontos justificáveis se forem observados a empolgação e vontade em participar ou ajudar com a pesquisa.

No quadro exposto (tabelas 02 e 03) organizam-se também os dados de todos os indivíduos da pesquisa referente ao período a campo. Têm-se as datas, sexo, idade, cidade que mora e situação civil. Tais informações são importantes para todo o processo, estudo e interpretações fomentados neste trabalho, bem como intrínsecos às técnicas. Por exemplo, para a H.O. as idades e profissões podem ajudar a identificar se o indivíduo existiu no período têxtil de Rio Largo ou se alcançou algum parente, vizinho ou conhecido trabalhando no complexo, ou mesmo ser referência oral pelo que viu ou absorveu no curso histórico do meio.

O declínio têxtil perfez o período de 1968 a 1980, datas de fechamento da Fábrica de Cachoeira e Fábrica Progresso, respectivamente. Observa-se, então, que há quase 47 anos o complexo foi desativado, deixando as pessoas com idades de 60 a 92 anos próximas às vivências têxteis, pois pessoas de 60 anos de idade durante a pesquisa teriam 13 anos de idade naquela época, idade próxima à faixa etária permitida para entrar no complexo como operário, profissão que foi exercida por 50% do montante entrevistado.

Ainda nestas tabelas, tem-se a mensuração de ex-profissionais remanescentes ao ofício têxtil, um total de 09 entrevistados, 30% aproximadamente do todo, sendo 90% ex-operários e 10% em cargo de chefia. Destes, todos somaram informações preciosas e comuns ou contraditórias às pesquisas históricas enfocadas, relatadas no terceiro capítulo e que serão discutidas e interpretadas no último capítulo desta dissertação.

---

<sup>64</sup> As tabelas formam uma única, divididas para facilitar exposição entre laudas de formato A4 nesta dissertação.

**Tabela 4 - Tabela com disposição dos indivíduos que desenharam conforme a técnica do mapa esquemático, mas que se recusaram a dar entrevista.**

| IDENTIFICAÇÃO/<br>prônimo de<br>tratamento | ITEM | DATA DO<br>DESENHO | DESENHO                       | SEXO      | PROFISSÃO                     | IDADE   | CIDADE         | CASADO/A   |
|--------------------------------------------|------|--------------------|-------------------------------|-----------|-------------------------------|---------|----------------|------------|
| D01 / Você                                 | 01   | Março/2014         | Fez/não quis ser entrevistada | Feminino  | Professora                    | 34 anos | Rio Largo - AL | Não        |
| D02 / Você                                 | 02   | Março/2014         | Fez/não quis ser entrevistada | Feminino  | Dona de casa                  | 35 anos | Rio Largo - AL | Divorciada |
| D03 / Você                                 | 03   | Março/2014         | Fez/não quis ser entrevistado | Masculino | Estudante do ensino médio     | 16 anos | Rio Largo - AL | Não        |
| D04 / Você                                 | 04   | Abril/2014         | Fez/não quis ser entrevistado | Masculino | Desempregado                  | 35 anos | Rio Largo - AL | Não        |
| D05 / Você                                 | 05   | Abril/2014         | Fez/não quis ser entrevistada | Feminino  | Professora do ensino superior | 40 anos | Maceió - AL    | Sim        |

Fonte: Autora (2014)

Na tabela anterior (04)<sup>65</sup> tem-se a disposição dos indivíduos dispostos a desenhar o mapa esquemático, mas que se recusaram a dar entrevista. Dos que aceitaram ser entrevistados, onze (11) desenharam o mapa, somando-se assim 16 desenhos. Observa-se que talvez esses 05 indivíduos representem um grupo descomprometido com a história do local, pelo fato de não fornecerem a entrevista, contudo fizeram desenhos com elementos e pontos mais marcantes para si, oferecendo a pesquisa possibilidades interpretativas.

Diante desta estrutura metodológica com métodos e técnicas aplicadas a campo, notou-se a necessidade de traçar um meio para a concepção da interpretação do apanhado a campo. Falas e desenhos formavam um volume de informações com diversas possibilidades contextuais, por vezes coerentes e por vezes contraditórias, fatores que levaram à adoção da “análise de discurso” de Orlandi (2001).

Essa autora trata do discurso como peça da oratória, que para a linguística repercute na oralidade, processo desenvolvido no meio riolarguense nesta investigação. A autora adota, então, que discurso é o “lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia” (ORLANDI, p. 17), que para as dinâmicas têxteis têm-se as falas com colocações históricas, diálogos com detalhes sobre os processos produtivos, relações sociais, contradições de formas de vivências, como se houve ou não domínio ou relações de poder no meio, entre

<sup>65</sup> Referente a esta tabela, D00 significa entrevistado que desenhou mais ordem de aplicação metodológica – mapa esquemático.

outras conotações que a análise do discurso empregada no último capítulo desta dissertação demonstrará.

### **4.3 A análise de discurso, ordem do discurso**

O discurso é peça da oratória proferida a um determinado público e, segundo Orlandi (2001, p. 15), etimologicamente oferece a ideia de curso, de correr, de movimento. Neste ínterim, a autora define o discurso como “palavra em movimento, prática de linguagem [da qual]: com o estudo da linguagem observa-se o homem falando” (ibidem). Ela relaciona o discurso entre a língua e a ideologia e textualiza a Análise de Discurso como uma articulação entre os especialistas do campo da linguística e das ciências sociais, além da psicanálise.

Dessa forma, a Análise de Discurso, que nesta dissertação será designada AD, toma a linguagem discursiva como meio de se apreender ideologias, ideias, convicções. No discurso, o simbólico produz sentidos, que se expressam como polissêmicos, cabendo ao analista escolher, dentre os processos possíveis, um caminho que o leve às respostas que necessita. No entanto, conforme assinala Orlandi (2001), não se trata de uma transmissão de mensagens que aconteceriam de forma linear, mas no funcionamento da linguagem que põe em relação sujeitos, produção de sentidos, história e ideologias.

Relativo aos sentidos, a AD não vai se ocupar do sentido do texto, ou do sentido do discurso, mas sim dos modos e das dinâmicas do texto e do discurso por ocasião da produção de sentidos ao longo do fio da história. Vale ressaltar que não há sentido sem interpretação, o que atesta a presença da ideologia nas produções da linguagem e, ainda, os sentidos só são possíveis a partir de sua materialização na linguagem. Neste ponto poderão entrar a descrição espacial da Rio Largo têxtil proferida pelos indivíduos a campo ou mesmo pelos desenhos desenvolvidos, demarcando locais ou edificações têxteis de maior vulto ou importância, perante relações pessoais de cada um ou mesmo relações de poder – materializando os sentidos.

A AD descentraliza a noção de sujeito com a psicanálise, pois adota premissas que vão além da comunicação baseada no esquema dos cinco elementos (emissor, receptor, mensagem, referente e código). Tais premissas são, segundo Orlandi: 01 - “a língua tem sua ordem própria”; 02 - “a história tem seu real afetado

pelo simbólico” e 03 - “o sujeito da linguagem é descentrado [...] funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ibidem, 2001, p. 19-20). A autora justifica a adoção dessas premissas refletindo que “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós” (ibidem, p. 20) e, ainda, que os sentidos não são evidentes: “a linguagem serve para comunicar e [também] para não comunicar” (ibidem, p. 21). Como diz Orlandi:

[A AD] visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura (ORLANDI, 2001, p. 26).

Os analistas do discurso são os responsáveis pela interpretação dos sujeitos, do sentido do discurso. Eles estudam as relações sujeito e sentido e ressaltam, neste contexto, que não há sentido sem interpretação, o que atesta a presença da ideologia nas produções da linguagem, onde cada análise em AD singulariza e mobiliza diferentes conceitos de análise e tem profundos efeitos no resultado final do trabalho do analista.

Para interpretações, Orlandi utiliza as condições de produção, descrevendo o uso sócio histórico e ideológico das análises com a inserção substancial da memória, denominada em AD: “memória do dizer” e chamada por ela de “interdiscurso”, advindo de ‘inter’, relação recíproca. O interdiscurso é responsável pelos movimentos parafrásticos, relativo à paráfrase (repetição do dito, interpretação sem perda de sentido), e polissêmicos (vários sentidos) para a constituição dos sentidos, onde “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (2001, p. 33).

A “memória do dizer” refere-se ao deslocamento do ‘já-dito’ em um eixo vertical. Porém, seriam os dizeres já ditos esquecidos e o que “está sendo dito num dado momento”, perante condições dadas, estabelecido em um eixo horizontal denominado “intradiscurso”, sucedido da noção de dentro.

Esses eixos ‘já-dito’ e o ‘está sendo dito’ formam uma relação na análise, sendo a memória como constituição e a atualização do já-dito como formulação. Essa memória pode ser afetada pelo esquecimento. Segundo Orlandi (2001), o filósofo Michel Pechêux (1975) formulou duas configurações de esquecimento no discurso. Uma dessas formas direciona a especialista como o esquecimento

‘natural’, esquecimento parcial, semiconsciente. Nesse “o dizer não é indiferente aos sentidos” (Orlandi, *ibidem*, p. 35). A outra configuração seria o esquecimento como esquecimento ideológico.

O esquecimento ideológico é definido e redefinido pela autora como o esquecer afetado pela ideologia dominante. Neste último, os sentidos “são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade” (*ibidem*).

É necessário refletir que os esquecimentos são significativos aqui por terem em AD ‘um papel importante na cristalização dos sentidos’, ou seja, criam um sujeito pleno com o controle do que diz e do efeito do que é dito.

Neste âmbito, se não há sentido sem interpretação, ante de qualquer objeto simbólico há relação de verdade do homem com os sentidos. Isto remete às interpretações situadas no contexto em que tal discurso foi produzido que, de acordo com a autora, a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos, apreendidos por meio da linguagem e expressos por meio de diferentes formas. Fato é que os sentidos são definidos ideologicamente, ou seja, a ideologia divide o interdiscurso, a memória do dizer, definindo regiões da memória. Assim, pode-se concluir que os sentidos se encontram nas formações discursivas.

Em suas pesquisas em AD sobre as interpretações à análise, Orlandi (2001) destrincha dispositivos para a compreensão das diferenças de sentido e a participação da ideologia nos processos de análise. A autora explora o dispositivo teórico e o dispositivo analítico. Então, desenha para a interpretação dois momentos de análise, que são: “a interpretação faz parte do objeto da análise [...], o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito” (*ibidem*, p. 60) e num segundo momento “é preciso compreender que não há descrição sem interpretação [...], o próprio analista está envolvido na interpretação” (*ibidem*).

O analista descrito por Orlandi é o investigador que está aplicando a AD em sua pesquisa e esse, para a interpretação de sua análise, dispõe seu local como um espaço não neutro. O local do analista do discurso pleiteia um espaço não neutro, não para averiguar a verdade dos processos de produção de sentido, mas sim um deslocamento que permita trabalhar no entremeio entre a interpretação e a descrição. Sobre essa posição neutra a autora defende:

[...] trabalhar não numa posição neutra, mas que seja relativizada em face da interpretação: é preciso que ele atravesse o efeito de transparência da linguagem, da literalidade no sentido e da onipotência do sujeito. Esse dispositivo vai assim investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equívoco, na falha e na materialidade. No trabalho da ideologia. (2001, p. 61).

Seja a não neutralidade ou o envolvimento ou a opacidade, a relação do sujeito com a linguagem nunca é inocente. A fala é uma identificação, há articulação do simbólico com o político. A ideologia é o princípio que norteia o sentido nas formações discursivas.

Uma das condições da linguagem é a incompletude, uma vez que os sentidos não estão fechados. Cabe ao analista também buscar, através da metodologia mais adequada aos seus objetivos, o sentido por meio da falta, naquilo que não foi percebido por meio de uma simples interpretação. A relação entre sujeito e linguagem atesta a não transparência do sujeito consigo mesmo. E é nesse entremeio que será possível compreender as injunções ideológicas presentes nos discursos desta dissertação, uma vez que a falta, a opacidade, é necessária para a realização do discurso.

O envolvimento com a palavra, o momento da fala e a frase pronunciada, como também o desejo e o temor, são elementos que antecedem e precedem o discurso, como sustenta Foucault (1996, p. 06). O autor cita que existem em muitos “um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso”.

Em seus estudos, Foucault (1996) desvenda as relações entre práticas discursivas e os poderes revelando no discurso as interdições que atingem a ligação do desejo e do poder. Numa relação de conceitos distintos de linguagem, mas próximos de interpretação, revela o autor, então, que há controle e disposição no discurso do sujeito, refletindo e aprofundando reflexões vislumbradas em Orlandi. A linguista direciona nos dois momentos da interpretação da análise às funções do sujeito e do analista, além de enfatizar as relações ideológicas sempre intrínsecas às interpretações de sentido em AD.

Entende-se que a adoção de AD direcionou e ofereceu meios às interpretações do espaço social-têxtil da Rio Largo de outrora, processos e dinâmicas que serão apresentados no próximo capítulo. Na análise de AD, os textos se individualizam e dispersam o sujeito, pois a natureza do texto é a dispersão. Nisto, Orlandi (2001, p. 71) cita Foucault, enunciando que a “dispersão de textos” é

para o filósofo, “um espaço de irregularidades”. Ainda em Foucault, adota que “a própria unidade do texto é efeito discursivo” (ibidem, p. 75). Ela pactua com os pesquisadores que o objeto final de AD é a unidade, ou seja, saber como o discurso se textualiza.

Conforme enunciado no parágrafo anterior, o capítulo seguinte apresentará os diálogos (as falas) denotados como pontos comuns e contraditórios às investigações históricas perante o direcionamento da AD, dispondo caminho orientado de interpretar e, assim, identificar as inter-relações socioespaciais que referendam as relações de poder no Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo. Particularmente, o capítulo priorizará interpretar as apreensões socioespaciais do espaço remanescente da cidade-fábrica pela reconstituição de sua história rememorada. Neste processo será exposto o encadeamento da veia metodológica adotada e todo o processo desenvolvido pelas apreensões e análises à linguagem da cultura outrora têxtil, evidenciadas no Centro e Cachoeira da Rio Largo.

## 5 IDENTIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER

A história e a historiografia fabril de Rio Largo estão arraigadas à memória socioespacial têxtil que, por sua vez, está disposta por diferentes “redes de relações sociais e valores<sup>66</sup>” (DAMATTA, 1997, p. 13) na divisão, arranjo e uso de seus espaços. Esses elementos são definidores da espacialização e cotidiano que, de certa forma, direcionaram os métodos e técnicas aplicados a campo.

Dessa aplicação metodológica de campo, dois acessos ocorreram em momentos distintos. Nesses, deram-se técnicas, locais e indivíduos diferentes, todos sob o entorno dos bairros Rio Largo (Centro) e Cachoeira (Gustavo Paiva), conforme descrição do capítulo anterior.

Os dois bairros riolarguenses representaram a área outrora *locus* dos equipamentos de fabricação têxtil nos séculos XIX e XX, onde os limites do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo somavam, aproximadamente, uma grande parcela do bairro Rio Largo e quase a totalidade do bairro Cachoeira. Dentro desses limites, ainda é comum fazendas com terras para cultivo agropecuário, pastagem e outros, exceto o algodão como antes fora. Tais referências ainda sugerem características interioranas ao desenho urbano do local.

Além dessas áreas de cultivo rural, esses bairros mantêm o rio Mundaú espacializado em considerável extensão, perfazendo os limites do perímetro urbano têxtil ainda hoje. Nesse meio (figura 76 e 77), tem-se o comportamento e costume do riolarguense característicos às cidades de interior.

### Figura 76 e 77 - Varanda.

Figura 76: “Varanda”, local de passagens.



Figura 76: “Varanda”, local de encontros.



Fonte: Autora (2015).

<sup>66</sup> Referência que DaMatta (1997, p. 13) faz para o meio social e espacial, e a importância do estudo do espaço em ‘conjunto’ com a sociedade.

As imagens (figura 76 e 77) expõem parcialmente a vista do curso do rio Mundaú perfazendo um dos limites desses bairros. Nas figuras, vê-se um momento de captação metodológica: os transeuntes estão sobre o passeio e debruçam-se sobre o guarda corpo da “Varanda” (bairro Rio Largo), esses observam o curso do rio e os indivíduos que descem para Cachoeira e os que vão para Rio Largo. Esse é o ponto mais alto do meio produtivo da época fabril e ainda hoje serve de observatório aos dois bairros.

A partir desse contexto, propõe-se, neste último capítulo, expor o apanhado a campo durante a aplicação metodológica, conforme as imagens anteriores e as que seguem revelam (figuras 76 e 77) Imagens que divulgam comportamentos e costumes característicos da cidade interiorana, nelas destacam-se: calçadas estreitas, praças de usos socializáveis, canteiros como assentos (improvisado pelo usuário), mirante, a exemplo da Varanda, meio fio e ruas estreitas com pontos de encontro e reuniões diárias vespertinas (figura 78 e 79).

#### **Figura 78 e 79 - Estação Férrea Gustavo Paiva - Cachoeira.**

Figura 78: Moradoras na calçada estação férrea em Cachoeira.



Figura 79: Moradoras na bilheteria da estação férrea em Cachoeira.



Fonte: Autora (2015).

[O passeio ou] calçada [...] [corresponde] [...] ao “*locus*” de maior permanência das pessoas – o palco ideal para o desempenho de várias atividades, como: conversar sentado diretamente nelas [...] e muitas outras atividades peculiares a esta população que sempre das calçadas se apropriou (FERRARE, 1996, p. 115).

Assim como Marechal Deodoro, cidade alagoana analisada por Ferrare (ibidem), a população riolarguense apropriou-se também dos espaços públicos e os usam no dia a dia. Exemplificando esse aspecto, no verão de 2013/2014, por volta

das 16h, para usufruir da tarde fresca de Cachoeira, essas calçadas representaram “o locus de maior permanência” para os moradores ou usuários. E é nessa estação que eles saem de suas casas para sentar em cadeiras plásticas nas calçadas (figura 78) ou em blocos de ‘gelo baiano’<sup>67</sup> próximos ao meio, ou em bancos de praças, muretas, restos de muros das unidades fabris ou mesmo nas antigas linhas de trem alocadas próximas aos canteiros e áreas comuns.

A Varanda e a Estação Férrea Gustavo Paiva ou Estação da Cachoeira foram locais envolvidos com os processos produtivos. Na Varanda, local de rememoração socioespacial, tinha-se o casarão do diretor-presidente e o departamento de saúde, por exemplo, espaços de controle administrativo e manutenção de controle, conforme comentado no capítulo dissertativo da Rio Largo têxtil. Outro espaço é a estação em Cachoeira (figura 78 e 79), espaço de interações de carga/descarga e comercializações do período fabril, pontos nodais e marcos, elementos urbanos de forte expressão do meio urbano, conforme Lynch e Del Rio.

Esses dois ambientes, nas quatro figuras expostas, são contrates do período fabril, também nos dias atuais, ao mesmo tempo em que eram imagens lacustres e bucólicas, adjetivos perceptíveis na aplicação metodológica, representavam locais de funções e uso para manutenção do controle espacial fabril. Pontos que foram refletidos diante aplicação metodológica, técnicas que serão expostas na sequência deste capítulo: a oralidade com as falas e os desenhos com as percepções espaciais dos indivíduos captados, além da posterior análise de discurso desse apanhado *in loco*.

Neste entendimento, a estrutura deste capítulo final apresenta o estrato de dados apanhado a campo: falas e desenhos, comuns e contraditórios, apresentação do ambiente socioespacial pesquisado, diagramação em tabelas e esquemas gráficos as falas, expressões e, ou, diálogos que direcionaram a linguagem, comunicação e comportamento local para aplicação da análise de discurso. A partir da organização de mapas, tabelas entre outros insumos confeccionados e da sistematização das fontes levantadas da aplicação a campo, formalizou-se recursos para diagramações conclusivas pelo viés da análise de discurso.

---

<sup>67</sup> Gelo baiano é um bloco de concreto que serve para direcionar o trânsito.

## 5.1 Apreensões metodológicas socioespaciais

Na aplicação metodológica da H.O., a dissertação contou com trinta (30) depoentes, onde destes onze (11) indivíduos também participaram da confecção do mapa esquemático e, ainda, cinco (05) que se recusaram em participar da H.O., mas aceitaram executar o desenho do mapa esquemático. Conforme já informado, os trinta e cinco (35) participantes representaram um número favorável, haja vista a H.O. aceitar até um menor número e da captação total ter chegado a um número bem mais expressivo. Contudo, conforme mencionado no capítulo anterior, decorreram negativas posteriores a aceitação por parte dos indivíduos em virtude a idade avançada e algumas decorrências.

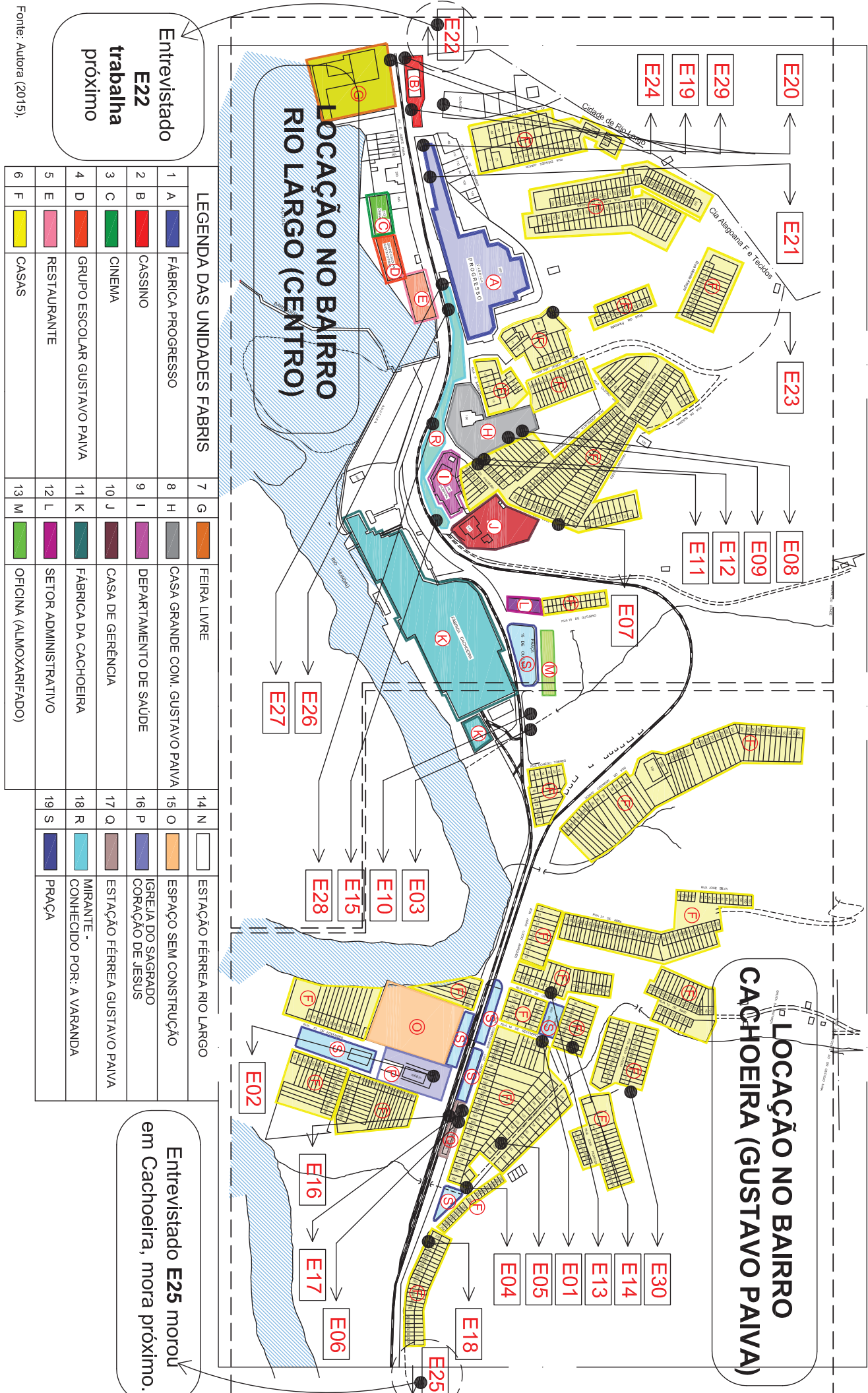
Nesta sequência, dispõe-se o mapa, na próxima lauda, do perímetro do complexo com a locação física dos pontos das interações metodológicas. Vale ressaltar que este mapa se dinamiza a partir do conceito de Foucault (1987) quando estudava dispositivos de poder e fazia acepção do panóptico de Bentham que trata exatamente de um espaço de controle totalitário ao qual se desenhava e se direcionava por um espaço fechado e vigiado em todos os pontos. Alusivo a disposição do panóptico de Bentham, este trabalho comenta a estrutura do espaço físico têxtil com o meio urbano e arquitetônico direcionado pelo funcionamento da produção têxtil e do cotidiano dos indivíduos que geriam direta e indiretamente o ambiente fabril.

Desta forma, a figura 80 do mapa (em uma folha de formato A3), dispõe pontos e espaços do meio urbano e arquitetônico das unidades fabris, bem como a alocação das posições de intervenção metodológica, ou seja: salas de casas operárias ou de fiscais, bancos da audiência de igreja, calçadas de estação de trem, calçadas de casas de mestres, meio fio de calçadas, passeio de circulação de guarda corpo, bancos de praças entre outros.

Ainda sobre a funcionalidade aplicativa deste mapa, predispõe-se que neste estão indicados, o panóptico de Bentham aplicado por Foucault (1987), os dispositivos de poder: vigiar (figura 80, casarão H - em cinza), disciplinar (além do casarão, fábricas A - em azul escuro e K - em cinza esverdeada), dominar (casarão, fábricas), controle (também as casas F - em amarelo) e produzir a verdade, elementos indicados e direcionados e redirecionados perante o funcionamento da

gestão na época, espaços existentes atualmente, mas sem essas funções, exceto pela presença expressiva na memória e vida dos usuários do local.

Figura 80:  
MAPA DO COMPLEXO FABRIL TÊXTIL DE RIO LARGO - localização dos entrevistados  
ESCALA \_\_\_\_\_ SEM ESCALA



Fonte: Autora (2015).

A tabela 05 expõe quantitativamente os que são de: Rio Largo (Centro) e Cachoeira (Gustavo Paiva), além dos que estariam situados nos locais indicados, mas hoje, após a última enchente de 2010, mudaram-se para morar em locais de maior segurança, segundo os mesmos.

**Tabela 5 - Participantes e os locais de relação espacial.**

| SIGLA | MORA EM CACHOEIRA | MORA NO CENTRO | LOCAL DA ENTREVISTA | ABAIXO DE 40 ANOS | ACIMA DE 40 ANOS | LOCAL DE AFEIÇÃO |
|-------|-------------------|----------------|---------------------|-------------------|------------------|------------------|
| E01   | x                 |                | CACHOEIRA           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E02   | x                 |                | CACHOEIRA           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E03   |                   |                | CACHOEIRA           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E04   | x                 |                | CACHOEIRA           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E05   | x                 |                | CACHOEIRA           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E06   | x                 |                | CACHOEIRA           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E07   |                   | x              | RIO LARGO           |                   | x                | RIO LARGO        |
| E08   |                   | x              | RIO LARGO           | x                 |                  | RIO LARGO        |
| E09   |                   | x              | RIO LARGO           |                   | x                | RIO LARGO        |
| E10   |                   |                | CACHOEIRA           |                   | x                | AMBOS            |
| E11   |                   | x              | RIO LARGO           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E12   |                   | x              | RIO LARGO           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E13   | x                 |                | CACHOEIRA           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E14   | x                 |                | CACHOEIRA           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E15   |                   |                | RIO LARGO           | x                 |                  | AMBOS            |
| E16   |                   |                | CACHOEIRA           | x                 |                  | CACHOEIRA        |
| E17   | x                 |                | CACHOEIRA           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E18   | x                 |                | CACHOEIRA           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E19   |                   |                | RIO LARGO           |                   | x                | INDIFERENTE      |
| E20   |                   |                | RIO LARGO           |                   | x                | RIO LARGO        |
| E21   |                   | x              | RIO LARGO           |                   | x                | RIO LARGO        |
| E22   |                   |                | OUTRO               |                   | x                | AMBOS            |
| E23   |                   | x              | RIO LARGO           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E24   |                   | x              | RIO LARGO           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E25   |                   |                | OUTRO               |                   | x                | CACHOEIRA        |
| E26   |                   |                | RIO LARGO           | x                 |                  | AMBOS            |
| E27   |                   |                | RIO LARGO           | x                 |                  | AMBOS            |
| E28   |                   |                | RIO LARGO           |                   | x                | AMBOS            |
| E29   |                   |                | RIO LARGO           |                   | x                | AMBOS            |
| E30   | x                 |                | CACHOEIRA           |                   | x                | CACHOEIRA        |
| D01   |                   |                | CACHOEIRA           | x                 |                  | AMBOS            |
| D02   |                   |                | CACHOEIRA           | x                 |                  | CACHOEIRA        |
| D03   |                   |                | CACHOEIRA           | x                 |                  | CACHOEIRA        |
| D04   |                   |                | CACHOEIRA           | x                 |                  | CACHOEIRA        |
| D05   |                   |                | RIO LARGO           |                   | x                | AMBOS            |

Fonte: Autora (2015)

A respeito dos nomes: Cachoeira e Rio Largo, utilizados na tabela 05, designados como termos locais para os bairros Gustavo Paiva e Centro, respectivamente, em Rio Largo, a depoente E07 descreve e explica: “O centro é Rio

Largo, lá onde tem a feira, onde tem os bancos, [onde] tem tudo, né? É Rio Largo. Só que é comércio. É o comércio. Agora lá prá baixo é Gustavo Paiva [conhecido pelo meio como Cachoeira]”. Trata-se da apropriação de termos concernentes ao espaço de vivência e o domínio espacial. Dessa forma, o termo Cachoeira advém da queda d’água e da importância desses pequenos encachoeiramentos para geração de energia.

Os espaços de dominância fabril receberam denominações durante o período fabril e, hoje, eles são conhecidos com essa relevância. Nesse sentido, o termo Rio Largo pelo qual é reconhecido o município: Rio Largo, também é usado para denominação do espaço do Centro da cidade, entretanto, não há uma constatação para esse uso. Dessa forma, ao que tudo indica, esses termos para bairros, advém de uma separação física, topográfica e ideológica, há Gustavo Paiva e há Rio Largo como dois bairros, talvez como duas cidades, ou seja, como dois perímetros urbanos.

Entende-se então que Gustavo Paiva e Cachoeira são nomes do mesmo espaço físico, onde, na divisão política da cidade é conhecido por Gustavo Paiva e socialmente, como Cachoeira. No entanto, o antigo bairro industrial Centro, não ficou confirmado na pesquisa se o nome Rio Largo para esse bairro é a partir da divisão política da cidade, mas sabe-se que Centro e Rio Largo são, também, denominações de um mesmo espaço físico.

Observa-se, na tabela 05, que quase 90% (noventa por cento) do número de participantes foram contatados dentro do perímetro urbano, excetuado a entrevistada E22 que não teve uma relação física direta com o espaço, ou seja, nunca morou ou teve qualquer relação espacial diretamente durante o estudo a campo, contudo se diz conhecer toda história, inclusive já fez trabalhos de pesquisa sobre a história da indústria têxtil local. Dos contatados em perímetro urbano, 10 indivíduos sempre moraram em Cachoeira e 07 foram captados em seus limites, e ainda 20 do total, mais de 70% (tabela 05), falam e têm afeição, gostam de morar, ir ou mesmo passar pelo bairro de Cachoeira.

Cachoeira, inclusive, apresenta-se espacialmente com mais características têxteis conservadas, mesmo que muitas de suas edificações estejam em ruínas, o que não desmerecem a relação do indivíduo com o meio fabril de outrora. Também é perceptível na tabela anterior que mais de 70% alcançaram, de certa forma, o tempo do fechamento da última unidade de produção, Fábrica Progresso, pois

mesmo os indivíduos ainda crianças em 1980 têm hoje cerca de 40 anos. Os indivíduos desta faixa etária conseguiram presenciar as dinâmicas dos processos têxteis, uma vez que o processo de fechamento iniciou-se em 1980, mas levaram-se anos para finalização total:

A [Fábrica da Cachoeira nos anos oitenta] daqui de baixo já tinha acabado com tudo. Aí, a de lá de cima já foi terminado e tirando os tecidos pra vender já no cassino, não foi nem na fábrica. [...] Tiraram as máquinas de tecelagem, levaram tudinho pra... Fernão Velho! Aí, começaram a funcionar em Fernão Velho, depois foram pra São Miguel dos Campos. Foi assim. (E05)

Ao que tudo indica, Fernão Velho absorveu a compra do maquinário, como também São Miguel dos Campos, cidades ainda com fábricas têxteis em funcionamento. O processo de fechamento foi acompanhado pela a senhora E05, que trabalhou como vendedora para Fábrica Progresso nos anos oitenta, não exatamente na produção, mas como vendedora dos tecidos e demais produtos acumulados nos estoques. O espaço designado para vendas fora instalado no cassino devido à proximidade com a Fábrica Progresso e o comércio do município (o Centro).

Há neste âmbito uma relação socioespacial dos indivíduos em geral com o espaço de Cachoeira (tabela 05), haja vista que Rio Largo (o Centro) tem hoje o comércio diversificado, confuso e que interfere na leitura de suas edificações e meio físico. Ainda, por ter sido palco de eventos festivos desde o período fabril, Cachoeira comover antigos moradores, usuários ou passantes que para o senhor E23 frisa: “é coisa que deixou marcado aquela festividade da Cachoeira”.

Segundo ainda o senhor E02, ocorriam festividades na cidade e isto era muito bom para população, destacando o Natal, o São João e o Carnaval, dando maior ênfase para o período natalino. Mesmo com 41 anos, esse senhor declara ter participado nos anos oitenta de festas organizadas pela família Paiva. Informa que o Comendador Gustavo Paiva faleceu antes do fechamento da primeira fábrica, Fábrica da Cachoeira, nos anos sessenta, e que os filhos assumiram a administração do complexo fabril. Sobre as festividades, ressaltou: “[...] a qualidade das festas era melhor [!], porque os donos da cidade é quem investiam na cidade e nas festas”.

A expressão “os donos da cidade”<sup>68</sup> usada pelo senhor E02, reporta-se a forma como ele enxergava nos filhos do Comendador Gustavo Paiva uma espécie de direito sobre o espaço citadino, como também, um domínio que se sobressai ao espaço fabril. Ademais, na expressão “a qualidade das festas” há um aspecto saudoso e, ao mesmo tempo, bom, talvez as festas tivessem uma representatividade para população. Reflete-se na população da época um aspecto crítico claro para esse domínio, a população resignava-se perante apropriação espacial do meio e sua vida, neste sentido, a sociedade era controlada pela direção da empresa.

Ainda sobre os direcionamentos da tabela 05, mesmo diante desse diálogo divisor, em todos os participantes do processo metodológico foi observado que o complexo é um espaço único, ou seja, constata-se que não há diferença espacial entre os limites têxteis de Rio Largo (Centro) ou de Cachoeira, com exceção dos platôs de conformação física ainda da época, e das atrações (local de afeição - tabela 05) voltadas para Cachoeira, talvez, devido à disposição edificante de maior domínio têxtil ou as saudosas festividades.

Os diálogos transmitem pontos contraditórios de um controle socioespacial que parece ainda vigorá, pois ao relatar as lembranças referentes ao período, referências as: casas, fábricas, funcionários, cargos, ruas, festas e famílias, essas são como um único elemento no meio, resistentes ao fim da história, ao tempo e ao espaço de outrora.

Essa constatação pode parecer prematura, mas a primeira questão da entrevista *in loco* refere-se ao tempo passado, como descrito por Caldas (1999), que solicita em sua obra saber do depoente a ‘lembrança do passado têxtil’. Essa questão foi disposta para captar do indivíduo sua primeira impressão do que foi o local, perante o que viveu e rememorou ou apenas rememorou de outrem, pois a lembrança repassa de indivíduo para indivíduo, gerando uma memória coletiva pelo tudo que viveram. A seguir elencam-se alguns testemunhos sobre o papel determinante das fábricas e a representatividade do espaço têxtil urbanizado pelos “donos”.

---

<sup>68</sup> Ressalta-se a expressão “os donos da cidade” usada pelo informante (ou depoente). Reconhecimento passivo de poder absoluto dos proprietários sobre a cidade”

Eu me ‘lembro’ da fábrica Gustavo Paiva. Né? Quando ela trabalhava [funcionava] eu conheci, só nunca trabalhei, mas andei por dentro dela quando a minha irmã trabalhava lá... (E03).

A fábrica começou a acabar, os donos antigos foram morrendo e seus familiares não quiseram, não quiseram cuidar de fábrica de tecidos. Então, mas isso aqui, tudo era residência. Aqui atrás quem morava era o pessoal que trabalhava, que era mais... (E06)

Minha filha, o que eles eram é que tinha as fábricas que trabalhava, né? Todo mundo era bem empregado. Que eu digo é isso. Hoje em dia... Hoje é que não tem mais nada. Nada. Acabou tudo. Rio Largooo... Acho que... Não sei não. Para o meu tempo. Há setenta anos atrai. Rio largo é uma coisa (E07).

Na época em que elas funcionavam era muito bom, tinha muito emprego, aí não tinha desemprego aqui em Rio Largo a maioria dos pessoal trabalhava tudo aqui mesmo, não partia daqui para Maceió. Inclusive quem eu conheço sempre fala que quando essa fábrica funcionava o trem andava vazio para Maceió, muita gente ficava só aqui em Rio Largo (E10).

Eu tenho lembrança de quando eu cheguei aqui, né? [...] Eu morei na Cachoeira! [...] Depois a gente, depois quase de uns tempo... [...] eu fui morar na Rua Laranjeira. [...] Por trás da Igreja! Onde tinha muito parque, né? Festa de Natal, muito lindo... Por ali. Foi muito bom (E11).

Eu vinha para Rio Largo [anos noventa], vinha a trabalho, com [a empresa do irmão]. A gente fazia entrega no hospital, só que a gente ia pela Mata do Rolo. [Uma] vez que eu vinha, vim [,,] lá estava interrompido [...]. Aí, viemos por outro caminho, aí eu vi como era bonito Rio Largo. Eu achava que Rio Largo era Mata do Rolo, que era a cidade. E quando eu vi, aí foi a primeira vez (E28).

Agora, a gente morava na companhia só tinha um arruado de casas, a primeira e a segunda, a terceira casa era a da gente. A primeira e a segunda era que guardava o milho, a primeira era o algodão e era o meu pai quem tomava conta do algodão e do milho (E30).

Observa-se que “a fábrica” (E03), “a fábrica de tecidos” (E06), “todo mundo era bem empregado” (E07) e “eu vi como era bonito Rio Largo” (E28) são expressões descrevendo o espaço e o meio social têxtil. Eles conjuntam a ideia de que a estrutura abrigava trabalho e estética urbana sob uma mesma estrutura. O depoente E10 expõe tal fato quando relata que o “trem andava vazio para Maceió”, e a senhora E30 endossa: “a gente morava na companhia”, não se desvincilhava espaço de moradia e espaço de trabalho.

A oralidade das depoentes senhoras é acompanhada de caracterização própria do local. As falas de E03, E06 e E30 são enfáticas, como em forma de denúncia autoritária àquilo que estavam relatando. Essas senhoras, além de necessitarem de maior proximidade física com a pesquisadora, falam num timbre de voz forte e parecem usar um único fôlego em cada locução textual. A senhora E07,

apesar de não ser a mais idosa, necessita de paradas ou de um tempo mais calmo que os demais, no entanto a proximidade física, quase íntima, prevalece.

Contudo, há relações de força e controle nestas conotações textuais pronunciadas. Por ser o início da oralidade, pesquisadora e entrevistado aparentam sutil acuidade por parte do indivíduo captado, talvez por uma questão de confiança inicial, talvez por estar dispondo apenas a resposta mais óbvia ao momento.

As questões<sup>69</sup> que seguiram a primeira procuravam buscar do entrevistado sua memória mais contundente, assim, foi perguntado sobre a história têxtil, as fábricas, os funcionários e conhecidos, ainda existentes dentro do espaço ou não, mas abriu-se nas perguntas seguintes, meios que aproximassem o indivíduo das vivências e cotidiano da época:

[...] A qualidade das festas era melhor, porque os donos da cidade é quem investiam na cidade e nas festas [- a avó e a mãe trabalharam no complexo] A tradição da cidade acabou. O pessoal sente falta das festas, aqui na cidade, né? (E02).

As fábricas faz parte da história de Rio Largo. Faz, faz por que a fábrica era um... Como é que se diz? Era uma empresa... Que empregava muita gente, que quando as duas fábricas fecharam foi muita gente desempregada. Né? Por que davam trabalho pro povo! (E03).

A daqui de baixo [na Cachoeira] já tinha acabado com tudo. Aí, a de lá de cima já foi terminado e tirando os tecidos pra vender já no cassino, não foi nem na fábrica. [...] Tiraram as máquinas de tecelagem, levaram tudinho pra... Fernão velho! Aí, começaram a funcionar em Fernão Velho, depois foram pra São Miguel dos Campos. Foi assim... [...] A coisas da fábrica continuam do mesmo jeito. Acabou-se, morreu! (E05).

[Era assim] o pai trabalhava quando o filho ficava... Já, botava o filho para trabalhar. Por que a vida daqui era a fábrica mesmo. Sabe? Aqui a maneira de viver, a sobrevivência era através da dos vencimentos da fábrica. (E06).

A Fábrica foi muito boa<sup>70</sup>... que... aqui as coisa é muito ruim... e... Os donos também, melhor ainda de que a Fábrica, né? Porque se não fosse os donos, não existia fábrica! (E11).

<sup>69</sup> Faz-se importante informar que a metodologia da H.O. quando aplicada não pode e não deve funcionar como um questionário em que se pergunta exatamente o que se estruturou e espera-se uma réplica exatamente daquele montante, a H.O abre-se as fugas ou aos esquecimentos do depoente, pois credita desses momentos, esses podem ser momentos reveladores de pontos e assuntos guardados na memória e assim essenciais a reconstituição histórica – pertinências endossadas pela prof Clara Suassuma.

<sup>70</sup> Senhor Arnaldo Paiva Filho, neto do Comendador Gustavo Paiva, descreveu em entrevista, posterior a aplicação metodológica a campo, um episódio relatado em sua obra (PAIVA FILHO, 2013). Sobre o que a população têxtil e hoje não mais têxtil via/vê de bom do complexo fabril, ele relatou: “[Um senhor que] já esta velho que tem um brinquedo que ganhou na época do meu avô [ - fala de Seu Arnaldo], e ainda guardou. Porque nos natais lá era comum, a fábrica distribuir brinquedos para os filhos dos operários. Faziam aquelas filas e tinha fotos que eu não coloquei no livro. Tenho foto do meu pai assim, arrumando aquela fila e distribuindo”.

Aquela Cachoeira, aquela máquina, aquilo ali... Era que nem uma mãe pra gente! (E12).

Quando a fábrica apitava, que saia o povo de lá de cima e a daqui de baixo. (E13).

Em alguns dados momentos, notou-se que as respostas fugiram às questões indagadas. No entanto, não era possível intervir, uma vez que a H.O., conforme já enunciado, repele a interrupção abrupta ou qualquer intervenção que atrapalhe o crescimento oral do entrevistado, sob o risco de perder a técnica em si. Vale à pena ressaltar que não foi aplicada a técnica da História de Vida, também da H.O., contudo a ‘não interrupção’ é denotação geral na oralidade.

Nessas outras repostas, observa-se que “os donos da cidade” (E02), “fábricas faz parte da história” (E03), “a vida daqui era a fábrica” (E06) ou “os donos também, melhor ainda de que a Fábrica” (E11) são orações que denunciam dualidades conclusivas. Viu-se a importância fabril para o meio da época, o ‘sonho/ideia’ de que a perpetuação desse seria de grande valia ou continuidade do ‘sucesso’ da época têxtil, como também denota uma linguagem conceitual já arraigada no indivíduo de que aquela época foi “muito boa” (E11) e que “aquela máquina [...] era uma mãe” (E12).

Os depoentes, E11 e E12, apresentaram repostas diferentes pela maneira como colocaram cada questão, contudo, veem-se similaridades de uma ideologia política, talvez imposta pelo meio da época e o meio presente. Já E13 fala com grande saudosismo sobre o **som do apito fabril** denunciando os turnos têxteis, mas ela foi contraditória na expressão, pois se denotou que aquele som controlava e talvez coagisse toda força e pressão da vida cotidiana trabalhista e de lazer da população têxtil, visto este som ecoar até o bairro Lourenço de Albuquerque, como denunciou à senhora E03. Observa-se com este depoente e outros que a máquina têxtil e o som do apito comandavam a vida social do período, denotando uma relação de poder disciplinador e até de vigilância.

As duas unidades fabris que formaram o todo do complexo foram edificações de importância para o meio social expressivo. Mesmo não sabendo exatamente o nome original das fábricas, os entrevistados as denominam como as conhecem, sendo ora pelo codinome ganho ainda no período têxtil como Fábrica da Cachoeira em Cachoeira (Gustavo Paiva) e Fábrica Progresso no Centro (Rio Largo), ora pela

posição geográfica da topografia do local, 'fábrica de cima' e 'fábrica de baixo' - como também pelo nome dado ao bairro:

Fábrica Gustavo Paiva e Fábrica Progresso (E01), Fábrica de Cachoeira e Fábrica do Centro (E02), Fábrica[s] Gustavo Paiva (E03), Fábrica 'de baixo' e Fábrica 'de cima' (E05), Fábrica Gustavo Paiva e Fábrica Progresso (E06), Fábrica[s] Progresso (E17), Fábrica de Cachoeira ou Fábrica de baixo e Fábrica Progresso ou Fábrica de cima (E23), Fábrica de Cachoeira e Fábrica Progresso (E25) Fábrica da Cachoeira e Fábrica Progresso (E23) e Fábrica de Cachoeira e Fábrica Progresso (E30).

É perceptível a relação do nome da fábrica com a denominação mais comum ao meio: Fábrica Progresso e Fábrica da Cachoeira. Quando esse nome é esquecido, no entanto, há referências locais que facilitam o diálogo entre os próprios moradores. Por exemplo, dizer 'fábrica de baixo' é relacionar a Fábrica da Cachoeira com sua localização física, já que foi implantada na parte mais baixa e plana do município. Por sua vez, dizer Fábrica de cima é fazer relação com a altura em que a Fábrica Progresso foi edificada.

Relativo aos ex-funcionários participantes da pesquisa, a aplicação metodológica contou apenas com uns 10 antigos funcionários dos estabelecimentos fabris, número talvez inexpressivo, exceto para H.O. Entretanto, considerando a relação do número de 35 indivíduos e o envolvimento apresentado, neste sentido, as denominações das unidades de produção fabril, ex-funcionários ou não, decorrem hoje com reconhecido domínio de conhecimento histórico.

Ainda com referência à primeira parte dos questionamentos com aplicação da oralidade, identificou-se que existe uma inquietação sobre a **movimentação dos operários**, transeuntes, dentro do complexo. Essa inquietação provinha ainda da pesquisa piloto, quando a moradora E03 expôs que quando criança os operários das fábricas, seus vizinhos, iam a pé para o trabalho. Segundo essa senhora, eles ouviam o toque, sirene, de chamada de turnos das fábricas e se encaminhavam andando para fábrica, segundo ela, tudo era considerado perto, mesmo para os operários que moravam longe. Inclusive foi relatado pela depoente E03 que sua irmã ia e voltava a pé do complexo. A irmã da depoente é aposentada, além de outros parentes e amigos, mas não quis participar da pesquisa, pois disse que tinha medo de perder a aposentadoria após dar testemunhos. A depoente E03 relatou:

A irmã da depoente E03 escutava o apito (toque): "Escuta [o apito]. Por que aquele bueiro não é bem em cima? Não é bem alto? [...] Escutava, o apito. Aquele bueiro de dar o apito... Que nem faz das usinas? Lá, eu nem te amostrei. Lá, é uma coisa bem grande, quase assim que nem uma torre. [...] A cigarra, que o apitava pra dar os horários de entrada, os horários de saída.

Sobre a **condição do transporte** que era tomado pelos operários para as idas e retornos do complexo, perfazendo os turnos de trabalho, foi aferido que todos, não apenas operários, mas fiscais e mestres, faziam o percurso a pé. Dessa condição, os depoentes expõem como os funcionários se encaminhavam para as fábricas:

A pé. [...] Muita gente que parecia uma procissão (E01).

Minha mãe conta que quando largava parecia um batalhão de gente nas ruas, parecia uma festa. Porque a quantidade de pessoas tinha duas fábricas, a da Cachoeira e a do Centro. Aí quando largava era aquele monte de gente, alegria, né? (E02)

Tudo de pés, né? (E11)

A pé. [...] Parecia um bucado de cavalo descendo... Uma cavalaria... (risos) Ohhh zuada! Um bucado de cavalo... (E12)

Quando a fábrica apitava, que saia o povo de lá de cima e a daqui de baixo. Minha filha, vamo respeitar! Parecia formiga, entrançando aqui, naquela ladeira. O povo aqui ia tudo de pé pra daqui. E subia aquela ladeira, tava de Rio Largo! Era. Todo mundo ia de pé! Era! (E13)

Não era mais longe porque a gente morava na outra rua, levava uns quinze minutos para chegar aqui. Da casa que eu morava. Mas era muita gente aqui que trabalhava. (E30)

A maioria dos entrevistados que deram testemunho sobre a movimentação dos funcionários dentro do complexo informaram que o faziam a pé, exceto os depoentes E15, E16, E29. Os que apenas fizeram o mapa esquemático, nada informaram. Esses 08 indivíduos podem até conhecer um ex-funcionário fabril, mas, possivelmente, desconhecem alguns fatos do período. Todos os outros informaram, alguns usando descrições como “parecia uma procissão” (E01) ou “parecia um batalhão de gente” (E02). O senhor E12 compartilhou sua opinião enfocando que “parecia um bocado de cavalo descendo [...] uma cavalaria”. Ele e outros deram ênfase à quantidade de pessoas que se encaminhavam de uma só vez para o ofício fabril.

Essa forma de deslocamento refletia também uma forma de controle dentro do espaço, o funcionário era visto das edificações dispostas na Varanda, assim suas

entradas e saídas de ambas as fábricas eram observadas e assim administradas. A “procissão” ou “cavalaria” descreve a marcha diária do grupo fabril, o cotidiano adestrado e manipulador do meio.

No segundo momento das questões elencadas a aplicação oral, as perguntas foram direcionadas a tempo presente, conforme orientações de Caldas (1999). Quando foram inquiridos sobre a existência de mudanças no espaço outrora têxtil, a última enchente de 2010 foi elencada como um fato negativo para a história do espaço e para suas vidas. Nesta questão 100% dos entrevistados se posicionaram sobre a enchente de 2010 ter sido um “acontecimento” negativo para história da indústria têxtil local.

Houve um desastre [a enchente]. Cachoeira [...] tá terra pura só, por que a maioria das casas foram tudo embora, desceram tudo na cheia. (E03)

Você sabe que fora da Cachoeira, né?! Na Cachoeira o Mundaú [as enchentes leva tudo! O Mundaú quando vem leva tudo, num olha não! É um camarada muito do irresponsável. (E11)

[O espaço das indústrias mudaram] muito da enchente para cá. As casas foram todas demolidas, mas eu acho que o espaço esta aí, a história. (E28)

A enchente destruiu a estória do povo. (E29)

A respeito do **que as pessoas fazem hoje em Cachoeira e Rio Largo**, alguns se esquivaram em responder e outros disseram que não há ocupação, seguida dessas respostas, alguns começaram com saudosismos, tais como: “Aqui a maioria é aposentado. [...] Aqui a maneira de viver, a sobrevivência era através da dos vencimentos da fábrica” (E06) ou “Deus me desse à graça de eu ver uma firma empregando gente que nem eu já vi. Não que fosse às fábricas grandes, mas fosse uma firma mais pequena” (E30).

Abrir um diálogo sobre **as casas da vila operária** revelou-se o momento de maior saudosismo e oralidade, principalmente para os moradores, sendo 18 moradores dos bairros têxteis, incluindo os que não depuseram oralmente, e 10 outros nas proximidades. Eles informaram que a maioria das casas pertence à família Paiva, informação confirmada, pois existem duas empresas instaladas em parcelas da antiga Fábrica Progresso que funcionam como administradoras da propriedade dessa família, conforme já apresentado no capítulo da Rio Largo têxtil

Sobre as casas, a senhora E05 informou: “[elas] pertence aos donos, [funcionário] que trabalhou na fábrica, que ganhou no lugar de pagar [receber] a indenização deram as casas” e a senhora E22 também entende assim: “aquelas

casas foram doações isto é indenizações”. A entrevistada E05 retraiu-se, pois nem todas as casas foram usadas como indenização, porque as empresas alugam algumas propriedades de domínio da família Paiva. Além da informação do senhor E24, que chegou a ser chefe da sala de fazenda, ele relatou que recebeu a casa em que mora hoje em Rio Largo (Centro) como indenização na época do fechamento têxtil, pois a crise que o complexo entrou direcionou essa necessidade.

Nesse entendimento, essa concessão era oportunizada apenas aos cargos de chefia ou funcionários bem antigos. Outro equívoco ou informação incompleta foi passada pelo casal E26 e E27, pois eles acreditam que “[as casas] foram vendidas e a maioria pertence aos proprietários da fábrica”, desconhecem a indenização. Conforme exposto no capítulo sobre a industrialização riolarguense, as casas apresentavam características construtivas, dimensões, ambientes e acabamentos diferentes, disposição ainda perceptível.

É! A de trás. Ali quando sê vê o povo dizia, a rua dos bangalôs. Por que ali, que só quem morava era os... Aquelas pessoas mais... Não era os operários e sim aqueles que já mandavam nos operários... Como se diz? Eram os chefes! Os... Como eles chamavam...? [Mestres e contramestres] Exatamente! Ai atrás, a rua dos bangalôs. Então já se sabia! As casas todas eram forradas, não como... Era aqueles forrinhos, aquelas tábuas assim. Sabe? [...] Era, mas eram bonitas e a maioria tinha cacimba. A maioria das casas. (E06)

Segundo a senhora E06, existiam casas para cada tipo de funcionário fabril, como é o caso das casas dos operários que eram as mais simples. Na resposta transcrita, ela expõe a localização física de casas com mais incrementos construtivos, a exemplo do forro, da estética e da existência de um poço para fornecimento de água. Essas casas eram conhecidas por bangalô devido ao seu maior número de ambientes e acabamentos na fachada principal, informações endossadas pela senhora E01. Ainda E13 diz: “[...] aqui dessa rua, num era todo mundo que morava. Que nem hoje em dia. Era não! Isso aqui era pra contramestre. Pra contramestre”. Mais adiante essas descrições serão apresentadas por desenhos. Ainda sobre a distribuição de residências, os depoentes falam:

Eles [os Paiva] não dava casa a ninguém! Pra dize que ele não deu, ele deu uma casa, que eu saiba. Ele deu [uma em 1952]... [...] Ele deu uma casa, pro primeiro funcionário que entrou dentro dessa fábrica. (E13)

[...] Tinha graduação. As casas melhores eram para os gerentes, e as casas mais humildes e mais afastadas eram para os demais operários. (E28)

Eu queria que voltassem as construções velhas. Aqui antigamente quando estava tudo completo a gente morava assim nas casas da Companhia. A gente que trabalhava, quando pegava uma casa assim, a gente não pagava luz e quando queimava uma lâmpada a gente ia buscar neles, no escritório. (E04)

Todas eram desse jeito... [iguais a casa 273 (figura 81, próxima lauda) em Cachoeira] Todas! [...] A porta no meio, uma janela num lado e outra no outro. Daquele jeito que você tá vendo à amarela [...] (E06)

**Figura 81 - A casa referência em Cachoeira de nº 273.**



Fonte: Google Earth, 2015.

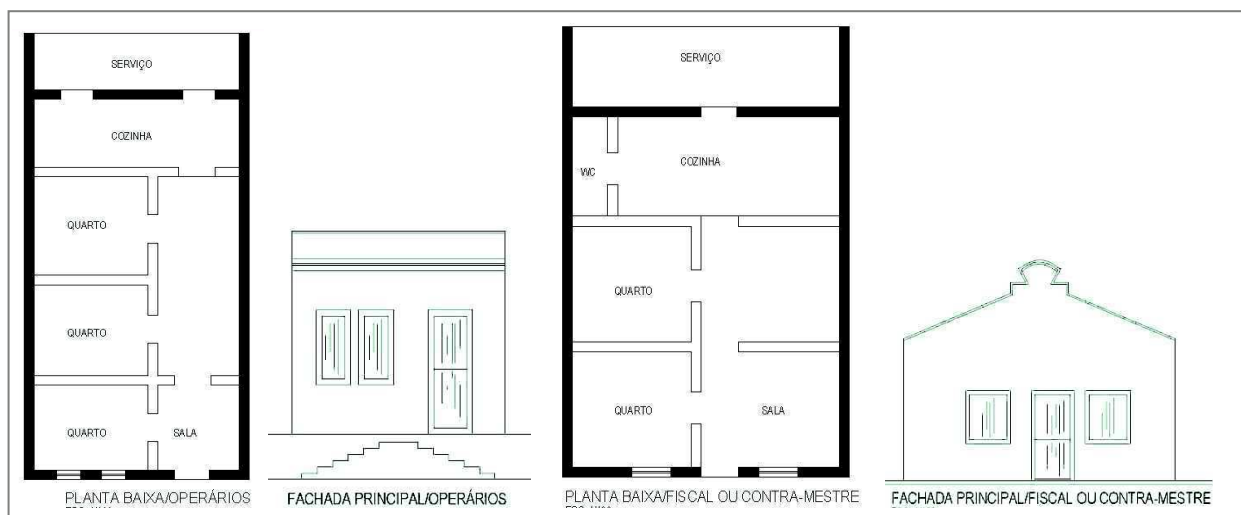
As casas dentro do complexo fabril recebiam fins específicos, os funcionários recebiam casas para morar, não pagavam energia e nem aluguel, contudo ocorreram períodos em que o aluguel era cobrado, conforme informações de Paiva Filho (2013) já elencadas nesta dissertação. Ele reafirmou tais constatações em um diálogo com a pesquisadora desta dissertação, ele afirmou: “[...] a questão desses aluguéis, eu acredito, mas não tenho certeza para lhe dizer, mas eu acho que se cobrava um valor simbólico dos operários para manutenção das casas. As fábricas cobravam alguma coisa... Mas era uma coisa muito simbólica”.

Referente aos fins das casas, conforme constatações dos participantes da aplicação metodológica da oralidade, além do referencial bibliográfico apresentado nesta dissertação, cada casa era destinada a um indivíduo específico, “funcionário com cargo diferente” conforme expõe E28. Há algumas incongruências, como a descrição da senhora E06, que para ela todas as casas apresentam uma porta no meio e duas janelas (figura 81), contudo não era assim, havia uma graduação

conforme menciona E28. Havia nas casas dos operários tinham uma porta e uma janela, já as casas dos gerentes havia mais de uma porta e várias janelas.

Conforme já mencionado, as casas da época da cidade-fábrica apresentavam uma disposição hierárquica espacial, cada cargo dava direito a um tipo específico de casa (conforme tabela 01 no capítulo da Rio Largo têxtil) – constatações de Castro e Xavier (1997). A figura 82 demonstra esse diferencial com as casas dos operários que apresentavam o mínimo necessário para uma residência, exceto o banheiro, necessidade básica, além das reduzidas dimensões dos cômodos, varanda e recuos.

**Figura 82 - Imagem das plantas baixas e fachadas principais das casas dos operários e fiscais.**

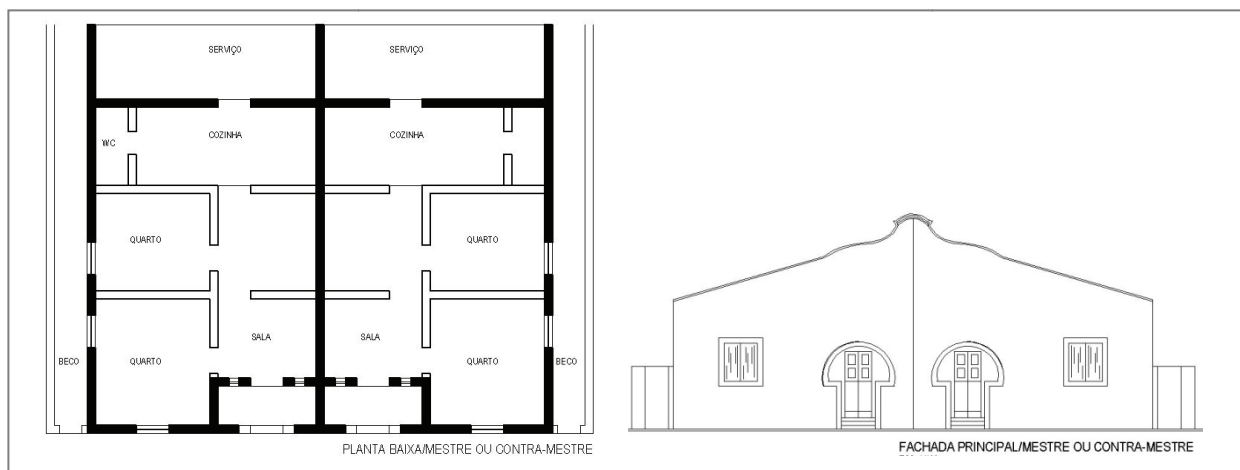


Fonte: Autora, 2014 – Adaptações a CASTRO E XAVIER (1997).

No momento das entrevistas, os depoentes expõem essa distribuição hierárquica da época têxtil, eles ainda parecem ressentidos com as diferenças sociais que o meio físico impunha ao meio social. Observam, inclusive, que as casas dos fiscais (figura 82) eram melhores. Ambas eram geminadas com programas de necessidades similares; no entanto, contavam com um banheiro, uma janela na sala, cômodos com maiores proporções e um quarto a menos. Oferecia, desse modo, ambientes mais agradáveis para a convivência. Essa diferença ocorria porque o operário estava num cargo 'inferior' ao fiscal (ou contramestre), também com conhecimento limitados. A senhora E26, inclusive, espacializa essas casas dos fiscais na casa 273 exposta na figura 81. Faz-se necessário registrar, em Castro e Xavier (1997) e Paiva (2010) parte do teor dessas evidências já são relatadas,

evidências como as casas simples para os operários, descritas pela senhora E06 e E28.

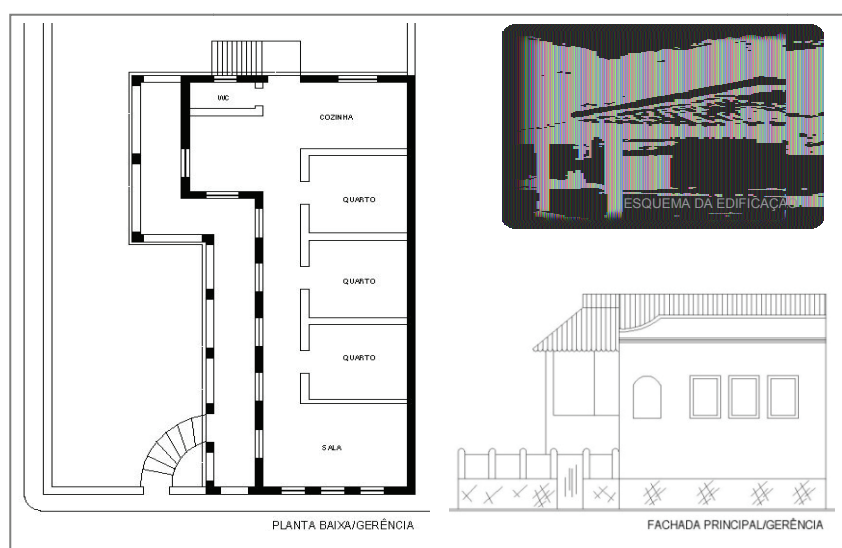
**Figura 83 - Imagem da planta baixa e fachada principal das casas dos mestres e contramestres geminadas**



Fonte: Autora, 2014 – adaptações a Castro e Xavier (1997)

As casas dos mestres ou contramestres (figura 83), por eles terem um cargo superior aos fiscais, eram casas com ambientes maiores e mais abertos, e apresentavam um acesso por um hall que oferecia reserva à privacidade dos moradores. Nela, o banheiro era instalado, havia aumento de cômodos e apresentavam mais aberturas de esquadrias nas laterais com janelas nos quartos, em virtude de possuir um afastamento na lateral. Esse recuo em uma das laterais servia de acesso de serviço ou outros fins particulares e era chamado de ‘beco’.

**Figura 84 - Imagem da planta baixa e fachada principal da casa do gerente - edificação mais solta no lote**



Fonte: Autora, 2014 – adaptações a Castro e Xavier (1997)

A casa do gerente consistia de uma grande edificação com maior estrutura, pois havia recuo em uma das laterais e na parte posterior demonstrava o grau superior de sua posição na empresa, além da altura da casa, oferecendo imponência, tanto que, para se ter acesso à edificação, tinha-se que subir degraus de meia altura de pé direito, a fim de acessar o alpendre avarandado na lateral da edificação (figura 84), um esquema da imagem foi inserido ao lado para facilitar entender a altura da edificação.

Essas disposições foram elencadas por alguns entrevistados e serão examinadas no próximo item deste capítulo, além da distribuição das casas dentro do espaço fabril que, segundo expõe Paiva Filho (2013), no início da implantação dos edifícios de cunho residencial fabril, davam-se por fileiras de casas próximas as instalações de produção. Acredita-se que neste período, ou até a primeira década do século XX, não existia ainda no espaço uma distribuição racionalizada das casas dos complexos fabris, a distribuição da indústria estudada e apresentada por Foucault (1987) estruturou-se sob uma forma de divisão de classes, controle social ao meio do complexo.

O último momento da oralidade a campo foi definido por questões direcionadas por Caldas (1999) como pertencente ao presente imediato, essas questões foram ligadas à relação pessoal do indivíduo entrevistado com o meio socioespacial e, ainda, essa relação estava interligada à tentativa de retirar do depoente sua memória individual mais esquecida. Neste sentido a questão tentou ser subjetiva e provocativa.

O sentido de ser provocativo nos últimos questionamentos vincula-se ao fato de serem essas perguntas mais direcionais e sugestivas, além de subjetivas (tabela 06), elas colocam o entrevistado em posição dar sua opinião sobre o local.

**Tabela 6 - Participantes e as referências subjetivas.**

| SIGLA | GOSTA DE<br>MEIO TÊXTIL | FRASE SOBRE ESPAÇO TÊXTIL                  | MORA EM<br>RIO | IDADE<br>(EM ANOS) | TRABALHOU NO<br>COMPLEXO |
|-------|-------------------------|--------------------------------------------|----------------|--------------------|--------------------------|
| E01   | SIM                     | “Ôxente! Eu adoro aqui!”                   | SIM            | 92                 | OPERÁRIA                 |
| E02   | SIM                     | “Adoro, adoro esse bairro aqui”            | SIM            | 41                 | NÃO                      |
| E03   | SIM                     | “Gostar daqui [...] É um lugar pacato”     | SIM            | 58                 | NÃO                      |
| E04   | SIM                     | “Gosto e muito”                            | SIM            | 82                 | OPERÁRIA                 |
| E05   | SIM                     | “Eu amo minha Cachoeira”                   | SIM            | 53                 | VENDAS                   |
| E06   | SIM                     | “Eu adoro morar aqui!”                     | SIM            | 73                 | NÃO                      |
| E07   | SIM                     | “Eu gosto da minha casa”                   | SIM            | 71                 | NÃO                      |
| E08   | SIM                     | “Gosto, tranquilidade”                     | SIM            | 36                 | NÃO                      |
| E09   | SIM                     | “Gosto”                                    | SIM            | 74                 | NÃO                      |
| E10   | SIM                     | “Gosto, aqui é muito tranquilo”            | SIM            | 54                 | NÃO                      |
| E11   | SIM                     | “Gosto. [...] eu criei meus filho aqui”    | SIM            | 77                 | NÃO                      |
| E12   | SIM                     | “Oxe, eu gosto”                            | SIM            | 75                 | OPERÁRIO                 |
| E13   | SIM                     | “Gosto, minha fia, e muito!”               | SIM            | 67                 | OPERÁRIA                 |
| E14   | SIM                     | “Gosto e muito”                            | SIM            | 43                 | NÃO                      |
| E15   | SIM                     | “Vamos dizer que gosto”                    | NÃO            | 27                 | NÃO                      |
| E16   | SIM                     | “É uma maravilha aqui”                     | NÃO            | 22                 | NÃO                      |
| E17   | SIM                     | “Gosto”                                    | SIM            | 76                 | NÃO                      |
| E18   | SIM                     | “Gosto! Muito calmo aqui”                  | SIM            | 41                 | NÃO                      |
| E19   | SIM                     | “Muito. É calmo”                           | SIM            | 76                 | OPERÁRIO                 |
| E20   | SIM                     | “Gosto”                                    | SIM            | 66                 | NÃO                      |
| E21   | SIM                     | “Gosto e é lindo”                          | SIM            | 59                 | OPERÁRIA                 |
| E22   | SIM                     | “Eu gosto. Eu amo a minha cidade”          | SIM            | 60                 | NÃO                      |
| E23   | SIM                     | “[Sim (meneando a cabeça)] Permaneci aqui” | SIM            | 80                 | MESTRE                   |
| E24   | SIM                     | “Demais! Gosto muito da cachoeira”         | SIM            | 61                 | NÃO                      |
| E25   | SIM                     | “Eu gosto”                                 | SIM            | 85                 | OPERÁRIA                 |
| E26   | SIM                     | “Sempre gostei daqui”                      | NÃO            | 38                 | NÃO                      |
| E27   | SIM                     | “Eu gosto de admirar o rio”                | NÃO            | 34                 | NÃO                      |
| E28   | SIM                     | “Gosto, eu tenho carinho por Rio Largo”    | NÃO            | 40                 | NÃO                      |
| E29   | SIM                     | “Gosto”                                    | NÃO            | 55                 | NÃO                      |
| E30   | SIM                     | “Gosto. Deus me defenda de eu sair daqui”  | SIM            | 74                 | OPERÁRIA                 |

Fonte: Autora (2015)

Segundo a tabela 06, todos os participantes gostam do espaço quer sejam moradores ou não, todos utilizam a expressão gosto ou a palavra gosto com maior teor, tais como amo e adoro. Excetuando-se o senhor ex-mestre, E23, que respondeu “permaneci aqui”, todos os demais expuseram locuções de gostar. Parece ter ocorrido que o ex-mestre encontrava-se tão entusiasmado em relatar a história do período industrial que se distraía em vários momentos.

Coincidentemente, a maioria dos mais novos, abaixo de 40 anos, não moram em Rio Largo, exceto E26 e E27 que são riolarguenses, contudo eles mantêm relações socioespaciais com o meio, excetuando-se: E15 e E16 não apresentam relação direta de algum tipo de permanência espacial e social. O rapaz E15 vai semanalmente a Rio Largo (Centro) fazer a feira da família conforme costume de sua avó materna e o E16 mora também em Maceió, mas trabalha na Estação Férrea Gustavo Paiva diariamente.

Os participantes acima de 40 anos que não moram em Rio Largo, mas apresentam alguma relação com o meio e sua história, são as entrevistadas E28 e E29. E28 sabe da história têxtil e faz referência às casas e à forma como eram distribuídas perante cada cargo, ela vai ao perímetro urbano várias vezes durante a semana, onde faz serviços nas clínicas de Rio Largo. E29 tem negócios na cidade desde o período têxtil.

Existiu uma intenção nessas questões provocativas, haja vista a liberdade disposta, neste sentido, foi especulado se o indivíduo observou mudanças nas edificações fabris ou se gostaria que houvesse alguma preservação, nesse momento foi aberto espaço para pronunciamentos pessoais, momento essencial para H.O<sup>71</sup>.

Nas questões seguintes, foram fornecidas perguntas com maior liberdade para oralidade do entrevistado. A questão solicitando que contasse algo de sua infância e se tinha algo mais a acrescentar aos pontos direcionados pelo banco de dados do questionário foi bem aceita. Cada indivíduo respondeu conforme mantinha sua relação com o meio social e espacial do complexo têxtil. Alguns dos depoimentos sobre esta questão aberta são relatados a seguir:

[Sobre a vestimenta do grupo escolar do complexo fabril] era tudo fardado, ainda hoje eu me lembro; a farda das crianças. As fardas dos meninos era toda branca, era camisa de manga comprida branca, toda branca, dos meninos. E a farda das meninas era um vestido todo branco com a golinha azul, uma gravata azul, gola não, uma gravata azulinha vinha até aqui. [E01]

[Sobre os banheiros das casas] era, não era dentro, que nem hoje em dia a gente faz, né? Era fora da casa. E03

<sup>71</sup> Estas questões subjetivas, mais “livres” e o sentido provocativo foram direções adotadas em conjunto a especialista em oralidade, prof Clara Suassuma, com o intuito de explorar elementos da H.O. como pertencimento e memória social, além de dispor ao depoente mais espaço para relatar aspectos históricos.

[Eu gostaria de contar sobre o carnaval na época das fábricas] era botava umas mascaras na cara e saia pela rua fantasiada, e ia pedir coisas pelas portas. A gente pedia dinheiro, pedia tudo, naquela malandragem. Aí eu fui embora “correr bobo” dia de sábado, mas era pra eu trabalhar na segunda. Quando foi na segunda que eu cheguei, ele [o fiscal] disse: “a senhora esta suspensa”. Por que foi que a senhora perdeu o horário de sábado? Mas eu não neguei não, eu disse pra “correr bobo”. E04

Ah, eu contaria que quando eu cheguei aqui criança era uma Rio Largo, era uma vida diferente, não tinha violência. Era muito bom! Naquele tempo os Paivas eram os donos de praticamente tudo isso aqui. Foram eles que construíram tudo! A igreja, essa igreja é deles, eles que construíram. Tá limpando por que vai casar um dos Paivas, vai casar... [...] É deles! Eles que consertam assim, a gente entra na igreja, a gente contribui pra comprar flores, pra comprar velas, comprar mais... [coisas]. E06

[As pessoas] se apegava [aqui] por causa do trabalho, né? Da fábrica, num é? Porque todo fim de semana tinha seu dinheiro na mão. Pra sua feira... Cuidar de sua família... Hoje em dia é muito... Muitos num tem nada! E11

Eles gostam muito, os turistas [que descem na Estação Férrea Gustavo Paiva] quando vêm, eles gostam muito de conhecer as história da cidade. Então é que nem eu disse, se tivesse um museu nessas construções antigas seria... Seria um fato... Eu acho que seria bem melhor pra cidade, porque assim as pessoas que vem iriam conhecer bem mais sobre a cidade [a história das fábricas], que iriam ficar acho até mais apaixonadas em voltar pelo local de novo. E16

Sei que eu trabalhei esses tempos [08 anos] todinho na fábrica ,achei bão, as vezes agente esquentava a cabeça com o chefe lá, depois tava tudo bem, continuava né? [...] Tinha o mestre, tinha o contramestre, tinha tudo. Uma pá de gente ali. Era mestre, contramestre chefe, era tudo. E19

[Naquela época fabril] tinha o restaurante que tinha a banda de música, aquele povo que cantava aquelas músicas antigas, musicas bonitas e o povo dançava e o meu pai dançando com a minha mãe. E a praça que tinha circo e tinha brinquedo, pra gente brincar, [e] lá era muitas flores. E21

A questão relativa à **infância no espaço da indústria têxtil** com ou sem funcionamento fabril, além da questão aberta constituem uma forma de destacar ou trazer para a discussão no texto as considerações e depoimentos de maior relevância ou que foram dispostas sobre muito entusiasmos e envolvimento direto ou indireto com o meio. Dentre essas, a senhorinha<sup>72</sup> E01 descrevendo fardamento do grupo escolar, a senhora E03 denunciando que não havia banheiros nos interiores das casas, mas nos fundos, o “correr bobo” da senhora E04 faltando o trabalho na fábrica para curtir o carnaval do local entre outros fatos representando importantes focos para história da indústria têxtil riolarguense.

<sup>72</sup> Expressão comum do meio outrora têxtil.

Uma informação fora do foco do contexto da indústria têxtil, mas intrínseca ao meio: o rapaz E16 disse que o VLT<sup>73</sup> chega à estação férrea transportando muitos turistas e isso não acontece em raras oportunidades, porque, segundo ele, os turistas aparecem com frequência. Esses chegam à estação carente de informações históricas, o que leva o rapaz questionar a falta de um museu que guarde memória do meio. Outro senhor E19 e endossa a informação de que existiam cargos diferentes dentro do complexo fabril têxtil, tais como contramestre, mestre e outros. O rapaz E15 também sugere que o local fabril é um espaço importante para o desenvolvimento turístico.

Muitas outras informações surgiram e examinadas mostram que trazem aspectos importantes; abordando relações de poder que perpassarão todo o meio fabril. Há informações ainda não registradas, assim, nas próximas laudas estão expostas descrições importantes ou como um elemento referência às relações de poder do meio fabril têxtil, importantes para exploração histórica do município riolarguense.

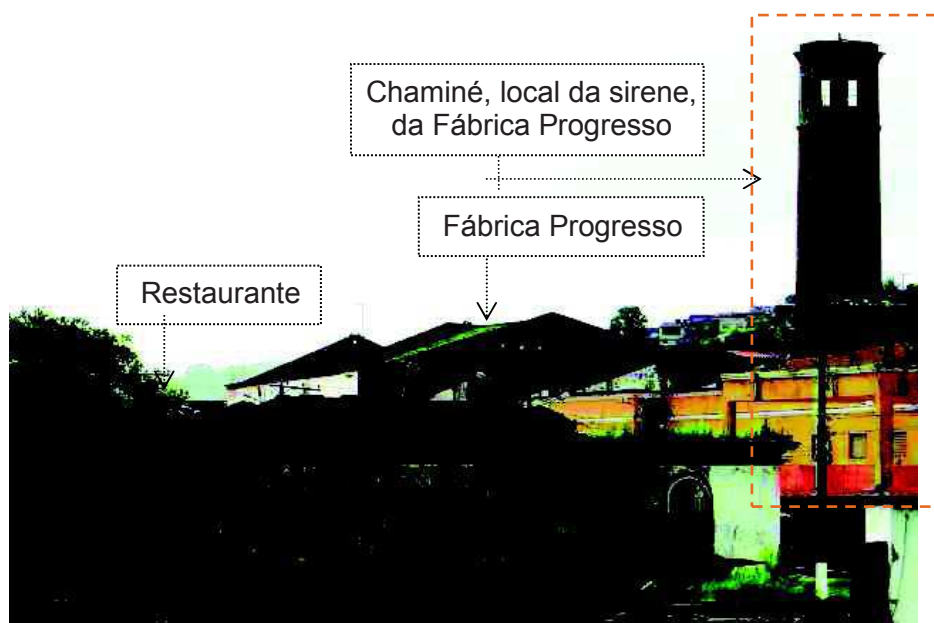
O apito, ou sirene, indicador dos turnos fabris (figura 85) e elemento físico de controle dos horários estabelecidos como entrada e saída do meio fabril foi um aparelho ou um som importante para dinâmica do meio. Conforme as senhoras E03, E05, E13 entre outros depoentes, esse som orientava o funcionário, mas também o deixava condicionado a um controle. Havia também outra descrição para esse som, o “fuate”, som que, segundo a senhora E22, controlava os acessos dos funcionários e, conseqüentemente, os punia. Segundo ela:

Esse fuate ainda existe. [O fuate] era um bueiro que ainda existe lá por trás daquela casa que você vai entrevistar, o seu [...] [E23, antigo contramestre]. Era um apito longo, num tem aquele apito, na hora tinha um funcionário pra naquela hora ele controlar isso da entrada dos outros funcionários.

---

<sup>73</sup> VLT significa “veículo lento sobre os trilhos” e funciona como um meio de transporte urbano coletivo acessível. Esse meio de transporte foi introduzido em Alagoas em 2011 e é hoje um meio mais barato de condução Rio Largo a Maceió.

**Figura 85 - Chaminé da Fábrica Progresso, bueiro.**



Fonte: Autora (2015) - adaptado de CAVALCANTI (2014).

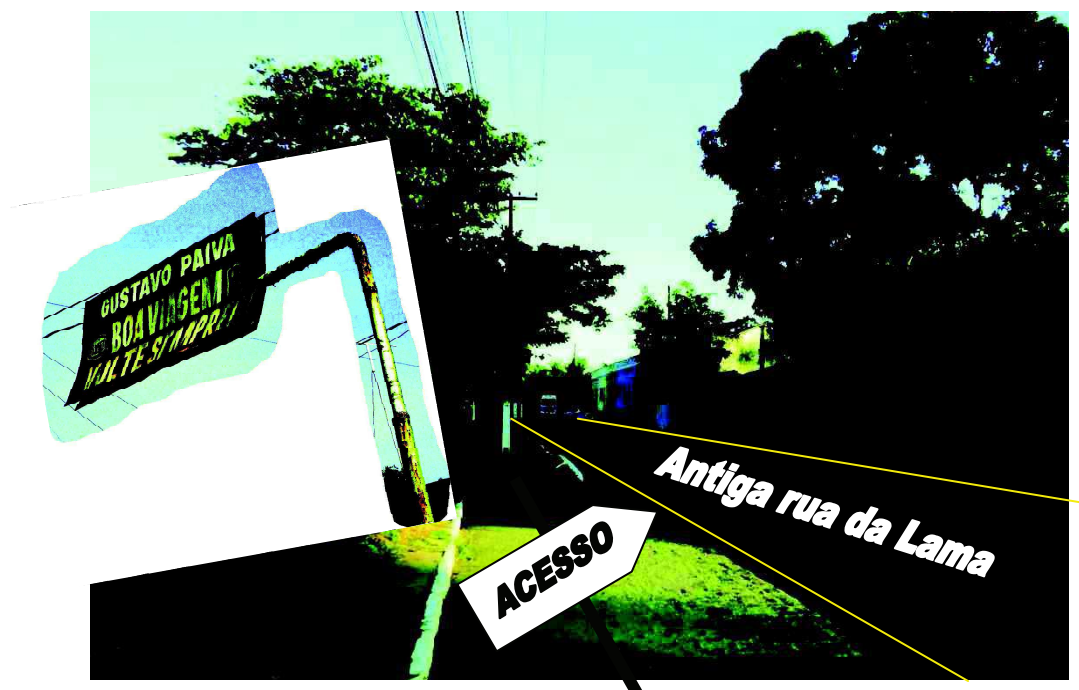
A figura 85 demonstra a localização do som dinamizador dos turnos, podendo-se considerar que a chaminé da Fábrica Progresso era um dos pontos mais altos de todo o complexo, fator que talvez justifique a acomodação dessa sirene em seu espaço, em sua chaminé. A altura da chaminé estava (está) quase alinhada com a altura do casarão dos Paiva, ponto de bom acesso ao som no meio. Vale ressaltar que esse som era ouvido a longas distâncias segundo a senhora E03.

Outro ponto importante foi à descrição de acesso ao complexo fabril que ocorria do início do bairro Cachoeira, nome oficial Gustavo Paiva. Dava-se, então, nas proximidades da Estação Férrea Gustavo Paiva, Cachoeira, o acesso terrestre por meio automotivo ou de trem, além de: a pé por transeuntes. Segundo a senhora E28, a descrição de acesso, “entrando em Rio Largo”, decorria ainda no alto do tabuleiro denominado Tabuleiro do Pinto:

[Sobre os espaços...] quando a gente chega [descendo do Tabuleiro do Pinto até Cachoeira], que foi todo destruído, sinceramente não parece que a gente esta entrando em Rio Largo, parece que esta entrando numa cidade fantasma, porque você vê muita coisa abandonada. Conforme você vai subindo pela cidade você vê que os prédios antigos, estão começando a ser reutilizados, como ali na Progresso, né? Eu espero que a escola [Grupo Escolar Gustavo Paiva] também seja [reutilizado], o prédio da escola é lindo. Você vê o do cinema colocaram uma Igreja, quem sabe, agora porque isso, esta mais perto do centro da cidade, mais perto da parte comercial da cidade. É essas que estão mais afastadas [Cachoeira], eu acho meio difícil. [...] A enchente veio para piorar mesmo, não vão construir no mesmo lugar e vão relocar as pessoas para outros lugares.

A figura (figura 86) que segue esquematiza, apesar de ser recente, ela expõe elementos da época como a placa de ferro pintada e direcionada a informar o nome do local, o bairro de Gustavo Paiva conhecido por Cachoeira sobre a atual via Luiz Jardim, anteriormente conhecida, por “estrada de chão”, conforme já mencionado, a qual direcionava o eixo de todo o complexo fabril. Esse pequeno trecho de acesso delimitado na figura recebia também o nome de rua da Lama, onde também funcionava uma feira, segundo as senhoras E04, E05 e E06, contudo não sabem informar desde quando ficou conhecida por esse nome, nem quando passou a receber o nome Luiz Jardim.

**Figura 86 - Antiga rua da Lama, acesso a Cachoeira.**



Fonte: Autora (2015).

A senhora E28 ainda faz referência ao momento atual e já histórico para o complexo fabril, pois ainda é questionado o fato do fechamento fabril para os indivíduos que moram ou usam esse espaço. Esta dissertação não afirma que as produções não foram interrompidas e as fábricas fechadas, haja vista as ruínas em que se encontravam, completamente a Fábrica da Cachoeira e parcialmente até 2014 a Fábrica Progresso<sup>74</sup>.

<sup>74</sup> Conforme relatado no capítulo anterior, nas instalações da antiga Fábrica Progresso, em grande parcela de sua área, tem-se o funcionamento de um *shopping center*.

As fábricas fecharam, tem-se o meio de produção, gerador e dinamizador fabril estagnado, entretanto ainda existe nesse meio um conjunto anteriormente fabril de indivíduos ligados à memória das vivências têxteis, como os entrevistados, que parecem ainda não aceitarem o encerramento das atividades. Essa explanação reflete uma constatação sobre o espaço outrora têxtil, contudo, na realidade, o que se tem ainda é uma contradição, pois o meio social ainda aparenta viver as ações do período têxtil, numa espécie de expectativa pelo retorno das atividades fabris.

Advém das falas oralizadas expostas e da pesquisa historiográfica desenvolvida e das contribuições dos investigadores acadêmicos: Paiva (2010), Silva, J. e Silva, V. (2001) e Castro e Xavier (1997), produções que expõem a respeito do meio espacializado pelo patrimônio industrial do complexo fabril e que apresentam perante a população local a vontade do retorno da funcionalidade têxtil.

Diante desses elementos dinamizadores do meio fabril, o apito da fábrica, acesso ao meio, o fechamento fabril, entre muitos outros, tem-se as falas oralizadas com conotações ao controle e ao poder que possivelmente dominou o organismo desse meio naquela época. Neste sentido, esta dissertação selecionou frases com conotações pertinentes ou direcionadas a esse assunto.

Os colégio que [era dos] os Paivas dominava que era deles. Né? E01

A minha irmã [que trabalhou no complexo fabril], que ela tem orgulho de dizer do trabalho dela, só não quer dar entrevista [pois tem medo]. Né? E03

Os Paivas acabou com tudo [após assumir a administração], com escola, com tudo, mesmo com tudo. [...] Eles mesmos! Eles mesmos, foram morrendo “as famílias maiores” [a exemplo do Comendador Gustavo Paiva] e os menores foram acabando com tudo. E05

Aqui a maneira de viver, a sobrevivência era através da dos vencimentos da fábrica. E06

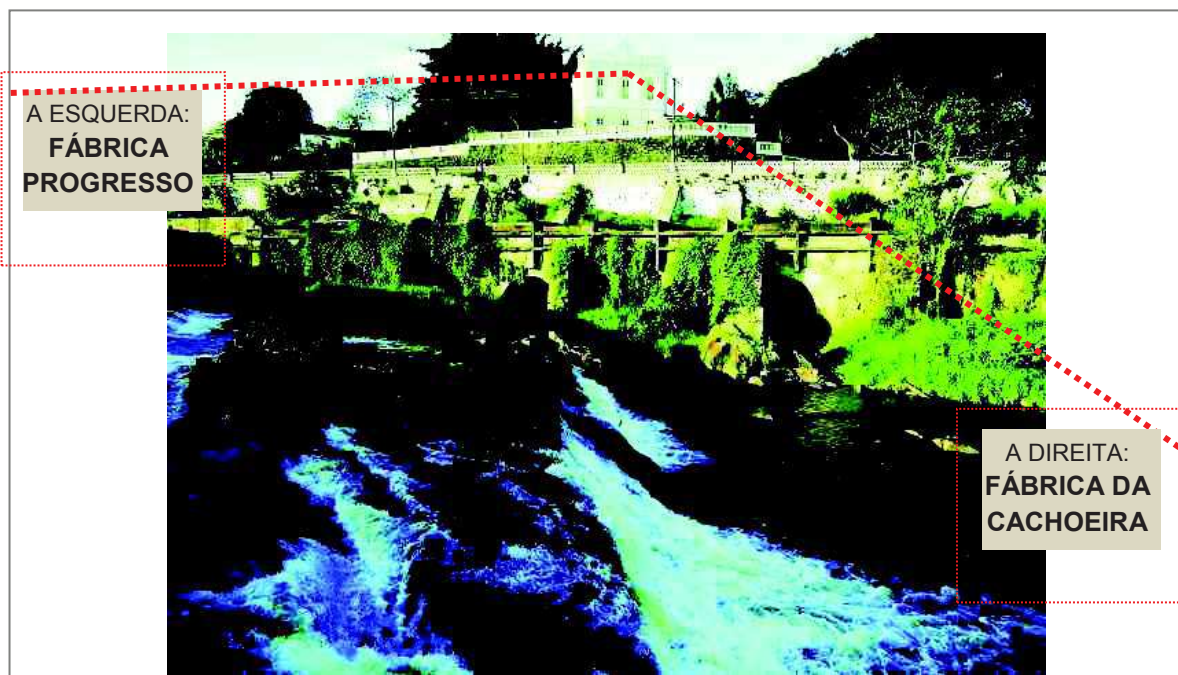
Isso aqui tudo foi vila operária. Só pegava uma casa aqui quem trabalhava nas casas. E depois não que ficou essa... Tem mais casa fechada que... Acho que eles não precisa de dinheiro. E07

Das cheias que eu peguei do começo até agora. Umas cinco já. Quer dizer, para esculhambar mesmo foi aquela de 2010. Essa veio para acabar, as outras não foi só para mexer, era tudo maneira, enche o rio e depois baixa. E10

Era tudo bem arrumadozinho. Era tudo organizado. [...] Aí era Hospital [departamento de saúde]. Internava gente. Os médico, era tudo lá. Todo tipo de médico, tinha lá. Tem tudo. E tinha a creche. Era. Mais a daqui [na igreja em Cachoeira] é particular, é deles, né? Aí, quem manda aqui são eles [...] Porque essa igreja aqui são dele [Igreja do Sagrado Coração de Jesus em cachoeira]. Particular. E13

[...] a casa, ela, foi uma construção assim todas as janelas, elas tem uma perspectiva da cidade, diferente. [...] Elas tem uns terraços em cima, [...]. Chovia e tinha que esta sempre limpando. Mas a casa ela tem uma visão de 360°. [...] Cada uma janela ali, sabe, tinha uma visão, então, ele [Comendador Gustavo Paiva] tinha um domínio da cidade [(figura 87)] como um todo das duas fábricas de tudo em torno do rio, então era como se fosse uma espécie de fortaleza assim, do ponto de vista “10”, de localização estratégica. (PAIVA FILHO)<sup>75</sup>, grifo nosso.

**Figura 87 - A Varanda com o casarão dos Paiva mais o sentido das fábricas.**



Fonte: Autora (2015) - adaptado de CAVALCANTI<sup>76</sup> (2014).

Prioritariamente nos diálogos dos depoentes, observa-se que a história têxtil riolarguense teve como momentos finais de domínio, antes do fechamento completo, a administração dos filhos do Comendador Gustavo Paiva, constatação decorre das pesquisas e falas relatadas nesta dissertação. A senhora E05, moradora de Cachoeira, relata esse processo, quando expõe que enquanto a administração estava sobre o comando do comendador e demais associados, diretores ou gerentes, o organismo fabril desenvolvia-se, após a morte do comendador, os filhos assumiram a administração, mas não conseguiram dar continuidade a produção.

Entretanto, a família Paiva, segundo pesquisas e relatos, ainda é proprietária de grande parcela do que foi a vila operária, a senhora E07, viúva de operário fabril e moradora da mesma casa em Rio Largo desde 1941, expõe que a maioria das

<sup>75</sup> Diálogo da pesquisadora com autor, logo após lançamento de seu livro, Paiva Filho (2014).

<sup>76</sup> Toni Cavalcante é um fotógrafo que rememora sempre Rio Largo, seu blog: <http://alagoasbytonicavalcanti.blogspot.com.br/> acessado em 19/02/2014.

edificações é de domínio e controle dos Paiva. No capítulo da dissertação que trata Rio Largo têxtil, tem-se descrito as empresas Cia Alagoana e Rio Lar, que administram e determinam os fins das edificações de seus domínios. Ocorre, no entanto que, após a última enchente de 2010 diversas edificações foram descritas impossibilitadas de uso ou receberam indicação de reforma pela Defesa Civil.

Essa informação é passível de comparação se for feito um estudo estrutural do que ficou das edificações remanescentes após a última enchente de 2010 que, segundo o senhor E10, trabalhador da construção civil, essa última cheia “veio para esculhanbar” o que foi a vila operária, pois destelhou casas, fato nunca acometido nas enchentes anteriores.

A ex-tecelã de 67 anos, E13, depõe que todo **o complexo e os sistemas de produção** eram organizados, inclusive, ela não se cansou de expor com admiração o espaço, as roupas, os tamancos que eram adotados, as fardas escolares e muitos outros elementos disponibilizados pela empresa têxtil aos seus funcionários – operários, fiscais entre outros. Ela frisou que ainda pensa que um dia o meio fabril dos Paiva retornara a funcionar em um dos edifícios. Ela faz ênfase ao departamento de saúde e a creche que, pela forma que ela descreve, atendia com qualidade a população. A fé local também tinha um tipo de controle sobre o meio, segundo a ex-tecelã, ela frisa essa premissa da dissertação quando cita que até a Igreja do Sagrado Coração de Jesus é de propriedade particular da família Paiva desde a época fabril fechando o diálogo assim: “aí, quem manda aqui são eles”.

Além dos trechos já explorados, outros trechos neste capítulo narram esse controle e domínio do meio, acaso, não se pode afirmar ainda. Esse poder disciplinar de controlar desde a vestimenta do ofício e da escola, ao médico para assistência a saúde, ou mesmo o horário de chegada e saída da fábrica com punições administrativas refletem relações disciplinares expostas por Foucault (1987), próprias do período industrial.

A oralidade foi o formato fundamental de percepção socioespacial, pois a H.O. foi desde o início o instrumental direcionado em absorver a história local elencada pelas relações de poder da indústria têxtil, haja vista o modo como ela perfaz e conduz o acesso ao meio, pois deixa o orador, o depoente, de certa forma, a vontade em relatar suas lembranças dos momentos vividos ou captados de outros que o vivenciaram.

A partir da aplicação da H.O., utilizou-se o mapa esquemático, conforme conceitos e práticas expostos no capítulo anterior. A técnica do mapa esquemático foi repelida por alguns senhores e senhoras, principalmente, pelo fato da necessidade de demonstrar conhecimentos de escrita e desenho. Nesta perspectiva, também ocorreu rejeição de cinco indivíduos na faixa etária de 30 a 40 anos, excetuando-se uma estudante que tinha 16 anos<sup>77</sup>, em participar da entrevista. A tabela 07 expõe os indivíduos que participaram da confecção do mapa esquemático somando um total de 16, sendo 09 do sexo feminino e 07 do masculino.

**Tabela 7 - Relação de indivíduos que confeccionaram mapa esquemático.**

| SIGLA | IDADE<br>(EM ANOS) | RELAÇÃO COM EX-FUNCIONÁRIO TÊXTIL | LOCAL DO DESENHO    | SIGLA PARA O DESENHO E O QUE DESENHOU |
|-------|--------------------|-----------------------------------|---------------------|---------------------------------------|
| E03   | 58                 | IRMÃ E CUNHADO                    | CACHOEIRA           | E03-CACHOEIRA                         |
| E06   | 73                 | MÃE E PAI                         | CACHOEIRA           | E06-CACHOEIRA                         |
| E10   | 54                 | CUNHADA                           | CACHOEIRA           | E10-RIOLARGO                          |
| E14   | 43                 | SOGRO E SOGRA                     | CACHOEIRA           | E14-CACHOEIRA                         |
| E15   | 27                 | NÃO                               | RIO LARGO (VARANDA) | E15-CACHOEIRA                         |
| E16   | 22                 | NÃO                               | CACHOEIRA           | E16-CACHOEIRA                         |
| E22   | 60                 | VÁRIOS CONHECIDOS                 | RIO LARGO           | E22-CACHOEIRA                         |
| E26   | 38                 | VÁRIOS CONHECIDOS                 | RIO LARGO           | E26-CACHOEIRA                         |
| E27   | 34                 | AVÓ E AVÔ                         | RIO LARGO           | E27-RIO LARGO                         |
| E28   | 40                 | AMIGOS                            | CACHOEIRA           | E28-RIO LARGO                         |
| E29   | 55                 | VÁRIOS CONHECIDOS                 | RIO LARGO           | E29-RIO LARGO                         |
| D01   | 34                 | NÃO                               | RIO LARGO (VARANDA) | D01-RIOLARGO (VARANDA)                |
| D02   | 35                 | TIO                               | CACHOEIRA           | D02-CACHOEIRA                         |
| D03   | 16                 | TIO E TIA                         | RIO LARGO           | D03-CACHOEIRA                         |
| D04   | 35                 | VÁRIOS CONHECIDOS                 | CACHOEIRA           | D04-CACHOEIRA                         |
| D05   | 40                 | NÃO                               | CACHOEIRA           | D05-RIO LARGO                         |

Fonte: Autora (2015).

Dezesseis (16) desenhos foram, então, desenvolvidos, contando com 14 indivíduos com relações de parentesco ou amizade de referência fabril e destes 09 foram direcionados para desenhar os dois pontos predefinidos na pesquisa piloto em Cachoeira, 05 para o ponto da pesquisa piloto em Rio Largo (Centro) e 02 escolheram desenhar a Varanda em Rio Largo porque se identificavam com esse espaço desde o início da pesquisa de campo.

<sup>77</sup> Vale ressaltar que existem trabalhos desenvolvidos por escolas do ensino fundamental sobre a história da indústria têxtil, isso reflete que um indivíduo de 16 anos possa compartilhar informações que agreguem valor as investigações fabris de Rio Largo. A senhora E22 garantiu que os adolescentes locais estudam e desenvolvem trabalhos sobre este assunto.

O processo do mapa esquemático foi muito lento e demandou meses, mesmo após o prazo predeterminado, pois a resistência foi grande entre todos, talvez o único a se empenhar realmente em fazer o desenho foi o senhor da construção civil, E10, acredita-se que o fato de ser da área da construção civil tenha empolgado de alguma forma, pois o mesmo só tem uma cunhada que trabalhou na Fábrica da Cachoeira e depois na Fábrica Progresso, quando a primeira fechou.

Nos parágrafos que seguem serão enfocadas informações relevantes e possibilidades de escolhas e formas de desenho perante perfil do autor do desenho conforme enumerações de Del Rio (1991). Os desenhos foram dispostos pela sequência de acesso decorrida durante aplicação metodologia, entendendo-se que seguir essa cronologia pudesse dar ao pesquisador uma melhor aferição socioespacial.

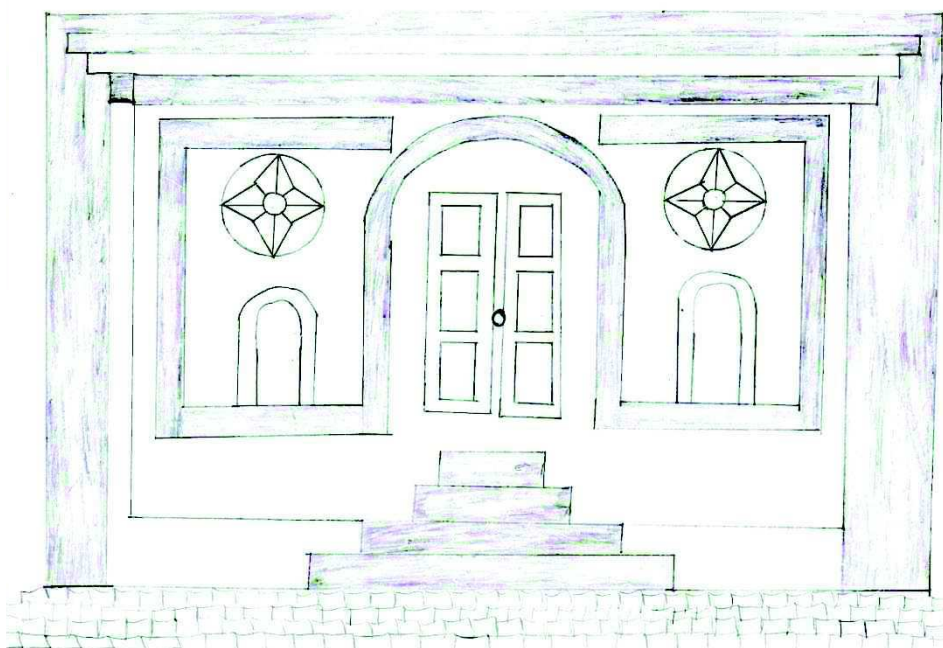
A entrevistada E03 desenvolveu o mapa esquemático tomando como espaço a locação e entorno da Igreja do Sagrado Coração de Jesus e a Estação Férrea Gustavo Paiva, onde, ao desenhar o primeiro (figura 88) da igreja, sentiu necessidade de redesenhar, segundo ela, o segundo desenho (figura 89) ficou melhor que o primeiro. Ela apresentou o desenho explicando que “a igreja é o principal espaço de Cachoeira” e que ela acha-a “muito bonita”. A escolha de um desenho, posterior a todos os relatos, revelou que para essa depoente há significados e relações de toda vivência fabril com a existência dessa igreja nesse espaço. A seguir têm-se os desenhos da igreja (figura 88 e 89).

**Figura 88 - Mapa esquemático, Igreja do Sagrado Coração de Jesus.**



Fonte: E03-CACHOEIRA – 1.

**Figura 89 - Mapa esquemático, Igreja do Sagrado Coração de Jesus.**

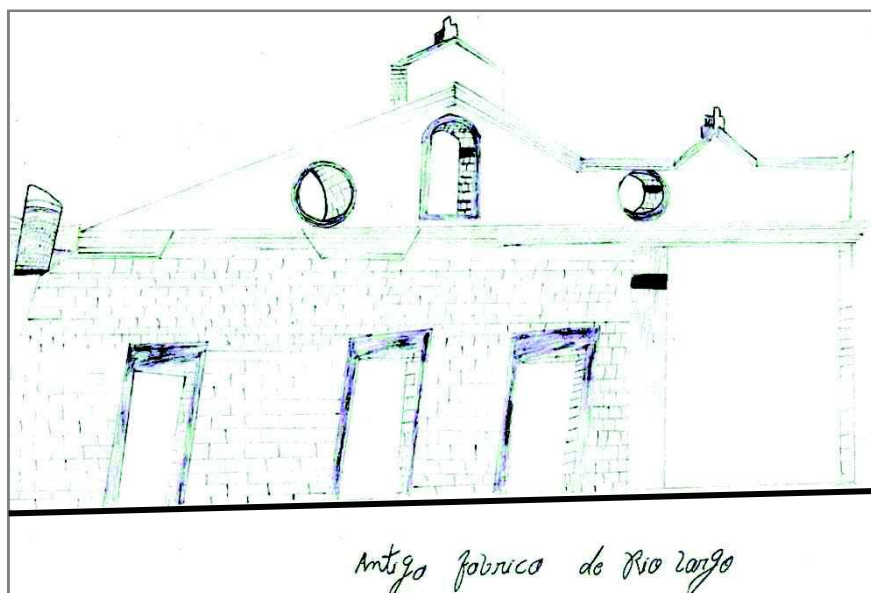


Fonte: E03-CACHOEIRA – 2.

Outro mapa esquemático foi desenvolvido pela entrevistada E06, ela fez também o desenho da frente da Fábrica da Cachoeira (figura 90), neste sentido, faz-se referência que para ela a fábrica tem uma relação forte com o bairro que morou desde pequena com os pais e hoje ainda mora. Em seu desenho, segundo a mesma, ela se preocupou em fazer um trabalho que demonstrasse o que foi o

complicado para as pessoas que não são de Rio Largo, diante esta informação, seu desenho pareceu assumir uma identificação socioespacial (figura 90).

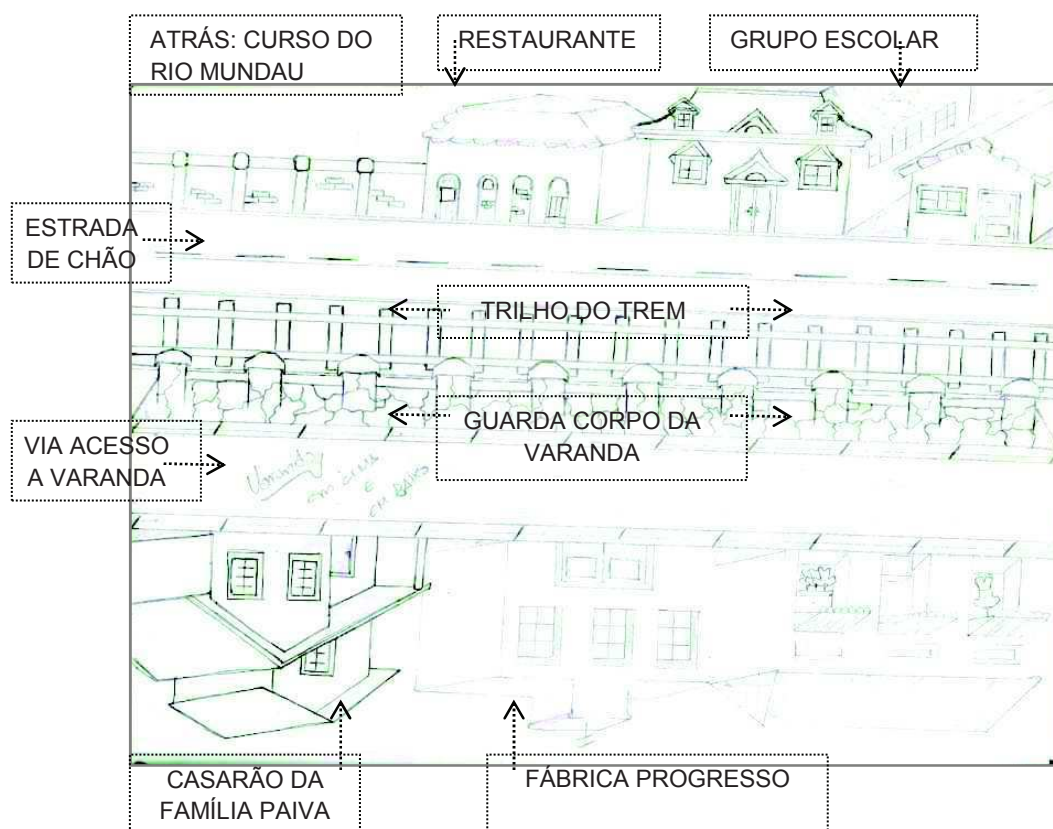
**Figura 90 - Mapa esquemático, Fábrica da Cachoeira.**



Fonte: E06-CACHOEIRA.

Como terceiro indivíduo a fazer um mapa esquemático, o senhor da construção civil, E10, desenvolveu mais de um mapa esquemático, ou desenvolveu, para uma melhor explicação do espaço que gostaria de descrever a figura 91, três desenhos, sendo: mapa esquemático 91 corresponde ao todo do espaço escolhido, e os outros dois desenhos (figura 92 e 93) equivalem à primeira parte da altura da área espacializada e o seguinte (figura 93) a segunda parte da altura ou lados do espaço. Este espaço representa a rua da Fábrica Progresso, da qual o autor desenhou os dois lados do curso da principal via do complexo fabril, outrora denominada estrada de chão.

**Figura 91 - Mapa esquemático, Fábrica Progresso e entorno.**



Fonte: E10- RIO LARGO.

**Figura 91, 92 e 93 - Mapa esquemático - reproduções da imagem anterior.**

Figura 91: mapa esquemático E10-RIO LARGO  
Fábrica Progresso e entorno (modo redução)



Figura 92: mapa esquemático  
E10-RIO LARGO

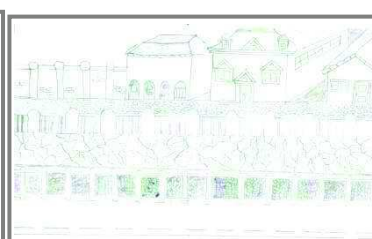


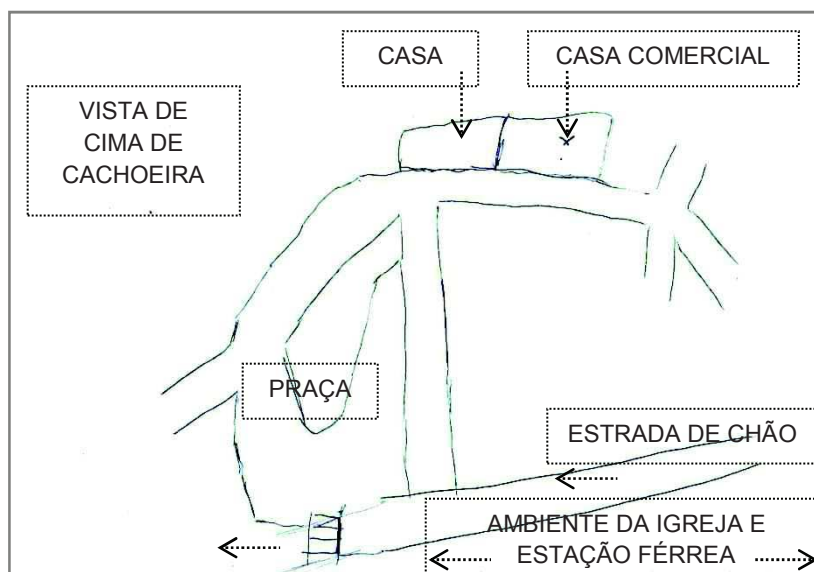
Figura 93: mapa esquemático  
E10-RIO LARGO



Fonte: E10- RIO LARGO.

Na continuidade, o senhor E14, morador e negociante, de Cachoeira fez um desenho (figura 94) mapeando Cachoeira. Neste, ele conseguiu discernir ruas desde o entorno da igreja e estação férrea ao local de sua residência e estabelecimento comercial, as quais foram demarcadas com mais pressão da mão, a caneta.

**Figura 94: Mapa esquemático, Vista de cima de Cachoeira.**

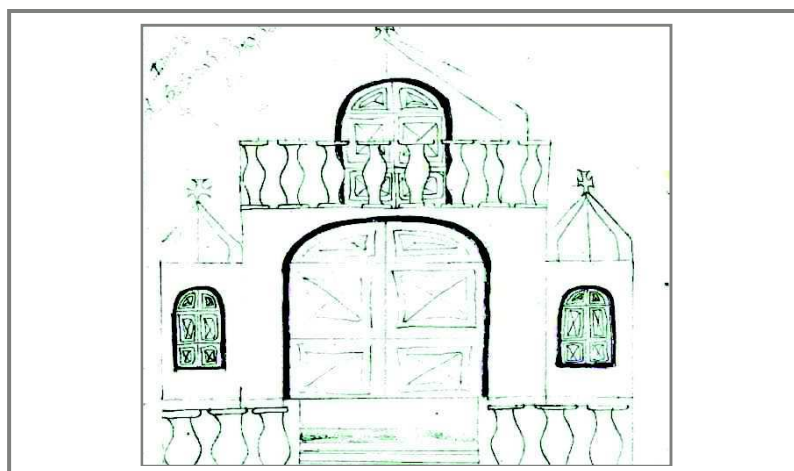


Fonte: E14-CACHOEIRA.

Faz-se necessário informar os depoentes que cursaram o ensino médio tenham mais noção espacial, apesar de não desenhar objetos espaciais como estação, casas entre outras edificações, contudo há relação com o que falou e o que desenhou (figura 94). Esse senhor, E14, é indignado com relações históricas e políticas referentes à Cachoeira, pois para ele há um descaso dos proprietários de maioria das edificações, “os Paiva” - conforme mencionado, e das gestões políticas que assumiram nos últimos anos a administração de Rio Largo.

O desenho (figura 95) que segue é de E15, trata-se da igreja em Cachoeira, reporta-se a espacialização de Cachoeira para esse rapaz.

**Figura 95: Mapa esquemático, igreja.**

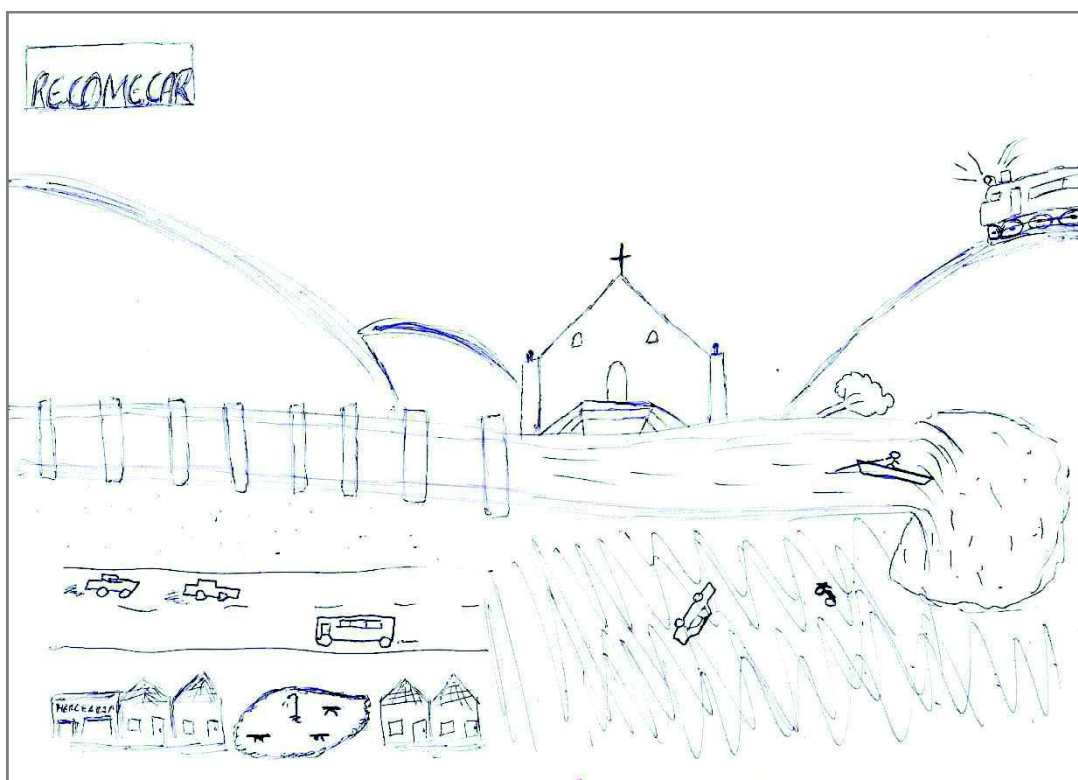


Fonte: E15-CACHOEIRA.

Ele exatamente, como outros, se comprometeu em desenhar o espaço de Rio Largo na Varanda, mas terminou se identificando com Cachoeira. Escolheu repor o que remete as muitas possibilidades, tais como: o que lembrava sobre o espaço para desenhar, sua fé entre outras opções.

O rapaz, E16, que desenhou a figura 96, estava bem ciente do que a enchente de 2010 representou para o bairro de Cachoeira, empolgado como estava, desenhou a cheia e o que ela destruiu dentro deste espaço. Ele expôs os principais pontos, edificações e linhas urbanas da área de maior fluxo do bairro, assim, vê-se que há percepção espacial em seu desenho, como a indicação plana da parte da Cachoeira fabril e seus limites verticalizados. Ele representou morros altos nas laterais, somados ao trilho de trem, a igreja, casas, praças entre outros espaços que são destacados na área plana.

**Figura 96 - Mapa esquemático, vista geral de Cachoeira.**

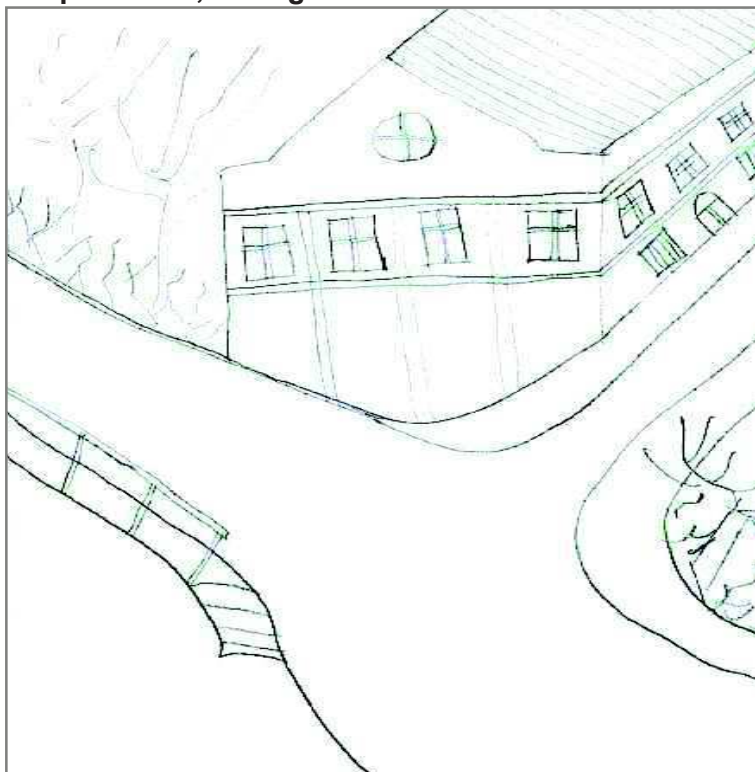


Fonte: E16-CACHOEIRA

Apesar de não conhecer bem a história do período têxtil, ele retrata um evento que já ocorre em Rio Largo desde o período fabril. Diferente de outros autores de mapas esquemáticos, ele demarca a arquitetura e o urbano de domínio têxtil, tais como: casas da vila operária, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, entre

outros e praticamente só deixa entrar no ambiente os automóveis e ônibus urbano como elementos fora do contexto têxtil. Inclusive as casas são representações das casas dos fiscais ou contramestres (desenho de casa exposto na figura 82) e estão demonstradas no alinhamento que segue logo após a estrada de chão do período fabril.

**Figura 97 - Mapa esquemático, vista geral do administrativo fabril em Cachoeira.**

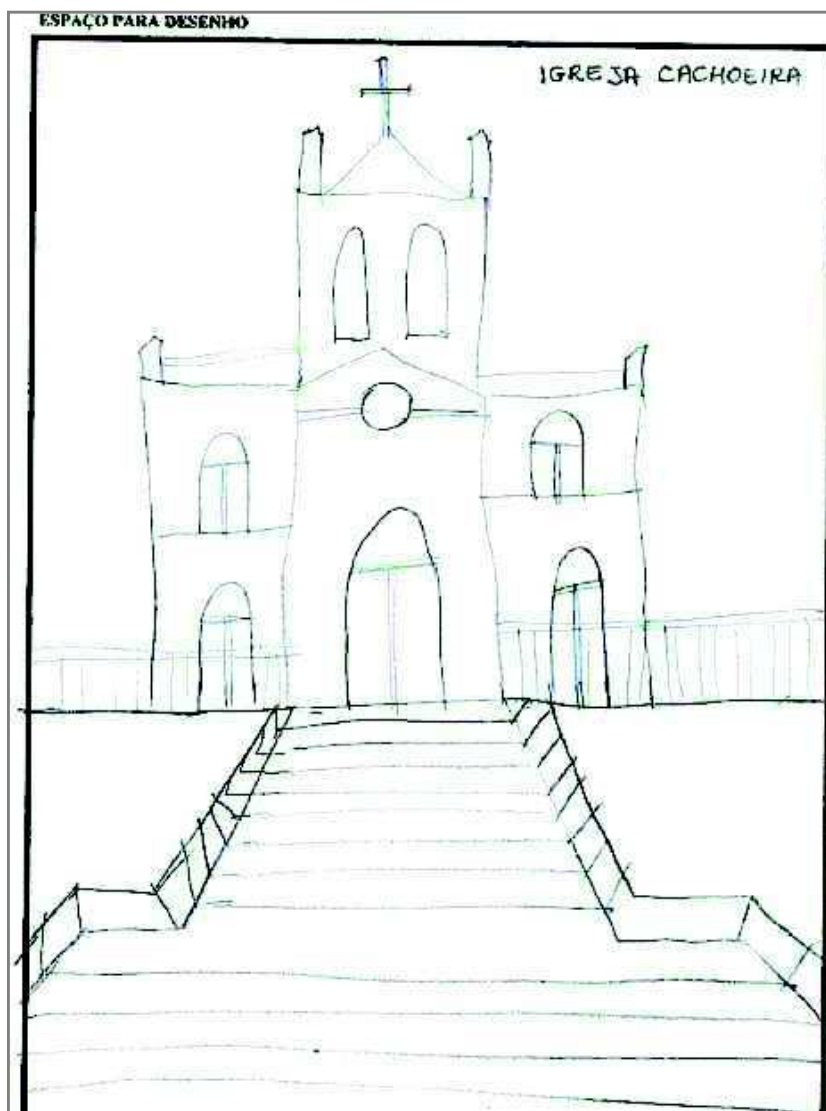


Fonte: E22-CACHOEIRA.)

A senhora, E22, de 60 anos de idade fala de sua graduação e seus trabalhos acadêmicos, destaca pesquisas sobre o complexo fabril. Por gostar de Rio Largo, “amo a minha cidade”, e de sua história da indústria têxtil, ela foi também uma das mais empolgadas no processo, inclusive, direcionou conhecidos que trabalharam na produção fabril e forneceu informações que endossaram outras. Essa senhora desenhou (figura 97) um cruzamento que delimita o fim da base plana de Cachoeira, além de ser o limite de acesso ao bairro de Rio Largo. Nesse desenho, segundo ela, se vê com clareza importantes edificações têxteis, tais como: Fábrica da Cachoeira, Praça 15 de Outubro e o edifício do setor administrativo, prédio que ela desenha com detalhes demonstrando sua frente de acesso aos diretores e demais

funcionários, a lateral esquerda rebatimento de janelas na lateral direita entre outros pontos. Consegue detalhar a estreita calçada da fachada lateral esquerda.

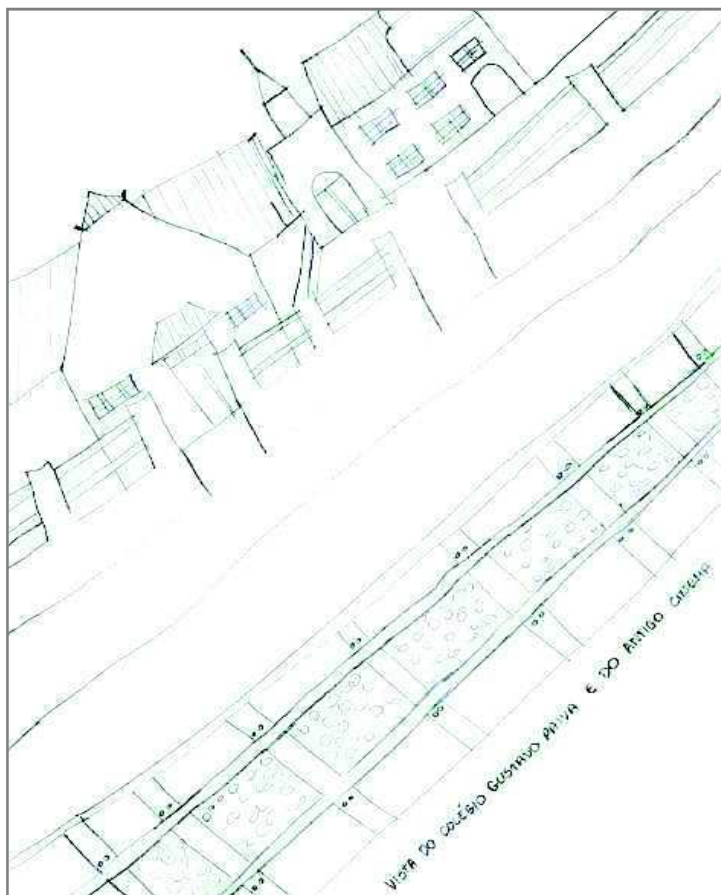
**Figura 98 - Mapa esquemático, igreja.**



Fonte: E26-CACHOEIRA.

O autor (E26) de mapa esquemático desenhou (figura 98) a igreja de Cachoeira que, considerando o desenho do rapaz E16, somam-se, até o momento, quatro desenhos dessa igreja de propriedade da família Paiva, visto a última enchente ter destruído todas as casas da vila operária de seu entorno em 2010. Nesse entendimento, credita-se essa edificação ser um remanescente da história da indústria têxtil dos riolarguenses de maior atenção dos usuários de Cachoeira, o que, talvez, seja perceptível aos destaques que alguns fizeram em seus desenhos como: escadaria, guarda corpo, torre central e outros.

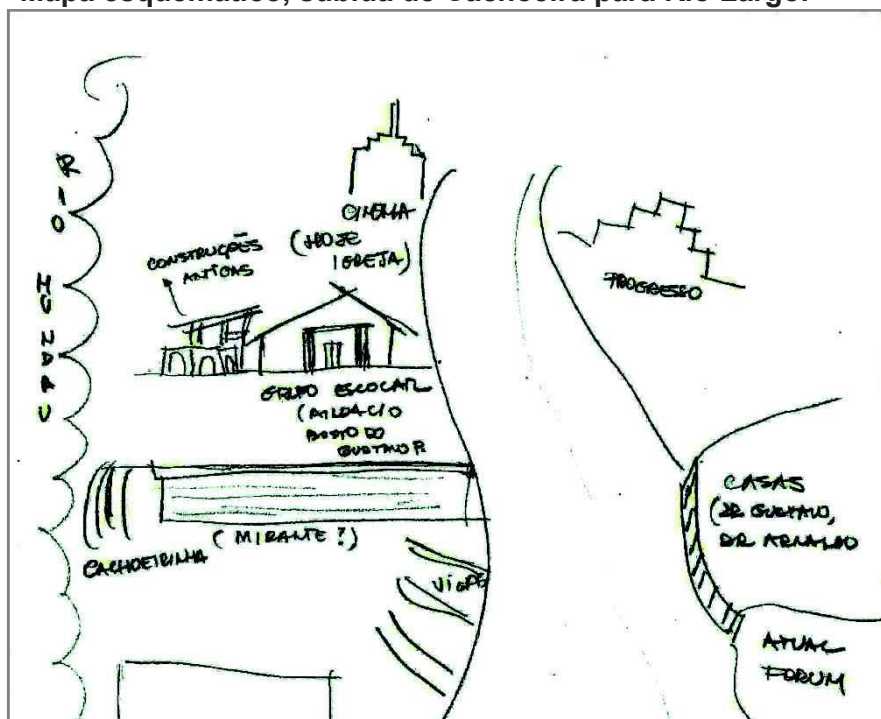
**Figura 99 - Mapa esquemático, frente do Grupo Escolar Gustavo Paiva.**



Fonte: E27-RIO LARGO

A técnica em edificações, E27, (figura 99) desenvolveu o espaço do primeiro contato feito com a pesquisa dessa dissertação, local próximo às imediações da frente da Fábrica Progresso e da Varanda em Rio Largo (Centro). Ela desenhcou a visão logo a frente da fábrica que é o Grupo Escolar Gustavo Paiva, assim, vê-se a parte via frontal da fábrica em plano anterior ao trilho de trem e, na sequencia, desenhcou o trilho e a via principal (estrada de chão) e, fechando o último plano, a imagem Grupo Escolar Gustavo Paiva. A autora destaca desgurado em ter esse grupo escolar fechado desde a última enchente, o que ela desenha ainda se encontra erigido, mas sem uso devido à destruição parcial de sua fachada posterior e espaços físicos internos.

Figura 100 - Mapa esquemático, subida de Cachoeira para Rio Largo.



Fonte: E28-RIO LARGO.

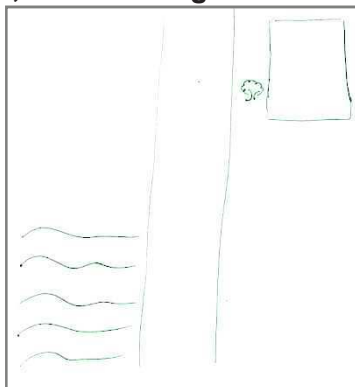
A administradora, E28, procurou representar na figura 100 os principais elementos do processo têxtil pelos quais ela tem conhecimento dentro do espaço. Seu mapa esquemático se inicia no limite da Fábrica da Cachoeira, antes de subir a ladeira que faz acesso a Rio Largo (Centro) e se desenvolve em limite com o cinema e a Fábrica Progresso, passando pela Varanda (mirante), grupo escolar e outros

Pode-se porventura atestar que a senhora E28 conseguiu demonstrar posições físicas, urbanas e arquitetônicas do Centro, similares ao mapa do local que destaca. No seu desenho vê-se demarcado a estrada de chão ladeada pelas edificações fabris, à direita, acompanhando o curso da linha de trem, linha desenhada em fraca tonalidade, tem-se fórum, casarão e a Fábrica Progresso, já à esquerda alinha-se pequena Fábrica Cachoeira, guarda corpo, o rio Mundaú, encachoeiramento do curso do rio, o Grupo Escolar Gustavo Paiva e o cinema, exceto pelo restaurante que antecederia o grupo escolar, tal como se tem no mapa do complexo.

Ainda sobre este desenho, a senhora E28, coincidentemente, expôs os alinhamentos do assentamento do complexo fabril que estão em maior destaque, sendo: o curso do rio Mundaú, a via da estrada de chão e a linha férrea, mais

também ela representou as formas ou sentidos desses alinhamentos, talvez por ter essa sensação espacial de seu uso sobre o meio.

**Figura 101 - Mapa esquemático, Fábrica Progresso.**



Fonte: E29-RIO LARGO.

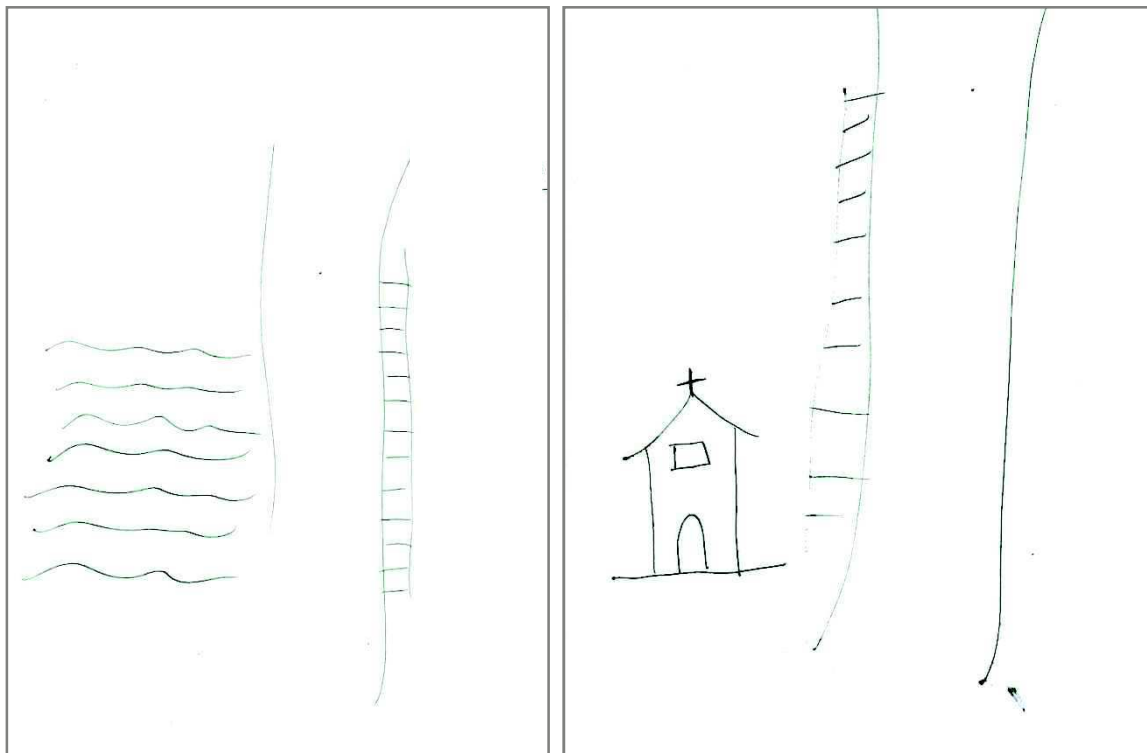
Um último desenho (figura 101), perante os entrevistados, foi desenvolvido pela senhora E29, esse mapa esquemático parece esboçar a ideia do mapa da senhora E28, o alinhamento dessa imagem aparenta expor da direita para esquerda: fábrica, árvore, estrada de chão e o rio Mundaú, no entanto há contradições, pois árvore é um elemento que está a dez metros de distância da locação da fábrica, porém fica clara a noção da autora para disposição: Fábrica Progresso, estrada de chão e o rio Mundaú, elementos de expressão na percepção de quem desenhou e de outros autores.

Na sequencia têm-se os desenhos dos cinco participantes de mapa esquemático, aqueles que se recusaram a participar da entrevista, desenhos esses estranhamente (ou não) parecidos. O primeiro desenho (figura 102), participante D01, representa a Varanda em Rio Largo (Centro) que na sequencia tem-se o rio, a via, estrada de chão, e o guarda corpo da Varanda e o segundo desenho (figura 103) é do participante D02, ele dispõe a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, o trilho do trem e a via da estrada de chão.

**Figura 102 e 103 - Mapa esquemático - vistas de cima similares.**

Figura 102: mapa esquemático, vista de cima da Varanda. Fonte: D01-RIO LARGO.

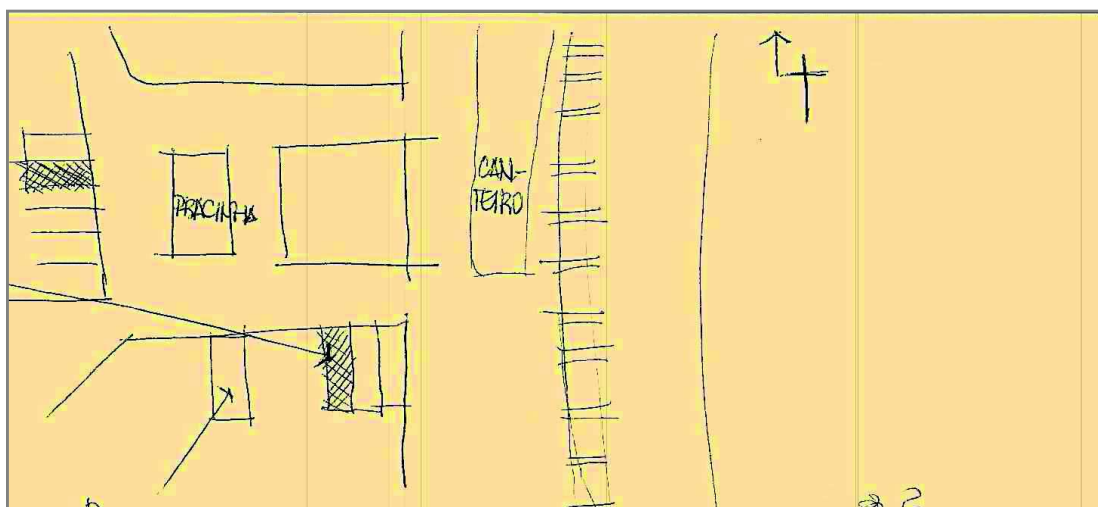
Figura 103: mapa esquemático, vista de cima de Cachoeira, Fonte: D02-CACHOEIRA.



Se observado com atenção, esses mapas esquemáticos (figuras 102 e 103) seguem a leitura de alinhamento de outros desenhos como dos autores E28 e E29, neste sentido, os participantes, D01 e D02, desenharam o alinhamento da via e do curso do rio seguindo as sequencias dos demais e as orientações reais do mapa do complexo, além de mais uma vez ser desenhado a Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Cachoeira. Nestes desenhos, observa-se que uma espécie de grelha é disposta ora como trilho de trem, ora como guarda corpo, simbologia parecida para elementos distintos.

É provável, diante os mapas esquemáticos expostos, que para os participantes que desenharam o rio Mundaú, o rio seja aludido a uma referência próxima a estrada de chão ou mesmo uma das fábricas, ou seja, o rio é um elemento do meio fabril em sua história e constituição física, ele não é urbano ou arquitetônico, no entanto, talvez seja um dos símbolos representativos da descrição do espaço antigamente têxtil.

**Figura 104 - Mapa esquemático, vista de cima de Cachoeira.**



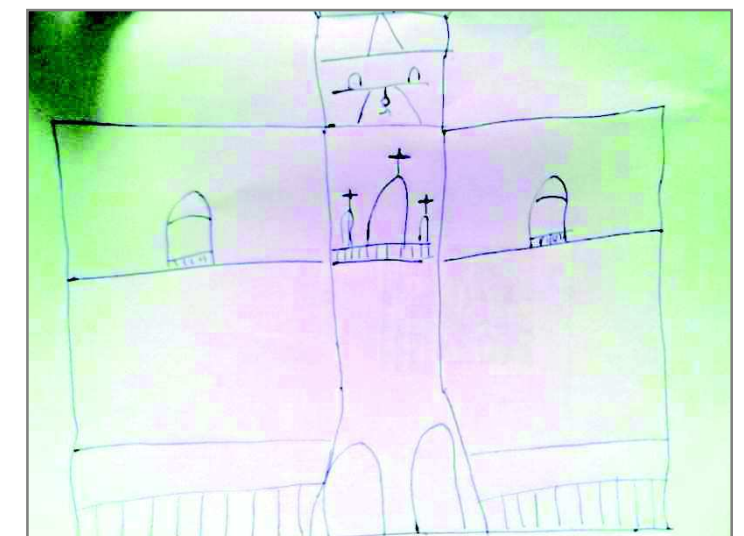
Fonte: D03-CACHOEIRA.

Na sequência, o participante de mapa esquemático, D03, expõe uma vista de cima de Cachoeira (figura 104), faz-se importante informar que a folha de desenho foi entregue com nome que precisaram ser recortados para não haver informações contrárias ao CEP/UFAL. Neste desenho tem-se uma vista de cima de algumas ruas de Cachoeira, praça, canteiro, a via principal (estrada de chão), o trilho do trem e a indicação da igreja de Cachoeira.

Perante o alinhamento dos demais desenhos, o mapa da figura 104 dispõe-se contrário aos demais, neste desenho o rio situa-se a direita, apesar de não ter sido desenhado e vê-se neste desenho a sequência da direita para esquerda: o rio (não desenhado), a igreja, uma via a frente da igreja, canteiros, a estrada de chão, alinhamento limite dessa via e ruas perpendiculares adentrando-se na antiga vila operária, onde casas contornam uma praça. A figura 94 expõe a mesma praça, uma pequena praça que abriga em seu entorno casas da vila operária.

A seguir, D04, o desenho (figura 105) da igreja da Cachoeira, edificação preferida pelos participantes como representação do espaço outrora fabril, os quais neste se expõem em alguns detalhes similares e diferentes dos demais, mas em comum com a demarcação da base e do formato de aberturas, além da cruz, duas linhas interceptadas perpendicularmente que fazem referência a fé católica, ao que tudo indica, de domínio no lado espiritual dos indivíduos do meio na época.

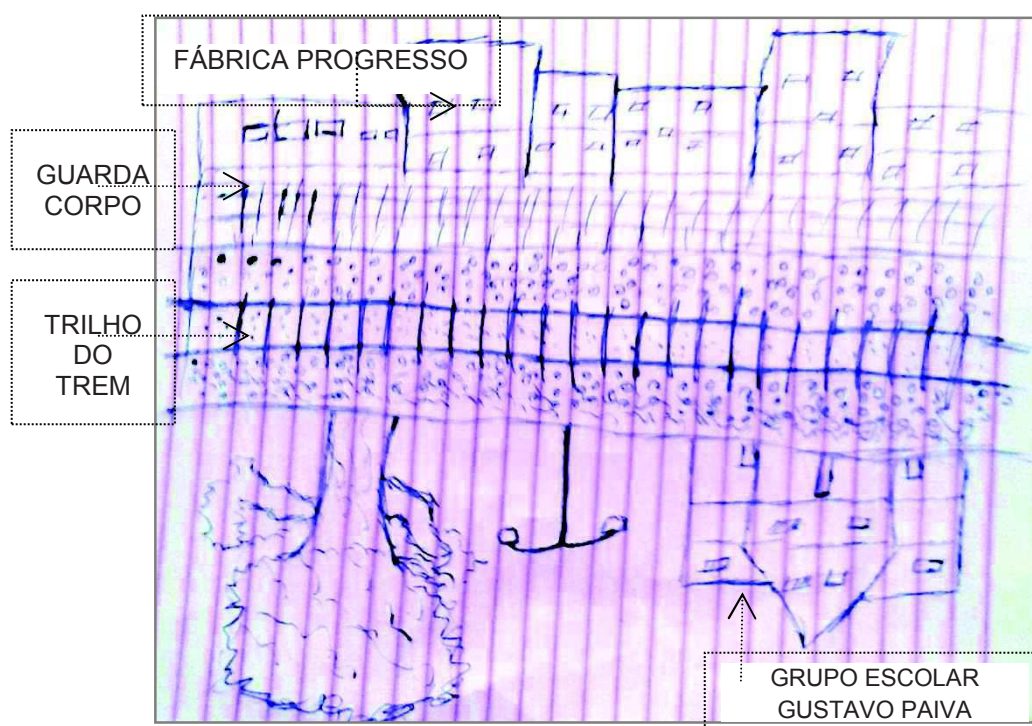
**Figura 105 - Mapa esquemático, vista da Igreja do sagrado Coração de Jesus.**



Fonte: D04-CACHOEIRA.

No último desenho (figura 106) do participante de mapa esquemático D05, tem-se o desenho de uma vista de cima com Fábrica Progresso de um lado e o Grupo Escolar Gustavo Paiva do outro, além alguns pontos do entorno, similar ao mapa esquemático do entrevistado E10.

**Figura 106 - Mapa esquemático, vista da Fábrica Progresso e entorno.**



Fonte: D05 - RIO LARGO.

O autor D05 fez uma exposição de vistas acima e abaixo da via principal, a estrada de chão, onde demarca acima de seu desenho uma diagramação do que seria a Fábrica da Cachoeira, numa sequencia logo abaixo: a via local e guarda corpo da continuidade da Varanda, o trilho de trem, a estrada de chão e o grupo escolar. Diz-se similar ao autor E10, porque ele procurou representar urbano e arquitetônico.

Nesta sequencia representando o urbano e arquitetônico, além de D05 e E10, têm-se: E14, E16, E22, E27, E28, E29, D01, D02 e D03, onde em um total, somam-se onze (11). Esses mapas esquemáticos dispuseram o que seria a representação do espaço com elementos do meio urbano, já conceituados pelos autores Lynch (1997) e Del Rio (1991), nestes vê-se: 1) vias - principalmente a estrada de chão e o trilho de trem, 2) limites - usam fábrica, grupo escolar entre outras referências laterais<sup>78</sup>, 3) nós - desenharam a frente da Fábrica Progresso com o guarda corpo da Varanda, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, praças e canteiros e 4) ponto de referência - seria também a fábrica e a igreja.

Esses elementos formadores do meio urbano são reflexos das relações que os participantes indicaram ter com o espaço de outrora dominância fabril pelo mapa esquemático em si, não se desmerecem os cinco outros autores de mapa esquemático, no entanto, os onze (11) elencados trazem aspectos expressivos aos conceitos dos termos definidores para o mapa. Entende-se que para definir a espacialização dos bairros Rio Largo ou Cachoeira faz-se vínculo aos elementos de predominância em suas mentes: a estrada de chão, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, a Fábrica Progresso, os trilhos de trem e, ainda, talvez o curso do rio. Esses espaços são expressões da história da indústria têxtil local, citados, inclusive na oralidade, são referências de relevância destacadas pelos 35 (trinta e cinco) participantes.

Este item deste último capítulo apresentou o apanhado a campo com as referidas apreensões socioespaciais, antecipando-se com algumas considerações, preocupou-se neste texto expor registros de falas pertinentes e mapas esquemáticos desenvolvidos pelos participantes da pesquisa a campo perante metodologias adotadas, bem como relações de referências comuns entre os participantes. Na

---

<sup>78</sup> Referências laterais é uma expressão indicando possibilidades para os limites - Lynch (1960/1997) e Del Rio (1991).

sequencia, tem-se a aplicação da Análise de Discurso, AD, e as identificações das relações de poder diante as inter-relações socioespaciais.

## **5.2 Análise e identificação das relações de poder**

Neste item será disposto um exame sobre os termos e expressões usados pelos depoentes pela aplicação da Análise de Discurso, onde, por meio de tabelas e diagramações, imagens e desenhos serão aferidos as constatações elencadas no item anterior deste capítulo. O desfecho dessa análise comporá um conjunto de detecções termológicas da linguagem discursiva do espaço perante as apreensões ideológicas da reconstituição histórica desse meio.

A pesquisa contou com 35 participantes, indivíduos sócio-têxteis e espacial-têxteis, personagens que produzem dentro do antigo perímetro da vila operária relações e inter-relações intrínsecas da história das fábricas, das salas de fazenda, da banda feminina da fábrica, do apito na chaminé entre outros pontos e símbolos existentes no meio e vivos na história da memória coletiva dos riolarguenses e usuários socioespacializados.

Para o processo dissertativo, dando sequencia as apreensões detectadas com a H. O. e o mapa esquemático, tomou-se a história da dinâmica de produção e comercialização, além das vivências nos meios sociais, políticos, culturais e de lazer atrelados ao organismo da manufatura têxtil e as constatações em exame e as pesquisas acadêmicas anteriores e construiu-se uma estrutura discursiva. Esses pontos se perfazem dentro de um sistema de controle e domínio sobre a produção e o cotidiano socioespacial em apresentação neste capítulo, tratam-se dos instrumentos de controle das relações de poder do meio industrial aferidos no capítulo textual inicial.

Diante das apreensões, Cachoeira e Rio Largo são bairros da formação física inicial desse município no período industrial e em quase seu total o perímetro se espacializou na vila operária têxtil, empreendimento ambicioso de investidores guiados pela ânsia do lucro comum nesse espaço de tempo conforme constatações de Weber (2005)

A pesquisa enfrentou, portanto, desafios para obtenção dos 35 indivíduos engajados em participar. Já as edificações, dentro dos limites fabris, sofreram uma maior destruição, conforme já mencionado, com a última enchente, fato que limitou

contatos para aplicação metodologia e de certa forma atrasou processos. Limitaram, inclusive, o número de idosos habitantes locais, ex-funcionários do complexo, pois muitos se mudaram para regiões como o Tabuleiro do Pinto, onde as enchentes não alcançam.

As lembranças, instrumento de estudo dessa pesquisa, afloraram como fontes informativas de quem hoje vive nos bairros outrora têxteis, pois elas constroem a história têxtil, seja na memória individual de um ex-operário, seja na memória coletiva dos que assimilaram de outros as vivências desse período. O tempo como citou Le Goff (1990) deixa na memória, na lembrança ou no recordar aquilo que os registros não puderam reter nos escritos, daí o rememorar advém como elemento intrínseco para responder o que foi e o que não é sabido pela historiografia.

Essa lembrança rememorada e retida na memória coletiva dos 30 (35) participantes do meio riolarguense é uma expressão comum a AD. Segundo AD, a lembrança é um recurso da memória do dizer, ou seja, que aquilo que foi dito, aquilo que não foi dito ou aquilo que foi esquecido, elementos que este instrumento interpreta e ainda busca captar das expressões apreendidas no meio para identificar as relações sociais e espaciais.

Na tabela 08 que segue expõem-se as festividades do meio fabril. Segundo os participantes, a festividade do natal era a mais esperada dentre os indivíduos, essas festas perduram até o completo fechamento fabril e hoje permanecem apenas na memória do dizer, constata-se que os indivíduos não apenas lembram, mas eles vivenciam esses momentos, perceptível nas suas falas e nas expressões: “muito lindo” (E11).

**Tabela 8 - Participantes e as festividades fabris - CONTROLE SOCIAL.**

| EVENTO FESTIVO | MELHOR FESTA | PARTICIPANTES | FRASE                                  |
|----------------|--------------|---------------|----------------------------------------|
| NATAL          | 01           | 70%           | “Festa de Natal, muito lindo”<br>(E11) |
| CARNAVAL       | 02           | 15%           |                                        |
| SÃO JOÃO       | 03           | 15%           |                                        |

Fonte: Autora (2015).

Outro indivíduo declara que esses momentos festivos ficaram marcados na vida de todos. Poder-se-ia dizer que essas festas públicas são lembranças “têxteis”, boas ou ruins, como a comparação entre a descrição de uma festividade e a descrição do processo de fechamento fabril, lembranças diferentes e distantes, mas

concernentes a uma ideologia dominante, pois havia as fábricas, havia as festas e houve o fechamento fabril.

Quanto ao fechamento do complexo fabril (tabela 09), além da perda do emprego, os indivíduos informam que foi um momento negativo para todos, inclusive para quem não era funcionário fabril, pois quem não era funcionário também participava das festas, além de receber assistências médicas entre outros pontos.

**Tabela 9 - Participantes e o fechamento fabril - CONTROLE IDEOLÓGICO.**

| MOMENTO              | GOSTARAM | NÃO GOSTARAM | FRASE                                    |
|----------------------|----------|--------------|------------------------------------------|
| FECHAMENTO<br>FABRIL | 0%       | 100%         | “Por que davam trabalho pro povo!” (E03) |

Fonte: Autora (2015).

Sente-se que havia nesta conotação retratada na tabela acima uma valoração a respeito desse meio para a vida local, mesmo com todo o domínio existente, esse é um reflexo imbuído do meio entrevistado. Em uma relação talvez óbvia de análise, se algo é importante precisa perdurar e também ninguém irá gostar de seu término, perante o conceito deste termo para AD, o que é importante é essencial e se é essencial redundantemente, é importante. No entanto, faz-se necessário quantificar para assim comprovar que 100% dos indivíduos (tabela 09) não gostaram do fechamento fabril.

**Tabela 10 - Participantes e lembrança têxtil - CONTROLE SOCIAL.**

| LEMBRANÇA TÊXTEL                                                                                                                                | EXPRESSÃO DE LEMBRAR   | PALAVRA CHAVE |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|---------------|
| “Eu me ‘lembro’ da fábrica Gustavo Paiva. [...] andei por dentro”. (E03)                                                                        | Andei por dentro.      | LEMBRUM       |
| “Quem eu conheço sempre fala que quando essa fábrica funcionava o trem andava vazio para Maceió, muita gente ficava só aqui em Rio Largo” (E10) | Quando funcionava.     | FUNCIONAVA    |
| “O que eles eram é que tinha as fábricas que trabalhava” (E07)                                                                                  | Eles eram é que tinha. | ERAM          |
| “Eu tenho lembrança [...] Eu morei na Cachoeira!” (E11)                                                                                         | Eu morei.              | MOREI         |
| “A gente morava na companhia só tinha um arruado de casas” (E30)                                                                                | A gente morava.        | MORAVA        |

Fonte: Autora (2015).

Bem antes do fechamento, o complexo em fins do século XIX iniciava a construção de moradia para seus operários. Já nos anos quarenta do século XX havia “um arruado de casas” (E30) idealizado para manter o funcionário dentro do sistema. Essas casas pelas informações e idades, foram moradia das senhoras E01, E04, E07, E11, E25 e E30, além dos senhores E12, E17, E23 e o pai da E24, por estarem hoje na casa dos setentas anos, eles eram crianças na época, mas lembram do fato do complexo ter em sua infraestrutura casas para moradia de seus funcionários. Esta era uma forma de manter o funcionário próximo ao trabalho fazendo seu controle, mantendo-o em observação, determinando sua forma de vida e, assim, adestrando-o como enuncia Foucault (1987).

**Tabela 11 - Participantes e relações sociais - CONTROLE IDEOLÓGICO.**

| FALA                                                                                                                                                 | SINÔNIMO                                    | ANTÔNIMO                                                        |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| “As fábricas faz parte da história de Rio Largo” (E03)                                                                                               | BOM - para empregados e empregadores        | RUIM - para os que aprenderam apenas técnicas têxteis           |
| “[Era assim] o pai trabalhava quando o filho ficava... [em casa]. Já, botava o filho para trabalhar. Por que a vida daqui era a fábrica mesmo” (E06) | BOM – os filhos já tinham emprego garantido | RUIM – se a vida era a fábrica, ninguém poderia ter outra opção |
| “A Fábrica foi muito boa” (E11)                                                                                                                      | BOM - para o passado                        | RUIM - para o tempo logo após fechamento                        |

Fonte: Autora (2015).

Perante um breve estudo léxico das expressões usadas pelos participantes na tabela 09, pode-se ter outra leitura para o que é: “faz parte”, “botava o filho para trabalhar” e “foi muito boa” (tabela 11). Essas conotações são reflexões da AD que faz o analista ou interpretador de AD refletir se o que se fala de bom sobre esse meio realmente é verdadeiro. Uma posição contrária foi disposta pela professora E24, segundo ela a posição de seu pai quando trabalhava no complexo era de colocar o filho para trabalhar na fábrica, logo que atingisse idade, pois “[seu pai] trabalhou na fábrica, 50 anos na fábrica, desde criança”, contudo o filho replicou ao convite do pai: “mas papai como é que eu vou trabalhar na fábrica para ser igual ao senhor sem ter nada” (E24).

Diante a postura desse filho de funcionário fabril, observa-se que nem todos tinham nas técnicas têxteis ou no emprego dentro do complexo fabril como algo

bom, vantajoso, haja vista a observação do filho ao pai: “ser igual ao senhor sem ter nada”. Atenta-se neste âmbito que existia uma ideologia posta a mente das pessoas que moravam no complexo de que o fim de todos era trabalhar para indústria têxtil.

**Tabela 12 - O apito e o som do apito - CONTROLE NO TRABALHO.**

| ELEMENTO | FALA                                                                               | SÍMBOLO | AÇÃO               |
|----------|------------------------------------------------------------------------------------|---------|--------------------|
| O APITO  | “Quando a fábrica apitava, que saia o povo de lá de cima e a daqui de baixo” (E13) | SOM     | IR PARA O TRABALHO |

Fonte: Autora (2015).

Ao se observar as informações dos participantes sobre “a fábrica apitava” (tabela 12), vê-se perante AD que o elemento apito era o emissor, emitia um som com um código, a mensagem era a informação de um turno de trabalho que começava e outro turno que terminava. Já o receptor era o funcionário fabril, para o exemplo aqui, a senhora E13 seria a receptora que ao ouvir saberia interpretar se o som do apito determinava seu começo ou fim de turno de trabalho. Orlandi (2001) em AD alerta que tudo deve ter uma interpretação, pois as palavras “do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos”. No caso do som do apito<sup>79</sup> o que chegava para o operário era um som repleto de significados, mesmo sem o uso da palavra. Foucault (1987) já denunciava que o apito das fábricas enunciava um controle no ambiente de trabalho.

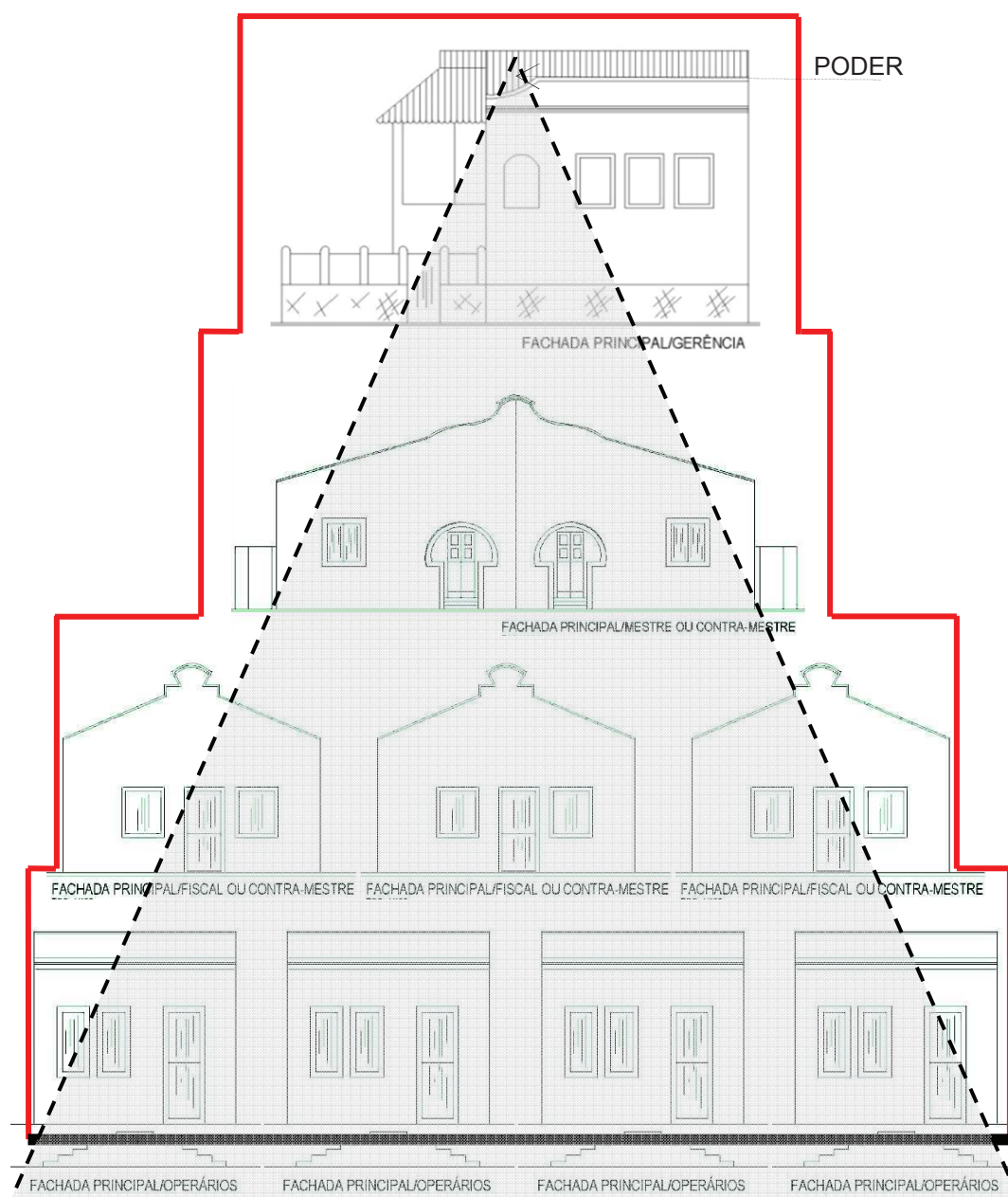
Orientando-se neste dispositivo de controle do espaço fabril, observa-se que o saudosismo da senhora E13 entre outros indivíduos, dar-se provavelmente neste tempo em que o complexo fabril está desativado e que ela está sem o seu trabalho como operária a pelo menos uns 35 anos.

Entende-se, então, que as palavras denotam interpretações, como também são usadas conforme relações, por exemplo, os nomes dados as fábricas, visto no item anterior deste capítulo decorrem das interpretações que os usuários fazem do espaço, tais como fábrica debaixo, fábrica de cima, Fábrica Gustavo Paiva entre outras denominações similares que os usuários criam perante suas interpretações.

<sup>79</sup> A música de Noel Rosa (Três apitos) descreve alguns pontos do apito das fábricas de tecido, o texto diz: “Quando o apito da fábrica de tecidos. Vem ferir os meus ouvidos. [...] Você que atende ao apito de uma chaminé de barro”, neste sentido, a canção descreve que os operários eram chamados para o trabalho pelo som do apito.

Nas interpretações, conforme já elencado, esse controle do espaço fabril era nítido para os funcionários, inclusive, na oralidade percebe-se que a moradia (figura 107), apesar de ser um local certo para quem trabalhasse no complexo, orientava-se por um sistema de critérios que definia para os operários as menores casas.

**Figura 107 - Esquema de imagens das fachadas das moradias dentro do triângulo de Foucault (1987).**



Fonte: Autora (2015).

Esse sistema de critérios ordenava, assim, aos operários seriam direcionadas as casas da base do triângulo, local, segundo já exposto, de estreita largura,

aberturas frontais e posteriores, acabamentos sem detalhes estéticos e sem banheiro na parte interna. “Subindo” na categoria de valorização técnica construtiva, tinham-se as casas dos fiscais com detalhes de acabamentos frontais, seguida da casa dos mestres conhecida como bangalôs conforme alguns entrevistados, como à senhora E06 e também E01 e E28.

As casas da rua dos bangalôs, nome pelo qual a rua ainda é conhecida segundo moradores, E13, apresentavam-se destacadas dos lotes, além de possuir mais esquadrias, maiores espaços internos e detalhes construtivos. Nesta escala, perante a disposição triangular, havia a casa do gerente no ápice, “foco do poder maior”, profissional não bem identificado na oralidade e espaço de casa pouco detectado na disposição física de vista aérea do complexo. Revela-se nesta relação que o gerente seria o indivíduo articular da rede de relações de poder do meio social e faria, em conjunto com diretor-presidente, a articulação para manutenção do poder entre vigiar e disciplinar.

Tem-se uma casa de gerente em Cachoeira, pelo que ficou subentendido, a senhora E04 informa que está abandonada e esta constatação confirma-se, pois os registros fotográficos a revelam sempre como o aspecto que segue na figura 108.

**Figura 108 - Imagem atual da casa para gerente.**



Fonte: Autora (2015).

O meio socioespacial denotado nestas interpretações esquematiza-se sobre uma disposição de poderes, haja vista as disposições dos edifícios têxteis (além das

moradias) e o desenho urbano denotados nas pesquisas bibliográficas, na aplicação da pesquisa piloto e na aplicação metodológica da H. O. e do mapa esquemático.

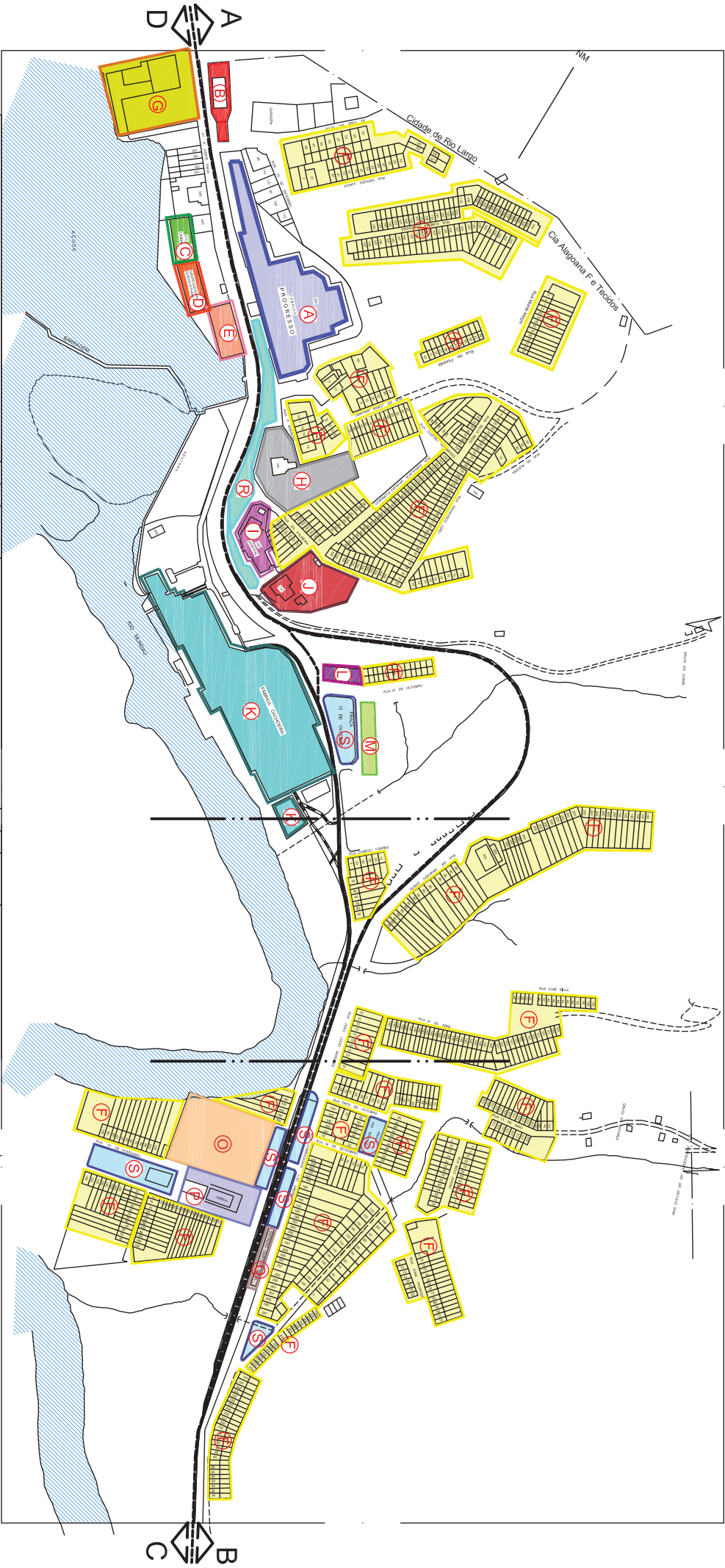
O desenho de um mapa situando o perímetro fabril têxtil (figura 109 na próxima lauda em uma folha de formato A3) já foi apresentado, neste momento seu uso dispõe em conjunto a dois cortes esquemáticos, esses desenhos foram colocadas em uma escala maior para uma melhor resolução e leitura do todo, dessa forma, facilitando leitura e compreensões.

Na disposição dessa outrora cidade-fábrica, a via denominada estrada de chão, local onde as principais edificações se perfilam em suas margens. Esses cortes esquemáticos da figura 109 e 110 se dispõem: corte esquemático AB e corte esquemático CD, ambos interceptaram a estrada de chão em seu maior domínio do período. O corte esquemático AB foi disposto no alinhamento frontam ao curso do rio Mundaú, nele pode ser visto todos os principais prédios da produção fabril, começando (esquerda para direita) pela Fábrica Progresso logo após o cassino, sendo na sequencia do guarda corpo da Varanda: Fábrica Progresso, casarão dos Paivas e departamento de saúde, estes últimos como o ponto mais alto da via, após o departamento, descendo pelo limite bairro de Rio Largo e Cachoeira, tem-se em Cachoeira na sequencia: setor administrativo, praça, oficina; após interrupção de um pequeno arruado demolido de casas aparentemente para operários, têm-se as casas dos fiscais.

Demonstra-se que, apesar desta dissertação afirmar que as casas dos operários não se davam para via principal, aparentemente existiu casas de operários margeando a estrada de chão. O corte esquemático CD se dispõe sobre um alinhamento logo a frente do corte AB, no intuito de demonstrar a articulação de produção (trabalho) e toda estruturação de domínio e controle que a dinâmica fabril desenvolveu sobre o eixo dessa via principal.

Nessa disposição, o corte esquemático CD (esquerda para direita), considerando o rio correndo por trás, apresenta: a Estação Férrea Gustavo Paiva, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, muro de contenção (para o rio) e Fábrica da Cachoeira, subindo pelo limite bairro Cachoeira e Rio Largo, tem-se em Rio Largo, na sequencia: um passeio, similar a Varanda, com guarda corpo perfilando o espaço, seguido do restaurante, grupo escolar e cinema. Esses três últimos locais assentam-se no ponto mais alto que os demais desenhados no corte esquemático CD, contudo estão num nível abaixo da Varanda.

ESCALA SEM ESCALA



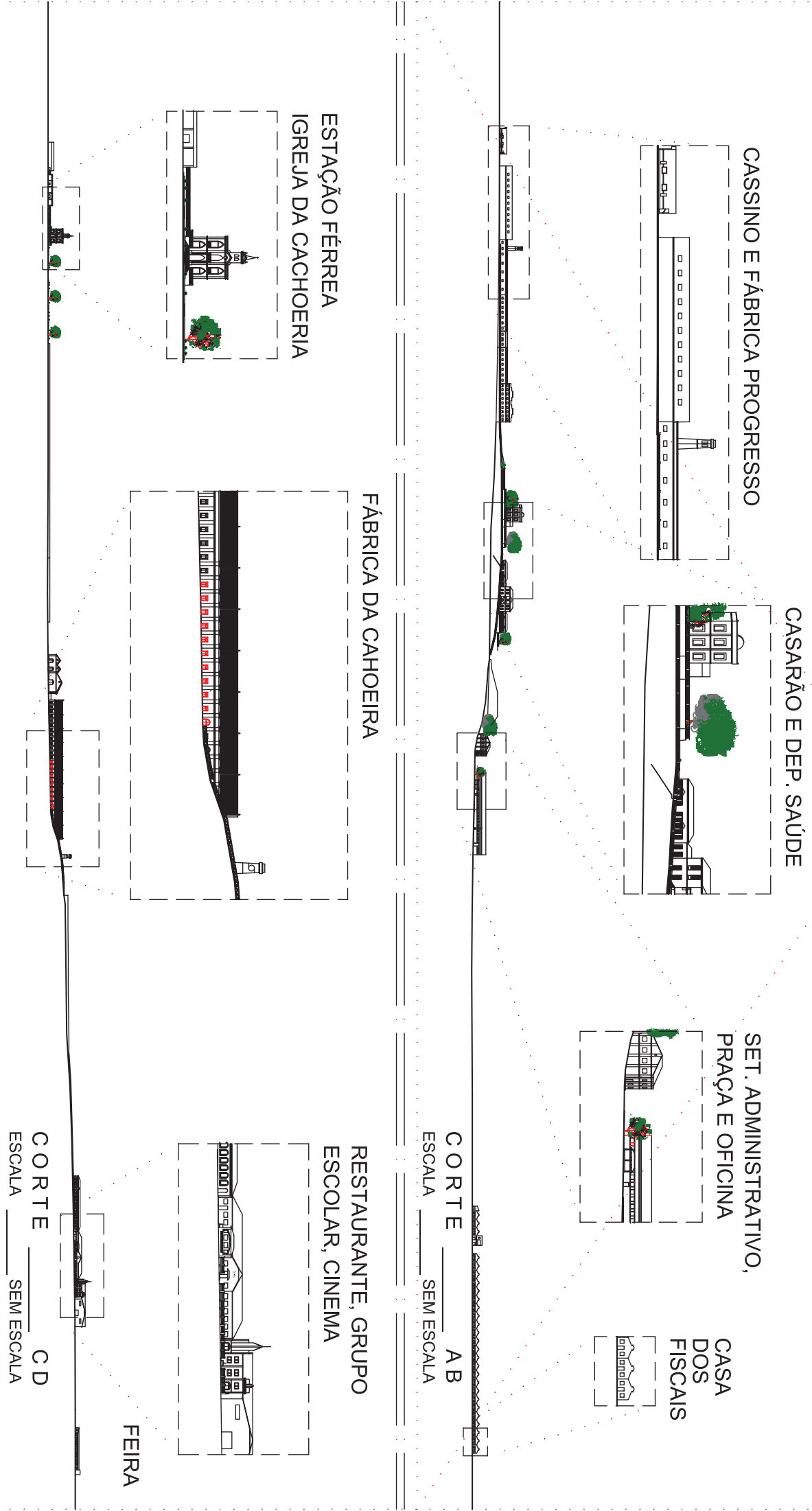
| LEGENDA DAS UNIDADES FABRIS |                             |      |                                |      |                                    |  |  |
|-----------------------------|-----------------------------|------|--------------------------------|------|------------------------------------|--|--|
| 1 A                         | FABRICA PROGRESSO           | 7 G  | FEIRA LIVRE                    | 14 N | ESTAÇÃO FÉRREA RIO LARGO           |  |  |
| 2 B                         | CASSINO                     | 8 H  | CASA GRANDE COM. GUSTAVO PAIVA | 15 O | ESPAÇO SEM CONSTRUÇÃO              |  |  |
| 3 C                         | CINEMA                      | 9 I  | DEPARTAMENTO DE SAÚDE          | 16 P | IGREJA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS |  |  |
| 4 D                         | GRUPO ESCOLAR GUSTAVO PAIVA | 10 J | CASA DE GERÊNCIA               | 17 Q | ESTAÇÃO FÉRREA GUSTAVO PAIVA       |  |  |
| 5 E                         | RESTAURANTE                 | 11 K | FÁBRICA DA CACHOEIRA           | 18 R | MIRANTE - CONHECIDO POR: A VARANDA |  |  |
| 6 F                         | CASAS                       | 12 L | SETOR ADMINISTRATIVO           | 19 S | PRAÇA                              |  |  |
|                             |                             | 13 M | OFICINA (ALMOXARIFADO)         |      |                                    |  |  |

Fonte: Autora (2015).

Figura 110:

MAPA DO COMPLEXO FABRIL TÊXTIL DE RIO LARGO - CORTE ESQUEMÁTICO AB E CD  
ESCALA \_\_\_\_\_ SEM ESCALA

TRIÂNGULO DE FOUCAULT \_\_\_\_\_



Fonte: Autora (2015).

As principais edificações do meio foram as duas fábricas, mais altas estruturas do relevo, exceto pelo casarão dos Paivas que está disposto em ponto mais alto e, conforme constatações, servia de controle sobre o complexo em um olhar vigilante conforme caracterizações de Foucault (1987). Dessa forma, davam-se essas três edificações, além das unidades de apoio ao sistema como o edifício do setor administrativo, a oficina, as estações férreas, o restaurante, departamento de saúde, grupo escolar, cassino, cinema, igrejas, moradias entre outros.

Observa-se no desenvolvimento destes desenhos, a disposição física dessa cidade que concentrou sua disposição na leitura das relações de poder que decorriam dentro do espaço físico, assim querendo se manter, manutenção do poder. O eixo da via principal, a principio parecia querer dispor apenas de edificações de uso coletivo, tais como: produção com as edificações das fábricas, as de fé e crenças nas igrejas entre outros, entretanto unidades residenciais se fizeram voltadas nesse eixo.

As unidades de moradia, por apresentarem diferentes características, elencadas nesta dissertação, a depender do cargo ocupado pelo funcionário, são também observadas nos cortes. Elas também funcionavam no sistema disciplinar sob o direcionamento de vigiar e controlar, ou seja, mesmo o funcionário de folga de seu labor, continuava sendo mantido sobre ele o olhar vigilante, afinal, o funcionário tinha assistencialismo a sua vivência na cidade-fábrica: saúde, educação, lazer entre outros. Os entrevistados citaram essas posições, relativo a saúde, essa ocorria até para os que não trabalhavam na fábrica e quem precisasse de outro tratamento mais específico, um médico de referência era trazido para atender o indivíduo no departamento de saúde.

Diante essa disposição espacial, para interpretação socioespacial se têm dois momentos, as funções de sujeito e do analista em AD. Essas funções para interpretações socioespaciais decorrerem pelos elementos de maior predomínio na fala e no desenho. De início, os mapas fazem referência a estrada de chão e as edificações de seu decurso, espaços de conviência de um período e do agora. Nesse sentido, conforme demais considerações, a estrada de chão é uma expressão atrelada às duas metodologias de campo, conforme tabela 13:

**Tabela 13 - Estrada de chão e referências metodológicas - ARTICULAÇÃO DA CIDADE-FÁBRICA.**

| ELEMENTO        | H.O.                                            | MAPA ESQUEMÁTICO                                                                         | AD                                                                               |
|-----------------|-------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| ESTRADA DE CHÃO | “Estrada de chão”, expressão para via principal | Aparece em onze (11) desenhos diretamente, 80% do total de autores de mapas esquemáticos | Reconhecem-se nesta expressão relações lingüísticas da memória do período fabril |

Fonte: Autora (2015).

Observa-se assim, se o complexo foi controlado, ele foi controlador, o sistema se geria com as chefias escalonadas perante a rede de relações de poder piramidal. Cada indivíduo tinha sua função no espaço sócio têxtil, além dos indivíduos fabris, esse sistema fazia uso de meios e instrumentos, como os já citados: o apito da fábrica, o autoprovimento (trabalho, alimento, saúde, lazer), as festividades anuais, garantia de emprego para família entre outros para o controle geral.

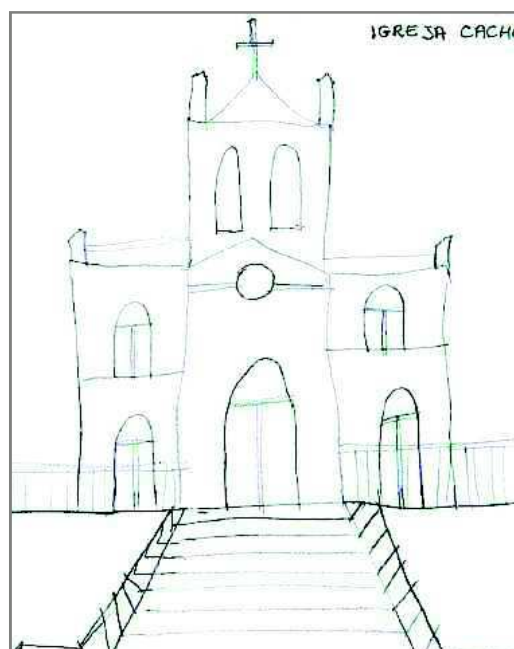
**Tabela 14 - A igreja no espaço fabril - ARTICULAÇÃO DA CIDADE-FÁBRICA.**

| ELEMENTO | H.O.                                                                                                              | MAPA ESQUEMÁTICO                                                                                     | AD                                                                                      |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| IGREJA   | “E aqui, a minha diversão sempre [desde o período fabril] foi a Igreja! Que eu nunca deixei de ir a Igreja” (E11) | Aparece em sete (07) desenhos direta ou indiretamente, 45% do total de autores de mapas esquemáticos | Reconhecem-se nesta não uma expressão, mas relações ideológicas da fé do período fabril |

Fonte: Autora (2015).

Perante a aplicação do mapa esquemático o desenho de edificação (tabela 14) que mais se repetiu foi a Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Cachoeira (figura 110), espaço físico tomado, também, como o preferido pelo total de participantes da amostra metodológica oral.

**Figura 111 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, desenho de mapa esquemático (E26).**



Fonte: Autora (2015).

Uma igreja pode fazer referência à fé de um povo, no entanto, conforme diálogos nesta produção, ocorreu, considerando as reflexões sobre as relações de poder, que as igrejas introduzidas no meio têxtil foram de fins católicos, fato que talvez vincule a escolha deste desenho na maioria dos participantes que fizeram o mapa esquemático, não por serem católicos, mas pelo domínio que essa edificação pôde ter tido com o meio.

Além da posição na época têxtil, essa igreja foi e é de propriedade particular da família Paiva, detentora da maioria das edificações desde quase sua instauração em fins do século XIX, quando na administração se tinha o bisavô da maioria dos Paiva, Comendador Teixeira Bastos. Essas posições de domínio espacial podem fazer reflexos na vida dos indivíduos que participaram da oralidade e do desenho do mapa esquemático.

Outro fator, também detectado nesse sistema fabril, foi à última enchente que dizimou todas as casas ao redor dessa igreja em Cachoeira, observar no mapa da figura 108 como se distribuíam essas casas. Esse fato foi debatido pela mídia em 2010 e ainda hoje é comentado pelo meio socioespacial, ao redor dela se tinham casas que as águas do rio levaram, eram uns cinco arruados de casas para operários em suas laterais e fundos até margens próximas do rio Mundaú.

Entende-se que este estudo se desenvolveu sobre o tema das relações de poder vinculadas ao meio têxtil riolarguense tencionando-se a identificar as inter-relações socioespaciais pela reconstituição histórica desse meio. O espaço têxtil persiste ao tempo e apesar de muito depoentes orais terem anseios pela preservação de suas edificações e meio urbano, muitos até pelo retorno da indústria têxtil pouco ou quase nada se tem feito. A história de Rio Largo está vinculada a indústria têxtil e sua população encontra-se carente de um respaldo mais que acadêmico.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expressividade histórica e cultural das indústrias têxteis no contexto alagoano foi de grande representatividade para o país, e sua importância econômica demarca evolução de reconhecimento internacional. Seus reflexos podem ser vistos ainda hoje nos diálogos locais entre os riolarguenses, como também na estrutura dinamizadora da cultura têxtil, a Associação Comercial de Maceió. Essa entidade resguarda documentos da história econômica, cultural e social de diversas indústrias têxteis, como as decorridas no Complexo Industrial Têxtil de Rio Largo.

Mais além, em Rio Largo, estão ainda edificados “bens documentais” que descrevem o espaço outrora têxtil dos bairros da Cachoeira e Rio Largo (Centro) do município, onde todo o conjunto de construções locais e edificações remanescentes somam um patrimônio histórico e cultural ímpar ao estado. Trata-se de uma malha urbana e arquitetônica de construções desenvolvidas no período da indústria têxtil brasileira que ainda hoje acolhe exemplares desse período, em sua maioria, embora hoje sobre características contemporâneas e outros usos e funções socioespaciais.

Esta dissertação procurou referendar os espaços visíveis, e ainda significativos da antiga “cidade-fábrica”, investigando se ainda haveria indícios das relações de poder e da rede de relações de poder do período têxtil refletidas nele, reconstituindo um pouco de sua historiografia e inquirindo moradores. Sobre isto, os registros de oralidade e o mapa esquemático procuraram demandar um formato de encaminhamento ao morador e usuário, que apresentaram suas impressões locais do meio têxtil. Impressões demarcadas com certas reações de temor por alguns, mas que formalizaram uma caracterização coletiva do que o local socializado ainda apresenta (e representa) de força, poder e controle sobre o meio e pessoas população local.

A sua história escrita e desenvolvida por pesquisas acadêmicas, já faz referências do caráter de mando e das longas jornadas de trabalho pelas ordenações dominadoras, e “aparentemente” atenuadas pelos “ganhos” como a da moradia, assistência a saúde e lazer “fornecidos” aos funcionários fabris. Posições contraditórias registram-se nesta dissertação, pois, referências bibliográficas revelam que a moradia no espaço têxtil riolarguense demandava a paga de aluguel, mas foi registrado, perante a oralidade que a moradia era dada ao funcionário.

Outras posições divergem na exposição oral de depoentes como ao período de fechamento do complexo fabril, segundo consta em trabalhos acadêmicos anteriores, os moradores recebiam suas casas como indenizações ao tempo de serviço têxtil, no entanto, registraram-se posições que discordam afirmando que todos os empregados receberam casas, outra afirmação aborda que apenas os cargos de mestres, contramestres e outros superiores receberam casa como indenização e uma última posição afirmou que apenas um funcionário recebeu. Tais desencontros de conhecimento sobre o fato sinalizam para uma ideia de que durante o processo de fechamento da fábrica, essa conduta passou pelos ex-funcionários como dualidades de postura.

As edificações fabris das unidades Progresso e Cachoeira achavam-se quase completamente sem usos até o ano de 2014. Fala-se, neste contexto, da Fábrica Progresso, pois a Fábrica da Cachoeira encontra-se até hoje em ruínas, exceto pelo uso da área livre entre suas paredes que recebe o funcionamento improvisado de estacionamento para viação rodoviária municipal. Já a Fábrica Progresso sempre teve parcelas de sua edificação sendo usadas pelo comércio informal, contudo em fins 2014, após aplicação metodológica desta dissertação, foi inaugurado um shopping nas instalações em ruínas de seu prédio.

Ademais, a maioria das edificações que compunham o antigo complexo fabril é aproveitada para fins de moradia, quando não estão alugadas, as casas são apenas espaços fechados de propriedade da Família Paiva. Essa disposição de propriedade da maior parte do que foi o complexo pelo domínio da mesma família, há mais de um século, parece desconfortável para o riolarguense que vive, conforme constatações feitas pela aplicação do instrumental metodológico, sob um saudosismo do funcionamento da fábrica e ainda faz considerações pelo retorno das fábricas para gerar emprego para cidade. Entre outros fatores, este fato reflete de modo direto no que ficou retido na memória coletiva sobre dominância do controle têxtil no âmbito econômico e socioespacial.

Quanto às relações de poder que perfizeram o contexto histórico fabril que marcaram os funcionários da época, e se rebatem na sua descendência, admite-se, diante de revelações orais e gráficas, que o espaço e o meio que geria a dinâmica têxtil sucediam-se sobre eixos de controle e dominância aos contextos do trabalho fabril principalmente. O “fuate” é um exemplo desse controle ideológico sobre aquela

população em produção têxtil. Ele era instalado no ponto mais alto das chaminés e cada unidade fabril tinha seu equipamento sonoro, segundo registros orais.

Esse apito (fuede) é descrito, inclusive, de forma um tanto dúbia, variando entre ser dito que era apenas o apito da sirene ao alto das chaminés e ser um de forma mais próxima quando descrevem que recebiam um fueite ou mais fueites a depender do atraso de horário ao chegar à fábrica.

Relativo ao controle geral, a cidade-fábrica apresentava suas unidades fabris com profissionais para manutenção e regulação do poder do meio socioespacial numa disposição ascendente, operários, fiscais, contramestre e mestres no setor de produção e cada um tinha sua posição de mando sobre o outro, inclusive, atesta-se que dentro da categoria dos operários havia divisões e relações de mando.

Conforme resultou bem identificado, as edificações de moradia também descreviam disposições hierárquicas refletidas sobre o poder disciplinar como um instrumento de controle e domínio espacial, pois cada cargo tinha um tipo de edificação de referência. Tratava-se da regulação do poder em determinar dentro do meio socioespacial o local de cada um, fechando assim o que Foucault (1987) chamava de rede de relações de poder dentro do espaço físico disciplinar.

Para o fechamento destas considerações, faz necessário expor que a postura da pesquisadora fugiu de certa forma às reflexões críticas. Algumas entrevistas, inclusive, denotaram apreensões negativas por parte dos indivíduos, onde a oralidade foi marcada por reações de silêncios, gagueiras e hesitações de continuidade de algum raciocínio histórico ou fato do período. Até mesmo fora do plano metodológico de campo, ocorreram hesitações do que se podia ou não falar, chegando à pesquisa a receber sugestões de cautela nas percepções e conclusões que se iria desenvolver na dissertação.

O título da dissertação deixa clara a análise objetivada, contudo a investigação instaurou desconforto e insegurança em pronunciar críticas ao espaço e a sociedade da época que nitidamente ainda vivem hoje sobre relações de controle da família Paiva e até mesmo dependência. Vê-se que o controle instaurado no período fabril é refletido hoje na apropriação espacial que a família tem sobre o espaço e reflete na amostra entrevistada dificultando uma interpretação do que é rememorada desde o saudosismo do fueite a exploração das horas trabalhadas no ofício textil.

Um reflexo que pode ser entendido após toda *práxis* do processo de pesquisa implementado, para aqui tecer estas considerações finais, revela-se nos edifícios e nos espaços, além de praças e canteiros, elementos que formaram e até representam na vida dos participantes referências de suas próprias histórias pessoais, sem querer abrir precedentes para focos não estudados nesta dissertação ou mesmo fora de seus objetivos, o espaço urbano e arquitetônico desse complexo fabril tem representatividade perante os participantes e, talvez também, entre muitos que hoje fazem uso, desse modo: moram, vão à igreja, andam de trem, visitam amigos em Cachoeira ou Rio Largo e também constroem uma ‘memória da cidade-fábrica’ não vivida, mas, rememorada vividamente pelos que ainda lá estão e a viveram e tiveram sua concepção de mundo por ela moldada.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. de. **Crônicas alagoanas** – notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas. Maceió: Edufal, 2006.

\_\_\_\_\_. **A história escrita no chão**. EDUFAL. Maceió, 1997

\_\_\_\_\_; CASTRO, C. G. de. **Uma viagem entimental a achoeira**. O Jornal. ESPAÇO. 2010. Caderno b4 e b5.

ALVES, M. A.; CARVALHO, A. A. As marcas do progresso: alguns códigos urbanos na cidade de Fortaleza dos séculos XIX e XX. In.: \_\_\_\_\_. **O público e o privado**. Fortaleza, nº 17, p. 13 - 24, jan/jun, 2011.

BATISTA, J. C. O setor externo brasileiro no século XX. In.: \_\_\_\_\_. **Estatísticas do século xx**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006

BARROS, F. R. A. de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

BLAY, E. A. **Eu não tenho onde morar**: vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BONDUKI, N. G. Origens da habitação social no Brasil. In.: \_\_\_\_\_. **Análise Social**., São Paulo, v. 24, n. 127, p. 711-732, 1994.

CALDAS, A. L. **Oralidade, texto e história**: para ler a história oral. São Paulo: Loyola, 1999.

CAMPOS, E. O inventário do cotidiano: breve memória da cidade de Fortaleza. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza 1996. (Pesquisa n. 6: Prefeitura Municipal de Fortaleza).

CARONE, E. **A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)**. Editora SENAC São Paulo: São Paulo, 2001.

CARLOS, A. F. A. **Espaço e indústria**. São Paulo: Contexto, 1988.

\_\_\_\_\_. **O espaço urbano**: Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007.

\_\_\_\_\_. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTRO, C. G.; FERRARE, J. O. P. **Complexo industrial têxtil de Rio Largo**: relações sociais e espaciais a partir da história oral. IV Seminario Internacional de Patrimonio Agroindustrial: recursos para el desarrollo. 2014. San Miguel de Tucumán – Argentina. 1ª ed. eje 01, 01. 24.

CASTRO, C. G.; XAVIER, E. M. G. **CAFT** – Cenário alagoano de festividades e tradições. Monografia (estágio supervisionado). FAU: UFAL. Maceió, 1997.

CORREIA, T. de B. **Pedra**: plano e cotidiano operário no sertão. Papirus Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. **De vila operária a cidade-companhia**: As aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. In.: \_\_\_\_\_. R. B. estudos urbanos e regionais N° 4. p. 83-98. UFPE: A Associação, 2001.

\_\_\_\_\_. ; GHOUBAR, K. ; MAUTNER, Y. **Brasil, suas fábricas e vilas operárias**. Pós. Revista do programa de pós graduação em arquitetura e urbanismo da FAU/USP, v. N 20, p. 10-32, 2006.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª Ed. Rio de Janeiro, 1997.

DECCA, E. S. de. **O nascimento das fábricas**. 08ª edição. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.

DEL RIO, V. **O quadro teórico – operacionalização do estudo da paisagem ambiental para o desenho urbano**. In.: \_\_\_\_\_. Desenho urbano e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro – a contribuição do estudo da percepção ambiental. São Paulo: FAU USP, p. xx-xx, 1991.

\_\_\_\_\_. ; RHEINGANTZ, P. A. et al. **A influência do projeto na qualidade do lugar**. In.: \_\_\_\_\_. Sociedade e território - revista de estudos urbanos e regionais. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, p. 100-118, 2005.  
(<http://www.fau.ufrj.br/prologartigos.htm>).

DIEGUES JÚNIOR, M. **O banguê nas Alagoas**: Traços da influência do sistema econômico do engenho de cana de açúcar na vida e na cultura regional. Maceió: Edufal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Evolução urbana e social de Maceió no período republicano**. (1939) Maceió. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

Engels, F. **A concorrência**. In.: \_\_\_\_\_. A situação da classe operária na Inglaterra. Porto: edições Afrontamento (1892) 1975.

FARIAS, I. S. **Dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho/ AL** (1953-1962). Dissertação (mestrado em sociologia). UFAL: Maceió, 2012.

FELIX, L. O. **Memória e memória histórica**. In.: \_\_\_\_\_. História e memória: a problemática da pesquisa. Universidade de Passo Fundo: EDIUPF, 1998. p. 35 – 61.

FERRARE, J. O. P. **A Preservação do patrimônio histórico**: um RE-pensar, a partir da experiência da cidade de Marechal Deodoro. Salvador: FAUFBA, 1996.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Positivo, 2004.

FERREIRA, M. de M. **História oral: um inventário das diferenças**. In.: \_\_\_\_\_. Entre-vistas: abordagens e usos da história oral. Disponível: <http://www.cpdoc.fgv.br>. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998 (p. 01 – 13).

FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, Tânia R. **As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas**. Revista de Administração Pública nº 44 (2). Rio de Janeiro: FGV, 2010 (p. 367-383).

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso** – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora: Graal, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. (1975) Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1987.

FRAGOSO JÚNIOR, C.R.; *et al.* **Reflexões sobre a cheia de junho de 2010 nas bacias do rio Mundaú e Paraíba**. In.: \_\_\_\_\_. X Simpósio de Recursos Hídricos do Nordeste. Fortaleza: 20 p.

GUNN, P.; CORREIA, T. B. **A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais**. In.: \_\_\_\_\_. R. B. Estudos Urbanos e Regionais V. 7, N. 1. p. 17–53. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional; editor Henri Acselrad: A Associação, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vilas Operárias: o mundo fabril penetra na cidade**. p. 82-89. Cândido Malta Campos; Lúcia Helena Gama; Vladimir Sacchetta. (Org.). São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais. São Paulo: SENAC, 2004, v. , p. 82-89.

HALBWACHS, M.. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSBAWM, E. J. **A era do capital** - 1848-1875. Tradução de Luciano Costa Neto. Coleção publicada pela Weidenfeld & Nicolson, Inglaterra. Digitalização: Argo, 1977.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mapas de Alagoas. IBGE. Disponível em: <HTTP://biblioteca.ibge.gov.br/vizualizacao/mapas/GEBIS>. Acesso em dezembro de 2013.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 103p.

LEBRUN, G. **O que é poder**. Tradução Renato Janine Ribeiro, Sílvia Lara Ribeiro. São Paulo: Abril Cultural – Brasiliense, 1984.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE LOPES, J. S. **Aspectos da formação de um grupo de trabalhadores numa fábrica com vila operária**: a instituição de uma forma de dominação através do processo de recrutamento da força de trabalho. Fortaleza: NEPS/UFCE, 1986.

LESSA, G. L. **Para uma história da indústria têxtil alagoana**. Jornal Gazeta de Alagoas. 06 dez. 2008. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadeAlagoas/acervo.php?c=138778>>. Acesso em: 21 fev. 2013

LINDOSO, D. **Interpretação da província**: Estudo da cultura alagoana. Maceió: Edufal, 2005.

LYNCH, K. **A imagem da cidade e seus elementos**. In.: \_\_\_\_\_. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 57-102.

MACHADO, B. A.; MONTENEGRO, A. T.; NETO, A. F. P. História Oral no Brasil: uma análise da produção recente (1998/2008). **História Oral**, v. 10, n. 2, p. 113-126, jul.-dez. 2007/2009.

MARROQUIM, A. D. **Terra das Alagoas**. Roma: Editori Manglione & Strini, 1922.

MATHIAS, H. G. **Algodão no Brasil**, Cotton in Brazil. São Paulo: Editora Index, 1988.

MENDONÇA, C. A. P. **Enciclopédia municípios de Alagoas**. Maceió: Instituto Arnon de Mello. Leonardo Simões: Coordenação Geral - Núcleo de Projetos Especiais, 2012.

MONTANER, J.M; MUXI, Z. **Arquitetura e política**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória**: a cultura popular revisada. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. (Org.); FERNANDES, T. (Org.). **Introdução**. In.: \_\_\_\_\_. História oral: um espaço plural. 1. ed. Recife: Universitária - Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

NESBITT, K. **Introdução**. In.: \_\_\_\_\_. Uma nova agenda para arquitetura: antologia teórica (1965 – 1995). São Paulo: Cosac Naify, 2ªed, p. 14 – 87, 2008.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos - Campinas, SP: Pontes, 2001.

REVISTA O NATAL. **O progresso de Rio Largo e a obra do Commendador Gustavo Paiva**. Maceió, n. 1, dezembro de 1938.

PACHECO, K. M. G. **Revitalizar o antigo “cotonifício Gonçalves” em resort**: Um novo estímulo ao desenvolvimento de Piaçabuçu. Maceió, 2008. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas.

PAIVA, T. C. B. **Memórias da ‘cidade fábrica’ Rio Largo**. Maceió, 2010. Monografia (graduação em arquitetura e urbanismo). Faculdade de arquitetura e urbanismo, UFAL.

PAIVA FILHO, A. P. G. de. **Rio Largo: cidade operária**. Maceió: SENAI/ AL, 2013.

PANET, A.; et al.. **Rio Tinto: estrutura urbana, trabalho e cotidiano**. (monografia) João Pessoa, UNIPE Editora, 2002.

RAMOS, B. **Uma associação de algodoeiros**. Maceió: Benedito Ramos Amorim Editor, 2013.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

RICCEUR, P. **O esquecimento**. A memória, a história, o esquecimento. 2004.

SEVCENKO, N. (org). **Introdução**. In.: \_\_\_\_\_ História da vida privada no Brasil. Companhia das Letras: São Paulo, 1998/ 2006. Vol 03.

\_\_\_\_\_. **Cap I**. In.: \_\_\_\_\_ História da vida privada no Brasil. Companhia das Letras: São Paulo, 1998/ 2006. Vol 03.

SILVA, A. C. G. **Gustavo Paiva** - um administrador a frente de seu tempo. In.: \_\_\_\_\_ Memórias Legislativas. Maceió: Gráfica Gazeta de Alagoas, 1998.

SILVA, J. M.; SILVA V. L. **A decadência da companhia alagoana de fiação e tecidos**. Monografia (bacharelado em história). CHLA. Ufal. Maceió, 2001.

SILVA, K. V; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SINGER, P. **A formação da classe operária**. Discutindo a história – 14 ed. rev. ampl.- São Paulo: Atual, 1985/1994.

STEIN, S. J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil, 1850 – 1890**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

TADEU, Tomaz (org.). **O panóptico Jeremy Benthan**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008

TENÓRIO, D. A.; LESSA, G. L. **O ciclo do algodão e as vilas operárias**. Maceió: Sebrae, 2013.

TIMÓTEO, E. M. **Percepções coletivas da estrutura urbana de Maceió**. Recife: UFPE, 1984. (dissertação de mestrado).

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALE, E. C. **Tecendo fios, fazendo história [manuscrito]**: a atuação operária na cidade-fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959-1964). Fortaleza, 2008. Dissertação (mestrado). UFCE.

VIANA, D. **Inventariando as antigas construções do núcleo fabril original do bairro de Fernão Velho**. Maceió, 2012. Monografia (graduação em arquitetura e urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFAL.

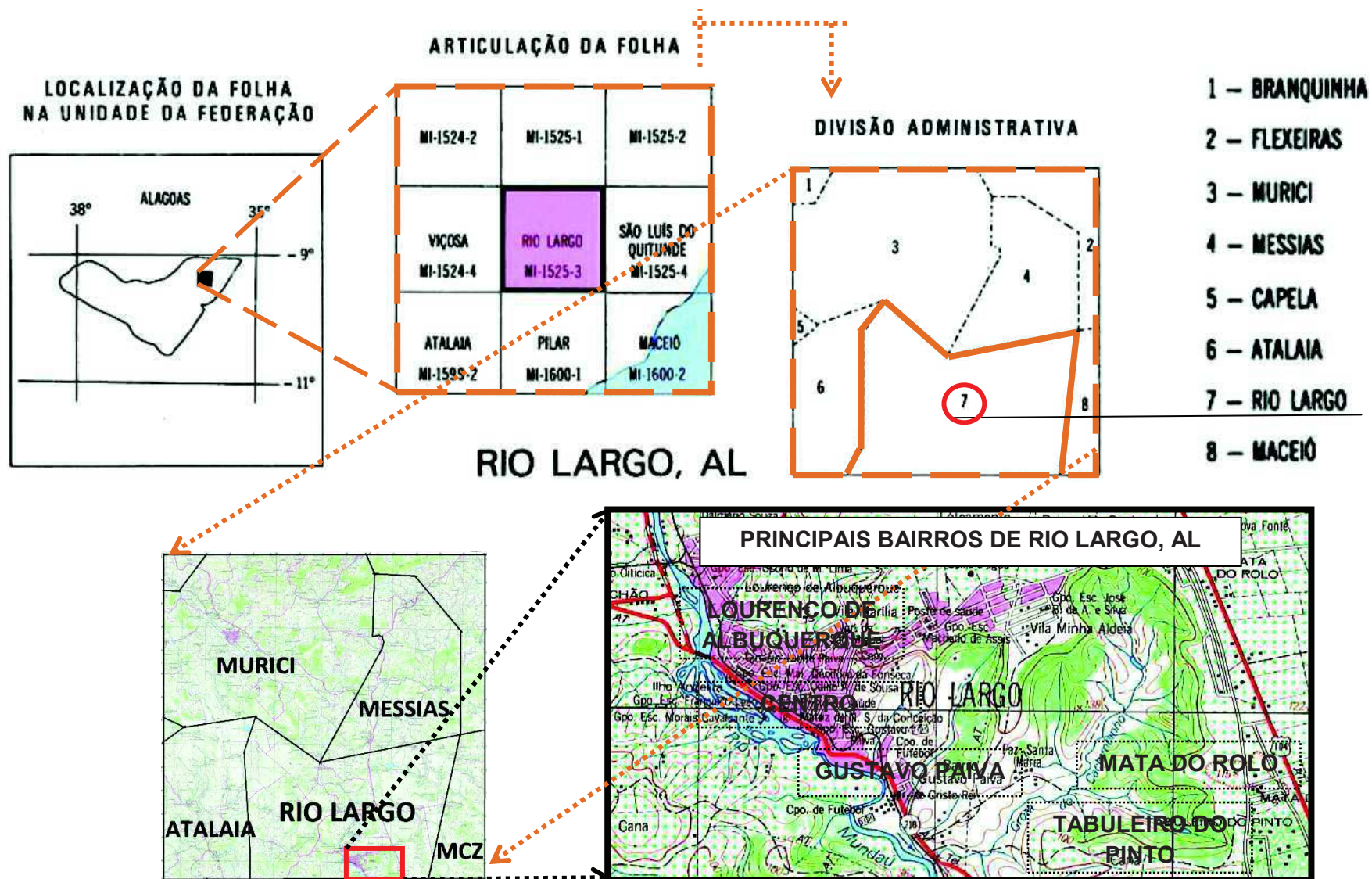
VIANNA, M. P. **O modelo das *company towns***. In.: \_\_\_\_\_. Da edificação ao traçado urbano: a experiência de planejamento regional integrado na CESP. São Carlos, 2012. Tese (título de doutora). USP.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

## APÊNDICES

## APENDICE - A

Divisão administrativa de Rio Largo segundo o IBGE (2010/2014).



Fonte: Autora (2015).

## APENDICE - B

### Proxemia – cultura como comunicação e comportamento<sup>1</sup>

Antes de iniciar uma contextualização sobre o termo “proxemia”, cunhado por Edward Hall<sup>2</sup>, é cabível expor que as relações sociais do espaço têxtil em foco contêm expressões intrinsecamente visíveis a este. Sejam essas ocasionalmente dadas por movimentações corporais ou mesmo expressões sensoriais, mas que são elementos essenciais na investigação desse objeto. Há entendimento de que a proxemia oferece meios e atributos para identificar as relações e comunicações do meio e, assim, pode dialogar com as técnicas da metodologia da pesquisa.

Conforme suas argumentações experienciais, Hall (2005, p. x) atesta que o local promove inter-relações do indivíduo “entre si e seus próximos, e o espaço que constroem em torno de si”. O estudo proxêmico sugere então observar o indivíduo em seu meio; examinar as relações dos indivíduos nesse meio; elencar as formas de comunicações entre indivíduo e o local e identificar os vínculos permitindo a construção dos sujeitos. Tal formatação está concernente à construção metodológica desta dissertação.

De modo decorrente, proxemia é definida como a “inter-relação entre observações e teorias do uso que o homem faz do espaço como uma elaboração especializada da cultura” (Hall, 2005, p. 01). O homem, segundo Hall, é um ser advindo das especializações de suas extensões, da evolução de seu próprio corpo, que, dessas evoluções, dominou o controle de sua própria natureza delineando uma dimensão própria, sendo autenticada por Hall como “a dimensão cultural” (ibidem, p. 04).

A dimensão cultural coloca-se assim como um processo do homem e meio ambiente em interação e acomodação mútua. O autor defende que o indivíduo se domesticou nos sentidos sensoriais conforme suas necessidades. Essa

---

<sup>1</sup> Título usado como item 03 no capítulo 02 desta dissertação, momento do Exame de Qualificação.

<sup>2</sup> Edward Twitchell Hall tem um site (<http://www.edwardthall.com/>) que contem valiosos dados da extensão de sua apropriação aos estudos sócio-culturais como pesquisador, professor e escritor. Hall dedicou-se às pesquisas das relações culturais estudando diversas culturas e hoje é reconhecido por seus trabalhos de comunicação e relações interculturais.

acomodação e domesticação do indivíduo na dimensão cultural denotada refletem a importância da interpretação das comunicações silenciosas que vão além das observações do sentido sensorial da fala, por exemplo.

Apesar do uso que Hall faz das observações do corpo do indivíduo no espaço e consequente uso da proxemia, esta pesquisa não irá enveredar no estudo de corporeidade, mas também não deixará de citar ou negar a existência de sua importância. A corporeidade é um termo relacionado a corpóreo que o dicionarista Hollanda (2004) vincula à relação do corpo e Le Breton (2007) o vê como um fenômeno social e cultural, um motivo simbólico e objeto de representações e imaginários.

O uso desse conceito elenca a adoção de outros autores, alguns como o antropólogo Le Breton, que investiga a sociologia do corpo e elenca apreensões desse veio, por vezes, limitadas, visto as “transformações sociais e culturais diárias” (ibidem, p. 65) dos indivíduos, mas afirma que o corpo é o objeto de construção social e cultural.

Para se compreender esse objeto de construção “é preciso ter algum conhecimento da natureza de seus sistemas receptores e de como a informação recebida a partir desses receptores é modificada pela cultura (HALL, 2005, p. 51)”. Os receptores citados por Hall, remotos e imediatos, são os sentidos humanos, visão, tato etc. – componentes articuladores do corpo do indivíduo, os quais já foram estudados e investigados em diversas culturas pelo autor para, nesta dissertação, tomar proporções elucidativas do histórico-emocional e sócio-espacial pesquisado ante os entrevistados/depoentes.

A técnica adotada por Hall recaía em observar os comportamentos dos indivíduos, homens ou mulheres, em seus meios de convivência diária. A ação exploratória dele dava-se desde observar a movimentação da boca ao falar, nos olhos espantados ou tristes, da negação ou afirmativa com a cabeça ou mesmo com os olhos, no sorriso tímido ou nervoso ou mesmo numa gargalhada folgada e longa, da altura e entonação da voz. Esse processo de apreciação inter-relacional é descrito pelo antropólogo pela faculdade que o indivíduo tem de receber impressões dos objetos, do meio e suas vivências. Como diz ele:

O sentido que o ser humano tem do espaço apresenta uma relação muito próxima com seu sentido do eu, que está em íntima interação com o ambiente. Pode-se considerar que o ser humano possui aspectos visuais, cinestésicos, táteis e térmicos de seu eu, cujo desenvolvimento pode ser inibido ou estimulado pelo ambiente (2005, p. 77).

No processo da Rio Largo têxtil, considerou-se então que o exame proxêmico somatizou elementos para o apanhado da H.O., bem como ampliou as apreensões sociais e espaciais pelo simples fato de observar e perceber as reações comportamentais. O exame também corroborou nas transcrições dos áudios das entrevistas de forma a registrar: tom de voz, timbre da voz, sentimentos de tristeza ou alegria, reações de satisfação ou insatisfação, entre outros.

Faz-se importante elucidar que as apropriações proxêmicas decorreram pelo uso do conceito e observância/registro decorridos durante a aplicação da técnica oral e decorrente criação dos atributos ligados às observâncias relacionais entre os indivíduos, esses e o meio e os indivíduos consigo mesmo. A partir desta compreensão estrutural metodológica e atenta ao espaço e as edificações de cunho têxtil, adicionou-se a técnica do mapa mental/desenho gráfico no intuito de compreender e ratificar as interpretações sócio-espaciais orais.

#### Recurso bibliográfico

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. Tradução Waldea Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- - -

## APENDICE - C

Documentos relativos ao Comitê de Ética de Pesquisa da UFAL – CEP/UFAL

Doc 01 de 04: PARECER – aprovação do projeto de pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Relações de poder no Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo: identificando as inter-relações sócio-espaciais e a memória físico espacializada

**Pesquisador:** CRISTINE GONÇALVES DE CASTRO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 23232213.2.0000.5013

**Instituição Proponente:** Hospital Universitário Professor Alberto Antunes

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 493.081

**Data da Relatoria:** 17/12/2013

#### Apresentação do Projeto:

Esse trabalho é a re apresentação de dissertação tem como objeto o Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo e objetiva trabalhar a identificar das relações de poder refletidas nas inter-relações do indivíduo com o espaço e da historiografia do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo. Dos materiais e métodos utilizará do método do 'mapa mental' e da metodologia da história oral procurando identificar as redes de relações de poder que decorreram no

processo têxtil sócio-cultural

#### Objetivo da Pesquisa:

Identificar as relações de poder refletidas nas inter-relações do indivíduo com o espaço e na historiografia do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Está mencionada a existência de riscos. Os benefícios dizem respeito e recuperação de condições após a enchente ocorrida

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa útil que visa colaborar na recuperação dos danos causados por enchente em Rio Largo

Endereço: Campus A - C. Simões Cidade Universitária

Bairro: Tabuleiro dos Martins

CEP: 57.072-900

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

Fax: (82)3214-1700

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 423.081

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O TCLE está bastante detalhado conforme solicitado no parecer anterior. A pagina de rosto está assinada e carimbada pelo superior hierárquico.

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Protocolo de pesquisa atende as recomendações éticas.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

MACEIO, 13 de Dezembro de 2013

---

Assinador por:  
Deise Juliana Francisco  
(Coordenador)

Endereço: Campus A - C. Simões Cidade Universitária  
Bairro: Tabuleiro dos Martins CEP: 57.072-900  
UF: AL Município: MACEIO  
Telefone: (82)3214-1041 Fax: (82)3214-1700 E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

*“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe com consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que, por si e/ou por seus representantes legais, manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.”*  
(Resolução. nº 466/2012-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu,.....  
tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo ‘Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo’ intitulado ‘Relações de poder no Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo: identificando as inter-relações sócio-espaciais e a memória físico espacializada’, recebi d(o,a) Sr(a). **Cristine Gonçalves de Castro** aluna do Programa de Pós-graduação DEHA (Dinâmicas do Espaço Habitado) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a um estudo do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo.
- Que a importância deste estudo é a de pesquisar as relações de poder do espaço, identificando as inter-relações sócio-espaciais e a memória físico espacializada. O estudo visa estudar nessas relações, a cultura oculta, não vista ou interpretada, disposta no período têxtil e refletida hoje; justificando, desta forma a relevância desta pesquisa.
- Que o objetivo geral desta pesquisa é identificar as relações de poder refletidas nas inter-relações do indivíduo com o espaço e na historiografia do Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo.
- Que os objetivos específicos desta pesquisa apresentam três pontos: descrever o espaço das edificações do complexo, identificar os locais com elementos urbanos de importância no processo têxtil transcorrido e entender as relações de poder que se processaram.
- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: embasamento para a redação da dissertação de mestrado da pesquisadora.
- Que esse estudo começará em 25 de novembro de 2013 e terminará em março de 2014.
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: através de pesquisa bibliográfica, documental, iconográfica e pesquisa de campo.
- Que a pesquisa de campo contará com procedimento de dois métodos: entrevistas com aplicação da história oral (método que propõe buscar na lembrança do entrevistado o que esse lembra sobre o que se passou com o espaço e as pessoas que fizeram parte dele) e também a aplicação dos ‘desenhos gráficos’ do ‘mapa mental’ (método que propõe captar nos desenhos gráficos do ‘entrevistado’ o reconhecimento sócio-espacial do complexo).
- Que o estudo conta com um pesquisador, eu mesma, um orientador e um co-orientador.
- Que eu participarei das seguintes etapas: apreensões por meio de desenhos gráficos com tempo máximo de 30 min e depoimento em entrevistas gravadas com tempo máximo de 60min.
- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes: cansaço, caso a entrevista seja demorada e complexa.
- Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são: [os mesmos que ocorreriam se o sujeito da pesquisa não estivesse sendo voluntário na pesquisa]
- Que deverei contar com a seguinte assistência: esclarecimento de dúvidas, sendo responsável por ela, eu, a pesquisadora; respeito às características e contexto do participante e este receberá uma via do ‘termo de consentimento livre e esclarecido’, além de que será informado do encerramento ou interrupção da pesquisa.
- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: ter contribuído para o enriquecimento da pesquisa, bem como ter aprendido sobre o remanescente complexo têxtil ao qual frequento.

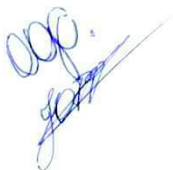


- Que a minha participação será acompanhada do seguinte modo: através da solicitação de desenhos gráficos e através da gravação das entrevistas pela pesquisadora, que serão em seguida copiadas em CD e permanecerão sob a guarda da mesma em seus arquivos de pesquisa e apenas sendo usada com esse fim.
  - Que não reconheço despesa previsível que minha participação na pesquisa possa vir a desembolsar.
  - Que na pesquisa, ao perceber algum incômodo: moral, psíquico, social, cultural ou espiritual, farei a interrupção do procedimento ou adequarei o estudo, quando realmente possível, em respeito ao participante e a Resolução 466/12.
  - Que, caso eu, ou os entrevistados (participante), informe ou sinta (observância constante durante todo o processo da pesquisa de campo) desconforto ou ameaça a rotina de suas vidas, a pesquisa será suspensa ou encerrada conforme orienta os requisitos e a resolução nº 466/12.
  - Que, caso o participante queira retirar o seu consentimento (mesmo posterior a aplicação do procedimento); ele terá plena liberdade – sem prejuízo algum.
  - Que eu garanto sigilo e privacidade aos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa.
  - Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
  - Que os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto, ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização, por parte do pesquisador e da instituição envolvida nas diferentes fases da pesquisa.
  - Que as informações conseguidas através da minha participação **permitirão** a identificação da minha pessoa no texto escrito e divulgado em âmbito de domínio público.
- Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

(em anexo segue declaração referente ao cumprimento do pesquisador quanto ao item IV.3 da resolução nº 466/12)

**Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a)**

Domicílio: (rua, praça, conjunto):  
Bloco: /Nº: /Complemento:  
Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:  
Ponto de referência:



**Contato de urgência:** Sr(a). Cristine Gonçalves de Castro  
 Domicílio: (rua, praça, conjunto): Rua Prof. Aurino Maciel, 58.  
 Bloco: /Nº: /Complemento: Bloco "A" – 06.  
 Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone: Farol/ 57051540/ Maceió (82) - 99603831  
 Ponto de referência: transversal da Av. Tomaz Espíndola.

**Endereço d(os,as) responsável(is) pela pesquisa:**

Instituição: DEHA/FAU/UFAL  
 Cristine Gonçalves de Castro (pesquisadora)  
 Endereço: Rua Prof. Aurino Maciel, 58.  
 Bloco: /Nº: /Complemento: Bloco "A" – 06.  
 Bairro: /CEP/Cidade: Farol/ 57051540/ Maceió  
 Telefones p/contato: (82) – 99603831

Instituição: DEHA/FAU/UFAL  
 Josemary Omena Passos Ferrare (orientadora)  
 Endereço: Campus A.C Simões  
 Bloco: /Nº: /Complemento: BR 104 - Norte, Km 97  
 Bairro: /CEP/Cidade: Cidade Universitária  
 Telefones p/contato: (82) 3214-1309

**ATENÇÃO:** Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

**Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas:**  
**Prédio da Reitoria, sala do C.O.C. , Campus A. C. Simões, Cidade Universitária**  
**Telefone: 3214-1041**

Maceió, 19 / NOVENO ..... / 2013.

|                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>(Assinatura ou impressão datiloscópica<br/>         d(o,a) voluntário(o,a) ou responsável legal<br/>         - Rubricar as demais folhas)</p> | <p><br/>         CRISTINE GONÇALVES DE CASTRO<br/>         (PESQUISADORA)</p> <p><br/>         JOSEMARY OMENA PASSOS FERRARE<br/>         (ORIENTADORA)</p> <p><br/>         SUZANN FLÁVIA CORDEIRO DE LIMA<br/>         (CO-ORIENTADORA)<br/>         Prof. Adjunta 1569322<br/>         Vice-Coord. DEHA/FAU/UFAL<br/>         LIDER NUPES/FAU/UFAL</p> <p>Nome e Assinatura do(s) responsável(is) pelo estudo<br/>         (Rubricar as demais páginas)</p> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

### Documento para aplicação da entrevista

#### ■ DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

|                     |                                           |                                               |                                                            |
|---------------------|-------------------------------------------|-----------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
| NOME:               |                                           |                                               |                                                            |
| FILIAÇÃO            |                                           |                                               |                                                            |
| ESCOLARIDADE        |                                           |                                               |                                                            |
| PROFISSÃO:          |                                           |                                               |                                                            |
| ESTADO CIVIL:       |                                           |                                               |                                                            |
| IDADE:              |                                           |                                               |                                                            |
| CIDADE NATAL:       |                                           |                                               |                                                            |
| CIDADE QUE MORA:    |                                           |                                               |                                                            |
| LOCAL DA ENTREVISTA | (.....)<br>FRENTE DA FÁBRICA<br>PROGRESSO | (.....)<br>CONTORNO DA PRAÇA 15<br>DE OUTUBRO | (.....)<br>FRENTE DA IGREJA DO SAGRADO<br>CORACÃO DE JESUS |

#### ■ ROTEIRO DE ENTREVISTA

##### ➤ O PASSADO

- PESQUISADOR      Você tem lembrança deste local (citar o local da entrevista) no passado? Poderia descrever?  
ENTREVISTADO
- PESQUISADOR      Você conhece alguém que já falou algo sobre a história deste local? Poderia contar sobre as fábricas têxteis que existiram? Como soube dela? Quem contou?  
ENTREVISTADO
- PESQUISADOR      Você lembra quem viveu aqui? Quem trabalhou aqui?  
ENTREVISTADO
- PESQUISADOR      Como você vê a História de Rio Largo? As fábricas têxteis fazem parte da História de Rio Largo? Explique.  
ENTREVISTADO
- PESQUISADOR      Como era conhecido esta área quando as fábricas funcionavam? Qual era a distância da casa do funcionário a fábrica? Havia algum transporte? Explique.  
ENTREVISTADO



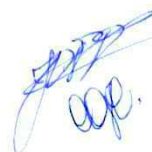
## O PRESENTE

- PESQUISADOR      Você faz esse caminho há quanto tempo? Houve alguma mudança?  
ENTREVISTADO
- PESQUISADOR      O que fazem as pessoas nesse espaço (citar o local da entrevista) hoje?  
ENTREVISTADO
- PESQUISADOR      Quem mora nas casas das fábricas têxteis hoje? Pertencem a quem?  
ENTREVISTADO
- PESQUISADOR      Como você distingui ou conhece os espaços (casas, edifícios e demais) das fábricas  
têxteis?  
ENTREVISTADO

## PRESENTE IMEDIATO

- PESQUISADOR      Você gosta daqui? Por quê? Explique.  
ENTREVISTADO
- PESQUISADOR      O que você sente quando olha para estas construções antigas? Você percebe mudanças?  
Você gostaria que houvesse preservação dessas construções? Por quê? Já houve alguma?  
ENTREVISTADO
- PESQUISADOR      Você poderia contar algo sobre sua infância ou um fato engraçado ou importante vivido  
nesse espaço?  
ENTREVISTADO
- PESQUISADOR      Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?  
ENTREVISTADO

---



### Documento para aplicação de desenho

#### ■ DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

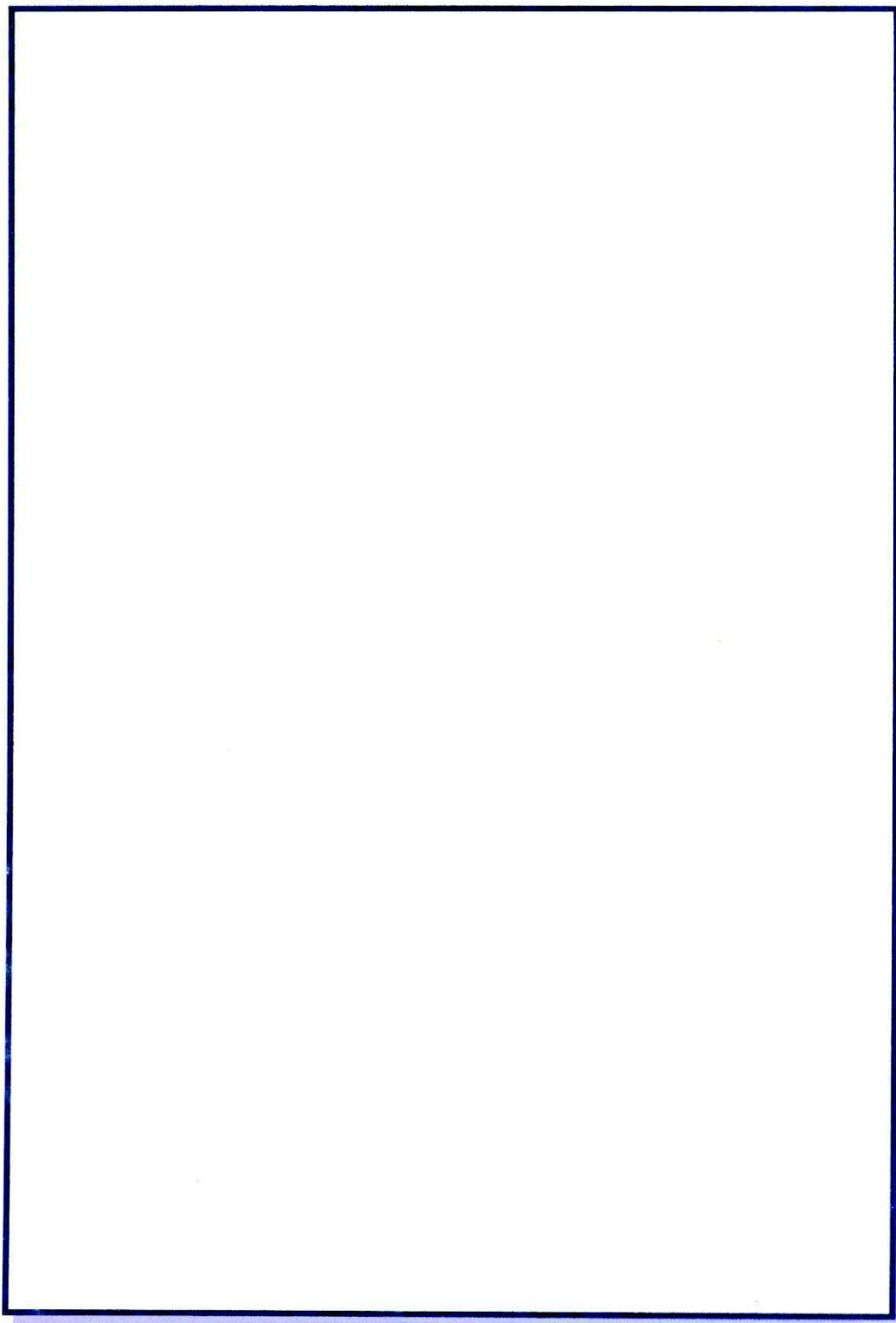
|                     |                                           |                                               |                                                            |
|---------------------|-------------------------------------------|-----------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
| NOME:               |                                           |                                               |                                                            |
| FILIAÇÃO            |                                           |                                               |                                                            |
| ESCOLARIDADE        |                                           |                                               |                                                            |
| PROFISSÃO:          |                                           |                                               |                                                            |
| ESTADO CIVIL:       |                                           |                                               |                                                            |
| IDADE:              |                                           |                                               |                                                            |
| CIDADE NATAL:       |                                           |                                               |                                                            |
| CIDADE QUE MORA:    |                                           |                                               |                                                            |
| LOCAL DA ENTREVISTA | (.....)<br>FRENTE DA FÁBRICA<br>PROGRESSO | (.....)<br>CONTORNO DA PRAÇA 15<br>DE OUTUBRO | (.....)<br>FRENTE DA IGREJA DO SAGRADO<br>CORAÇÃO DE JESUS |

- PESQUISADOR ENTREVISTADO Você poderia desenhar este local? Basta desenhar como você vê este local.

Observação: Usar a parte de trás da folha.

*[Handwritten signature]*  
age.

ESPAÇO PARA DESENHO



*JP*  
*car.*

## APENDICE - D

| LINHA DO TEMPO DO ALGODÃO AO APOGEU TÊXTIL RIO-LARGUENSE* |                 |                                                                                                                                                                                                                                 |                                         |                                                                                      |                                                                                        |
|-----------------------------------------------------------|-----------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|
| * limitando-se ao estado de Alagoas.                      |                 |                                                                                                                                                                                                                                 |                                         |                                                                                      |                                                                                        |
| ITEM                                                      | ANO<br>(INÍCIO) | NOME                                                                                                                                                                                                                            | LOCAL                                   | FIGURA DO LOCAL                                                                      | REFERÊNCIAS                                                                            |
| 01                                                        | 1857            | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Sociedade Anônima<br>Companhia União Mercantil<br>NOME USUAL:<br>Fábrica de Fernão Velho ou<br>Fábrica Carmem                                                                                         | Distrito de<br>Fernão Velho –<br>Maceió |    | FONTE:<br>Pacheco, 2008;<br>Mendonça, 2012<br>FOTO:<br>Marroquim...                    |
| 02                                                        | 1888<br>(1890)  | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Companhia Alagoana de<br>Fiação e Tecidos<br>NOME USUAL:<br>Fábrica de Cachoeira                                                                                                                      | Município de Rio<br>Largo               |    | FONTE:<br>Paiva, 2010;<br>Castro, 1997<br>FOTO:<br>Marroquim...                        |
| 03                                                        | 1892<br>(1893)  | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Companhia Pilarense de<br>Fiação e Tecidos<br>NOME USUAL:<br>Fábrica Pilarense                                                                                                                        | Município de<br>Pilar                   |   | FONTE:<br>Paiva, 2010;<br>Castro, 1997;<br>Barros, 2005<br>FOTO:<br>facebook.com/Pilar |
|                                                           | 1893            | "A fábrica [Pilarense] ocupa dois corpos do edifício paralelos de 90 metros de comprimento e 13 de largura cada um, abrangendo ao todo uma área de 2:340 mestros quadrados de superfície" Fonte: Maciel, O. B. A., 2007, p. 57) | Município de<br>Pilar                   |  | FOTO:<br>camaramunicipal Pilar.al<br>.gov.br                                           |
| 04                                                        | 1892<br>(1893)  | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Companhia Progresso<br>Alagoana<br>NOME USUAL:<br>Fábrica Progresso                                                                                                                                   | Município de Rio<br>Largo               |  | FONTE:<br>Marroquim...;<br>Paiva, 2010;<br>Castro, 1997<br>FOTO:<br>Marroquim...       |
| 05                                                        | 1895            | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Companhia Industrial<br>Penedense<br>NOME USUAL:<br>Fábrica Penedense                                                                                                                                 | Município de<br>Penedo                  |  | FONTE:<br>Pacheco, 2008;<br>Paiva, 2010<br>FOTO:<br>Pacheco, 2008                      |
| 06                                                        | 1909            | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Fábrica de Rendas e<br>Bordados                                                                                                                                                                       | Município de<br>Pilar                   | (sem foto)                                                                           | FONTE:<br>Paiva, 2010;<br>Barros, 2005.                                                |
| 07                                                        | 1911            | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Fábrica Alexandria                                                                                                                                                                                    | Bairro Bom<br>Parto, Maceió             |  | FONTE:<br>Paiva, 2010;<br>Barros, 2005;<br>FOTO:<br>Mendonça, 2012                     |

| ITEM | ANO<br>(INÍCIO) | NOME                                                                                                                             | LOCAL                                             | FIGURA DO LOCAL                                                                      | REFERÊNCIAS                                                                                                                                   |
|------|-----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 08   | 1913            | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Companhia de Fiação e<br>Tecidos de São Miguel<br>NOME USUAL:<br>Fábrica São Miguel                    | Município de<br>São Miguel dos<br>Campos          |    | FONTE:<br>Paiva, 2010;<br>Pacheco, 2008;<br>Mendonça, 2012<br>FOTO:<br>Mendonça, 2012                                                         |
| 09   | 1914            | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Companhia Agro-fábril<br>Mercantil<br>NOME USUAL:<br>Fábrica de Linhas da Pedra<br>ou Fábrica da Pedra | Município de<br>Delmiro Gouveia                   |    | FONTE:<br>Correia, 1998;<br>Paiva, 2010<br>FOTO:<br>Mendonça, 2012                                                                            |
| 10   | 1914            | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Companhia Fiação e<br>Tecidos Santa Margarida<br>NOME USUAL:<br>Fábrica Santa Margarida                | Bairro Jaraguá,<br>Maceió                         |    | FONTE:<br>Paiva, 2010;<br>Barros, 2005<br>FOTO:<br><a href="http://www.historiadealagoas.com.br">www.historiadealagoas.com.br</a> / foto 1942 |
| 11   | 1925            | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Companhia Fiação e<br>Tecidos Norte Alagoas<br>NOME USUAL:<br>Fábrica Norte Alagoas                    | Distrito de<br>Saúde, bairro de<br>Ipioca, Maceió |   | FONTE:<br>Paiva, 2010;<br>Barros, 2005<br>FOTO:<br>John Guedes                                                                                |
| 12   | 1926            | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Cotonifício Nogueira S/A<br>NOME USUAL:<br>Fábrica Vera Cruz                                           | Município de<br>São Miguel dos<br>Campos          |  | FONTE:<br>Paiva, 2010;<br>Barros, 2005<br>FOTO:<br>Alagoas web site                                                                           |
|      | 1934            | COMPLEXO FABRIL DE RIO LARGO:<br>Construção do "Cassino"<br>Grêmio Instrutivo e Literário<br>Tavares Bastos                      | Município de Rio<br>Largo                         |  | FONTE:<br>Paiva, 2010;<br>Castro, 1997<br>FOTO:<br>Paiva, 2010                                                                                |
| 13   | 1940            | UNIDADE FABRIL TÊXTIL:<br>Cotonifício Gonçalves S/A<br>NOME USUAL:<br>Fábrica Marituba                                           | Município de<br>Piaçabuçu                         |  | FONTE:<br>Pacheco, 2008;<br>Paiva, 2010<br>FOTO:<br>Pacheco, 2008                                                                             |

Fonte: Autora<sup>1</sup> (2015).

<sup>1</sup> Fonte da autora com adaptações de Paiva (2010), Pacheco (2008) e Mendonça 2012.

## **ANEXOS**

## ANEXO

Site: <http://www.ctec.ufal.br/professor/vap/Cheia2010.pdf> Acesso em 25/09/2015

Artigo com 20 páginas, 08 primeiras páginas para anexo da dissertação:

Relações de Poder no Complexo Fabril Têxtil de Rio Largo.

### REFLEXÕES SOBRE A CHEIA DE JUNHO DE 2010 NAS BACIAS DO RIO MUNDAÚ E PARAÍBA

*Carlos Ruberto Fragoso Júnior<sup>1</sup>; Valmir de Albuquerque Pedrosa<sup>1</sup>; Vladimir Caramori Borges de Souza<sup>1</sup>*

**RESUMO** --- Em junho de 2010 mais uma vez os estados de Alagoas e Pernambuco foram vitimados por uma forte cheia que provocou mortes, inundações e destruição de estradas, pontes e casas. Este artigo analisou preliminarmente o evento hidrológico ocorrido nas bacias dos rios Mundaú e Paraíba e esclareceu algumas questões sobre suas características, incluindo sua duração, intensidade, tempo de retorno e distribuição temporal e espacial, bem como os fatores que podem ter intensificado a magnitude deste evento tais como saturação do solo, fortes declividades, rompimento de barragens e ocupação urbana na planície de inundação. A análise das vazões máximas do posto da Fazenda Boa Fortuna, localizado no município de Rio Largo/AL, indicou que o evento ocorrido pode ter um tempo de retorno superior a 200 anos.

**ABSTRACT** --- The states of Alagoas and Pernambuco have suffered, in June 2010, a strong flood which caused several damages such as deaths, flooding and destruction of roads, bridges and houses. This paper analyzed the occurred event preliminarily in the watershed of the Mundaú and Paraíba rivers, in point of view hydrologic. We also have exposed some questions about their characteristics, including its duration, intensity, return period and temporal and spatial distribution, as well as factors that may have intensified the magnitude of this event such as soil saturation, strong slopes, breaking the dams and urban settlement in the floodplain. The peak discharges analysis at Fazenda Boa Fortuna station, located in Rio Largo/AL, indicated that event occurred can have a return period greater than 200 years.

**Palavras-chave:** Cheia, Eventos extremos, inundação, Barragem.

## INTRODUÇÃO

A segunda quinzena do mês de junho de 2010 foi marcada no nordeste brasileiro por um evento hidrológico marcante: o noticiário registrou uma grande tragédia provocada pelas cheias nas bacias dos rios Mundaú e Paraíba, nos estados de Alagoas e Pernambuco. Rapidamente uma grande quantidade de informações invadiu os meios de comunicação, apresentando um cenário típico de guerra: cidades inteiras devastadas pela enxurrada que, com grande violência, invadiu as casas ribeirinhas arrastando tudo o que havia pela frente.

Na mesma velocidade das águas, as especulações em busca das causas do evento catastrófico começaram a aparecer, também nos meios de comunicação e mesmo entre o burburinho popular nos locais afetados pelo evento. Os prováveis "responsáveis" pelo evento foram logo identificados: barragens rompidas, comportas abertas e, evidentemente, a magnitude do evento meteorológico ocorrido.

As informações hidrológicas para analisar o evento não chegaram com a mesma velocidade. A única estação fluviométrica em operação no Rio Mundaú (Fazenda Boa Fortuna) foi levada pela cheia às 21:00 horas, quando registrava a cota de 8,10 m, correspondente a uma vazão de 497,39 m<sup>3</sup>/s. Os dados de precipitação também levaram algum tempo para análise e consolidação.

Nos primeiros dias seguintes ao evento, as autoridades estaduais tiveram grande mobilização para atendimento aos afetados pelos eventos e para percorrer a bacia em uma análise de campo do evento ocorrido. Apesar de, em uma análise rápida, as características do evento apontarem para efeito de ruptura de barragens (grandes velocidades do escoamento, tempo de base pequeno, vazão de pico elevada), as autoridades estaduais se apressaram em afirmar não ter havido rompimento que justificasse a destruição mas, sim, que as chuvas nas cabeceiras das bacias haviam sido, de fato, excepcionais.

À medida que as informações de campo foram chegando, novos elementos foram levantados para analisar hidrologicamente o evento: saturação do solo, reservatórios cheios, possível rompimento em cascata de pequenos açudes, entre outros. Após alguns dias após o evento foi noticiado o rompimento efetivo da Barragem Nação, localizada no município de Bom Conselho/PE.

O objetivo deste artigo é analisar o evento hidrológico ocorrido nesta região e esclarecer algumas questões sobre suas características, incluindo sua duração, intensidade, tempo de retorno e distribuição temporal e espacial.

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Centro de Tecnologia da Universidade Federal de Alagoas – CTEC/UFAL, Campus A. C. Simões - Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins - Maceió - AL, CEP: 57072-970. E-mail [cruberto@hotmai.com](mailto:cruberto@hotmai.com); [valmir\\_pedrosa@yahoo.com](mailto:valmir_pedrosa@yahoo.com); [vcaramori@yahoo.com](mailto:vcaramori@yahoo.com)

AS CARACTERÍSTICAS DA ÁREA EM ESTUDO

As bacias dos rios Paraíba e Mundaú têm suas nascentes na região semi-árida pernambucana e drenam suas águas para o Oceano Atlântico passando pelo Estado de Alagoas. Suas áreas de drenagem são 3145 km<sup>2</sup> e 4127 km<sup>2</sup>, respectivamente (Figura 1). Desta área, 62% da bacia do rio Paraíba e 47% da bacia do rio Mundaú estão no Estado de Alagoas e o restante no Estado de Pernambuco.

A bacia do Rio Mundaú, que tem sua nascente no estado de Pernambuco e deságua na lagoa homônima (23 km<sup>2</sup>), tem o rio principal com extensão de 141 km. A bacia do Rio Paraíba, que também nasce no estado de Pernambuco e deságua na lagoa Manguaba (31 km<sup>2</sup>), tem o rio principal com extensão de 122 km. A Figura 1 mostra a delimitação das bacias e sua situação em relação aos Estados de Alagoas e Pernambuco, assim como a localização de algumas sedes municipais alagoanas.



Figura 1. Localização da área de estudo.

Os rios Mundaú e Paraíba deságuam nas lagoas Mundaú e Manguaba, respectivamente, as quais são interligadas por canais e constituem um importante Complexo Lagunar do nordeste brasileiro, o Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM), que tem importância fundamental para a economia da população ribeirinha.

No trecho alagoano, a área das duas bacias representa cerca de 22% da área total do estado de Alagoas, cujo área é de 27.731 km<sup>2</sup>. Estas bacias são formadas por 21 municípios, onde se encontram, aproximadamente, uma população de 1,3 milhão de pessoas, incluída aí a capital do Estado, que se encontram às margens do CELMM. Na tabela 1, pode-se constatar as populações dos municípios alagoanos localizados na bacia Mundaú-Paraíba.

Tabela 1 - População dos municípios alagoanos localizados na bacia Mundaú-Paraíba (IBGE, 2006)

| Municípios           | População |
|----------------------|-----------|
| Atalaia              | 42.022    |
| Branquinha           | 13.557    |
| Cajueiro             | 19.254    |
| Capela               | 18.631    |
| Chã Preta            | 7.438     |
| Coqueiro Seco        | 5.393     |
| Maceió (capital)     | 922.458   |
| Marechal Deodoro     | 44.038    |
| Messias              | 13.044    |
| Murici               | 21.675    |
| Paulo Jacinto        | 7.757     |
| Pilar                | 32.640    |
| Pindoba              | 2.318     |
| Quebrangulo          | 12.272    |
| Rio Largo            | 68.856    |
| Santa Luzia do Norte | 6.826     |
| Santana do Mundaú    | 11.181    |
| São José da Laje     | 20.387    |
| Satuba               | 15.045    |
| União dos Palmares   | 59.503    |
| Viçosa               | 28.253    |

Os rios Mundaú e Paraíba nascem em um corpo granitóide de solo raso, apresentando leitos bem encaixados. O médio curso dos rios apresenta relevo ainda bastante acidentado em um domínio de rochas granitóides e o trecho baixo tem domínio de litologias sedimentares (Moura Reis et al., 2000).

Quanto aos aspectos econômicos da bacia (no trecho alagoano), destacam-se as seguintes atividades: i) agro-indústria canavieira com produção de açúcar, álcool e bio-eletricidade; ii) pecuária

semi-intensiva; iii) pesca; iv) agricultura; v) indústria; vi) e turismo. Das 24 maiores usinas de açúcar existentes no estado, 13 estão localizadas nesta região, sendo que destas, 10 possuem destilarias.

A pecuária da região baseia-se na criação de gado leiteiro e de corte. Já a agricultura é caracterizada pelo cultivo do algodão, feijão, banana, milho e pastos. Uma parte razoável destas atividades é de subsistência, sem que nenhuma técnica de irrigação seja utilizada, ficando o pequeno produtor sujeito as variações climáticas.

Por último, o turismo, atividade de destaque na economia alagoana, baseia-se primordialmente nos recursos hídricos da região para atrair os visitantes. Além das praias, o Complexo Lagunar Mundaú-Manguaba atrai grande número de turistas pelas suas belas paisagens e sua culinária típica. A preservação e ampliação da atividade turística é fundamental para a economia do estado de Alagoas.

## O HISTÓRICO DAS CHEIAS

As cheias naturais das bacias dos Rios Paraíba e Mundaú, historicamente, têm causado danos com certa regularidade no Estado de Alagoas. Nos últimos 100 anos, 7 grandes cheias assolaram a região (1914, 1941, 1969, 1988, 1989, 2000, 2010). Os próprios moradores das áreas afetadas relatam sua convivência *natural* com esses eventos. As cheias de 1914 e 1941 causaram grandes danos, mas há pouco registro do ocorrido.

A cheia de 1969 foi a mais letal para a região, com cerca de 1.100 mortes em pouco mais de 4 horas. A cidade de São José da Laje, localizada na bacia do rio Mundaú, foi a mais duramente castigada. Somente nesta cidade cerca de 400 pessoas morreram nestas poucas horas. Os corpos foram amontoados na Delegacia e causaram grande horror na cidade. A cheia também destruiu 1.200 casas e desabrigou mais de 10.000 na região do município de São José da Laje. Na época os prejuízos foram avaliados em, aproximadamente, 30 milhões de dólares.

Na ocasião, ainda sob o choque da tragédia, a Prefeitura de São José da Laje expediu Decreto Municipal proibindo ocupação por casas na margem do rio no perímetro urbano da cidade. Isto foi cumprindo com severidade por cerca de 10 anos. Depois com o passar dos anos, a população voltou a ocupar às margens do rio Canhoto, afluente do rio Mundaú.

Em 1988, a tragédia se repete: 21 municípios alagoanos foram atingidos pelas enchentes de maio causando imensos danos em toda área das bacias dos rios Paraíba e Mundaú. Naquele ano foram registradas 9.000 casas danificadas, das quais 4.000 foram totalmente destruídas. Foram duramente atingidos os serviços essenciais de abastecimento de água, de saúde, de educação, de energia elétrica, além dos danos provocados na infra-estrutura viária de um modo geral. Neste evento, o nível máximo de cheia registrado na estação Fazenda Boa Fortuna, no Rio Mundaú, foi de 9,83 m, com vazão máxima registrada de 912 m<sup>3</sup>/s.

No ano seguinte, em julho de 1989, o fenômeno se repete com maior intensidade, atingindo 17 dos 21 municípios que constituem as bacias dos rios Paraíba e Mundaú. Na ocasião, 14.600 casas foram atingidas, das quais 6.700 totalmente destruídas. O sistema viário foi extremamente afetado, sendo as principais estradas atingidas as rodovias AL 101, 210 e 220 e as BRs 101, 104 e 316. No entanto os maiores estragos se verificaram nas vias intermunicipais causando a destruição total ou parcial de centenas de quilômetros de estradas vicinais, pontes, pontilhões, etc. As vias urbanas, dezenas de prédios públicos, praças, foram duramente atingidos. Os custos estimados para a reconstrução da região foram de 200 milhões de dólares. Ainda em 1989, o Distrito Industrial Luiz Cavalcante, localizado na cidade de Maceió, passou pela fase mais crítica de sua história, com 26 indústrias seriamente atingidas pelas chuvas, provocando a paralisação de toda a atividade industrial por mais de três semanas. Neste evento, não há registro do nível máximo de cheia na série histórica da estação Fazenda Boa Fortuna, no Rio Mundaú, mas a vazão registrada na série histórica é de 1042 m<sup>3</sup>/s.

A partir da magnitude de dois eventos destruidores em anos seguidos, evidencia-se a necessidade de se promover estudos para um trabalho que garanta a prevenção de novas inundações. Esta necessidade é evidenciada no “Relatório-Diagnóstico sobre os danos causados pelas chuvas de 1988 e 1989”, finalizado no ano de 1990. Este documento foi elaborado numa parceria com Governo de Alagoas, do Governo Federal e do PNUD da Organização dos Estados Americanos (OEA). No referido documento, sugere-se ainda como alternativa de prevenção contra as enchentes a realização de obras de drenagem das águas, a construção de reservatórios para contenção de enchentes, o reflorestamento da bacia, obras nas calhas dos rios, e a implantação de um sistema de alerta de prevenção de enchentes. Além deste problema, outras questões afetam o desenvolvimento da região como, por exemplo, o processo acelerado de degradação ambiental, comprometendo os recursos naturais existentes e provocando desequilíbrios em termos econômicos e sociais. Nenhuma destas ações foi executada.

No ano de 2000, outra enchente afeta duramente a região. Desta vez são 36 mortes e 76 mil desabrigados, dezenas de milhares de casas destruídas, 14 pontes destruídas e a suspensão do serviço de transporte ferroviário pela destruição das linhas férreas. Neste evento, o nível máximo de cheia registrado na estação Fazenda Boa Fortuna, no Rio Mundaú, foi de 10,5 m, com vazão máxima estimada em 1092 m<sup>3</sup>/s.

No ano 2010, nos dias 18 e 19 de junho, a região foi novamente devastada pelas cheias dos rios Paraíba e Mundaú. Os relatos iniciais, sobretudo aqueles feitos pelos moradores das cidades afetadas, indicam ser esta a maior cheia histórica nestas bacias. A Defesa Civil Estadual continua contabilizando os estragos causados pela cheia no Estado de Alagoas. No boletim emitido no dia 23 de junho de 2010, os números de desabrigados e desalojados eram de 26.618 e 47.897 mil pessoas respectivamente. Foram notificadas 26 mortes e 22 desaparecidos, e ainda 7.669 casas danificadas e 9.732 casas destruídas. Várias cidades tiveram bairros inteiros varridos. As cidades de Branquinha, Santana do Mundaú, União dos Palmares e Quebrângulo foram as mais atingidas. Na cidade de Branquinha, aproximadamente 80% das casas foram destruídas. A catástrofe foi ricamente documentada pela imprensa local, regional e nacional, além de uma quantidade gigantesca de registros disponíveis na internet realizados por observadores locais. Os serviços de água, energia elétrica, transporte, educação foram duramente atacados, sendo que as aulas estão suspensas na região da tragédia até o momento da redação desta artigo, dia 20 de julho de 2010. O Governo Federal anuncia a liberação de R\$ 1 bilhão para o início dos trabalhos de reconstrução. Na imprensa, discute-se rompimentos de barragens, os quais ajudaram a agravar tragédia. O mosaico de fotos abaixo dá uma pequena demonstração visual da força e nível alcançados pelas águas.

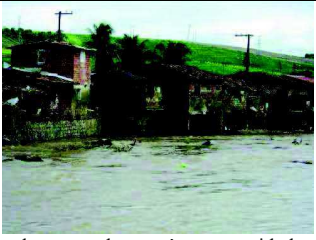
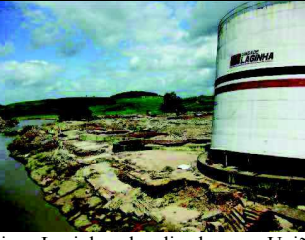
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  <p>Capa do Jornal Gazeta de Alagoas do dia 23 de Agosto de 2000, mostrando que o fenômeno da enchente não é raro.</p>                                                                                                                                                  |  <p>Capa do Jornal Gazeta de Alagoas do dia 22 de junho de 2010, mostrando sentimento geral da população.</p>                                                                                                                                                                                                                   |
|  <p>Outra visão de um bairro totalmente destruído na cidade de Rio Largo, indicando a extrema velocidade atingida pela água nesta região. Nesta região até os escombros foram arrastados. A limpeza do local é fruto apenas da velocidade da enchente (21/07/2010).</p> |  <p>Na casa branca ao fundo vê-se que a água atingiu o primeiro andar da mesma. Observa-se que trata-se de uma casa com piso inferior bem acima do nível da rua - Cidade de União dos Palmares (21/07/2010).</p>                                                                                                                |
|  <p>Metade da casa sobre as águas na cidade de Rio Largo, revelando a precariedade do disciplinamento do uso e ocupação do solo no quesito prevenção aos danos provados pelas enchentes (21/07/2010).</p>                                                              |  <p>Na Usina Laginha, localizada em União dos Palmares, havia 6 tanques de álcool, cada um com capacidade para 1.200 m<sup>3</sup>. Cinco tanques foram levados pela enchentes por mais de 25 km. Apenas um resistiu parcialmente. Observa-se que os tanques estão a menos de 3 metros do leito menor do rio (21/07/2010).</p> |

Figura 2 – Mosaico de fotos da tragédia havida em Alagoas no mês de junho de 2010.